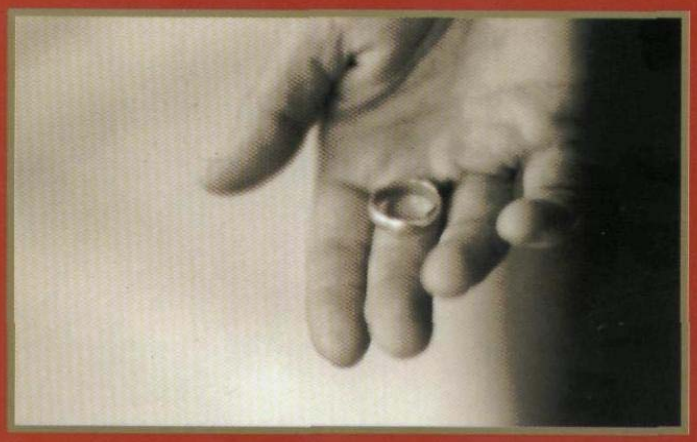
DANIELLE STEEL

Autora de *A casa na rua Esperança* e *Mergulho no escuro*



O SEGREDO DE UMA PROMESSA

Baseado no roteiro de Garry Michael White

RECORD


DIGITAL
Source
iciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks

Contra-capa

Michael Hillyard e Nancy McAllister são jovens, exuberantes e unidos por um amor profundo. Ele é o único herdeiro de uma das maiores firmas de arquitetura dos Estados Unidos. Ela é de família pobre, criada num orfanato. Desejam se casar, mas a mãe dele, uma viúva que dirige com mão-de-ferro o império deixado pelo marido, é contra, e quer impor a união de seu filho com uma jovem de família importante.

Michael insiste em tornar Nancy sua esposa. Mas o destino é cruel e implacável, e na noite da cerimônia o imprevisto acontece. Os anos passam, os dois seguem rumos diferentes, vivem em mundos separados, tornam-se desconhecidos um para o outro. Mas o símbolo de um vínculo eterno jamais foi esquecido.

"O segredo de uma promessa" é uma história de amor comovente, um livro que se tornou sucesso no mundo inteiro, inspirado no filme de mesmo nome, visto por milhões de pessoas.

O SEGREDO DE UMA PROMESSA

Baseado no roteiro de

Garry Michael White

Danielle Steel

Tradução de
A.B. PINHEIRO DE LEMOS

14ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO
2006

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Steel, Danielle

S826s O segredo de uma promessa / Danielle Steel; tradução de A.B. Pinheiro de Lemos. - 14ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2006.

Tradução de: The promise
"Baseado no roteiro de Garry Michael White"
ISBN 85-01-01564-4

1. Romance norte-americano. I. White, Garry Michael.
II. Lemos, A.B. Pinheiro de (Alfredo Barcelos Pinheiro de), 1938- .III. Título.

CDD-813
93-0202 CDU - 820(73)-3

Título original norte-americano: THE PROMISE

Um romance de DANIELLE STEEL
Baseado no roteiro de GARRY MICHAEL WHITE

Copyright © 1978 by MCA Publishing, uma divisão de MCA, Inc.
Direitos no Brasil adquiridos pela Distribuidora Record

Capítulo 1

O sol do começo da manhã incidia em suas costas quando pegaram as bicicletas diante da Heliot House, no campus de Harvard. Pararam por um momento, a fim de sorrirem um para o outro. Era maio e os dois eram muito jovens. Os cabelos curtos da moça brilhavam ao sol. Os olhos dela encontraram os dele, no momento em que começou a rir.

— E então, Doutor em Arquitetura, como se sente?

— Pergunte-me isso dentro de duas semanas, depois que eu conseguir o doutorado.

O rapaz sorriu para ela, sacudindo da testa uma mecha de cabelos louros.

— Seu diploma que se dane! Estava me referindo à noite de ontem!

Ela sorriu novamente. O rapaz deu-lhe uma palmada no traseiro.

— Ahn... E *você*, como se sente, Srta. McAllister? Ainda pode andar?

Os dois estavam passando a perna por cima das bicicletas e a moça fitou-o com uma expressão zombeteira.

— E você pode?

E com isso partiu, distanciando-se rapidamente na pequena bicicleta que ele lhe dera de presente no aniversário,

poucos meses antes. Ele estava apaixonado pela moça. Sempre estivera apaixonado por ela. Sonhara com ela por toda a sua vida. E a conhecia há dois anos.

Fora um tempo solitário que ele tivera em Harvard antes disso. Já no segundo ano do curso de doutorado estava resignado a continuar assim. Não queria o que os outros desejavam. Não queria uma jovem de Radcliffe, Vassar ou Wellesley na cama a seu lado. Para Michael, havia sempre algo que faltava. Queria algo mais. Estrutura, substância, alma. Resolvera o problema temporariamente no verão anterior, tendo um caso com uma amiga de sua mãe. A mãe nada soubera, é claro. E fora extremamente divertido e satisfatório. Era uma mulher muito atraente, de trinta e tantos anos, bem mais moça que a mãe, é claro. E era uma editora da *Vogue*. Mas fora simplesmente um passatempo agradável. Para ambos. Com Nancy, porém, era diferente.

Ele o compreendera desde o primeiro momento em que a vira, na galeria de Boston que estava expondo os quadros dela. Havia uma solidão obcecante nas paisagens rurais, uma ternura solitária nas pessoas retratadas. Michael sentiu-se dominado por uma profunda compaixão, com vontade de consolar aquelas pessoas e a mulher que as pintara. Ela estava na galeria naquele dia, com uma boina vermelha e um velho casaco de pele de guaxinim, a pele delicada ainda luzindo da caminhada até a

Charles Street, com os olhos brilhando, o rosto cheio de vida. Michael jamais desejara outra mulher tanto quanto a desejara. Comprara dois quadros e a levara para jantar no Lockober´s. Mas o resto levara muito mais tempo. Nancy McAllister não era uma mulher propensa a ceder prontamente seu corpo ou seu coração. Fora solitária demais por tempo demais para se entregar facilmente. Aos 19 anos, já era uma mulher sábia e calejada na dor. A dor de estar só. A dor de ser abandonada. Era o que a atormentava desde que fora colocada num orfanato, ainda bem pequena. Não podia mais recordar o dia em que a mãe a deixara no orfanato, pouco antes de morrer. Mas lembrava-se nitidamente do frio horrível dos salões. Do cheiro das pessoas estranhas. Dos sons pela manhã, enquanto, deitada na cama, lutava para conter as lágrimas. Iria recordar-se dessas coisas pelo resto de sua vida. Por muito tempo, pensara que nada poderia preencher o vazio que havia dentro de si. Mas agora tinha Michael.

O relacionamento entre eles nem sempre fora fácil. Mas era um relacionamento muito forte, baseado no amor e no respeito. Haviam fundido os mundos de cada um e disso resultara algo belo e raro. E Michael também não era nenhum tolo. Conhecia os perigos de se apaixonar por alguém "diferente", como sua mãe insistia em ressaltar... sempre que tinha oportunidade. Mas não havia nada de "diferente" em Nancy. A

única coisa diferente era o fato de que ela era uma artista, não uma simples estudante. Nancy não estava mais na fase de procura, já *era* o que desejava. E ao contrário das outras mulheres que Michael conhecia, ela não estava experimentando candidatos, mas simplesmente escolhera o homem a quem amava. Em dois anos, Michael jamais a desapontara. E ela tinha certeza de que isso jamais aconteceria. Afinal, conheciam-se muito bem. O que poderia haver que ela já não soubesse? Sabia de tudo. As coisas engraçadas, os segredos tolos, os sonhos da infância, os medos desesperados. E, através dele, Nancy passara a respeitar sua família. Até mesmo a mãe.

Michael nascera na tradição, condicionado desde a infância a herdar um trono. Não era algo que ele encarasse com leviandade. Nem mesmo gracejava a respeito. Havias ocasiões em que isso chegava até a assustá-lo. Teria capacidade de se mostrar à altura do mito? Mas Nancy não tinha a menor dúvida quanto a isso. O avô de Michael, Richard Cotter, fora um arquiteto. O pai dele também. Fora o avô que fundara um império. Mas havia sido a fusão do império Cotter com a fortuna Hillyard, através do casamento dos pais de Michel, que criara o império Cotter-Hillyard de hoje. Richard Cotter soubera como ganhar dinheiro, mas fora o dinheiro Hillyard, um dinheiro antigo, tradicional, que proporcionara os rituais e tradições do poder. Havia ocasiões em que era um manto incômodo de se usar, mas não se podia dizer

que Michael não gostasse. E Nancy também o respeitava. Ela sabia que Michael estaria um dia no comando do império Cotter-Hillyard. No princípio, haviam conversado a respeito incessantemente. Mais tarde, voltaram a conversar constantemente, quando compreenderam como era profunda e séria a ligação que os unia. Mas Michael sabia que encontrara uma mulher que podia assumir tudo, tanto as responsabilidades de família quanto as funções nos negócios. O orfanato nada fizera a fim de preparar Nancy para o papel que Michael sabia que ela iria desempenhar, mas a base parecia estar fixada na própria alma dela.

Michael contemplava-a agora com um orgulho quase insuportável, enquanto ela se distanciava a sua frente, segura de si, forte, as pernas ágeis pedalando vigorosamente, virando a cabeça para trás de vez em quando a fim de fitá-lo e rir. A vontade de Michael era aumentar a velocidade e alcançá-la... tirá-la da bicicleta... ali... na grama... da maneira como tinham feito na noite anterior... da maneira... Ele tratou de afastar o pensamento de sua mente e disparou atrás dela.

— Ei, espere por mim, sua bruxinha!

Michael estava emparelhado com ela um momento depois. Continuaram a pedalar, agora um pouco mais devagar. Michael estendeu a mão pelo curto espaço que os separava.

— Está linda hoje, Nancy. — A voz dele era uma carícia

no ar da primavera. Ao redor deles, o mundo era verde e viçoso.
— Sabe quanto a amo?

— Não seria a metade do que o amo, Sr. Hillyard?

— Isso demonstra o quanto sabe, Srta. Nancy Calçalinda!

Ela riu, como sempre fazia, ao ouvir o apelido. Michael sempre a fazia feliz. Ele fazia coisas maravilhosas. Nancy sempre pensara assim desde o primeiro momento, quando ele entrara na galeria e ameaçara tirar as próprias roupas, todas, se ela não lhe vendesse todos os quadros.

— Acontece que a amo pelo menos sete vezes mais do que me ama.

— Essa não! — Nancy sorriu-lhe novamente, nariz no ar e disparou à frente outra vez. — Eu o amo muito mais, Michael.

— Como sabe?

Ele estava acelerando para alcançá-la.

— Papai Noel me contou.

E com isso, Nancy se distanciou novamente. Desta vez, Michael deixou-a ir na frente pelo, caminho estreito. Estavam num animo festivo e ele gostava de contemplá-la. A forma esguia dos quadris na calça de *jeans,* a cintura fina, os ombros impecáveis com a suéter vermelha amarrada frouxamente e o balanço maravilhoso dos cabelos pretos. Michael podia contemplá-la por anos a fio. Na verdade, era justamente isso o que estava planejando fazer. O que o fazia lembrar... tinha planejado conversar com ela

a respeito naquela manhã. Diminuiu novamente a distância que os separava e bateu no ombro de Nancy gentilmente.

— Com licença, Sra. Hillyard.

Ela teve um sobressalto ao ouvir as palavras, depois sorriu timidamente, o sol incidindo em seu rosto. Michael podia ver as sardas no rosto dela, quase como poeira de ouro deixada por duendes na superfície cremosa da pele.

— Eu disse... Sra. Hillyard...

Michael pronunciou as palavras com infinito prazer. Tinha esperado por dois anos.

— Não está querendo precipitar um pouco as coisas, Michael?

Ela parecia hesitante, quase temerosa. Michael ainda não falara com Marion. E enquanto isso não acontecesse, não importava o que ele e Nancy pudessem ter acertado entre si.

— Não acho que esteja precipitando coisa alguma. E já tem duas semanas que estou pensando em fazer isso. Logo depois da formatura.

Há muito que haviam combinado um casamento pequeno, íntimo. Nancy não tinha família e Michael queria partilhar o momento com ela, não com um elenco de milhares de pessoas ou um exército de fotógrafos da sociedade.

— Para dizer a verdade, estava planejando seguir esta noite para Nova York a fim de conversar com Marion.

— Esta noite?

Havia um eco de medo na voz de Nancy. Ela deixou que a bicicleta fosse diminuindo a velocidade lentamente, até parar. Michael assentiu em resposta. Nancy estava cada vez mais pensativa, enquanto contemplava as colinas luxuriantes ao redor.

— O que acha que ela vai dizer?

Nancy estava com medo de olhar para Michael. Com medo de ouvir a resposta.

— *Sim,* é claro. Está mesmo preocupada com isso?

Era uma pergunta sem sentido e ambos sabiam disso. Tinham muito com que se preocupar. Marion não era uma mera dama de honra. Era a mãe de Michael e tinha toda a ternura do *Titanic*. Era uma mulher de força, determinação, concreto e aço. Havia assumido os empreendimentos da família com a morte do pai e voltara a fazê-lo, com renovada determinação, depois que o marido morrera. Nada podia deter Marion Hillyard. Absolutamente nada. Certamente não uma garota esguia ou seu filho único. Se não queria que os dois casassem, nada a faria dizer aquele "sim", embora Michael simulasse não ter a menor dúvida a respeito. E Nancy sabia exatamente o que Marion Hillyard pensava dela.

Marion jamais tentara esconder seus sentimentos. Ou pelo menos não o fizera a partir do momento em que chegara à conclusão de que o "caso" de Michael com "aquela artista" podia

ser algo sério. Chamara Michael a Nova York e o lisonjeara, persuadira e seduzira, para depois brigar, ameaçar e pressionar. E finalmente se resignara. Ou pelo menos dera tal impressão. Michael encarara essa posição como um indício encorajador, mas Nancy não tinha tanta certeza assim. Tinha a impressão de que Marion sabia o que estava fazendo e decidira, por enquanto, ignorar a "situação". Não foram feitos convites, não foram formuladas acusações, nunca foram apresentadas desculpas por coisas ditas a Michael no passado. Mas também não surgiram novos problemas. Para ela, Nancy simplesmente não existia. E, estranhamente, Nancy sempre se surpreendia ao descobrir como isso a magoava. Não tendo família, ela sempre acalentara sonhos estranhos em relação a Marion. Que podiam ser amigas, que Marion gostaria dela, que ela e Marion iriam fazer compras para Michael... que Marion seria... a mãe que ela não tivera ou conhecera. Mas Marion não se enquadrava facilmente nesse papel. Em dois anos, Nancy tivera muitas oportunidades para compreender isso. Somente Michael se apegava obstinadamente à posição de que a mãe acabaria por ceder, que as duas se tornariam grandes amigas, a partir do momento em que Marion aceitasse o inevitável. Mas Nancy nunca tivera tal certeza. Ela chegara mesmo a forçar Michael a discutir a possibilidade de Marion nunca aceitá-la, jamais concordar com o casamento. O que fariam então?

— Nesse caso, pegamos o carro e seguimos para o juiz de paz mais próximo. Afinal, já somos ambos maiores de idade.

Nancy sorrira com a simplicidade daquela solução. Sabia que nunca poderia ser tão fácil assim. Mas que diferença fazia? Depois de dois anos juntos, eles já se sentiam de qualquer forma casados.

Ficaram parados em silêncio por um longo momento, contemplando a paisagem. Depois, Michael pegou a mão de Nancy e murmurou:

— Eu a amo, querida..

— Também o amo.

Nancy fitou-o com expressão preocupada e Michael silenciou os olhos dela com um beijo. Mas nada podia sufocar as dúvidas que ambos tinham. Isto é, nada exceto a conversa com Marion. Nancy deixou a bicicleta cair e com um suspiro aconchegou-se lentamente entre os braços de Michael.

— Gostaria que fosse tudo mais fácil, Michael.

— E será. Vai ver só. E agora vamos adiante. Vamos dar um passeio ou ficamos parados aqui o dia inteiro?

Michael deu-lhe novamente uma palmada no traseiro. Nancy sorriu, enquanto ele pegava a bicicleta dela. E no momento seguinte estavam de novo pedalando, rindo, brincando, cantando, fingindo que Marion não existia. Só que ela existia. Sempre existiria. Marion era mais uma instituição do que uma

mulher. Marion era eterna. Pelo menos na vida de Michael. E agora na vida de Nancy.

O sol subiu mais alto pelo céu enquanto eles pedalavam pelos campos, alternadamente adiantando-se um ao outro ou ficando emparelhados, em um momento gracejando exuberantemente, no outro ficando silenciosos e pensativos. Já era quase meio-dia quando alcançaram a Revere Beach e avistaram o rosto fami1iar vindo em sua direção. Era Ben Avery, com uma nova garota a seu lado. Outra loura de pernas compridas. Todas pareciam rainhas colegiais. E muitas eram mesmo.

— Oi, vocês dois! Estão indo para a feira?

Ben sorriu-lhes e depois, com um gesto vago da mão, apresentou Jeannette. Trocaram cumprimentos. Nancy protegeu os olhos com a mão e olhou na direção da feira. Ainda faltavam alguns quarteirões para alcançá-la.

— Vale a pena parar?

— E como vale! Ganhamos um cachorro rosa... — Ben apontou para a criatura pequena e horrenda na cesta de Jeannette — uma tartaruga verde que deu um jeito de se perder, e duas latas de cerveja. Além do mais, eles têm um milho cozido que está sensacional.

— Acaba de me convencer. — Michael olhou para Nancy e sorriu. — Vamos até lá?

— Claro. Vocês já estão voltando?

Mas Nancy podia ver claramente que estavam. Ben tinha um brilho reconhecível nos olhos e Jeannette parecia estar de pleno acordo. Nancy sorriu para si mesma ao observá-los.

— Já, sim. Estamos andando desde as seis horas desta manhã. Estou exausto. Por falar nisso o que vocês vão fazer no jantar esta noite? Não querem visitar-me para uma *pizza*?

O quarto de Ben ficava próximo do quarto de Michael.

— O que vamos fazer no jantar esta noite, *señor*?

Nancy olhou para Michael , com um sorriso brejeiro. Mas ele estava sacudindo a cabeça.

— Tenho de resolver alguns problemas essa noite. Vamos deixar para outra ocasião.

Era um rápido lembrete do encontro com Marion.

— Está certo. Até mais tarde.

Ben e Jeannette acenaram e depois se afastaram, enquanto Nancy olhava para Michael.

— Vai mesmo procurá-la esta noite?

— Vou, sim. E pare de se preocupar com isso. Tudo vai dar certo. Por falar nisso, mamãe diz que ele conseguiu o lugar.

— Ben?

Nancy levantou os olhos inquisitivamente, enquanto recomeçavam a pedalar, a caminho da feira.

— Isso mesmo. Começamos ao mesmo tempo. Em áreas

diferentes, é verdade, mas começamos no mesmo dia.

Michael parecia satisfeito. Conhecia Ben desde o tempo do curso preparatório e eram como irmãos.

— Ben já sabe?

Michael sacudiu a cabeça, com um sorriso de conspirador. — Achei que seria melhor deixá-lo experimentar a emoção de receber a notícia oficialmente. Não quis estragar-lhe esse prazer.

Nancy também sorriu.

— Você é um bom sujeito e eu o amo, Hillyard.

— Obrigado, Sra. H.

— Pare com isso, Michael.

Nancy queria demais aquele sobrenome para ouvi-lo pronunciado como um gracejo, até mesmo por Michael.

— Não vou parar. E é melhor começar logo a se acostumar. — Ele parecia subitamente sério.

— Eu vou me acostumar... quando chegar o momento certo. Mas até lá, no entanto, Srta. McAllister soa melhor.

— Por mais duas semanas, para ser exato. Aposto que posso vencê-la numa corrida!

E os dois dispararam em frente, lado a lado, ofegando e rindo. Michael alcançou a entrada da feira cerca de 80 segundos antes de Nancy. Ambos pareciam bronzeados, saudáveis e despreocupados.

— E então, meu caro senhor, o que vamos fazer

primeiro?

Mas Nancy já adivinhara o que seria e estava absolutamente certa.

— Ao milho cozido, é claro! Precisava perguntar?

— Não.

Deixaram as bicicletas perto de uma árvore, sabendo que ali, naqueles campos tranqüilos, ninguém iria roubá-las. Foram andando de braços dados. Dez minutos depois estavam se lambuzando com a manteiga que escorria, enquanto comiam o milho cozido. Em seguida comeram cachorros-quentes e tomaram cerveja gelada. Nancy acompanhou tudo com uma gigantesca porção de algodão-doce.

— Como pode comer essa porcaria?

— Fácil... porque é delicioso.

As palavras saíram meio truncadas através do algodão-doce rosado e pegajoso, mas Nancy tinha a expressão deliciada de uma criança de cinco anos.

— Já lhe falei ultimamente como você é bonita?

Nancy sorriu-lhe, exibindo o rosto todo salpicado de algodão.

Michael pegou um lenço e limpou-lhe o queixo.

— Se conseguisse limpar-se, poderíamos tirar uma fotografia.

— É mesmo? Onde?

O nariz de Nancy desapareceu novamente por trás de outra porção que ela abocanhou.

— Você é impossível, querida. A fotografia é ali.

Michael apontou para uma barraca em que podiam meter as cabeças através de buracos redondos e tirar uma foto sobre trajes exóticos... Foram até lá e escolheram Rhett Butler e Scarlet O'Hara. E por mais estranho que pudesse parecer, nem mesmo pareciam tolos na fotografia. Nancy ficou linda sobre o traje pintado meticulosamente. A beleza delicada de seu rosto e a precisão das feições se ajustaram perfeitamente ao traje imensamente feminino da beldade sulista. E Michael ficou parecendo um jovem libertino. O fotógrafo entregou-lhes a foto e recebeu o seu dólar, comentando:

—Eu deveria ficar com essa foto. Vocês dois saíram muito bem.

— Obrigada.

Nancy ficou comovida com o elogio, mas Michael limitou-se a sorrir. Ele sempre sentia o maior orgulho de Nancy. Apenas mais duas semanas e... Mas Nancy puxou-lhe a manga freneticamente, arrancando-o dos devaneios.

— Olhe ali! Um jogo de argolas!

Nancy sempre quisera jogar as argolas na feira quando era criança, mas as freiras do orfanato invariavelmente alegavam que era muito caro.

— Podemos?

— Mas é claro, minha querida!

Michael fez-lhe uma reverência, ofereceu o braço e tentou levá-la caminhando tranqüilamente na direção da barraca. Mas Nancy estava excitada demais para andar normalmente. Estava quase pulando como uma criança e o excitamento dela o deliciava.

— Podemos jogar agora?

— Claro, meu amor!

Michael estendeu um dólar e o homem por trás do balcão entregou a Nancy quatro vezes a quantidade habitual de argolas. A maioria dos fregueses pagava apenas 25 *cents*. Mas Nancy era inexperiente no jogo e todas as suas tentativas malograram. Michael observava-a divertido.

— Exatamente que prêmio está querendo?

— As contas. — Os olhos de Nancy brilhavam como os de uma criança e as palavras saíam quase como um sussurro. — - Nunca tive antes um colar espalhafatoso!

Era algo que ela sempre desejara ter quando era menina. Algo bem vistoso, brilhante, frívolo.

— Não resta a menor dúvida de que é uma pessoa fácil de contentar, meu amor. Tem certeza de que não prefere o cachorrinho rosa?

Era igual ao que Jeannette levava na cesta. Mas Nancy sa-

cudiu a cabeça, determinada.

— Quero as contas.

— Seu desejo é uma ordem para mim.

E Michael arremessou todas as três argolas perfeitamente no alvo. Com um sorriso, o homem por trás do balcão entregou-lhe as contas. Imediatamente, Michael colocou-as no pescoço de Nancy.

— *Voilà, mademoiselle*! Tudo seu! Acha que devemos fazer um seguro de seu colar?

— Quer parar de gozar as minhas contas? Acho que elas são maravilhosas!

Nancy tocou-as suavemente, encantada por saber que estavam faiscando em seu pescoço.

— Acho que *você* é maravilhosa. Seu coração deseja mais alguma coisa?

Nancy sorriu.

— Mais algodão-doce.

Michael comprou outro chumaço de algodão-doce e depois foram voltando lentamente para as bicicletas.

— Está cansada?

— Não muito.

— Não quer seguir um pouco mais adiante? Há um lugar maravilhoso aqui perto. Podemos ficar sentados lá por algum tempo, contemplando o mar.

— Boa idéia.

Partiram novamente, só que desta vez mais devagar. O clima de carnaval desaparecera e estavam ambos imersos em seus próprios pensamentos, a maior parte sobre o outro. Michael estava começando a desejar que estivessem de volta à cama e Nancy não teria discordado. Estavam-se aproximando de Nahant quando ela avistou o local que Michael escolhera, na extremidade de uma ponta de terra, sob uma árvore antiga aprazível. Nancy ficou contente por terem feito aquela última etapa do passeio.

— Oh, Michael, é lindo! .

— Não é mesmo?

Sentaram-se na relva, pouco antes da estreita ponta de terra começar. À distância, podiam observar as ondas quebrarem suavemente sobre um recife logo abaixo da superfície.

— Sempre quis trazer você até aqui.

— E estou contente que me tenha trazido.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo, de mãos dadas. Depois, Nancy se levantou abruptamente.

— O que foi?

— Quero fazer uma coisa.

— Pode ir até ali, atrás das moitas.

— Não é isso, seu chato!

Nancy saiu correndo pela praia. Michael seguiu-a lentamente, sem ter a menor idéia do que ela pretendia fazer.

Nancy parou ao lado de uma pedra grande na areia e tentou deslocá-la, mas não conseguiu

— Deixe-me ajudá-la, sua tolinha. O que está pretendendo fazer?

Michael estava aturdido.

— Quero apenas afastá-la por um segundo... assim.

A pedra cedera sob a pressão de Michael, revelando uma depressão úmida na areia. Rapidamente, ela tirou as contas azuis do pescoço, segurou-as por um momento, de olhos fechados, depois as largou na areia, no lugar sobre o qual a pedra estava antes.

— Muito bem, Michael, pode pôr a pedra de volta no lugar.

— Em cima das contas?

Ela assentiu, os olhos não se desviando do vidro azul a faiscar.

— Essas contas serão o nosso vínculo, um vínculo físico, enterradas enquanto esta pedra, esta praia e estas árvores continuarem aqui. Combinado?

— Combinado. — Michael sorriu gentilmente. – Estamos sendo muito românticos.

— Por que não? Quando se é afortunado o bastante para se ter amor, temos de comemorar! Fazer com que tenha um lar!

— Tem razão, tem absoluta razão. Muito bem, aqui é o

lar do nosso amor.

— E agora vamos fazer uma promessa. Prometo que nunca esquecerei o que está aqui nem esquecerei o que representa. E agora é a sua vez.

Nancy tocou na mão dele, que lhe sorriu novamente. Michael nunca a amara tanto.

— E eu prometo... prometo nunca dizer adeus a você...

E depois, sem qualquer razão em particular, os dois riram. Porque era maravilhoso ser jovem, ser romântico, até mesmo banal. O dia inteiro havia sido maravilhoso.

— Vamos voltar agora?

Nancy assentiu. De mãos dadas, voltaram para o lugar em que haviam deixado as bicicletas. E duas horas depois estavam no pequeno apartamento de Nancy, na Spark Street, perto do campus. Michael olhou ao redor ao cair sonolento no sofá, compreendendo mais uma vez o quanto gostava do apartamento dela, o quanto representava um lar para ele. O único lar verdadeiro que já conhecera. O apartamento gigantesco da mãe em Nova York nunca lhe dera realmente a impressão de lar. Essa impressão ele sentia no minúsculo apartamento de Nancy. Que possuía todos os toques afetuosos e maravilhosos de Nancy. Os quadros que ela pintara ao longo dos anos, as cores simples que escolhera, um sofá de veludo castanho, um tapete felpudo que ela comprara de um amigo. Havia sempre flores por toda parte,

muitas plantas, às quais ela dedicava um cuidado meticuloso. Lá estavam a pequena mesa de tampo de mármore impecável onde comiam e a cama de latão que rangia de prazer quando faziam amor.

— Tem alguma idéia do quanto amo este apartamento, Nancy.

— Claro que tenho. — Ela olhou ao redor, nostalgicamente. — Também amo muito. O que vamos fazer quando nos casarmos?

— Levar todas essas suas coisas lindas para Nova York e encontrar um pequeno lar aconchegante para recebê-las.

E foi nesse momento que algo atraiu a atenção de Michael — O que é isso? Algo novo?

Ele estava olhando para o cavalete de Nancy, onde estava um quadro ainda nos estágios iniciais, mas já apresentando uma qualidade fascinante. Era uma paisagem de árvores e campos. Mas quando se aproximou, Michael percebeu que havia um menino escondido numa árvore, com as pernas pendendo.

— O menino vai continuar a aparecer depois que puser folhas na árvore?

— Provavelmente. De qualquer forma, porém, saberemos que está na árvore. Gosta do quadro?

Os olhos de Nancy brilhavam, enquanto ela observava a aprovação de Michael. Ele sempre compreendera perfeitamente o

trabalho dela.

— Adoro.

— Então será o seu presente de casamento... quando estiver terminado.

— Negócio fechado. E por falar em presentes de casamento... — Michael olhou para o relógio. Já eram cinco horas da tarde e ele queria estar no aeroporto às seis. — Está na hora de eu partir.

— Precisa mesmo ir esta noite?

— Tenho, sim. É importante. Voltarei dentro de algumas horas. Devo chegar ao apartamento de Marion por volta das sete e meia ou oito horas, dependendo do trânsito em Nova York. Posso pegar o último vôo de volta, às onze horas, chegando em casa por volta da meia-noite. Está bem assim, minha linda angustiada?

— Está bem. — Mas Nancy estava hesitante, apreensiva pela partida dele. Não queria que Michael fosse a Nova York e ao mesmo tempo não sabia por quê. — Espero que tudo corra bem.

— Tenho certeza de que vai correr.

Mas ambos sabiam que Marion só fazia o que queria, só escutava o que desejava ouvir e compreendia apenas o que lhe convinha. Mas Michael sabia que, de alguma forma, iriam vencê-la. Tinham de fazê-lo. Ele precisava ter Nancy. E nada mais importava. Abraçou-a uma última vez, antes de ajeitar uma

gravata no colarinho da camisa esporte e pegar um casaco leve nas costas de uma cadeira. Deixara-o ali naquela manhã. Sabia que estaria fazendo calor em Nova York, mas sabia também que tinha de aparecer no apartamento de Marion de paletó e gravata. Marion não tolerava "hippies" ou pessoas insignificantes... como Nancy. Ambos sabiam o que ele estava enfrentando quando se deram um beijo de despedida na porta.

— Boa sorte.

— Eu a amo.

Por longo tempo, Nancy ficou sentada no apartamento silencioso olhando para a fotografia que haviam tirado na feira. Rhett e Scarlet, amantes imortais, naqueles trajes absurdos pintados na madeira, os rostos metidos através de buracos. Mas não pareciam tolos. Pareciam felizes. Nancy se perguntou se Marion seria capaz de compreender isso, se ela saberia a diferença entre ser feliz e tolo, entre o real e o imaginário. Tinha dúvidas se Marion poderia entender qualquer coisa.

Capítulo 2

A mesa da sala de jantar brilhava como a superfície de um lago. A perfeição cintilante só era interrompida num ponto, onde estava um único jogo de linho irlandês de cor creme, sobre o qual descansava a porcelana azul e dourada. Havia um serviço de café

de prata ao lado do prato, assim como um pequeno sino todo ornado. Marion Hillyard recostou-se na cadeira, deixando escapar um pequeno suspiro, enquanto exalava a fumaça do cigarro que acabara de acender. Estava bastante cansada naquele dia... Os domingos sempre a cansavam. Havia ocasiões em que ela pensava que trabalhava mais em casa do que no escritório. Sempre passava os domingos cuidando de sua correspondência pessoal, examinando as contas que a cozinheira e a governanta mantinham rigorosamente em dia, fazendo listas do que julgava ser necessário consertar no apartamento e dos artigos que precisava para completar seu guarda-roupa, além de planejar os cardápios da semana. Era um trabalho tedioso; mas há anos que ela o fazia, mesmo antes de começar a dirigir o império da família. Depois que assumira o lugar do marido, continuara a passar os domingos cuidando da casa e tomando conta de Michael, no dia de folga da babá. A recordação a fez sorrir. Fechou os olhos por um momento. Aqueles domingos haviam sido preciosos, umas poucas horas em companhia do filho sem que ninguém interferisse; sem que ninguém aparecesse para afastá-lo dela. Mas seus domingos já não eram mais assim; haviam deixado de ser há muitos anos. Uma pequena lágrima brilhante insinuou-se entre as pestanas, enquanto Marion permanecia imóvel na cadeira, vendo o filho como fora dezoito anos antes, um garoto de seis anos e todo dela. Como havia amado aquele

menino! Teria feito qualquer coisa por ele. E fizera mesmo. Mantivera um império para Michael, preservando o legado de uma geração para a seguinte. Era o seu presente mais valioso para Michael Cotter-Hillyard. E ela passara a amar o império quase tanto quanto amava o filho.

— Está linda, mamãe.

Os olhos dela se abriram bruscamente, em surpresa, deparando com o filho parado na entrada em arcada da sala de jantar revestida de lambris. A visão dele naquele momento quase a fez chorar. Sentiu vontade de abraçá-lo, como o fizera por todos aqueles anos. Em vez disso, porém, limitou-se a sorrir lentamente para o filho.

— Não ouvi você chegar.

Não era um convite para Michael se aproximar, não havia qualquer indício do que ela estava sentindo. Com Marion, ninguém jamais sabia o que se passava dentro dela.

— Usei minha chave. Posso entrar?

— Claro. Quer uma sobremesa?

Michael avançou lentamente para ela, um tênue sorriso nervoso a lhe contrair os lábios. Depois, como um garotinho, deu uma espiada no prato da mãe.

— Hum...o que era? Parece alguma coisa à base de chocolate...

Marion soltou uma risadinha e sacudiu a cabeça. Michael

jamais cresceria. Ou pelo menos não em algumas coisas.

— Profiteroles. Quer um pouco? Mattie ainda está lá na copa.

— Provavelmente comendo o que sobrou.

Ambos riram, pelo que sabiam ser provavelmente verdadeiro.

Mesmo assim, Marion tocou o sino.

Mattie apareceu um instante depois, de uniforme preto, guarnecido de renda, rosto pálido. Ela passara a vida inteira correndo, buscando, fazendo coisas para os outros, com apenas um breve domingo semanal a que podia chamar de todo seu. E quando chegava o "dia" tão cobiçado, ela descobria que nada tinha para fazer.

— Pois não, madame?

— Traga café para Sr. Hillyard, Mattie. E... quer sobremesa, querido? — Michael sacudiu a cabeça — Apenas café então.

— Pois não, madame.

Por um momento, Michael se perguntou, como já fizera muitas vezes antes, por que a mãe nunca dizia "obrigado" às empregadas. Como se elas tivessem nascido para cumprir suas ordens. Mas ele sabia que era exatamente isso o que a mãe pensava. Marion sempre vivera cercada por criados, secretárias, toda espécie de empregados que se podia imaginar. Tivera uma

criação solitária, mas das mais confortáveis. A mãe morrera quando ela tinha três anos, num acidente que vitimara também o único irmão de Marion, que seria o herdeiro do trono arquitetônico da família. O acidente deixara apenas Marion para assumir o papel de filho substituto. E ela o assumira eficazmente.

— Como vai a escola?

— Quase acabando, graças a Deus. Só faltam mais duas semanas.

— Sei disso. E estou muito orgulhosa de você. Um doutorado é algo maravilhoso para se ter, especialmente em arquitetura.

Por alguma razão, aquelas palavras despertaram em Michael o desejo de exclamar, "Oh! Mamãe!", como fazia quando tinha nove anos de idade.

— Vamos entrar em contato com o jovem Avery nesta semana, para acertarmos o emprego dele. Não lhe contou nada, não é mesmo ?

Marion parecia mais curiosa do que austera. Na verdade, não se, importava com tal detalhe. Julgara um tanto infantil que Michael pensasse que era tão importante fazer uma surpresa a Ben.

— Não, não contei. Ele vai ficar muito contente.

— Não é para menos. Afinal, é um excelente emprego.

— Ele merece.

— Espero que sim. — Marion jamais cedia um centímetro sequer. — E você? Está pronto para começar a trabalhar? Sua sala estará pronta na próxima semana.

Os olhos dela brilharam ao pensar nisso. Era um lindo gabinete, todo revestido de madeira, como teria sido o do pai de Michael, com gravuras que haviam pertencido ao pai de Marion, um impressivo conjunto de sofá e poltronas de couro, móveis antigos. Ela os comprara em Londres, nas suas férias.

— Está ficando maravilhoso, querido.

— Ótimo. — Ele sorriu para a mãe por um momento, antes de acrescentar: — Tenho algumas coisas que quero mandar emoldurar, mas vou esperar até dar uma olhada na decoração.

— Não vai haver qualquer necessidade. Já providenciei tudo o que vai precisar para as paredes.

E Michael também tinha. Os quadros de Nancy. Havia agora um fogo súbito em seus olhos, um ar de vigilância e cautela nos olhos de Marion. Ela percebera algo no rosto do filho.

— Mamãe... — Ele se sentou perto da mãe, soltando um pequeno suspiro e esticando as pernas, enquanto Mattie chegava com o café. — Obrigado, Mattie.

— É sempre bem-vindo, Sr. Hillyard.

Ela lhe sorriu tão afetuosamente quanto sempre o fazia. Ele era sempre amável, como se detestasse incomodá-la, muito diferente da...

— Deseja mais alguma coisa, madame?

— Não. Para dizer a verdade... Michael, não quer tomar o café na biblioteca?

— Está certo.

Talvez fosse mais fácil conversar lá. A sala de jantar da mãe sempre o fizera recordar os salões de baile que vira em mansões ancestrais. Não era propícia a conversas íntimas, muito menos a uma suave persuasão. Ele se levantou e seguiu a mãe para fora da sala, descendo três degraus atapetados e entrando na biblioteca, à esquerda. De lá, tinha-se uma vista esplêndida da Quinta Avenida e de parte considerável do Central Park. Mas havia também na sala uma lareira aconchegante e duas paredes cobertas de livros. A quarta parede era dominada por um retrato do pai de Michel. Mas era um retrato de que ele gostava, em que o pai parecia extremamente simpático, como alguém que se tinha vontade de conhecer. Quando menino, Michael ia muitas vezes olhar para aquele retrato e "conversava" em voz alta com o pai. A mãe o descobrira assim certa ocasião e dissera-lhe que isso era um absurdo. Mais tarde, porém, Michael a descobrira chorando naquela sala, olhando para o retrato, da mesma forma como ele fazia.

A mãe se acomodou em seu lugar de sempre, uma cadeira Luís XV forrada em damasco bege e de frente para a lareira. Naquela noite, o vestido dela era quase da mesma cor. Por um

momento, ao clarão da lareira, Michael julgou-a quase bonita. Marion já o tinha sido e não fazia muito tempo. Ela estava agora com 57 anos. Michael nascera quando a mãe tinha 33 anos. Ela não tivera tempo para ter filhos antes disso. Marion era muito bonita naquela época. Possuía os mesmos cabelos louros, quase cor de mel, que Michael tinha, só que agora estavam cada vez mais grisalhos. E a vida em seu rosto se desvanecera. Fora substituída por outras coisas. Principalmente pela preocupação com os negócios. E os olhos outrora de um azul sereno pareciam quase cinzentos agora. Como se o inverno tivesse finalmente chegado.

— Tenho o pressentimento de que veio aqui esta noite para falar-me sobre algo importante, Michael. É isso mesmo?

Será que ele engravidara alguma mulher? Teria destruído o carro? Ferira alguém? Nada era irreparável, é claro, contanto que Michael lhe contasse tudo. Ela estava contente pelo fato do filho ter vindo procurá-la.

— Não é nada de grave. Mas há algo que preciso discutir com você.

Errado. Michael encolheu-se quase visivelmente diante de suas palavras. "Discutir." Deveria ter falado que havia algo que queria *contar* e não *discutir*. Oh,! diabo!

— Achei que já era tempo de sermos francos um com o outro.

— Fala como se geralmente isso não acontecesse.

— Em algumas coisas, não acontece mesmo.

Todo o corpo de Michael estava agora tenso. Ele se inclinou para frente, consciente de que o pai olhava por cima de seu ombro.

— Não somos francos em relação a Nancy, mamãe.

— Nancy?

Ela parecia ignorar inteiramente o nome. Por um instante, Michael sentiu um impulso de levantar-se e esbofeteá-la. Detestava a maneira como a mãe pronunciara o nome de Nancy. Como se não passasse de uma criada.

— Nancy McAllister. Minha amiga.

— Ah, sim... — Houve uma pausa interminável, enquanto Marion mudava a posição da colher esmaltada no pires. — E em que não somos francos em relação a Nancy?

Os olhos dela estavam agora velados por uma mortalha de gelo cinzento.

— Tenta fingir que ela não existe. E procuro não incomodá-la com isso. Mas a verdade, mamãe, é que... vou me casar com ela. — Ele respirou fundo e recostou-se, antes de arrematar: — Dentro de duas semanas.

— Entendo. — Marion Hillyard estava perfeitamente imóvel. Os olhos não se mexiam, nem as mãos, nem o rosto. Nada. — E posso perguntar por quê? Ela está grávida?

— Claro que não!

— O que é muita sorte. Sendo assim, posso perguntar por que vai se casar com ela? E por que dentro de duas semanas?

— Porque estarei formado então, mudando-me para Nova York e começando a trabalhar. Porque faz sentido.

— Para quem?

O gelo estava se endurecendo e uma perna foi cruzada cuidadosamente sobre a outra, com o ruído de seda. Michael sentiu-se constrangido sob a firmeza do olhar da mãe. Ela não desviara os olhos dele uma única vez. Como nos negócios, Marion estava se mostrando implacável. Era capaz de fazer qualquer homem encolher-se e finalmente desmoronar.

— Faz sentido para nós, mamãe.

— Pois não faz para mim. Fomos chamados a construir um centro médico em São Francisco, pelo mesmo grupo que está por trás do Hartford Center. Não terá tempo para uma esposa. Estou contando muito com sua ajuda pelo próximo ano ou dois. Francamente, querido, gostaria que esperasse.

Era a primeira vez que Michael via a mãe abrandar um pouco uma posição, o que o levou a pensar que talvez houvesse alguma esperança.

— Nancy será útil para nós dois, mamãe. Não será uma distração para mim nem um estorvo para você. Ela é uma moça maravilhosa.

— É possível. Mas quanto a ser útil... Por acaso já pensou no escândalo?

Havia agora um brilho de vitória nos olhos de Marion. Ela estava se preparando para o bote e subitamente Michael prendeu a respiração como presa indefesa, sem saber por que lado a mãe iria atacar. Ou como.

— Que escândalo?

— Ela lhe contou quem é, não é mesmo?

Oh, Deus! O que viria agora?

— O que está querendo insinuar com esse quem ela é?

— Exatamente isso, posso ser mais específica.

Com um movimento suave, felino, Marion largou a xícara numa mesinha e deslizou até sua escrivaninha. Tirou uma pasta da última gaveta e entregou-a a Michael, sem dizer nada. Ele segurou a pasta, indeciso, com medo de ver o que havia dentro.

— O que é isso?

— Um relatório. Contratei um investigador particular para saber quem era a sua amiguinha pintora. Não estava muito satisfeita.

O que era uma atenuação da verdade. Marion ficara furiosa.

— Por favor, Michael, sente-se e leia.

Ele não se sentou, mas relutantemente abriu a pasta e começou a ler. Nas primeiras doze linhas, descobriu que o pai de

Nancy fora morto na prisão quando ela ainda era bebê, e que a mãe morrera dois anos depois, como alcoólatra. Estava também explicado que o pai dela fora condenado a sete anos de prisão por assalto a mão armada.

— Não acha que eram pessoas encantadoras, querido?

A voz dela era ligeiramente desdenhosa. Abruptamente, Michael jogou a pasta em cima da escrivaninha. O conteúdo deslizou rapidamente para o chão.

— Não vou ler esse lixo.

— Não quer ler... mas vai casar-se com esse lixo.

— Que diferença faz quem foram os pais dela? Por acaso é culpa de Nancy?

— Não. É o infortúnio dela. E o seu, se casar com ela. Seja sensato, Michael. Vai entrar para um negócio em que milhões de dólares estão envolvidos em cada transação. Não pode mais expor-se ao risco de um escândalo. Poderia nos arruinar. Seu avô fundou esse império há mais de 50 anos e vai agora destruí-lo por causa de um romance? Não seja absurdo. Está na hora de crescer, meu rapaz. Mais do que na hora. Os tempos de aventuras vão se acabar para você exatamente dentro de duas semanas.

Marion estava agora inflamada, sem tirar os olhos do filho. Não ia perder aquela batalha, não importava o que tivesse de fazer.

— Não quero discutir esse problema com você, Michael. Não tem alternativa.

Marion sempre lhe dissera aquilo. Sempre...

— Uma ova que não tenho! — Era um súbito rugido, enquanto ele andava pela sala. — Não vou me inclinar diante de você e de suas regras pelo resto da vida, mamãe! De jeito nenhum! O que está pensando exatamente? Que vai me levar para o negócio, paparicar-me até se aposentar e depois continuar a me controlar como um títere de seu quarto? Pois saiba que isso não vai acontecer! Vou trabalhar para você e mais nada! Não é dona de minha vida, nem agora nem nunca! E tenho o direto de me casar com quem quiser!

— Michael!

Foram interrompidos pelo som abrupto da campainha da porta. Os dois estavam de pé, olhando-se, como jaguares numa jaula. O jaguar velho e o novo, cada um ligeiramente temeroso do outro, ambos famintos pela vitória, ambos lutando pela sobrevivência. Estavam ainda parados em lados opostos da sala, tremendo de raiva, quando George Calloway entrou, percebendo prontamente que viera deparar com uma cena de paixão intensa. Homem suave, elegante, de cinqüenta e tantos anos, ele era há muito tempo o braço-direito de Marion. Mais do que isso, era em grande parte a força por trás da Cotter-Hillyard. Mas, ao contrário de Marion, raramente aparecia na linha de frente. Prefe-

ria exercer sua força das sombras. Há muito que aprendera os méritos da força discreta. Isso lhe valera a confiança e admiração de Marion há vários anos, assim que ela assumira o lugar do marido na empresa. Marion fora então apenas uma figura de proa e George é que realmente dirigira a Cotter-Hillyard pelo primeiro ano, enquanto resolutamente, conscienciosamente, ensinava tudo a ela. E George fizera um bom trabalho. Marion aprendera tudo o que ele lhe ensinara e muito mais. Ela era agora uma força por si mesma, mas ainda se apoiava em George em todas as operações de grande monta. Isso significava tudo para ele. Saber que Marion ainda precisava dele depois de todos aqueles anos. Saber que ela sempre precisaria. George podia agora compreender isso. Formavam uma equipe, silenciosa, inseparável, cada um tão forte quanto o outro. Algumas vezes George se perguntava se Michael sabia o quanto eram unidos. Duvidava muito. Michael sempre fora o centro da vida da mãe. Por que iria perceber até que ponto George estava envolvido? Sob certos aspectos, a própria Marion não chegava a compreender. Mas George aceitava tudo. Dedicava seu afeto e energias à empresa. E talvez algum dia... George olhou agora para Marion com uma preocupação imediata. Aprendera a reconhecer a contração nos cantos da boca e a estranha palidez por baixo do pó-de-arroz e *rouge* cuidadosamente aplicados.

— Você está bem, Marion?

George conhecia mais a respeito da saúde dela do que qualquer outra pessoa. Marion lhe confidenciara tudo, anos atrás. Alguém tinha de saber, pelo bem da empresa. Ela tinha uma pressão assustadoramente alta e um problema cardíaco.

Por um momento não houve resposta. Depois, ela desviou os olhos do filho para fixá-los no associado e amigo de muitos anos.

— Estou... estou bem. Desculpe. Boa noite, George. Pode entrar.

— Acho que cheguei num momento errado.

— Absolutamente, George. Eu já estava saindo.

Michael virou-se para fitá-lo e nem ao menos conseguiu exibir um arremedo de sorriso. Depois, olhou novamente para a mãe, mas não fez qualquer menção de se aproximar dela.

— Boa noite, mamãe.

— Telefono para você amanhã, Michael. Podemos discutir o problema pelo telefone.

Michael sentiu vontade de dizer algo odioso para a mãe, deixá-la amedrontada. Mas não podia, não sabia como. E de que isso adiantaria?

— Michael...

Ele não respondeu. Apertou solenemente a mão de George e depois saiu da sala, sem olhar para trás. Não chegou a ver a expressão nos olhos da mãe ou a preocupação nos de

George, enquanto ela afundava lentamente de volta na cadeira e erguia as mãos trêmulas ao rosto. Havia lágrimas nos olhos dela, que ocultou até mesmo de George.

— O que aconteceu?

— Ele vai fazer uma loucura.

— Talvez não. Todos nós ameaçamos fazer loucuras de vez em quando.

— Em nossa idade, ameaçamos. Na idade de Michael, eles fazem.

"Todos os meus esforços para nada", pensou Marion. "Os relatórios do investigador particular, os telefonemas, os..." Ela suspirou e recostou-se lentamente na cadeira.

— Já tomou o seu remédio hoje, Marion? — Ela sacudiu a cabeça, quase imperceptivelmente.

— Onde está?

— Na minha bolsa. Atrás da escrivaninha.

George foi até lá, sem fazer qualquer comentário sobre as páginas do relatório espalhadas sobre a mesa e o chão. Encontrou a bolsa de crocodilo preto, com um fecho de ouro de 18 quilates. Conhecia bem aquela bolsa. Fora um presente de Natal dele, três anos antes. Encontrou o remédio e voltou para junto de Marion, com duas pílulas brancas na mão. Ela ouviu o barulho da xícara de café a seu lado e abriu os olhos. Desta vez, Marion sorriu-lhe.

— O que eu faria sem você, George?

— E o que eu faria sem você?

George não podia sequer suportar tal pensamento. — Devo ir embora agora? Você precisa descansar.

— Se ficar sozinha, vou pensar em Michael e me tornarei cada vez mais angustiada.

— Ele ainda vem trabalhar na firma?

— Vem, sim. O problema é outro.

Ou seja, a moça. George também estava a par disso, mas não queria pressionar Marion naquele momento. Ela estava bastante angustiada, mas pelo menos a cor estava agora voltando a seu rosto. Depois de engolir as pílulas, ela pegou um cigarro. George acendeu-o, enquanto observava o rosto dela. Marion era uma linda mulher. Ele sempre o achara. Mesmo agora, quando ela se tornava cada vez mais cansada e doente. Ele se perguntou se Michael saberia o quanto a mãe estava doente. Provavelmente não sabia, caso contrário não a deixaria transtornada daquela maneira.

O que George não sabia era que Michael estava igualmente desesperado e angustiado naquele momento. Lágrimas ardentes lhe queimavam os olhos, enquanto seguia de táxi para o aeroporto.

Ele telefonou para Nancy assim que chegou ao terminal. Seu avião partiria dentro de 20 minutos.

— Como foi o encontro?

Nancy não pudera perceber coisa alguma pela maneira como ele a cumprimentara.

— Tudo bem. Agora, quero que você entre em ação. Prepare uma mala, vista-se, esteja pronta dentro de uma hora e meia, quando estarei chegando aí.

— Pronta para quê?

Nancy estava aturdida, sentada no canto do sofá, toda enroscada, com o fone na mão. Michael fez uma breve pausa, sorrindo em seguida. Era o seu primeiro sorriso em duas horas.

— Para uma aventura, meu amor. Vai descobrir quando chegar a hora.

— Acho que ficou doido.

Ela estava rindo, aquela sua risada suave e maravilhosa.

— Isso mesmo, estou doido por você.

Michael sentiu que voltava a ser ele próprio. Novamente, tudo começava a fazer sentido. Estava de volta a Nancy. Ninguém poderia jamais tirar isso dele. Nem sua mãe. Nem um relatório confidencial. Ninguém. Nada. Ele prometera naquele dia, na praia, quando haviam enterrado as contas, que nunca diria adeus para Nancy. E estava falando sério.

— Muito bem, Nancy Calçalinda; trate de se mexer! Ah, sim... e não se esqueça de usar algo novo, algo velho...

Ele não estava apenas sorrindo agora; estava transbordando de felicidade.

— Está querendo dizer...

A voz de Nancy se desvaneceu no espanto.

— Estou querendo dizer que vamos nos casar esta noite. Está certo para você?

— Está, sim. Mas...

— Mas coisa nenhuma, mocinha. Levante esse rabo daí e comece a se comportar como uma noiva no dia do casamento.

— Mas por que esta noite?

— Por uma questão de instinto. Confie em mim. Além do mais, é uma noite de lua cheia.

— Deve ser.

Nancy também estava sorrindo agora. Ia casar-se. Ela e Michael iam casar-se.

— Eu a verei dentro de uma hora, meu bem. Só mais uma coisa, Nancy...

— O que é?

— Eu a amo.

Michael desligou e correu para o portão. Foi o último passageiro a embarcar no avião para Boston. Nada podia detê-lo agora.

Capítulo 3

Ele estava batendo na porta há quase 10 minutos, mas não ia desistir. Sabia que Ben estava lá dentro

— Ben! Vamos, abra a porta! Ben! Pelo amor de Deus, cara, abra logo essa porta!

Outra saraivada de batidas e depois o som de passos, seguido por um súbito estrondo. A porta se abriu para revelar um Ben sonolento, parado ali, inteiramente atordoado, de cueca, esfregando a canela.

— São apenas 11 horas, Ben. O que está fazendo dormindo a uma hora dessas? — O sorriso no rosto de Ben revelou tudo, a um segundo olhar. — Ei, você está chumbado!

— Até as pontas dos dedos dos pés!

Ben olhou para os pés, com um sorriso malicioso e as pernas balançando tropegamente.

— Pois vai ter de ficar sóbrio bem depressa, companheiro. Preciso de você.

— Quero que você se dane! Tomei seis Beefeaters com tônica e acha que vou desperdiçar tudo isso? Essa não!

— Esqueça tudo o mais e trate de se vestir.

— Estou vestido! — Ele contraiu os olhos, com uma cara de infeliz, quando Michael acendeu a luz. — Ei, que diabo está fazendo?

Mas Michael limitou-se a sorrir, enquanto se encaminhava para a pequena cozinha, na desordem mais total.

— O que andou fazendo por aqui, Ben? Detonou uma granada de mão?

— Isso mesmo. E vou meter uma pelo seu...

— Ora, ora, esta é uma ocasião especial, Ben.

Michael virou-se para sorrir-lhe, da entrada da cozinha. Por um momento, houve um brilho de esperança nos olhos de Ben.

— E podemos beber por conta dessa ocasião?

— Tudo o que quiser. Só que depois.

— Essa não!

Ben desabou numa poltrona e deixou que a cabeça recostasse nas almofadas.

— Não quer saber qual é a ocasião, Ben?

— Não, se eu não puder beber por conta. Vou terminar o curso de doutorado. E isso é algo pelo qual posso beber.

— E eu vou me casar.

— Isso é ótimo... — No instante seguinte, Ben se endireitou na poltrona, arregalando os olhos. — Você o quê?

— Ouviu direito o que eu falei. Nancy e eu vamos nos casar.

Michael falou com o orgulho sereno de um homem que sabe o que quer.

— E vamos para uma festa de noivado?

Ben exibia agora uma expressão de satisfação. Ali estava

algo que valia pelo menos outra meia dúzia de Beefeaters. Talvez até uns sete ou oito.

— Não é uma festa de noivado, Ben Avery. Já lhe disse. É um casamento.

— Agora? — Confusão novamente. Hillyard era de fato um pé no saco. — Por que agora?

— Porque queremos. Além do mais, você está chumbado demais para entender qualquer coisa. Pode dar um jeito para ficar de pé pelo tempo suficiente para ser nosso padrinho?

— Claro. Ora, seu filho da mãe, você vai mesmo...

Ben levantou-se de um pulo da poltrona, cambaleou perigosamente, bateu com o dedão na mesinha do café.

— Mas que merda!

— Trate de vestir algumas roupas sem se matar, Ben. Vou fazer um café para você.

— Está bem.

Ele ainda estava murmurando consigo mesmo quando desapareceu no quarto, mas já estava ligeiramente mais controlado quando voltou. Chegara mesmo a pôr uma gravata sobre a *T-shirt* listrada de azul e vermelho. Michael fitou-o e sacudiu a cabeça, com um sorriso.

— Poderia pelo menos ter escolhido uma gravata que combinasse com essa camisa.

A gravata era marrom escura, com padrões beges e

pretos.

— Preciso mesmo de uma gravata? — Ben parecia subitamente preocupado. — Não consegui encontrar nenhuma que combinasse.

— Basta agora levantar o zíper da calça e estaremos prontos. E talvez seja bom descobrir onde está seu outro sapato.

Ben olhou para os pés e descobriu que estava só com um sapato. Desatou a rir.

— Está certo, estou chumbado. Mas por acaso eu sabia que ia precisar de mim esta noite? Poderia pelo menos ter me contado esta manhã.

— Eu ainda não sabia esta manhã.

Tal resposta provocou uma expressão de seriedade nos olhos de Ben.

— Não sabia?

— Não.

— Tem certeza do que está fazendo?

— Absoluta. E não me venha com sermões. Já ouvi bastante esta noite. Trate apenas de terminar de se arrumar decentemente para podermos ir buscar Nancy.

Michael entregou ao amigo uma caneca de café fumegante.

Ben tomou um gole prolongado e depois fez uma carranca.

— Mas que desperdício de um bom gim!

— Pagaremos quantos você puder tomar depois do casamento.

— Por falar nisso, onde é que vai se casar?

— Já vai descobrir. É uma cidadezinha linda, pela qual estou apaixonado há anos. Passei um verão lá quando era menino. É o lugar perfeito.

— Tem uma licença?

— Não há necessidade. É uma dessas cidadezinhas malucas em que as pessoas podem casar-se com a cara e a coragem. Está pronto?

Ben engoliu o resto do café e assentiu.

— Acho que sim. Puxa estou começando a ficar nervoso. Não está apavorado?

Ele olhou para o amigo, mais sóbrio agora. Mas Michael parecia estranhamente calmo.

— Nem um pouco.

— Talvez saiba o que está fazendo. Não sei... é que... o casamento... — Ben sacudiu a cabeça e olhou novamente para os pés, o que o fez recordar que ainda precisava encontrar o outro sapato. — Mas Nancy é uma garota sensacional.

— Muito mais do que isso. — Michael avistou o outro sapato debaixo do sofá, e pegou-o. — Ela é tudo o que sempre desejei.

— Então espero que o casamento proporcione aos dois tudo o que querem, Michael. Para sempre.

Havia um brilho de ternura nos olhos de Ben e por um momento Michael segurou-o pelos braços.

— Obrigado.

E no instante seguinte os dois desviaram o olhar, ansiosos em partirem, para rirem novamente, para saborearem o momento com alegria, ao invés de solenemente.

— Estou apresentável?

Ben apalpou a calça para verificar se estava com a carteira, depois procurou as chaves.

— Está deslumbrante.

— Ora, vá... Mas onde é que se meteram as minhas chaves?

Ben olhou ao redor, desolado, enquanto Michael ria. As chaves estavam presas numa das presilhas de cinto da calça dele.

— Vamos logo embora, Avery. Já estamos atrasados.

Os dois partiram, de braços dados, entoando canções de cervejaria de verões anteriores. Todo o prédio podia ouvi-los, mas ninguém se importava realmente. Era povoado por estudantes que viviam nas proximidades do campus e todos andavam promovendo os maiores tumultos, quando faltavam duas semanas para terminarem as aulas.

Dez minutos depois, estavam diante do prédio de Nancy,

na Spark Street. Ela acenou nervosamente da janela quando Michael buzinou. Tinha a sensação de que estava pronta há horas. Um momento depois, estava parada ao lado do carro. Por alguns segundos, os dois rapazes ficaram em silêncio. Foi Michael o primeiro a falar:

— Deus do céu, Nancy... você está maravilhosa! Onde conseguiu esse vestido?

— Eu o tinha.

Eles trocaram um sorriso prolongado. Nenhum dos dois se mexeu. Nancy sentiu-se de repente uma noiva da cabeça aos pés, apesar da hora tardia e das circunstâncias heterodoxas. Usava um vestido branco comprido e tinha uma pequena touca azul de cetim sobre os cabelos pretos lustrosos. O vestido fora comprado quando servira como dama de honra no casamento de uma amiga, três anos antes, mas Michael nunca o tinha visto. Ela estava de sandálias brancas e levava um lenço de renda muito antigo e bonito.

— Está vendo, Michael? Algo velho, algo novo... o lenço era de minha avó.

E a pequena touca era azul. Ela estava tão bonita que, por um momento, Michael ficou sem saber o que dizer. Até mesmo Ben parecia ter ficado completamente sóbrio pela contemplação dela..

— Está parecendo uma princesa, Nancy.

— Obrigada, Ben.

— Ei, você tem algo emprestado?

— Como assim?

— Não está lembrada? Algo velho, algo novo... algo emprestado... — Nancy riu e sacudiu a cabeça. — Pois aqui está algo emprestado.

Ben inclinou a cabeça para frente e começou a mexer em algo no pescoço. Um momento depois, ele exibiu uma corrente de ouro delicada e bonita.

— É apenas um empréstimo. Minha irmã me mandou de presente de formatura, mas abri antes. Pode tomar emprestado para o casamento.

Ele se inclinou para fora do carro a fim de prender a corrente no pescoço de Nancy. Terminava um pouco acima da gola rendada do vestido.

— É perfeito.

— Assim como você.

O comentário foi de Michael, que saiu do carro nesse momento e abriu a porta para Nancy entrar. Ele ficara tão atordoado pela aparência dela que por algum tempo fora incapaz de pensar.

— Vá para trás, Avery. Você senta na frente, querida.

— Ela não pode sentar no meu colo?

Ben murmurou um débil protesto, enquanto se transferia

para o banco traseiro. Michael sacudiu-lhe o dedo.

— Não precisa ficar nervoso, cara. Apenas pensei que por ser o padrinho podia...

— Vai acabar virando um homem morto se não tomar mais cuidado, Avery.

O ânimo de ambos era da mais intensa alegria, sendo as palavras pronunciadas em tom zombeteiro. Nancy acomodou-se no banco da frente e fitou radiante o homem com quem estava prestes a casar. Sentiu um momento de apreensão ao pensar em Marion, mas tratou de afastar o problema de sua mente. Aquele era um momento para pensar apenas em si mesma. E em Michael.

— Que noite mais doida... mas estou adorando!

Alternadamente, gracejaram e ficaram em silêncio, no caminho para a pequena cidade em que Michael estava pensando. Chegou finalmente o momento em que nenhum dos três falou mais qualquer coisa. Tinham uma porção de coisas em que pensar. Michael estava recordando o encontro com a mãe, enquanto Nancy pensava em tudo o que aquele dia representava para ela.

— Ainda falta muito, amor?

Nancy estava começando a ficar nervosa e o lenço da avó parecia cada vez mais amarrotado, espremido entre as mãos.

— Faltam apenas sete ou oito quilômetros. Estamos

quase chegando... — Michael acariciou por um momento a mão de Nancy. — Só mais alguns minutos, querida, e estaremos casados.

— Pois então trate de acelerar, mister, antes que eu fique de pés frios — cantarolou Ben, no banco de trás.

Michael calcou o acelerador e entrou na curva seguinte, enquanto os três riam. Mas as risadas rapidamente se transformaram em arquejos, enquanto Michael dava uma guinada desesperada no volante, tentando inutilmente evitar um caminhão que ocupava as duas pistas, avançando na direção deles, depressa demais, quase descontrolado. O motorista devia estar meio adormecido. Nancy recordou-se depois de ter ouvido o grito angustiado de Ben:

— Oh, não!

E sua própria voz, ressoando em seus ouvidos. E depois houve o barulho interminável de vidro espatifado, metal rangendo, sendo destroçado, motores se encontrando, couro e plástico sendo rasgado, tudo se cobrindo com uma mortalha de fragmentos de vidro. E depois, finalmente, tudo parou, o mundo ficou totalmente escuro.

Parecia que se haviam passado muitos anos quando Ben despertou, a cabeça comprimida contra o painel, um latejar horrível nos ouvidos. Tudo estava escuro ao seu redor e parecia haver um punhado de areia em sua boca. Teve a sensação de que

transcorreram mais algumas horas antes que conseguisse abrir os olhos. O esforço deixou-o terrivelmente enjoado, sentindo-se mal. A princípio, não pôde compreender o que viu. Nada parecia fazer sentido. Depois, compreendeu que olhava para o olho direito de Michael. Estava no banco da frente com ele, mas tudo o que podia ver era Michael. E havia um filete de sangue escorrendo lentamente pelo lado do rosto de Michael, continuando pelo pescoço. Era estranho ficar observando, mas por algum tempo foi tudo o que Ben fez... observar... Michael... sangrando... Santo Deus! Ocorreu-lhe finalmente o que estava acontecendo. Acidente... houvera um acidente... ele e Michael estavam no carro e... Ben levantou a cabeça e tentou divisar mais alguma coisa, mas um golpe, que parecia de uma barra de ferro, obrigou-o a baixá-la novamente. Alguns minutos se passaram antes que ele conseguisse recuperar o fôlego e pudesse abrir os olhos novamente. Michael ainda estava caído no mesmo lugar, sangrando. Mas Bem pôde agora constatar que o amigo estava respirando. Desta vez, quando ele se mexeu, nada aconteceu. Pôde levantar a cabeça. O que viu, além de Michael, foi o caminhão que os abalroara, à beira da estrada, capotado. O que ele não viu foi o motorista, sob a cabina do caminhão, morto. Algum tempo se passaria antes que alguém visse isso. E depois Ben compreendeu algo mais, que estava vendo tudo através de janelas abertas. Não restava mais vidro intacto em qualquer lugar

do carro. O vidro estava por cima deles, espatifado em pequenos fragmentos ao redor deles. E no lado de Michael também não havia porta. No instante seguinte, Ben recordou-se de mais uma coisa. Havia outra pessoa no carro... Nancy estava com eles, e para onde estavam indo?

Era muito difícil lembrar-se das coisas, ver tudo direito. A cabeça de Ben doía terrivelmente. Quando ele se mexeu, uma dor terrível subiu-lhe pela perna, continuou pelo lado do corpo. Ele se mexeu para o outro lado, a fim de se livrar da dor. E foi nesse momento que a viu. Nancy... oh, Deus... era Nancy, numa espécie de roupa vermelha e branca, caída sobre o capô, o rosto virado para baixo... Nancy... ela só podia estar morta... Ben já não se importava mais com a dor em sua perna. Arrastou-se por cima do painel, aproximando-se dela. Ele tinha de virá-la... alcançá-la... ajudá-la... Nancy... E foi então que percebeu a poeira tênue que cobria os cabelos de Nancy. Ela estava usando o pára-brisa por cima do vestido, sobre a nuca, sobre... Santo Deus! Com suas últimas reservas de energia, ele a rolou lentamente para o lado.. E depois, desoladamente, com um garotinho aterrorizado.

— Oh, Deus...

Não mais havia qualquer rosto por baixo da touca azul de cetim ensopada de sangue. Ele não podia dizer se Nancy estava morta ou viva. Mas, por um instante horrível, esperou que ela estivesse morta. Porque simplesmente não existia mais nenhuma

Nancy. Não restava absolutamente mais ninguém ali, nem mesmo um remanescente do rosto outrora bonito. E depois, misericordiosamente, entre o sangue de Nancy e as suas próprias lágrimas, Ben desmaiou.

Capítulo 4

Ele parecia terrivelmente pálido, com a mãe sentada ali a observá-lo. Marion Hillyard, sentada num canto do quarto, tinha uma expressão desolada. Já estivera ali antes, naquele quarto, naquele dia, observando aquele rosto... não realmente aquele rosto ou aquele quarto, mas ela tinha a sensação de que nada mudara. Era exatamente como na ocasião em que Frederick tivera o infarto fulminante que o matara em poucas horas. Ela ficara sentada ali, igualmente imóvel, igualmente apavorada, igualmente sozinha. E ele acabara... Frederick... Marion sentiu novamente um soluço subir por sua garganta e respirou fundo. Não podia chorar. Não podia deixar-se dominar por aqueles pensamentos. O marido morrera. Michael não ia morrer. Nada aconteceria a Michael. Ela não deixaria que coisa alguma lhe acontecesse. Estava agora fazendo-o resistir com as últimas reservas de energia que podia dar.

Por um momento, ela desviou o olhar para o rosto da

enfermeira. A mulher estava observando Michael atentamente, mas não havia qualquer sinal de alarme em sua atitude. Ele passara o dia inteiro em estado de coma, desde o acidente na noite anterior. Marion chegara ali às cinco horas da manhã. Telefonara para um serviço de limusine que funcionava 24 horas por dia e viera de carro de Nova York. Mas teria vindo a pé, se fosse necessário. Nada a impediria de ficar ao lado de Michael. Tinha de estar ali para mantê-lo vivo. Michael era agora tudo o que ela tinha. Michael e a firma... e a firma era para ele. Fizera tudo para Michael... isto é, nem tudo por ele, mas a maior parte. Era o maior presente que podia dar ao filho. O presente do poder, do sucesso. Michael não podia jogar tudo fora por causa daquela sem-vergonha... assim como não podia perder tudo morrendo. Oh, Deus! Era tudo culpa dela, daquela maldita mulher. Ela provavelmente persuadira Michael a fazer aquilo. Ela...

A enfermeira levantou-se abruptamente e puxou as pálpebras de Michael. Marion ficou tensa e esqueceu tudo o que estava pensando. Ela também se levantou, silenciosamente, indo postar-se ao lado da enfermeira. O que quer que houvesse para ver, ela queria ver. Mas não havia nada. Nenhuma mudança. A mulher inexpressiva de branco pegou o pulso de Michael por um momento e depois formou com a boca as mesmas palavras de sempre:

— Continua na mesma.

Ela fez um gesto na direção do corredor e Marion seguiu-a para fora do quarto. Desta vez, a preocupação da enfermeira não era com Michael, mas sim com a mãe.

— O Dr. Wickfield pediu-me que lhe dissesse que devia sair às cinco horas, Sra. Hillyard. E, infelizmente...

Ela olhou ameaçadoramente para o relógio e depois sorriu, como se pedisse desculpas. Eram 5h15min. Marion estava ao lado de Michael há exatamente 12 horas. Ficara sentada ali durante o dia inteiro, ininterruptamente, com apenas duas xícaras de café para se manter. Mas não estava cansada, não estava com fome, não estava coisa alguma. E não ia embora.

— Obrigada pela gentileza. Vou andar um pouco pelo corredor e depois voltarei.

Ela não ia deixar Michael. Nunca mais. Deixara Frederick. Apenas por uma hora, para jantar. Haviam insistido que ela comesse alguma coisa e fora nessa ocasião que Frederick morrera. Morrera enquanto ela estava ausente. O que não ia acontecer desta vez. Ela sabia que Michael não morreria enquanto estivesse sentada ali no quarto. As lesões haviam sido principalmente internas, mas o próprio Wickfield achava que Michael poderia em breve emergir do estado de coma. De qualquer forma, Marion não estava disposta a correr qualquer risco. Haviam também pensado que Frederick iria em breve se recuperar. Havia agora

lágrimas nos olhos dela, enquanto ficava parada ali, os olhos vazios fixados na parede azul-clara por trás da enfermeira.

— Sra. Hillyard? — A mulher tocou-lhe gentilmente o braço e Marion estremeceu. — Deve descansar um pouco. O Dr. Wickfield reservou-lhe um quarto no terceiro andar.

— Não há necessidade.

Marion sorriu inexpressivamente para a enfermeira e afastou-se pelo corredor. O sol ainda brilhava na janela na extremidade do corredor. Ela se sentou cuidadosamente no peitoril da janela, para fumar o seu primeiro cigarro em horas e contemplar o sol se pôr atrás de uma igreja branca naquela agradável cidadezinha da Nova Inglaterra. Graças a Deus que a cidade apenas parecia remota, quando na verdade estava a menos de uma hora de carro de Boston. Não houvera a menor dificuldade em trazer os melhores médicos para examinarem Michael. Assim que estivesse em condições Michael seria transferido para um hospital em Nova York. Até lá, ela sabia que, pelo menos, o filho estaria em boas mãos. Em termos médicos, fora Michael quem mais sofrera. O rapaz Avery saíra bastante machucado do acidente, mas estava desperto e vivo. O pai levara-o de ambulância para Boston, naquela tarde. Ele quebrara um braço, uma perna, um pé e uma clavícula, mas iria recuperar-se inteiramente. E, a moça... ora, tudo fora culpa dela, não havia razão para que devesse... Marion apagou o cigarro com um

movimento vigoroso do pé. A moça também ficaria boa. Isto é, pelo menos viveria. A única coisa que ela perdera havia sido o rosto. E talvez tivesse sido até melhor assim. Por uma fração de segundo, Marion quis combater a raiva que sentia, desejou sentir pena da moça... para o caso de toda aquela baboseira sobre caridade cristã ser verdadeira, para o caso de seus sentimentos fazerem alguma diferença para Michael... e pela possibilidade de haver um Deus que pudesse puni-la. Mas não conseguiu. Odiava a moça até o fundo de seu coração.

— Pensei ter deixado ordens para que fosse descansar um pouco.

Marion virou-se na direção da voz, com um sobressalto. Sorriu, cansada, ao deparar com o seu Dr. Wickfield. Wicky.

— Será que nunca acata o que os outros dizem, Marion?

— Não, se puder evitá-lo. Como está Michael?

Ela estava com o cenho franzido, enquanto pegava outro cigarro.

— Acabei de dar uma olhada. Ele continua estável. Já lhe disse que ele vai sair do estado de coma, mas é preciso dar-lhe algum tempo. Todo o seu organismo recebeu um tremendo choque.

— Foi o que também aconteceu comigo, quando recebi a notícia. — O médico assentiu, com uma expressão compreensiva. — Tem certeza de que não haverá lesões permanentes? —

Marion fez uma breve pausa, antes de acrescentar as palavras terríveis: — Lesões cerebrais?

Wickfield afagou-lhe o braço e sentou-se a seu lado no peitoril da janela. Por trás deles, a cidadezinha era um cenário digno de um cartão-postal.

— Já lhe falei tudo, Marion. Na medida em que podemos prever, ele ficará inteiramente bom. Mas é claro que muito vai depender do tempo em que permanecer em estado de choque. Mas posso afirmar-lhe que ainda não estou assustado.

— Mas eu estou.

Eram três palavras bem pequenas na boca de uma mulher muito forte. Surpreenderam o seu médico, que a fitou atentamente. Havia facetas de Marion Hillyard de que ninguém jamais suspeitava.

— Como está a moça? — indagou ela.

Agora ela era novamente a Marion que Wickfield sempre conhecera, os olhos estreitados por trás da fumaça do cigarro, o rosto duro, o medo dissipado.

— Não há muita coisa que possa mudar para ela. Ou pelo menos não por enquanto. O estado dela permaneceu estável durante o dia inteiro, mas não há absolutamente nada que possamos fazer por ela. Por um lado, porque ainda é muito cedo; por outro, porque só existem dois homens em todo o país que podem cuidar desse tipo de reconstrução total. Não restou

absolutamente nada no rosto dela, nem um único osso intacto, nervo ou músculo. Somente os olhos é que não foram totalmente destruidos.

— Melhor assim, porque dessa forma ela poderá contemplar a si mesma.

O Dr. Wickfield teve um sobressalto com o tom de voz de Marion.

— Michael é que estava dirigindo, Marion. Não era ela.

Mas Marion limitou-se a assentir em resposta. Não havia sentido em insistir no assunto com Wickfield. Ela sabia de quem era a culpa. Era toda da moça.

— O que acontece com alguém nesse estado, se o trabalho de reconstrução não for feito? Ela viverá?

— Infelizmente, sim. Mas levará uma vida trágica. Não se pode pegar uma moça de 20 anos e transformá-la num horror desse tipo esperando que se ajuste. Ninguém pode ajustar-se. Ela era... bonita antes do acidente?

— Acho que era. Mas não sei com certeza. Nunca nos encontramos.

A voz de Marion era dura como rocha, assim como os olhos.

— Entendo. Seja como for, ela vai enfrentar uma terrível realidade. Farão tudo o que for possível aqui no hospital, assim que ela melhorar um pouco. Mas não poderá ser muita coisa. Ela

por acaso tem dinheiro?

— Nenhum.

Marion pronunciou a palavra como se fosse uma sentença de morte. Era a pior coisa que podia dizer a respeito de qualquer pessoa.

— Então ela não tem muitas opções. Infelizmente, os homens que fazem esse tipo de trabalho não são de fazer caridade.

— Já pensou em alguém em particular?

— Conheço alguns nomes. Dois, para ser mais exato. O melhor está em São Francisco. — Um pequeno fogo ateou-se no coração do Dr. Wickfield. Com todo o seu dinheiro, Marion Hil1yard podia... se ao menos... — O nome dele é Peter Gregson. Nós nos conhecemos há alguns anos. É realmente um homem extraordinário.

— Ele seria capaz de fazer um trabalho desses?

Wickfield sentiu um impulso de admiração pela mulher. Sentiu vontade de abraçá-la, mas não se atreveu. .

— É bem possível que ele seja o único homem capaz de fazê-lo. Devo... quer que eu entre em contato com ele?

Ele hesitou em dizer as palavras. Marion fitou-o com seus olhos frios e calculistas e Wickfield ficou sem saber o que ela estava pensando. A onda de admiração quase se transformou em medo.

— Eu lhe direi quando chegar o momento.

— Está certo. — Wickfield olhou para o relógio e depois se levantou. — Gostaria que descesse agora e descansasse um pouco. Estou falando sério.

— Sei disso. — Marion presenteou-o com um sorriso frio. — Mas acontece que não vou descansar. E você sabe disso também. Tenho de ficar ao lado de Michael.

— Mesmo que se matasse fazendo isso?

— Não vou me matar. Sou ruim demais para morrer, Wicky. Além disso, ainda tenho muito trabalho a fazer.

— E vale a pena?

Wickfield fitou-a com curiosidade por um momento. Se tivesse um décimo da ambição dela, teria sido um grande cirurgião. Mas não tinha e por isso não era. E nem mesmo tinha certeza se a invejava.

— E vale a pena?

Na segunda vez, ele falou mais suavemente. Marion assentiu.

— Claro que vale. Jamais duvide disso, por um segundo sequer. Tem-me dado tudo o que quero da vida.

A menos que eu perca Michael. Marion fechou os olhos, tratando de afastar o pensamento da mente.

— Muito bem, vou deixá-la mais uma hora com Michael e depois voltarei para cá. E vou obrigá-la a descansar nem que

tenha de aplicar-lhe Nembutal e arrastá-la pessoalmente para fora do quarto. Entendido?

— Está certo. — Marion levantou-se, deixou cair o outro cigarro no chão, esmagou-o com o pé, afagou o rosto dele ligeiramente. — E Wicky... — Ela o fitou sob as pestanas castanhas compridas. Por um momento, era toda suavidade e beleza castanha. — ... obrigada.

Ele a beijou gentilmente no rosto, apertou-lhe o braço e depois recuou por um momento.

— Ele vai ficar bom, Marion. Você vai ver.

Ele não se atreveu a mencionar a moça novamente. Poderiam voltar a falar sobre isso mais tarde. Limitou-se a sorrir e afastou-se, enquanto Marion continuava parada no mesmo lugar, parecendo vulnerável e solitária. Wickfield sentiu-se contente por ter se lembrado de telefonar para George Calloway, poucas horas antes. Marion precisava de alguém a seu lado. Wickfield não parou de pensar nela enquanto avançava pelo corredor. Marion ficou parada, observando-o afastar-se. Só depois que ele sumiu é que ela começou a avançar pelo corredor, um vulto solitário, a caminho do quarto de Michael, passando por portas abertas e fechadas, por desesperos que estavam para chegar e esperanças que jamais se concretizariam. E umas poucas que sobreviveriam. Aquele andar estava reservado para os doentes em estado crítico e não saía qualquer ruído dos quartos pelos quais ela passava,

lentamente. Já estava na metade do corredor quando ouviu soluços convulsivos saindo por uma porta aberta. Os sons eram tão baixos que a princípio Marion não teve certeza se estava mesmo ouvindo alguma coisa. E foi então que viu o número do quarto e compreendeu tudo. Estacou abruptamente, como se tivesse esbarrado numa parede invisível. Olhou para a porta e para a escuridão além.

Podia avistar a cama no canto, os contornos meio indefinidos. Mas o quarto estava às escuras. Todas as persianas e cortinas estavam fechadas, como se a paciente não pudesse ser atingida pela luz. Marion ficou parada ali por um longo tempo, com receio de entrar no quarto, mas sabendo que tinha de fazê-lo. Lentamente, um pé depois do outro, suavemente, quase deslizando, ela avançou um pouco pelo quarto. E parou novamente. Os soluços eram um pouco mais altos agora e soando a intervalos mais rápidos, com ligeiros arquejos de pânico.

— Há alguém aí?

Toda a cabeça da jovem estava envolta por ataduras e a voz soava abafada e estranha.

— Há alguém aí? — A voz tornou-se um pouco mais alta. — Não posso ver.

— Seus olhos estão apenas cobertos por ataduras. Não há nada de errado com seus olhos. — Mais tais palavras foram recebidas por novos soluços. — Por que está acordada?

Marion falava num tom impassível. Não eram palavras visando a tranqüilizar, mas sim palavras inteiramente destituídas de toda e qualquer emoção. A própria Marion tinha a sensação de que estava falando num sonho. Mas sabia que tinha de estar ali. Não havia outro jeito. Pelo bem de Michael.

— Não lhe deram nada para dormir?

— Não funciona. Continuo acordando a todo instante.

— A dor é terrível demais?

— Não. Sinto o corpo todo dormente. Quem... quem é você?

Marion ficou com medo de dizer. Em vez disso, aproximou-se da cama e sentou-se na cadeira azul estreita que alguma enfermeira devia ter deixado ali. As mãos da moça também estavam envoltas em ataduras e pediam nos lados, inúteis. Marion recordou-se de que Wicky lhe dissera que a moça naturalmente usara as mãos para proteger o rosto. As lesões nas mãos eram tão grandes quanto no rosto, o que seria terrível para ela, por ser uma pintora. Em suma, toda a vida daquela moça estava praticamente liquidada. A juventude, a beleza, o trabalho. E o seu romance. Mas agora Marion sabia o que tinha de dizer.

— Nancy... — era a primeira vez que ela pronunciava o nome, mas agora isso não tinha importância. Não havia alternativa. — Eles...

Marion fez uma pausa. Sentada ali, ao lado da jovem

mutilada, sua voz era suave e insinuante.

Houve um silêncio total no quarto por um tempo interminável. Depois, um pequeno soluço angustiado emergiu do meio das ataduras.

— Já lhe falaram sobre o terrível estado em que seu rosto ficou?

Marion sentiu o estômago revirar-se ao pronunciar tais palavras, mas não podia parar agora. Tinha de libertar Michael. Se o libertasse, ele viveria. Ela podia sentir isso no fundo de si mesma.

— Já lhe contaram como seria impossível reconstituí-lo com perfeição?

Os soluços eram agora furiosos.

— Mentiram para mim! Disseram...

— Só há um homem que pode realizar o trabalho com perfeição, Nancy. E custaria centenas de milhares de dólares. Não tem condições de pagar. Nem Michael.

— Eu jamais permitiria que Michael pagasse! — Ela estava agora furiosa com a voz, assim como se revoltava contra o destino. — Nunca permitiria...

— E o que vai fazer então?

Os soluços recomeçaram

— Poderia enfrentá-lo desse jeito?

Demorou alguns minutos para que o "não" sufocado

saísse do meio das ataduras.

— Acha que ele iria amá-la desse jeito? Mesmo que ele tentasse, por sentir algum vinculo de lealdade, alguma obrigação, quanto tempo acha que poderia durar? Quanto tempo você suportaria saber sua aparência e o que está fazendo com ele?

Os sons que Nancy emitia agora eram assustadores. Ela dava a impressão de que estava passando muito mal e Marion perguntou-se qual teria sido sua reação naquelas circunstâncias.

— Não restou nada de você, Nancy. Absolutamente nada. Nada restou da vida que você tinha antes deste dia.

As duas permaneceram num silêncio interminável. Marion tinha a impressão de que iria ouvir aqueles soluços para sempre. Mas tinha que ser doloroso, caso contrário não daria certo.

— Já o perdeu, Nancy. Não pode fazer uma coisa dessas com ele. E ele... ele merece muito mais do que isso. Se o ama, sabe disso. E... e você também merece. Mas pode ter uma vida nova, Nancy.

A moça nem mesmo se deu ao trabalho de responder, continuando a soluçar.

— Pode ter uma vida nova, Nancy. Um mundo inteiramente novo. — Marion esperou, até que os soluços se tornaram novamente furiosos e depois cessaram. — Um rosto inteiramente novo, Nancy.

— Como?

— Há um homem em São Francisco que pode torná-la bonita novamente. Que pode fazê-la capaz de pintar outra vez. Levaria muito tempo, um dinheiro incalculável. Mas valeria a pena, Nancy... não acha?

Havia agora um sorriso incipiente nos cantos da boca de Marion. Estava em terreno familiar. Era como fazer uma transação de muitos milhões de dólares. Uma transação de 100 milhões de dólares. No final, era tudo a mesma coisa.

Um pequeno suspiro entrecortado emergiu das ataduras.

— Nós não temos condições para um tratamento desses.

Marion quase estremeceu ao ouvir o "nós". Não eram mais um "nós". Nunca haviam sido. Ela, Marion, e Michael é que eram o "nós". Não aquela... aquela... Marion respirou fundo, tratando de recuperar o controle. Tinha um trabalho a fazer. Era a única maneira pela qual podia pensar sobre o caso. Não podia pensar na moça. Apenas em Michael.

— Vocês não podem, Nancy. Mas eu posso. Sabe agora quem eu sou, não é mesmo?

— Sei.

— Pode compreender que já perdeu Michael? Que ele não pode sobreviver à pressão e tragédia do que lhe aconteceu, se é que conseguirá escapar com vida do acidente? Pode compreender isso, não é mesmo?

— Posso.

— E sabe que seria uma iniqüidade tentar submetê-lo a essa provação, fazê-lo demonstrar a sua lealdade para com você?

Marion não queria dizer a palavra "amor". Aquela moça não era digna de tanto. E isso era algo em que Marion tinha de acreditar de qualquer maneira.

— Pode compreender isso, Nancy? — Houve um momento ele silêncio. — Pode, Nancy?

Desta vez, a resposta foi uma palavra, desesperada, exausta, desolada:

— Posso.

— O que significa que já perdeu tudo o que podia perder, não é mesmo?

— É, sim.

Novamente a voz soava destituída de inflexão, sem qualquer vida. Era como se a própria vida estivesse se escoando da moça.

— Nancy, eu gostaria de lhe propor um pequeno acordo.

Era Marion Hillyard no melhor de sua classe. Se o filho pudesse ouvi-la naquele momento, sentiria vontade de matá-la.

— Gostaria que pensasse sobre aquele rosto novo. Sobre uma nova vida, uma nova Nancy. Pense nisso. Sobre o que poderia representar. Seria bonita novamente, poderia outra vez ter amigos, poderia ir a lugares... restaurantes, cinemas, lojas...

poderia vestir roupas bonitas e sair com homens. A alternativa... as pessoas se encolhendo e recuando quando você se aproximar. Não poderia ir a lugar nenhum, não poderia fazer coisa alguma, não seria ninguém. As crianças chorariam se a vissem. Pode imaginar o que seria viver assim? Mas tem uma opção.

Marion parou de falar, dando tempo para que a moça absorvesse suas palavras.

— Não, não tenho.

— Tem, sim. Quero dar-lhe essa opção. Eu lhe darei essa nova vida. Um novo rosto, um novo mundo. Um apartamento em outra cidade, enquanto o trabalho estiver sendo realizado... qualquer coisa que precisar, qualquer coisa que quiser. Não haverá qualquer dificuldade. Dentro de um ano mais ou menos, Nancy, o pesadelo estará terminado.

— E depois?

— Você estará livre. A. nova vida lhe pertencerá.

Houve uma pausa interminável, enquanto Marion se preparava para desfechar o golpe de misericórdia que Nancy estava esperando.

— Contanto que você nunca mais volte a entrar em contato com Michael. O novo rosto será seu somente se renunciar a Michael. Mas se não aceitar... meu presente, sabe que de qualquer maneira já o perdeu. Assim, por que viver o resto de sua vida como uma aberração, se não tem necessidade?

— E, se Michael não quiser respeitar o acordo? E se eu me afastar dele, mas Michael não quiser ficar longe de mim?

— Tudo o que quero de você é a promessa de que ficará longe dele. O que Michael quiser fazer é problema dele.

— E você vai respeitar isso? Se Michael me quiser... se vier atrás de mim... então é tudo com ele?

— Respeitarei isso.

Deitada ali, Nancy sentiu-se vitoriosa. Conhecia Michael infinitamente melhor que a mãe dele. Michael jamais renunciaria a ela. Acabaria por encontrá-la e insistiria em ajudá-la a superar a provação. A esta altura, ela já estaria a caminho de se tomar a mesma Nancy de antes. A mãe dele não poderia vencer, por mais que tentasse. Aceitando o acordo, Nancy estaria de certa forma trapaceando, pois já sabia qual seria o resultado. Mas tinha de aceitar. Não havia alternativa.

— Vai aceitar?

Marion quase perdeu a respiração, enquanto esperava pela palavra por que estava rezando, a palavra que libertaria Michael. E finalmente essa palavra chegou.

Mas seria uma palavra de vitória, não de derrota. Estaria impregnada com toda a fé que Nancy depositava em Michael. Ela se recordou das palavras que Michael lhe dissera na praia, na manhã anterior, ao esconderem as contas: "Prometo nunca dizer adeus". Ela sabia que ele jamais o faria.

— Qual é a sua resposta, Nancy?

Marion não podia esperar por mais tempo. O coração dela não suportaria.

— Sim.

Capítulo 5

Marion Hillyard estava parada à entrada do hospital num vestido preto de lã e com um casaco preto de Cardin, observando os homens que embarcavam a moça em uma ambulância. Eram seis horas da manhã e ela não voltara a falar com Nancy. Assim que haviam concluído o acordo na noite anterior, Marion imediatamente pedira a Wicky que telefonasse para o homem que ele conhecia em São Francisco. Wickfield ficara na maior alegria. Ele beijara Marion no rosto e depois tratara de entrar em contato com Peter Gregson, encontrando-o em casa. Gregson concordara em realizar o trabalho. E pedira que Nancy seguisse imediatamente para a Califórnia. Marion providenciara um compartimento especial de primeira classe e duas enfermeiras, num jato que partia para São Francisco às oito horas da manhã.

— Ela é uma moça de sorte, Marion.

Wickfield contemplou-a com expressão de admiração, enquanto ela esmagava outro cigarro.

— Também acho. E não quero que Michael saiba, Wicky. Entendido? — Wickfield entendia, assim como a insinuação do "ou então" na voz dela. — Se alguém contar alguma coisa a Michael, cancelo imediatamente o tratamento dela.

— Mas por quê? Ele tem o direito de saber o que você fez pela moça.

— Fica entre nós duas. Ou melhor, entre nós quatro, incluindo você e Gregson. Michael não precisa saber de nada. Quando ele sair do estado de coma, não deve mencionar-lhe a moça. Só serviria para deixá-lo nervoso.

Se é que Michael ia sair do estado de coma. Marion cochilara numa cadeira ao lado dele durante a noite inteira, apesar dos protestos de Wicky. Mas sentira-se estranhamente revigorada depois de sua conversa com Nancy. Finalmente libertara Michael. Agora ele podia viver. De certa forma, dera a vida a ambos. E sabia que estava certa ao agir como fizera.

— Não vai dizer coisa alguma, não é mesmo, Robert?

Marion nunca o chamava assim, exceto para recordar-lhe o que o dinheiro Hil1yard fizera por seu hospital.

— Claro que não, se é isso o que você quer.

— É, sim.

Houve o estrépito seco da porta da ambulância sendo fechada. A derradeira manta azul que envolvia a moça desapareceu, assim como as duas enfermeiras. Elas ficariam com Nancy pelos primeiros seis ou oito meses em São Francisco. Depois disso, dissera Gregson, a moça não mais precisaria delas. Mas durante esses seis ou oito meses ela passaria a maior parte do tempo com os olhos vendados, enquanto ele trabalhava nas pálpebras e nariz, testa e faces. Era preciso reconstruir inteiramente o rosto. E havia outras despesas envolvidas.

Nancy precisaria dos cuidados quase constantes de um psiquiatra, para poder enfrentar o choque emocional de se transformar numa nova pessoa. Não havia a menor possibilidade de Gregson restaurar o mesmo rosto que ela tivera antes. Ele tinha de criar uma mulher inteiramente nova. Marion achou que a idéia não podia ser melhor. Assim, a moça ficaria ainda mais apartada de Michael. Estava eliminada a possibilidade de um encontro por acaso num aeroporto, cinco anos depois. Marion não queria que isso acontecesse. Ela repassou mentalmente as providências que havia acertado pelo telefone com Gregson, às quatro horas daquela madrugada, uma hora em São Francisco. Ele dera a impressão de ser inteligente e dinâmico, um homem na casa dos 40 anos, com reputação internacional extraordinária em seu campo. Nancy era uma moça de muita sorte.

Gregson dissera que mandaria sua secretária cuidar dos detalhes. O apartamento, as roupas. Haviam rapidamente calculado o custo de 18 meses de cirurgia e as despesas adicionais de cuidados psiquiátricos, enfermeiras permanentes por algum tempo e até mesmo medidas de apoio de caráter geral. Terminaram por fixar-se em 400 mil dólares como uma cifra razoável. Marion telefonaria para seu banco às nove horas e mandaria transferir a quantia para a conta de Gregson em São Francisco. O dinheiro já estaria lá quando o banco dele abrisse, às nove horas. Não que Gregson estivesse preocupado com isso.

Sabia quem era Hillyard. Quem não sabia?

— Por que não entra agora e come alguma coisa, Marion?

Wickfield estava perdendo a esperança de ter qualquer influência sobre ela e Calloway dissera que não poderia deixar Nova York antes daquela manhã. Wickfield não sabia que Marion dissera a Calloway que não viesse. Ela queria estar sozinha para poder acertar devidamente os termos do "negócio". E tudo saíra à perfeição.

— Marion?

— O que é?

— Vai tomar o café?

— Mais tarde, Wicky. Quero antes ver como Michael está.

— Vou subir para dar uma olhada nele agora.

Marion parou por um momento no banheiro, enquanto Wickfield seguia em frente para ver Michael. Mas ele não esperava qualquer mudança imediata. Afinal, o examinara apenas uma hora antes.

Mas havia um estranho silêncio quando Marion entrou no quarto cinco minutos depois. Wicky estava afastado da cama, com expressão solene, a enfermeira não estava mais no quarto.

O sol da Nova Inglaterra incidia sobre a cama e de algum lugar vinha o barulho de água pingando numa pia. Tudo estava quieto demais. Subitamente, Marion sentiu que o coração lhe subia à boca. Era como na ocasião em que Frederick... oh,

Deus!... a mão de Marion subiu involuntariamente para o coração e ela ficou paralisada na porta, olhando de Wicky para a cama. E depois ela o viu e seus olhos se encheram de lágrimas. Estava sorrindo para ela... o seu menino. Não era absolutamente como Frederick. Um soluço ficou preso em sua garganta e ela se encaminhou para a cama, as pernas trêmulas. Inclinou-se e tocou o rosto dele com as mãos.

— Oi, mamãe.

Eram as palavras mais lindas que ela já tinha ouvido e as lágrimas escorreram por suas faces enquanto sorria.

— Eu o amo, Michael.

— Também a amo.

Até mesmo Wickfield tinha lágrimas nos olhos enquanto os observava. O rapaz, tão jovem e bonito e vivo novamente, a mulher que tanto dera de si nos últimos dois dias. Ele saiu discretamente do quarto e nenhum dos dois ouviu-o retirar-se.

Marion ficou abraçando o filho gentilmente por longo tempo, depois passou a mão pelos cabelos dele.

— Não precisa mais se preocupar, mamãe. Está tudo bem. Puxa, como estou com fome!

Marion riu. Michael parecia estar muito bem. Estava vivo novamente. E era todo dela.

— Vamos oferecer-lhe o café da manhã maior e mais especial que já conheceu em toda a sua vida, se Wicky achar que

não há problema.

— Wicky que se dane. Estou morrendo de fome.

— Michael!

Mas Marion não podia zangar-se com ele. Podia apenas amá-lo. Mas depois, enquanto ela o contemplava, viu o rosto de Michael tornar-se abruptamente sombrio, como se recordasse de repente por que estava ali. Antes disso, ele se comportara como se tivesse acabado de despertar depois que lhe haviam arrancado as amígdalas. Tudo o que queria era sorvete e a mãe. Mas agora havia muito mais coisas no rosto de Michael. Ele tentou sentar-se na cama. Não sabia como dizer as palavras, mas tinha de perguntar de qualquer maneira. Examinou atentamente o rosto de Marion, que manteve os olhos fixados nos dele, segurando-lhe a mão firmemente.

— Fique calmo, querido.

— Mamãe... os outros... a noite passada... estou me lembrando do que aconteceu...

— Ben já voltou para Boston com o pai. Ele ficou bastante machucado, mas vai se recuperar. O estado dele não era tão grave quanto o seu.

Marion pontuou tais palavras com um suspiro e apertou ainda mais a mão do filho. Ela já sabia o que viria em seguida. Mas estava preparada para a pergunta.

— E... Nancy? — O rosto dele estava branco como

marfim ao pronunciar o nome da moça. — E Nancy, mamãe?

As lágrimas já apareciam nos olhos de Michael. Ele podia divisar a resposta no rosto da mãe, enquanto ela se sentava cuidadosamente na cadeira ao lado da cama e passava a mão gentilmente pelos contornos do rosto dele.

— Ela não conseguiu se salvar, querido. Fizeram tudo o que era possível. Mas as lesões que ela sofreu haviam sido grandes demais. — Marion fez uma pausa por uns poucos segundos e depois acrescentou: — Ela morreu esta madrugada.

— Você a viu?

Michael ainda estava imóvel, observando atentamente o rosto da mãe, à procura de algo mais.

— Passei algum tempo sentada com ela na noite passada.

— Oh, Deus... e eu não estava lá! Oh, Nancy...

Michael virou a cabeça contra o travesseiro e chorou como uma criança, enquanto Marion lhe segurava firmemente os ombros. Ele murmurou o nome dela vezes sem conta, interminavelmente, até que finalmente não podia mais continuar a chorar. Enquanto se virou a fim de olhar novamente para a mãe, ela viu algo no rosto de Michael que nunca antes conhecera. Era como se ele tivesse perdido alguma coisa de si mesmo durante aqueles momentos em que ficara murmurando o nome de Nancy. Como se uma parte dele tivesse se esvaído e morrido.

Capítulo 6

Nancy ouviu o barulho do trem de aterrissagem sendo baixado. Pela centésima vez, desde que o vôo começara, sentiu o contacto da mesma mão que já lhe tocara o braço antes. Era estranhamente reconfortante sentir a mão da enfermeira e ficou satisfeita ao constatar que já podia reconhecer a diferença entre as duas. Uma das mulheres tinha mãos finas e delicadas, com dedos compridos, as mãos estavam sempre frias, mas havia um indício de grande força na maneira como seguravam Nancy. E faziam com que Nancy se sentisse corajosa novamente, pelo simples contato. A outra enfermeira tinha mãos quentes, gorduchas, macias, que a faziam sentir-se segura e amada. Ela afagava constantemente o braço de Nancy. Fora ela quem aplicara em Nancy as duas injeções contra a dor. Possuía voz suave e tranqüilizadora. A primeira mulher tinha um ligeiro sotaque. Nancy já estava gostando das duas.

— Agora não vai demorar muito, minha cara. Já podemos ver a baía. Mais alguns minutos e estaremos aterrissando.

Mas o avião ainda levaria 20 minutos para pousar. Era o tempo que Paul Gregson estava contando, enquanto avançava rapidamente pela *freeway* em seu Porsche preto. A ambulância iria encontrar-se com ele no aeroporto. Mais tarde, ainda naquela

manhã, poderia mandar uma das moças do escritório buscar o seu carro. Gregson queria ir para a cidade junto com a moça. Estava intrigado. Ela devia ser "Alguém" para que Marion Hillyard se interessasse tanto pelo seu caso. Afinal, 400 mil dólares era uma quantia e tanto. E apenas 300 mil seriam para ele. Os outros 100 mil dólares serviriam para manter a moça confortavelmente, pelo próximo ano e meio. O que de fato aconteceria. Fora o que ele prometera a Marion Hillyard. De qualquer forma, teria mesmo providenciado isso. Era parte do trabalho que fazia. Precisaria conhecer até a própria alma da moça. Iriam tornar-se mais que amigos; ele passaria a representar tudo para a moça e vice-versa. Tinha de ser assim, porque ela seria a pessoa com que ia parecer no momento em que seu novo rosto nascesse. Peter Gregson ia dar à luz Nancy McAllister, depois uma gravidez de 18 longos meses. Ela teria de ser uma moça bastante corajosa. Mas certamente seria. Ele providenciaria para que assim fosse. Enfrentariam tudo juntos. A própria idéia excitou-o. Ele amava o que fazia e, de uma estranha maneira, já amava Nancy. Amava aquilo em que a transformaria. O que ela seria. Iria dar a Nancy tudo o que ele tinha para dar.

Gregson olhou para o relógio e pisou mais ainda no acelerador. O carro era uma de suas válvulas de escape prediletas. Ele também pilotava seu próprio avião, dedicava-se à caça submarina sempre que tinha tempo, esquiava, já havia escalado

diversas montanhas da Europa. Era um homem que gostava de alcançar as culminâncias, por todos os meios possíveis. Gostava de desafiar o impossível e vencer. Era por isso que amava seu trabalho. Muitas pessoas acusavam-no de bancar Deus. Mas não era realmente isso. Era a emoção dos percalços insuperáveis que o estimulava. E até hoje ele nunca fora derrotado. Nem pelas mulheres, pelas montanhas ou pelo céu. Nem mesmo por uma paciente. Aos 47 anos, havia conquistado tudo em que tocara. E ia vencer novamente agora. Os cabelos pretos de Gregson agitavam-se ao vento e os olhos quase transbordavam de vida. Ainda tinha um bronzeado da semana que passara recentemente no Tahiti. Vestia calça esporte cinza e suéter de casimira azul-clara, da cor de seus olhos. Estava sempre impecavelmente vestido, as roupas combinando perfeitamente. Era um homem de aparência excepcionalmente atraente, mas tinha algo mais do que isso. Era a sua vitalidade, a sua exuberância, que atraíam a atenção das pessoas muito mais que a aparência.

Ele encostou o carro no meio-fio, diante do aeroporto, exatamente no momento em que o avião de Nancy tocava na pista. Exibiu um passe especial para um guarda, que assentiu e prometeu ficar de olho no carro. Até mesmo o guarda sorriu para Gregson. Peter Gregson era um homem que ninguém podia ignorar. Possuía um encanto quase irresistível e uma força que transparecia em tudo o que fazia. E despertava nas pessoas a

vontade de estarem perto dele.

Avançou rapidamente pelo saguão do aeroporto e foi falar com um supervisor. O homem pegou um telefone e momentos depois Peter foi levado por uma porta, desceu um lance de escada e embarcou em um pequeno veículo do aeroporto. Foi levado pela pista até o local em que a ambulância estava parada, com os atendentes esperando que a paciente fosse desembarcada do avião. Agradeceu ao motorista que o trouxera e depois seguiu apressadamente para a ambulância. Verificou rapidamente o interior da ambulância, a fim de conferir se suas ordens haviam sido cumpridas. E haviam, ao pé da letra. Lá estava tudo o que ele precisava. Era difícil imaginar em que estado a moça poderia ter ficado depois do vôo. Mas ele a queria em São Francisco imediatamente, a fim de poder supervisionar tudo de perto. Tinha muito planejamento a fazer e o trabalho iria começar dentro de poucos dias.

Os outros passageiros foram retidos por mais alguns minutos enquanto Nancy era retirada do avião. As aeromoças recuaram, com expressões sombrias, desviando o olhar dos vidros e tubos de transfusão que pendiam sobre a moça envolta em ataduras, mas as enfermeiras pareciam estar conversando com a paciente, enquanto a acompanhavam para fora do avião. Peter Gregson gostou da aparência das enfermeiras. Eram jovens, mas competentes, pareciam trabalhar bem como uma equipe. Era

justamente o que ele desejava. Todos iriam fazer parte de uma equipe pelo próximo ano e meio e cada pessoa tinha a sua importância. Não havia lugar para relutância ou incompetência. Todos tinham que ser o melhor de que eram capazes, inclusive Nancy. Mas disso ele cuidaria. Nancy ia ser a estrela do espetáculo. Ele ficou observando enquanto a levavam para longe do lugar em que estava e esperou até que a maca fosse ajeitada suavemente no interior da ambulância. Sorriu para as enfermeiras, mas não disse nada. Ergueu a mão, gesticulando para que esperassem um pouco, enquanto entrava na ambulância e sentava-se em um banco ao lado de Nancy.

Pegou a mão dela e suspendeu-a ligeiramente.

— Olá, Nancy. Sou Peter. Como foi a viagem?

Como se ela fosse algo concreto. Como se ainda fosse alguém e não apenas uma massa informe. Nancy sentiu um alívio imenso invadi-la ao ouvir a voz de Peter Gregson.

— Foi tudo bem. É o Dr. Gregson?

Ela parecia cansada, mas interessada.

— Exatamente. Mas acho que Peter soa um pouco menos formal entre duas pessoas que vão trabalhar juntas.

Nancy gostou da maneira como ele falou; se pudesse, teria sorrido.

— Veio ao aeroporto para me receber?

— Não teria feito a mesma coisa?

— Teria. — Nancy queria sacudir a cabeça em assentimento, mas não podia. — Obrigada.

— Estou contente por ter vindo esperá-la. Já esteve em São Francisco alguma vez antes, Nancy?

— Não.

— Pois vai adorar a cidade. E vamos arrumar-lhe um apartamento de que vai gostar tanto que nunca mais vai querer ir embora. Talvez já saiba que a maioria das pessoas nunca deixa São Francisco. A partir do momento em que chegam aqui, as pessoas querem ficar para sempre. Eu próprio vim de Chicago há cerca de 15 anos e nada neste mundo me faria voltar.

Nancy riu pela maneira como ele falou. Peter sorriu e indagou:

— Você é de Boston?

Ele a estava tratando como se tivessem sido apresentados por amigos comuns. Mas queria que ela relaxasse depois do longo vôo. E uns poucos minutos sem movimento iriam fazer-lhe bem. As enfermeiras também estavam contentes pela oportunidade de esticarem as pernas por algum tempo, enquanto conversavam com os dois atendentes da ambulância a fim de verificarem se o Dr. Gregson ainda estava conversando com Nancy. Já tinham simpatizado com ele. O Dr. Gregson irradiava simpatia.

— Não. Eu era de New Hampshire. Ou pelo menos foi lá que cresci. Num orfanato. Mudei-me para Boston quando estava

com 18 anos.

— Parece muito romântico. Ou será que o orfanato era uma instituição saída diretamente de Dickens ?

Ele imprimiu à indagação um toque leve, uma conotação feliz. Nancy não pôde deixar de rir da pergunta referente a Dickens.

— Absolutamente. As freiras eram maravilhosas. E de tal forma que por muito tempo pensei em me tomar freira.

— Essa não! Quero que saiba de uma coisa... — Nancy riu novamente, por causa do tom com que ele falava. — Quando terminarmos com o nosso projeto, minha jovem, estará prontinha para Hollywood. Se for esconder-se em algum convento, eu... eu... eu... ora, vou me atirar da ponte! É melhor prometer logo de uma vez que não vai sair daqui para virar freira em algum lugar.

Era uma promessa fácil de fazer. Ela tinha de ficar preparada para Michael. Os sonhos de se tornar a Irmã Agnes Marie haviam se dissipado há anos, mas ela queria provocar Gregson mais um pouco. Já estava gostando dele.

— Está bem, está bem...

Nancy falou relutantemente, mas havia um indício de riso em sua voz.

— Isso é uma promessa? Vamos, quero que diga uma coisa: eu prometo.

— Eu prometo.

— O que está prometendo?

Ambos estavam agora rindo.

— Prometo não ser uma freira.

— Assim está melhor.

Ele fez sinal para que as duas enfermeiras embarcassem na ambulância. Os atendentes seguiram para a frente do veículo. Nancy estava agora pronta para ir e ele não queria cansá-la com conversa demasiada.

— Porque não me apresenta a suas amigas, Nancy?

— Deixe-me ver... as mãos frias são de Lily e as quentes de Gretchen.

Os quatro riram.

— Muito obrigada, Nancy.

Lily riu afavelmente, enquanto Nancy sorria para si mesma. Sentia-se segura com seus novos amigos e tudo o que podia pensar naquele momento era como pareceria para Michael, depois que tudo estivesse terminado. Já estava gostando de Peter Gregson e subitamente compreendeu que ele iria fazê-la alguém muito especial, porque se importava com a sorte dela.

— Seja bem-vinda a São Francisco, mocinha.

As mãos frias de Lily foram substituídas pelas mãos fortes e gentis de Peter Gregson. Ele manteve a mão pousada de leve sobre o ombro de Nancy durante toda a viagem até a cidade. Estranhamente, ele fazia com que Nancy sentisse que havia che-

gado em casa.

Capítulo 7

As portas da ambulância abriram-se e levaram a maca para o hotel. O gerente estava esperando para recebê-los, tendo reservado uma suíte de cobertura para atendê-los. Estavam planejando ficar apenas um ou dois dias, mas o hotel proporcionaria um intervalo necessário entre o hospital e a casa. Marion tinha algumas reuniões de negócios em Boston e, além disso, por alguma razão inexplicável, Michael insistira em passar alguns dias num hotel, antes de voltar para casa. E a mãe estava disposta a atender a todos os caprichos dele.

Os atendentes da ambulância puseram-no cuidadosamente na cama. Michael fez uma careta.

— Pelo amor de Deus, mamãe, não há nada de errado comigo! Disseram que já estou bem!

— Mas não há necessidade de exagerar.

— Exagerar?

Michael correu os olhos pela suíte e resmungou, enquanto Marion dava uma gorjeta aos atendentes da ambulância, que prontamente desapareceram. O quarto estava repleto de flores e havia uma imensa cesta de frutas numa mesinha perto da cama. A

mãe era a proprietária do hotel. Comprara-o anos antes, como um investimento.

— Procure relaxar agora, querido. Não fique excitado demais. Vai querer alguma coisa para comer?

Marion quisera manter a enfermeira, mas até mesmo o médico dissera que era desnecessário e que só serviria para agravar ainda mais o estado nervoso de Michael. Tudo o que ele precisava agora era descansar por outras duas semanas e depois podia começar a trabalhar. Mas ele tinha de fazer uma coisa antes.

— Não gostaria de almoçar agora, querido? – indagou Marion.

— Quero, sim. *Escargots*. Ostras Rockefeller. Champanha. Ovos de tartaruga e caviar.

Michael sentou-se na cama, como uma criança travessa.

— Mas que combinação horrível, meu amor! — Mas Marion não estava realmente escutando. Deu uma olhada no relógio, antes de acrescentar — Mas pode pedir o que quiser. George deve estar chegando. Nosso encontro no centro é à uma hora.

Ela saiu do quarto, meio distraída, para procurar sua mala. Michael ouviu a campainha tocar na porta da frente da suite. Um momento depois, George Calloway entrou no quarto dele.

— E então, Michael, como está se sentindo?

— Depois de duas semanas no hospital sem fazer

absolutamente nada, estou me sentindo principalmente constrangido.

Ele tentava não dar muita importância à situação, mas ainda havia uma expressão desolada em seus olhos. Marion havia percebido tal expressão, mas atribuíra à fadiga. Afastara dos pensamentos a possibilidade de qualquer explicação alternativa. E ela e Michael jamais discutiam o assunto. Conversavam sobre os negócios, sobre o projeto para o centro médico em São Francisco. Jamais sobre o acidente.

— Estive em sua sala esta manhã, Michael. Ficou realmente muito boa.

George sorriu, sentando-se ao pé da cama.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

Michael observou a mãe entrar no quarto. Ela usava um costume Chanel cinza-claro, com blusa de seda azul, brincos de pérolas e três fieiras de pérolas no pescoço.

— Mamãe tem muito bom gosto.

— Também acho.

George sorriu afetuosamente para Marion, mas ela acenou nervosamente indicando que estava na hora de irem embora.

— Pare de jogar confete. Já estamos atrasados. Trouxe os documentos de que precisamos, George?

— Claro.

— Então vamos embora. Ela se aproximou rapidamente

da cama de Michael e inclinou-se para beijar-lhe o alto da cabeça.
— Descanse, querido. E não se esqueça de pedir o almoço.

— Sim, madame. E boa sorte na reunião.

Marion levantou a cabeça e sorriu de pura expectativa.

— A sorte nada tem a ver com os resultados.

Os dois homens riram e Michael ficou observando-os se retirarem.

Depois, sentou-se na cama. Ficou sentado em silêncio, pacientemente esperando e pensando. Sabia exatamente o que ia fazer. Há duas semanas que vinha planejando. Vivera para aquele momento. Era a única coisa em que podia pensar. Fora por isso que sugerira ficarem um pouco no hotel, chegara mesmo a insistir, recomendara à mãe que comparecesse pessoalmente às reuniões para tratar do projeto da nova biblioteca pública de Boston. Michael precisava daquela tarde só para si. Não queria estragar coisa alguma com a possibilidade de irem atrás dele. Queria ter certeza de que ninguém iria impedi-lo. Por isso, ficou sentado exatamente onde estava por meia hora. E depois teve certeza de que eles tinham ido mesmo.

Ensaiara tudo mentalmente uma centena de vezes. Foi rapidamente à sua mala no estrado ao pé da cama e tirou o que precisava. Calça cinza, camisa azul, sapatos de lona, meias, cueca. Parecia que se haviam passado mil nos desde que se vestira assim pela última vez. Ficou surpreso ao constatar como estava trêmulo

ao vestir-se. Teve de sentar-se três ou quatro vezes, a fim de recuperar o fôlego. Era ridículo sentir-se tão fraco assim e ele não estava disposto a se entregar. Não iria esperar mais um dia. Ia até lá agora, de qualquer maneira. Levou quase. meia hora para vestir-se e pentear os cabelos. Depois, telefonou para a portaria e pediu um táxi. Estava extremamente pálido ao descer do elevador, mas o excitamento pelo plano que estava executando fazia com que se sentisse melhor. A simples perspectiva proporcionava-lhe ânimo novamente, como nenhuma outra coisa o fizera em duas semanas. O táxi estava a sua espera, encostado no meio-fio.

Michael deu o endereço ao motorista e recostou-se, com um sentimento de imensa exultação. Era como se tivessem marcado um encontro, como se ela estivesse a sua espera, como se ela soubesse. Michael foi sorrindo para si mesmo durante toda a viagem e deu ao motorista uma gorjeta generosa. Não lhe pediu que esperasse. Não queria que ninguém ficasse esperando por ele. Ficaria ali sozinho, por tanto tempo quanto quisesse. Chegara mesmo a pensar na possibilidade de continuar a pagar o aluguel do apartamento, a fim de que pudesse ir para lá sempre que desejasse. Era apenas uma hora de vôo de Nova York e dessa maneira ficaria sempre com o apartamento deles. O apartamento deles... Ele contemplou o prédio com um calor familiar. Quase contra a vontade, ouviu-se a si mesmo pronunciar as palavras que estava pensando:

— Oi, Nancy Calçalinda, cheguei!

Dissera aquelas palavras mil vezes antes, ao passar pela porta e encontrá-la sentada diante do cavalete, mãos e braços borrados de tinta, ocasionalmente o rosto também. Se estava profundamente envolvida no trabalho, havia ocasiões em que Nancy não o ouvia chegar.

Ele subiu lentamente a escada, cansado, mas animado pela sensação de estar chegando em casa. Queria simplesmente subir e sentar-se no apartamento, perto dela, com ela... com as coisas dela... Todos os mesmos cheiros familiares impregnavam o prédio, havia o barulho de água correndo, de uma criança, um gato miando no corredor lá embaixo, uma buzina tocando insistentemente na rua. Michael podia ouvir uma canção italiana no rádio. Por um estranho momento, imaginou que o rádio estava no estúdio dela. Tinha a chave na mão quando finalmente chegou ao patamar do andar em que ficava o apartamento. Parou ali, por um longo tempo. Pela primeira vez, em todo aquele dia, sentiu lágrimas a lhe arderem nos olhos. Ainda não sabia a verdade. Ela não estaria lá dentro. Fora-se para sempre. Estava morta.

Michael ainda tentava pronunciar a palavra em voz alta de tempos a tempos, apenas para se obrigar a dizê-la, para se forçar a saber. Não queria ser uma dessas pessoas doidas que se recusam a enfrentar a verdade, que se entregavam a jogos de fingimento.

Ela teria desdenhado tal atitude. Mas de vez em quando ele deixava que o conhecimento se dissipasse, só para tê-lo de volta como um golpe forte, um impacto violento. Como acontecia naquele momento. Ele girou a chave na fechadura e esperou, como se alguém, no final das contas, pudesse vir abrir a porta. Mas não havia ninguém ali. Michael abriu a porta lentamente e deixou escapar uma exclamação de espanto.

— Oh, Deus! Onde está... onde...

Tudo desaparecera. Cada mesa, cadeira, as plantas, os quadros, o cavalete, as tintas. As roupas dela, as...

— Nancy!

Michael ouviu-se chorando furiosamente, as lágrimas lhe queimando o rosto, enquanto abria as portas. Nada. Até mesmo a geladeira sumira. Ele continuou parado ali completamente atordoado por um momento, depois desceu correndo a escada, de dois em dois degraus, até chegar ao apartamento do zelador, no porão.

Bateu insistentemente na porta, até que o homenzinho abriu-a, apenas pela largura da corrente de segurança, olhando com expressão de medo nos olhos. Reconheceu Michael imediatamente, abriu toda a porta e começou a sorrir, até que Michael agarrou-o pela gola e pôs-se a sacudi-lo.

— Onde estão as coisas dela, Kowalski? Onde está tudo? O que fez com elas? Foi você quem as tirou? Quem foi então?

Onde estão as coisas dela?

— Que coisas? Quem.. oh, Deus... não, não, eu não peguei coisa alguma! Eles apareceram há duas semanas. E me disseram...

Ele estava tremendo de terror. Michael também tremia, só que de raiva.

— Quem eram eles?

— Não sei. Alguém telefonou e disse que o apartamento seria desocupado. Que a Srta. McAllister estava... tinha... – Ele percebeu as lágrimas ainda brilhando no rosto de Michael e ficou com medo de continuar. — Já sabe o que aconteceu. Eles me informaram e acrescentaram que o apartamento seria desocupado até o final da semana. Duas enfermeiras apareceram aqui e pegaram algumas coisas e o caminhão da Goodwill chegou na manhã seguinte.

— Enfermeiras? Que enfermeiras?

Michael não estava entendendo nada. E a Goodwill? Quem a chamara?

— Não sei quem elas eram. Mas pareciam enfermeiras... estavam todas de branco. Não levaram muita coisa. Apenas aquela sacola pequena e os quadros. A Goodwill levou o resto. Não peguei nada. Juro que não peguei. Jamais faria uma coisa dessas. Não para uma moça tão simpática como...

Mas Michael não estava escutando. Já estava subindo a

escada para a rua, completamente atordoado, enquanto o velho zelador observava-o, sacudindo a cabeça. Pobre coitado. Provavelmente acabara de receber a notícia.

— Ei... ei! — Michael virou-se e o velho baixou a voz para acrescentar: — Sinto muito.

Michael limitou-se a assentir e saiu para a rua. Como as enfermeiras sabiam? Como podiam ter feito tal coisa? Provavelmente haviam levado as poucas jóias que Nancy possuía, quase tudo fantasia, e os quadros. Talvez alguém lhes tivesse contado alguma coisa no hospital. Eram como abutres, recolhendo o que ficara.

Oh, Deus, Se ele as tivesse visto, iria... Michael cerrou as mãos nos lados do corpo, depois levantou bruscamente o braço a fim de fazer sinal para um táxi. Pelo menos... talvez... valia a pena tentar. Ele entrou na táxi, ignorando a dor intensa que começava a sentir, a nuca latejando terrivelmente.

— Onde fica a Goodwill mais próxima?

— Goodwill o quê?

O motorista tinha na boca um charuto todo babado e não estava particularmente interessado em qualquer espécie de Goodwill.

— As lojas Goodwill. A que compra roupas usadas, móveis velhos, coisas assim.

— Ah, sim... Está certo.

O garoto não parecia um freguês habitual da Goodwill, mas uma corrida era uma corrida. Era uma viagem de cinco minutos do apartamento de Nancy à loja. O vento batendo no rosto de Michael ajudou-o a se recuperar do choque que experimentara ao encontrar o apartamento totalmente vazio. Havia sido como verificar o pulso e descobrir de repente que o coração tinha parado de bater.

— É aqui.

— Michael agradeceu, distraidamente, pagou o dobro do preço da corrida e saltou. Nem mesmo tinha certeza se queria entrar na loja. Queria ver as coisas no apartamento de Nancy, que era o lugar a que pertenciam. Não em alguma loja velha, cheia de mofo, malcheirosa, com etiquetas de preço. E o que iria fazer? Comprar tudo? E depois o quê? Ele entrou na loja sentindo-se solitário, cansado e confuso. Ninguém se ofereceu para ajudá-lo. Michael pôs-se a vaguear pela loja, sem encontrar nada que conhecia, sem ver nada familiar, sentindo-se subitamente angustiado, não pelas "coisas" que lhe haviam parecido tão importantes naquela manhã, mas pela jovem que as possuíra. Ela se fora e nada do que encontrasse ou deixasse de encontrar jamais faria qualquer diferença. As lágrimas começaram a escorrer por suas faces, enquanto voltava lentamente para a rua.

Desta vez ele não fez sinal para um táxi. Simplesmente saiu andando. Às cegas, sozinho, numa direção que os pés

pareciam conhecer, mas a cabeça desconhecia. A cabeça já não conhecia mais nada. Dava a impressão de haver se transformado numa massa informe. Todo o corpo parecia uma papa, mas o coração era como pedra. Subitamente, naquela loja velha e fétida, sua vida chegara ao fim. Compreendia agora o que tudo aquilo significava. E enquanto estava parado num sinal vermelho, esperando que mudasse, sem dar qualquer importância a que isso acontecesse ou não, acabou desmaiando.

Acordou um momento depois, com uma multidão ao seu redor, deitado num pequeno gramado, para onde alguém o levara. Um guarda estava parado por cima dele, fitando-o nos olhos.

— Está bem, filho?

O guarda tinha certeza de que o rapaz não estava bêbado nem sob a ação de tóxicos, mas estava terrivelmente pálido. Era mais provável que estivesse doente. Ou talvez apenas com fome. Ou qualquer coisa no gênero. Mas o rapaz dava a impressão de que tinha dinheiro. Portanto, não podia ser um simples caso de inanição.

— Estou, sim. Saí do hospital esta manhã e acho que exagerei querendo andar demais.

Michael sorriu tristemente. Os rostos ao seu redor começaram a girar quando tentou se levantar. O guarda percebeu o que estava acontecendo e insistiu para que a multidão se dispersasse. Depois, virou-se novamente para Michael e disse:

— Vou chamar um carro para levá-lo em casa.

— Não precisa. Estou bem agora.

— Não há nenhum problema. Mas diga uma coisa: não prefere voltar para o hospital?

— Não!

— Está certo. Neste caso, vamos levá-lo para casa. – O guarda falou por um pequeno *ualkie-talkie* e depois agachou-se ao lado de Michael. — O carro já vai chegar. Está doente há muito tempo?

Michael sacudiu a cabeça, depois olhou para as mãos e murmurou:

— Há duas semanas.

Ainda havia uma pequena cicatriz perto de sua têmpora, tão pequena que não dava para o guarda perceber

— É melhor se cuidar, rapaz.

O carro da polícia encostou no meio-fio e o guarda ajudou Michael a levantar-se. Ele já estava melhor agora. Ainda bastante pálido, mas bem mais firme que a princípio. Michael virou a cabeça para olhar o guarda e tentou sorrir, balbuciando:

— Obrigado.

Mas a tentativa de sorriso só serviu para deixar o guarda imaginando o que estaria errado. Havia um desespero visível nos olhos do rapaz.

Michael deu aos homens do carro da polícia um endereço

a um quarteirão do hotel e agradeceu-lhes quando saltou. Percorreu a pé o quarteirão final. A suíte ainda estava vazia quando ele chegou lá. Por um momento, Michael pensou em tirar as roupas e voltar para a cama. Mas de nada serviria continuar empenhado naquele jogo. Já fizera o que tinha querido fazer. Não o levara a parte alguma, mas pelo menos realizara o que havia imaginado. O que fora procurar havia sido Nancy. Já devia saber que não a encontraria no apartamento. Nem em qualquer outro lugar. Só poderia encontrá-la no único lugar em que ela ainda vivia: no seu coração.

A porta da suíte abriu-se enquanto ele estava olhando pela janela. Por um momento, ele não se virou. Não queria realmente vê-los nem ouvir notícias sobre a reunião ou ter de fingir que estava se sentindo bem. Não estava bem. E talvez nunca mais voltasse a ficar.

— O que está fazendo de pé, Michael?

A mãe falava como se ele fosse fazer sete anos dentro de mais alguns dias, ao invés de 25 anos. Michael virou-se lentamente e não disse nada a princípio. Depois, com um ar de exaustão completa, sorriu para George.

— Já está na hora de eu começar a me levantar, mamãe. Não posso passar o resto da vida na cama. Na verdade, vou partir para Nova York esta noite.

— Vai o quê?

— Vou para Nova York.

— Mas por quê? Não queria ficar aqui?

Marion estava totalmente confusa.

— Já teve o seu encontro, mamãe. — E eu tive o meu. - Não temos motivo para continuarmos por aqui. E eu quero estar no escritório amanhã. Certo, George?

George fitou-o nervosamente, assustado pela angústia e desespero que via nos olhos do rapaz. Talvez lhe fizesse bem ter alguma coisa com que se ocupar. É verdade que Michael ainda não parecia bastante forte, mas fora-lhe muito difícil passar todo aquele tempo deitado. Tinha assim muito tempo para pensar.

— É bem possível que seja melhor assim, Michael. E sempre pode trabalhar apenas meio expediente, no início.

— Acho que os dois estão doidos — interveio Marion — Afinal ele saiu do hospital esta manhã.

— E você, evidentemente, é famosa por sempre tomar cuidado consigo mesma. Certo, mamãe?

Michael inclinou a cabeça na direção dela. Marion afundou lentamente no sofá.

— Está bem, está bem... — murmurou ela, com um sorriso hesitante.

— Como foi a reunião?

Michael sentou-se ao lado dela e procurou dar a impressão de que o assunto o interessava. Teria de comportar-se

assim muitas vezes, porque naquela tarde tomara uma decisão. Dali por diante ia viver para uma coisa e somente por uma coisa. Seu trabalho. Nada mais lhe restava na vida.

Capítulo 8

— Está pronta?

— Creio que sim.

Ela não podia sentir coisa alguma acima dos ombros. Era como se a cabeça tivesse sido cortada. As luzes intensas da sala de operações despertaram em Nancy a vontade de cerrar os olhos, mas nem isso ela podia fazer. Tudo o que podia ver era o rosto de Peter, enquanto se inclinava sobre ela, a barba impecavelmente aparada coberta por uma máscara cirúrgica azul, os olhos deslocando-se rapidamente de um lado para outro. Ele passara quase três semanas estudando as radiografias, medindo, avaliando, projetando, planejando, preparando tudo e conversando com Nancy.

A única fotografia de Nancy de que ele dispunha era a que fora tirada na feira, no dia do acidente. Mas o rosto estava parcialmente obscurecido pelo tapume de madeira, com os trajes tolos pintados, no qual ficavam os buracos pelos quais ela e Michael haviam metido a cabeça, a fim de tirarem a foto. Pelo menos proporcionava uma idéia geral a Peter, um ponto de

partida. Mas ele teria de ir muito além. Nancy seria uma moça diferente quando tudo terminasse, uma pessoa que qualquer mulher sonharia ser. Peter sorriu novamente para ela, observando que as pálpebras começavam a baixar.

— Vai ter de permanecer acordada agora e ficar falando comigo. Pode ficar sonolenta, mas não pode dormir.

Afora isso, Nancy podia sufocar em seu próprio sangue. Mas ela não precisava saber disso. Peter tratou de mantê-la distraída, contando histórias e anedotas, fazendo perguntas, obrigando-a a pensar em coisas, a vasculhar a mente em busca de respostas, a recordar os nomes de todas as freiras que conhecera quando era menina.

— E tem certeza de que continua não querendo ser a irmã Agnes Marie?

— Claro que tenho. Não prometi?

Os dois ficaram gracejando um com o outro durante as três horas em que durou o trabalho, as mãos de Peter não parando por um momento sequer. Para Nancy, era como assistir a um balé.

— Pense só que mais duas semanas e já teremos providenciado um apartamento só para você, talvez um apartamento com uma linda vista... Ei, sonolenta, o que acha da vista? Não gostaria de contemplar a baía do quarto?

— Claro que gostaria. Por que não?

— Apenas "claro"? Quer saber de uma coisa, Nancy? Acho que está ficando entediada com a vista que tem do seu quarto aqui no hospital.

— Isso não é verdade. Estou adorando tudo.

— Neste caso, vamos sair juntos e descobrir algo ainda melhor. Combinado?

— Combinado. — Mesmo com a voz sonolenta, Nancy parecia satisfeita — Ainda não posso dormir?

— Só mais um pouco, Princesa. Mais alguns minutos e a levaremos de volta para seu quarto. Poderá então dormir tanto quanto quiser.

— Ótimo.

— Já está cansada de me ouvir?

Nancy soltou uma risada, pelo tom zombeteiro de quem estava magoado usado por Peter.

— Pronto, amor... já está tudo terminado.

Ele olhou para seu assistente e acenou com a cabeça, recuando em seguida por um momento, enquanto uma enfermeira se adiantava e aplicava uma injeção na coxa de Nancy. Peter voltou a postar-se ao lado dela e sorriu para os olhos que já conhecia tão bem. Nem mesmo via o resto. Ainda não. Mas via os olhos. E os conhecia intimamente. Tão bem quanto ela conhecia os seus próprios olhos.

— Sabia que hoje é um dia especial?

— Sabia.

— Sabia mesmo? E como sabia?

Porque era aniversário de Michael, mas Nancy não queria dizer-lhe isso. Michael estava completando 25 anos naquele dia. Nancy perguntou-se o que ele estaria fazendo.

— Simplesmente sabia.

— Pois é um dia muito especial para mim porque assinala o princípio. Nossa primeira cirurgia juntos, nosso primeiro passo por uma estrada maravilhosa que levará a uma nova você. O que acha disso?

Peter sorriu para ela. Nancy fechou os olhos e adormeceu. A injeção tinha um efeito rápido.

— Feliz aniversário, chefe.

— Não me chame de chefe, seu palhaço. Puxa, você está parecendo nojento, Ben.

— Muito obrigado.

Ben ficou olhando para o amigo enquanto avançava pela sala de muletas e com a ajuda de uma secretária. Ela o sentou numa cadeira e depois retirou-se da sala luxuosa e revestida de lambris de Michael.

— Então é este o lugar que ajeitaram para você, hem? O meu vai ser igual?

— Se não for, pode ficar com este. Eu o detesto.

— Isso é ótimo. Quais são as novidades?

A conversa entre os dois ainda era tensa. Haviam se encontrado duas vezes desde que Ben chegara de Boston, mas o esforço de evitar qualquer referência a Nancy era quase demasiado para ambos. Era tudo em que pensavam.

— O médico disse que posso começar a trabalhar na próxima semana.

Michael riu e sacudiu a cabeça.

— Está parecendo completamente doido, Ben

— E você não está?

Uma nuvem toldou os olhos de Michael por um momento.

— Não quebrei nada. — Ou pelo menos nada que se pudesse ver. — Já lhe disse que pode esperar mais um mês. Ou dois, se for necessário. Por que não vai para a Europa com sua irmã?

— Para fazer o quê? Ficar sentado numa cadeira de rodas sonhando com biquínis? Quero começar a trabalhar logo. Posso começar daqui a duas semanas?

— Vamos ver.

Houve um silêncio prolongado e depois, abruptamente, Michael fitou o amigo com uma expressão de amargura que Ben nunca vira antes.

— E depois o quê?

— O que está querendo dizer com esse "depois o quê?", Michael?

— Exatamente isso. Trabalhamos até não poder mais pelos próximos 50 anos, trepamos com quantas mulheres pudermos, ganhamos tanto dinheiro quanto conseguirmos... e depois o quê? O que fazemos com tudo isso?

— Está com um ânimo maravilhoso. O que aconteceu? Prendeu o dedo na gaveta esta manhã?

— Pelo amor de Deus, Ben, por que não pode ser sério uma vez, para variar? Estou falando sério. Já pensou nisso alguma vez? Que diabo significa tudo isso ?

Ben estava entendendo perfeitamente e não havia agora como evitar as perguntas.

— Não sei, Michael. O acidente também me fez pensar nisso. Levou-me a perguntar a mim mesmo o que é importante em minha vida, em que acredito.

— E qual foi a resposta que encontrou? .

— Não tenho certeza. Acho que me sinto simplesmente grato por estar aqui. Talvez tenha me ensinado como a vida é importante, como é bom vivê-la, enquanto podemos. — Havia lágrimas nos olhos de Ben enquanto ele falava. — Ainda não entendo por que aconteceu daquela maneira. Eu gostaria... gostaria... — E foi com um fio de voz, quase inaudível, que ele arrematou: — Gostaria que tivesse sido eu...

Michael fechou os olhos para conter suas próprias lágrimas e depois contornou lentamente a mesa, aproximando-se do amigo. Ficaram se olhando em silêncio por um momento, as lágrimas escorrendo pelos rostos de ambos, sentindo a amizade de dez anos reconfortá-los como nenhuma outra coisa conseguiria.

— Obrigado, Ben.

— Ei, escute! — Ben enxugou as lágrimas do rosto com a manga do casaco. Não quer sair e tomar um porre? Afinal, é o seu aniversário. Por que não?

Michael riu por um minuto. Depois, como um garotinho chamado para uma conspiração, assentiu.

— Já são quase cinco horas da tarde. Não tenho mais reuniões a que deveria comparecer. Vamos para o Oak Room e tomaremos um porre memorável.

Ele ajudou Ben a levantar-se e sair da sala. Pegaram um táxi e meia hora depois estavam a caminho de um porre inesquecível. Michael só chegou de volta ao apartamento da mãe depois de meia-noite. Precisou da ajuda do porteiro para conseguir subir. Na manhã seguinte, ao entrar em seu quarto, a empregada encontrou-o adormecido no chão. Mas pelo menos ele conseguira sobreviver ao aniversário.

Michael mal conseguia ver alguma coisa quando se sentou

à mesa para o café da manhã. A mãe já estava ali, de vestido preto, lendo *The New York Times*. Michael teve vontade de vomitar ao sentir o cheiro do café.

— Deve ter-se divertido muito ontem à noite.

O tom de Marion era glacial.

— Saí com Ben.

— Foi o que sua secretária me disse. Espero que não transforme isso num hábito.

Oh, Deus! Por que não?

— O quê? Tomar um porre?

— Não. Deixar o escritório mais cedo. E, para ser franca, a outra coisa também. Devia estar com uma aparência encantadora quando chegou em casa.

— Não consigo lembrar.

Michael estava tentando desesperadamente não engasgar com o café.

— Há mais uma coisa de que não se lembra. — Marion largou o jornal em cima da mesa e fitou-o com expressão furiosa. — Tínhamos um compromisso para jantar ontem à noite, no Vinte-e-Um. Fiquei a esperá-lo por duas horas. Com nove outras pessoas. Era o seu aniversário... está lembrado?

Oh, Deus! Isso teria sido tudo o que ele precisaria para explodir .

— Não me falou nada sobre as outras nove pessoas.

Apenas convidou-me para jantar. Pensei que seríamos apenas nós dois.

É claro que se tratava de um argumento dos mais discutíveis.

— E sendo apenas eu, não haveria problema em me deixar esperando sem avisar nada? E isso o que está querendo dizer?

— Não, mamãe. Simplesmente esqueci-me por completo. Não foi exatamente o meu aniversário predileto.

— Sinto muito.

Mas Marion não dava a impressão de se recordar por que aquele aniversário era diferente. Ou pelo menos não se importava. E estava visivelmente irritada.

— Isso nos leva a um outro problema, mamãe. Vou sair daqui, passar a morar em meu próprio apartamento.

Marion ficou aturdida.

— Por quê?

— Porque estou com 25 anos. Trabalho para você, mamãe. Mas não sou obrigado a viver com você.

— Não é obrigado a fazer coisa alguma.

Marion estava começando a ter dúvidas quanto ao rapaz Avery e tipo de influência que exercia sobre Michael. Aquilo parecia ser idéia dele.

— Não vamos discutir isso agora, mamãe. Estou com

uma dor de cabeça monumental.

— Ressaca. — Marion olhou para o relógio e levantou-se. — Eu o verei no escritório, dentro de meia hora. Não se esqueça da reunião com o pessoal de Houston. Estará em condições de comparecer?

— Estarei, mamãe. E mais uma coisa, lamento muito sobre o apartamento, mas acho que já é tempo.

Ela o fitou firmemente por um momento e depois deixou escapar um pequeno suspiro.

— Talvez seja, Michael, talvez seja... Feliz aniversário, por falar nisso.

Ela se abaixou para beijá-lo. Michael chegou a sorrir, apesar da dor terrível em sua cabeça.

— Deixei um pequeno presente em sua mesa.

— Não deveria.

Nenhum presente tinha mais qualquer importância. Ben compreendera isso e nada lhe dera.

— Aniversários são aniversários no final das contas, Michael. Vejo-o mais tarde no escrit6rio.

Depois que a mãe se retirou, Michael continuou sentado na sala de jantar por longo tempo, contemplando a vista. Sabia exatamente como era o apartamento que desejava. Só que ficava em Boston. Mas faria tudo o que fosse humanamente possível para encontrar um apartamento igual em Nova York. Em

algumas coisas, ainda não renunciara totalmente ao sonho. Embora soubesse que era uma loucura apegar-se a ele.

Capítulo 9

— Oi, Sue. Sr. Hillyard está?

Ben tinha a expressão das cinco horas da tarde ao chegar à porta da sala de Michael: não estava inteiramente desgrenhado, mas bastante aliviado pelo fato de estar quase terminando o dia. Mal tivera tempo de sentar-se durante o dia inteiro, muito menos de relaxar.

— Está, sim. Devo avisá-lo de que está aqui?

Ela lhe sorriu. Ben contemplou o corpo cuidadosamente oculto da jovem. Marion Hillyard não aprovava secretárias sensuais, nem mesmo para o próprio filho... "ou seria especialmente para o filho?" perguntou-se Ben, enquanto sacudia a cabeça.

— Não, obrigado. Eu mesmo me anunciarei.

Ben passou pela secretária, carregando as pastas que eram seu pretexto. Bateu na porta de carvalho.

— Alguém em casa?

Não houve resposta e por isso ele bateu novamente. Continuou a não haver resposta. Ele se virou para a secretária,

com um olhar inquisitivo.

— Tem certeza de que ele está?

— Absoluta.

— Está certo.

Ben tentou novamente e desta vez um resmungo rouco mandou-o entrar. Ele abriu a porta cautelosamente e olhou ao redor.

— Estava dormindo ou algo assim?

Michael levantou os olhos e sorriu para o amigo.

— Bem que gostaria. Olhe só para essa mixórdia..

Michael estava cercado por pastas, maquetes, plantas, relatórios. Era o suficiente para manter dez homens ocupados durante um ano inteiro.

— Sente-se, Ben.

— Obrigado, chefe.

Ben não podia resistir a zombar do amigo.

— Ora, não enche! O que há nessas pastas que está me trazendo?

Michael passou a mão pelos cabelos e recostou-se na cadeira forrada de couro a que já se acostumara. Acostumara-se até mesmo às gravuras impessoais nas paredes. Não tinha mais nenhuma importância. Ele não ligava absolutamente. Nunca olhava para as paredes, para a sala, para a secretária... ou para a própria vida. Olhava para o trabalho em sua mesa e bem pouco

mais além disso. Já se haviam passado quatro meses.

— Por favor, não me diga que está trazendo mais problemas com aquele maldito centro comercial em Kansas City. Isso está me levando à loucura.

— E você está adorando. Diga-me uma coisa, Michael: qual foi o último filme a que assistiu? *A Ponte do Rio Kwai* ou *Fantasia?* Será que nunca sai daqui?

— Quando eu tiver uma oportunidade — respondeu Michael, examinando alguns papéis enquanto falava. — E então, o que há nessas pastas?

— São apenas um estratagema. Queria entrar aqui para conversar com você.

— E não pode fazer isso sem uma desculpa?

Michael sorriu-lhe novamente. Era como se fossem garotos novamente, visitando um ao outro no estudo sob o pretexto de consultas sobre deveres de casa.

— Estou sempre me esquecendo de que sua mãe não é como o velho Sanders lá na escola.

— Graças a Deus.

Na verdade, ambos sabiam que Marion era pior, mas nenhum dos dois podia admitir tal coisa. Ela detestava ver pessoas "zanzando" pelos corredores, como dizia, esse apressava em verificar quais eram as pastas que estavam levando.

— Quais são as novidades, Ben? Como vão os Hamptons

este verão?

Ben sentou-se, ficando imóvel por um momento, observando-o, antes de responder:

— Realmente se importa?

— Com você ou com os Hamptons?

O sorriso de Michael era artificial e ele apresentava a palidez lúgubre de dezembro, não de setembro. Era evidente que ele não tinha ido a lugar nenhum naquele verão.

— Eu me importo muito com você, Ben.

— Mas não com você mesmo. Tem-se olhado no espelho ultimamente? Está com uma cara que assustaria a mãe de Frankenstein.

— Obrigado.

— Não precisa agradecer. De qualquer forma, é justamente por isso que estou aqui.

— Por conta da mãe de Frankenstein?

— Por minha própria conta. Queremos que você passe este fim de semana no Cape. Eles querem, eu quero, todos nós queremos. E se disser não, vou pular por cima dessa mesa e arrastá-lo à força. Precisa sair daqui de vez em quando.

Ben não estava mais sorrindo. Estava bastante sério e Michael sabia disso. Mesmo assim, sacudiu a cabeça.

— Eu adoraria, Ben, mas não posso. Tenho de cuidar de Kansas City. São 47 mil problemas que ainda não conseguimos

resolver. E você sabe disso. Esteve na reunião ontem.

— Assim como 23 outras pessoas. Deixe que elas cuidem dos problemas. Pelo menos por um fim de semana. Ou será que seu *ego* é tão grande que não pode permitir que ninguém mais toque em seu trabalho?

Mas ambos sabiam que não era esse o caso. O trabalho tornara-se o tóxico de Michael. Deixava-o atordoado para tudo o mais. E ele vinha abusando do trabalho desde o dia em que entrara naquela sala.

— Vamos, Michael, seja indulgente consigo mesmo. Apenas esta vez.

— Não posso, Ben.

— Mas que diabo, cara! O que preciso dizer-lhe? Olhe para si mesmo! Será que não se importa? Está se matando... e para quê?

A voz dele ressoou pela sala e atingiu Michael com um impacto quase físico. Ben observou o rosto do amigo ficar convulsionado pela emoção.

— De que vai adiantar tudo isso, Michael? Mesmo que se mate, isso não a trará de volta. E você está vivo. Com 25 anos de idade e vivo... e desperdiçando sua vida, matando-se de tanto trabalhar, como a sua mãe. É isso o que você quer? Ser como ela? Viver, comer, dormir, beber e morrer por essa maldita firma? É isso o que lhe serve agora? Ficou assim? Pois não acredito. Sei

que existe outra pessoa nessa sua pele... e adoro essa outra pessoa. Mas você a está tratando como a um cão, algo que não posso permitir. Sabe o que deveria estar fazendo? Deveria estar saindo, vivendo. Deveria estar saindo e divertindo-se com a sua secretária gostosa ou dez outras mulheres que encontra nas melhores festas da cidade. Levante o rabo dessa cadeira, Michael, saia de casa, antes...

Mas Michael interrompeu-o antes que ele pudesse terminar. Estava meio debruçado sobre a mesa, tremendo, ainda mais pálido do que antes.

— Saia da minha sala, Ben, antes que eu o mate! *Saia!*

Era o rugido de um leão ferido. Por um momento, os dois homens ficaram a se olhar, abalados e assustados pelo que estavam sentindo e dizendo.

— Desculpe. – Michael voltou a afundar na cadeira e baixou a cabeça para as mãos. – Por que não deixamos as coisas como estão por hoje?

Ele não voltou a olhar para Bem, que atravessou lentamente a sala, apertou-lhe o ombro e depois saiu fechando a porta. Não restava mais nada a dizer.

A secretária de Michael olhou para Ben inquisitivamente quando ele passou, mas não disse nada. Ela ouvira o rugido de Michael ao final. Todo o andar poderia ter ouvido, se as pessoas estivessem prestando atenção. Ben passou por Marion no

corredor, ao voltar para sua sala. Mas ela estava ocupada com algo que Calloway lhe mostrava e Ben não estava com disposição para as amenidades habituais. Não suportava mais Marion e o que ela estava deixando que Michael fizesse consigo mesmo. Podia servir aos objetivos dela fazer com que Michael trabalhasse daquele jeito; era bom para a firma, para o império, para a dinastia... e deixava Ben Avery enojado.

Ele deixou o escritório às seis e meia. Na rua, olhando para cima, verificou que as luzes na sala de Michael continuavam acesas. Sabia que ainda estariam acesas até 11 horas ou meia-noite. E por que não? Para que ele voltaria para casa? Para encontrar o apartamento vazio que alugara três meses antes? Michael encontrara um apartamento pequeno e aconchegante em Central Park South. Ao visitá-lo, Ben lembrara-se do apartamento de Nancy em Boston. Tinha certeza de que Michael também percebera a semelhança. Talvez tivesse sido por isso que ele ficara com o apartamento.

Mas depois algo acontecera. A pouca vida que ainda restava em Michael se desvanecera. Ele começara a trabalhar como um doido, uma verdadeira maratona de loucura. Por isso, jamais se dera ao trabalho de fazer qualquer coisa com o apartamento. Continuava do mesmo jeito, frio, vazio e solitário. Os únicos móveis que Michael providenciara haviam sido duas cadeiras dobráveis, uma cama e um velho abajur horrendo, que

ficava no chão. Todo o apartamento ressoava com os ecos do vazio. Parecia até que o inquilino fora despejado naquela manhã.

Ben ficava deprimido só de pensar em ir para uma casa assim e podia perfeitamente imaginar qual era o efeito em Michael... se é que ele ainda era capaz de notar o ambiente em que se encontrava, o que Ben estava começando a duvidar. Dera três plantas a Michael para o apartamento em princípio de julho e todas tinham morrido ao final do mês. Como o abajur horrível, as plantas simplesmente tinham ficado no chão, desamadas e esquecidas.

Ben não gostava do que estava acontecendo, mas não havia nada que alguma pessoa pudesse fazer. Ninguém podia ajudar, à exceção de Nancy. E Nancy estava morta. Pensar nela ainda provocava em Ben uma dor quase física, como as pontadas que sentia no tornozelo e quadril quando ficava cansado. Mas as fraturas haviam-se reparado rapidamente com a ajuda da juventude. Ben ainda acalentava a esperança de que a mesma coisa pudesse acontecer com Michael. Mas o problema de Michael era diferente. As fraturas dele eram de partes que não se podia ver, não estavam à mostra. A não ser nos olhos. Ou no rosto ao final de um dia... ou na contração da boca em um momento desprevenido, quando Michael estava sentado a sua mesa e ficava olhando para a distância, para a extensão interminável da vista.

Capítulo 10

— E então, minha jovem? Acha que cumpri minha promessa? Não tem a vista mais espetacular da cidade?

Peter Gregson estava sentado no terraço junto com Nancy. Os dois trocaram um olhar afetuoso. O rosto dela ainda estava coberto por ataduras, mas os olhos estavam descobertos e brilhavam intensamente. E as mãos estavam livres. Pareciam diferentes, mas eram maravilhosas enquanto ela fazia um gesto para abranger tudo ao redor. Do lugar em que estavam sentados, podiam avistar toda a baía, com a Ponte Golden Gate à esquerda, Alcatraz à direita, Marin County diretamente em frente; no outro lado do terraço, havia também uma vista espetacular da cidade, para o sul e leste. O terraço proporcionava a Nancy a contemplação tanto do nascer como do pôr-do-sol e um prazer ilimitado.

Ela passava quase o dia inteiro sentada ali. O tempo estava glorioso desde que chegara ao apartamento. Peter é que o encontrara, exatamente como prometera.

— Quer saber de uma coisa? Estou ficando terrivelmente mimada.

— E merece. O que me fez lembrar que trouxe uma coisa para você.

Nancy bateu palmas, como uma garotinha. Peter sempre lhe trazia alguma coisa. Era uma pilha de revistas, livros, um chapéu engraçado, uma *écharpe* para usar sobre as ataduras, braceletes maravilhosamente ruidosos para comemorar as mãos novas. O fluxo de presentes era constante, mas o daquele dia era o maior de todos. Com misteriosa expressão de prazer, Peter atravessou o terraço e entrou no apartamento. A caixa que trouxe de volta era bastante grande e dava a impressão de ser muito pesada. Quando ele a pôs em seu colo, Nancy descobriu que adivinhara corretamente.

— O que é isso, Peter? Parece uma pedra.

Nancy sorriu através das ataduras e Peter soltou uma risada.

— E é mesmo... a maior esmeralda que consegui encontrar na loja da esquina.

— Maravilhoso!

Mas o presente era ainda mais maravilhoso do que Nancy desconfiava. O conteúdo da misteriosa caixa era uma máquina fotográfica extremamente cara e altamente sofisticada.

— Mas que presente espetacular, Peter! Não posso...

— Claro que pode. E espero ver algum trabalho sério feito com essa máquina.

Ambos sabiam como Nancy andava atormentada porque não tinha mais vontade de pintar. E agora ela nem tinha mais o

pretexto das mãos envoltas por ataduras. Mas não podia pintar. Havia algo nela que a fazia desistir cada vez que pensava em tentar. Os quadros que as enfermeiras haviam trazido de seu apartamento de Boston ainda estavam encerrados no grande portfólio preto, no fundo de um armário. Nancy não queria vê-los, muito menos trabalhar neles. Mas uma câmara podia ser diferente. Peter percebeu o brilho nos olhos dela e rezou para que lhe tivesse aberto uma nova porta. Ela estava precisando de novas portas. Nenhuma das antigas iria revelar o que ela desejava encontrar do outro lado. Seria melhor que ela começasse tudo de novo.

— Há um folheto de instruções terrivelmente complicado, para o qual 10 anos de faculdade de medicina não conseguiram me preparar. Talvez você consiga entendê-lo.

— Claro que conseguirei!

Nancy olhou para o folheto grosso e concentrou-se por algum tempo, segurando a máquina, o amigo inteiramente esquecido. Depois, sacudiu o folheto distraidamente e disse:

— É fantástico, Peter! Olhe esta coisa aqui... se puxar isso, vai conseguir...

Ela se fora, totalmente fascinada. Peter recostou-se, com um sorriso satisfeito. Passou-se meia hora antes que Nancy voltasse a notá-lo. Ela levantou os olhos subitamente e Peter percebeu pela expressão como estava grata.

— É o presente mais maravilhoso que já recebi.

Exceto pelas contas azuis de Michael na feira... mas Nancy rapidamente afastou o pensamento da mente. Peter estava acostumado às nuvens repentinas que toldavam os olhos dela, quando pensamentos antigos retornavam para atormentá-la. Ele sabia que, com o tempo, tais pensamentos acabariam por deixá-la.

— Trouxe filme?

— Claro. — Ele pegou uma caixa menor no meio do embrulho e largou-a no colo de Nancy. — Eu poderia esquecer do filme?

— Não. Nunca se esquece de coisa alguma.

Nancy apressou-se em carregar a câmara e começou a tirar fotografias dele, da vista e depois uma série de um pássaro que passou voando pelo terraço.

— Provavelmente vão sair horríveis, mas é um começo.

Peter ficou a observá-la por longo tempo. Depois, passou o braço pelos ombros dela e entraram no apartamento.

— Tenho outro presente para você hoje, Nancy.

— Um Mercedes. Está vendo? Já começo a adivinhar as coisas.

— Não. Desta vez é sério. — Ele a fitou com um sorriso gentil e cauteloso. — Vou partilhar uma amiga com você. Uma pessoa muito especial.

Por um momento insano, Nancy sentiu uma onda de

ciúme correr por sua espinha. Mas algo no rosto de Peter disse-lhe que não precisava sentir-se assim.

Ele percebeu que Nancy o observava atentamente, enquanto acrescentava:

— O nome dela é Faye Allison e fomos colegas na faculdade de medicina. Ela é indubitavelmente uma das mais competentes psiquiatras da Califórnia, talvez do País. É grande amiga minha e uma pessoa muito especial. Tenho certeza de que vai gostar dela.

— E...?

Nancy ficou esperando, tensa mas curiosa.

— E... acho que seria uma boa idéia você conversar com ela por algum tempo. Sabe disso — Já conversamos a respeito antes.

— Não acha que estou me ajustando bem?

Nancy parecia magoada e largou a máquina para fitá-lo mais seriamente.

— Acho que está se saindo admiravelmente bem, Nancy. Mas mesmo que não houvesse qualquer outro motivo, precisa de uma pessoa para conversar. Tem Lily, Gretchen e a mim, mas isso é tudo. Não gostaria de ter outra pessoa com quem conversar?

Gostaria, sim. Michael. Ele tinha sido o melhor amigo dela por muito tempo. Mas, no momento, Peter era suficiente.

— Não sei.

— Acho que vai gostar, assim que conhecer Faye. Ela é incrivelmente simpática e gentil. E desde o início que vem se interessando pelo seu caso.

— Ela sabe a meu respeito?

— Desde o começo.

Ela estava em companhia de Peter na noite em que Marion Hillyard e o Dr. Wickfield haviam telefonado, mas Nancy não precisava saber disso. Ele e Faye eram amantes, intermitentemente, há vários anos, mais por uma questão de companheirismo e conveniência do que em decorrência de uma grande paixão. Eram principalmente amigos.

— Ela virá tomar café conosco esta tarde. Há algum problema para você?

Mas Nancy sabia que tinha pouca opção.

— Não.

Ela ficou pensativa, enquanto se acomodava na sala de estar. Não tinha certeza se lhe agradava aquele acréscimo ao cenário, especialmente por se tratar de uma mulher. Experimentava um sentimento instantâneo de competição e desconfiança.

Até que conheceu Faye Allison. Nada que Peter dissera a preparara para a simpatia que sentiu imediatamente pela outra mulher. Faye era alta, esguia, loura, angulosa, mas todas as linhas

do rosto eram suaves. Os olhos eram afetuosos e alertas; naqueles olhos, havia sempre um gracejo à espera, uma resposta imediata, uma risada pronta para se manifestar. Ao mesmo tempo, podia-se perceber que estavam também sempre prontos para se mostrarem sérios e compassivos. Peter deixou as duas sozinhas depois da primeira hora e Nancy ficou até contente por isso.

Conversaram sobre mil coisas, em nenhum momento a respeito do acidente. Boston, pintura, São Francisco, crianças, pessoas, faculdade de medicina. Faye partilhou coisas de sua vida e Nancy revelou coisas de sua vida que nunca contara a ninguém por muito tempo, pelo menos desde que conhecera Michael. Falou do orfanato, contando suas angústias, não os acontecimentos divertidos que contara para Peter. A solidão, as indagações sobre quem realmente era, por que fora deixada lá, o que significava ser totalmente sozinha. E depois, sem qualquer motivo que pudesse compreender, contou a Faye sobre o acordo que fizera com Marion Hillyard. Não houve choque, não houve censura, não houve outra coisa além de simpatia e compreensão na maneira como Faye Allison escutou. Nancy descobriu-se a partilhar sentimentos que abrangiam anos, não apenas os últimos quatro meses. Mas o alívio por contar sobre Marion Hillyard foi enorme.

— Não sei, parece estranho dizer isso, mas... — Ela hesitou, sentindo-se tola e parecendo infantil na maneira como olhou para sua nova amiga. — Mas eu... eu nunca tive qualquer

tipo de família, sendo criada no orfanato. A madre superiora foi a pessoa mais próxima de uma mãe que tive e era mais como uma tia solteirona. Mas apesar do que eu sabia a respeito de Marion, pelas informações de Michael, de seu amigo Ben, apesar do que eu podia pressentir... apesar de tudo, sempre tive sonhos loucos, fantasias absurdas, esperava que ela fosse gostar de mim, que seriamos amigas.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas inesperadas. Ela desviou o olhar.

— Pensava que ela poderia tomar-se sua mãe?

Nancy assentiu silenciosamente e depois afastou as lágrimas com uma risada tensa.

— Não é um absurdo?

— Absolutamente. Era uma suposição normal. Estava apaixonada por Michael. Não tem família. Era normal que quisesse adotar a família dele. É por isso que o acordo com Marion a magoa tanto? Mas ela já sabia qual era a resposta, assim como Nancy.

— Exatamente. Foi a prova do quanto ela me odiava.

— Eu não chegaria tão longe, Nancy. Levando-se tudo em consideração ela fez muito por você. Afinal, mandou-a para cá, a fim de que Peter lhe proporcionasse um novo rosto

Para não falar da vida extremamente confortável que Marion estava proporcionando a Nancy durante o processo.

— Contanto que eu renunciasse a Michael. Ela estava me rejeitando para ele... e para si mesma. Compreendi então que jamais tivera a menor possibilidade de conquistar Marion. Foi um momento horrível. — Ela suspirou e a voz tornou-se mais suave. — Mas acho que já perdi antes e consegui sobreviver.

— Lembra-se de ter perdido seus pais?

— Não de alguma forma concreta. Era muito pequena para me recordar de qualquer coisa quando meu pai morreu e não era muito mais velha quando minha mãe deixou-me no orfanato. Mas lembro-me do dia em que me contaram que ela havia morrido. Chorei muito, mas não tenho muita certeza por que chorei. Não creio que me lembrasse dela. Talvez simplesmente me sentisse abandonada.

— Do mesmo modo que se sente agora?

Era apenas um palpite, mas dos bons.

— É possível. Aquele sentimento insondável do "mas quem vai tomar conta de mim agora?" Penso nisso de vez em quando. Naquela ocasião, eu sabia que o orfanato tomaria conta de mim até que crescesse. E agora sei que Peter o fará, assim como o dinheiro de Marion, até que eu esteja inteiramente remendada. Mas o que acontecerá depois?

— E o que me diz de Michael? Acha que ele voltará para você?

— Às vezes penso que sim. Ou melhor, na maior parte

do tempo penso que sim.

Houve uma pausa prolongada.

— E o resto do tempo?

— Estou começando a ter dúvidas. A princípio, pensei que talvez ele estivesse com medo da minha aparência, da maneira como isso o faria sentir-se em relação a mim. Mas, agora ele já sabe sobre a cirurgia e deve calcular que houve alguma melhoria. Por que então ainda não veio procurar-me? — Ela se virou subitamente para fitar Faye nos olhos e acrescentou: — É nisso que estou pensando agora.

— Já encontrou alguma resposta para essa indagação?

— As coisas que me ocorreram não foram das mais agradáveis. Às vezes penso que ela conseguiu convencê-lo de que uma moça com os meus "antecedentes condenáveis" iria prejudicá-lo profissionalmente. Marion Hillyard ajudou a construir um império e está contando com Michael para continuar a manter as melhores tradições da família. Isso não inclui casar-se com uma moça anônima que saiu de um orfanato e pintora, ainda por cima. Ela quer que o filho se case com alguma herdeira debutante que possa ser-lhe útil nos negócios.

— Acha que isso tem alguma importância para ele?

— Não tinha importância antes, mas agora... não sei.

— E se o perdesse?

Nancy titubeou, mas não respondeu. Contudo, seus olhos

diziam tudo.

— E se ele não se sentisse capaz de enfrentar tudo por que você está passando? É uma possibilidade, Nancy. Alguns homens não são tão bravos como gostaríamos de pensar que são.

— Não sei. Talvez ele esteja esperando até que tudo termine.

— Não ficaria ressentida nesse caso? Por não estar aqui quando você precisava dele?

Nancy deixou escapar um longo suspiro em resposta.

— Talvez. Mas não sei com certeza. Penso muito nisso tudo, mas não consigo tirar conclusões absolutas.

— Somente o tempo proporciona todas as respostas. Tudo o que você precisa saber é como se sente. Isso é tudo. Como se sente em relação a você? À nova você? Está excitada? Assustada? Furiosa por saber que vai ficar diferente? Aliviada?

— Todas as coisas que acabou de falar. — Ambas riram pela franqueza de Nancy. — Para dizer a verdade, estou aterrorizada. Pode imaginar olhar-se no espelho depois de 22 anos e deparar com uma pessoa diferente? Oh, céus, é como uma aberração!

Ela riu novamente, mas havia um medo concreto por trás de sua reação.

— É isso o que sente?

— Às vezes. Na maior parte do tempo, procuro não pen-

sar a respeito.

— E pensa em quê?

— Sinceramente?

— Claro.

— Em Michael.. Algumas vezes em Peter. Mas principalmente em Michael.

— Está se apaixonando por Peter?

Não houve hesitação na pergunta. Quem estava falando agora era a Dra. Allison e não Faye. Ela estava naquele momento pensando exclusivamente em Nancy

— Não. Não posso apaixonar-me por Peter. Ele é um homem maravilhoso, um grande amigo. O tipo de pai que eu nunca tive. Está sempre me trazendo presentes. Mas... estou apaixonada por Michael.

— Pois vamos ver o que acontece.

Faye Allison olhou para o relógio e ficou espantada. As duas estavam conversando há quase três horas. Já passavam das sete horas da noite.

— Deus do céu! Sabe que horas são?

Nancy também consultou o relógio e seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Puxa! Como foi possível? — E depois ela sorriu. — Vai voltar para conversar comigo, Faye? Peter estava certo. Você é uma pessoa muito especial.

— Obrigada. Eu adoraria voltar. Na verdade... Peter estava pensando que poderíamos manter um contato numa base regular. O que acha da idéia?

— Acho que seria maravilhoso ter alguém para conversar, como fizemos hoje.

— Nem sempre posso prometer-lhe que ficarei três horas com você.

As duas riram e Nancy acompanhou-a até a porta.

— O que me diz de três vezes por semana, durante uma hora, profissionalmente? E podemos encontrar-nos também em outras ocasiões, como amigas. Está bem assim?

— Está maravilhoso!

Apertaram as mãos na porta e Nancy ficou surpresa ao descobrir que já estava impaciente pela próxima sessão, dentro de dois dias.

Capítulo 11

Nancy acomodou-se confortavelmente na poltrona perto do fogo e suspirou, enquanto recostava a cabeça. Ela havia chegado cinco minutos mais cedo hoje e estava ansiosa por conversar com Faye. Ouviu o barulho dos saltos altos de Faye atravessando o corredor a caminho do estúdio que usava para

receber os pacientes. Nancy sorriu e empertigou-se na cadeira. Queria que Faye visse tudo de saída.

— Bom dia, pássaro madrugador. Está muito bem de vermelho hoje. — Ela parou abruptamente na porta e sorriu. — Esqueça o vermelho. Deixe-me ver o queixo novo.

Faye avançou lentamente, contemplando a parte inferior do rosto de Nancy. Depois, com um sorriso vitorioso, os olhos se encontraram com os de Nancy.

— O que acha?

Mas Nancy podia ver perfeitamente a resposta no rosto de Faye. Admiração pelo trabalho de Peter e prazer pela moça.

— Nancy, você está linda... maravilhosa!

Já podia ver agora o pescoço adorável, subindo graciosamente dos ombros esguios, o queixo delicado e gentil, a boca sensual. E o que se podia ver era primoroso e perfeitamente apropriado à personalidade da moça. Os desenhos e esculturas intermináveis de Peter não haviam sido em vão

— Ei, também vou querer um igual!

Nancy riu de alegria e recostou-se de novo na cadeira, escondendo o resto do rosto, que ainda estava coberto por ataduras, por trás do chapéu de feltro marrom-escuro que tinham comprado algumas semanas antes. Combinava com o novo casaco marrom de lã e as botas marrons que estava usando com o vestido de tricô vermelho. Estava até começando a se sentir

bonita, agora que podia ver algo do que estava para vir. Peter estava cumprindo sua promessa.

— É muito embaraçoso, Faye. Estou-me sentindo tão bem que tenho até vontade de gritar. E o mais estranho de tudo é que não parece absolutamente comigo, mas estou adorando.

— Fico contente por isso. Mas qual é o problema de não estar parecendo com você? Isso por acaso a incomoda, Nancy?

— Não tanto quanto eu pensava que iria acontecer. Mas talvez eu ainda espere que o resto se pareça comigo. Esta é apenas uma parte isolada e de qualquer forma jamais gostei mesmo de minha boca. Talvez pareça mais estranho quando o resto também parecer com outra pessoa. Não sei direito.

— Quer saber de uma coisa, Nancy? Talvez deva simplesmente recostar-se e desfrutar. Talvez deva aprofundar-se mais um pouco. Seguir adiante.

— Como assim ?

— Vou tentar explicar . Você está se empenhando em ser Nancy e procuramos um ajustamento abandonando algumas coisas dessa Nancy no processo. Talvez deva simplesmente recuar e contemplar o quadro inteiro. Por exemplo: você gostava do seu jeito de andar antes?

Nancy assumiu uma expressão de perplexidade enquanto pensava a respeito. Era uma idéia inteiramente nova, algo que jamais haviam discutido nos quatro meses em que se encontravam.

— Não sei, Faye. Nunca pensei antes a respeito de minha maneira de andar.

— Pois pense a respeito. E o que me diz da voz? Já pensou alguma vez em apurar a voz? Possui uma voz maravilhosa, suave e melodiosa. Talvez possa, com um pouco de adestramento, apurá-la ainda mais. Por que não exploramos o que você possui para tentarmos tirar o máximo de proveito? É o que Peter está fazendo. Por que você própria não faz a mesma coisa?

O rosto de Nancy iluminou-se com a idéia e ela começou a se deixar contagiar pelo entusiasmo de Faye.

— Eu poderia desenvolver todas as espécies de novos aspectos de mim mesma, não é? Tocar piano... arrumar um novo jeito de andar... Podia até mudar o nome.

— Mas não vamos nos precipitar. Não vai querer sentir que perdeu a si mesma. Ao contrário, deve querer sentir-se que está acrescentando alguma coisa a si mesma. Vamos pensar com muito cuidado a respeito de tudo. Tenho o pressentimento de que isso vai levar-nos por algumas direções das mais interessantes.

— Quero uma voz nova. — Nancy soltou uma risadinha. — Como esta.

Ela baixou a voz várias oitavas e Faye não pôde deixar de rir.

— Se fizer isso, Peter talvez tenha que lhe providenciar

uma barba.

— Sensacional!

Estavam subitamente dominadas por intensa alegria. Nancy levantou-se e andou pela sala, quase aos pinotes. Em ocasiões como aquela Faye recordava-se de como ela era realmente jovem. Tinha apenas 23 anos. O aniversário dela chegara e passara e Nancy estava amadurecendo em muitas coisas que a maioria das pessoas jamais precisava. Mas, por baixo da superfície, ela ainda era quase uma garota.

— Mas quero que você esteja perfeitamente consciente de uma coisa, Nancy.

A voz de Faye era agora bastante séria.

— O que é?

— Acho que deve compreender por que se mostra tão disposta a tentar tornar-se uma nova pessoa. Não é excepcional para os órfãos, como você, sentirem-se inseguros de suas identidades. Não sabe direito como eram seus pais. Em decorrência, sente que uma parte de você está faltando, um vínculo com a realidade. Assim, é muito mais fácil para você desistir de partes da pessoa que foi antes. O mesmo não aconteceria com alguém que tivesse mantido imagens muito nítidas dos pais... e todas as responsabilidades que isso acarreta. Sob certos aspectos, isso pode fazer com que as coisas sejam mais fáceis para você.

Nancy ficou calada. Faye sorriu e afundou-se na poltrona aconchegante perto do fogo. Era uma sala maravilhosa para as conversas com os pacientes, pois deixava qualquer pessoa imediatamente à vontade. Faye aproveitara os tapetes persas da avó na sala, que tinha as paredes revestidas de madeira e antigos candelabros de parede de bronze para as lâmpadas. A lareira era guarnecida de bronze, as cortinas eram antigas e de rendas, havia prateleiras de livros, pequenos quadros em cantos inesperados, por toda parte havia uma profusão de samambaias. Parecia a casa de uma mulher interessante e era justamente esse o efeito que Faye visava.

— Mas vou dar-lhe tempo para pensar a respeito, Nancy. No momento, temos de cuidar de outra questão importante. O que vamos fazer nos feriados?

— O que há com os feriados?

Os olhos de Nancy fecharam-se como duas portas e o riso de momentos antes agora desaparecera por completo. Faye já sabia que isto aconteceria e por isso mesmo o assunto tinha de ser abordado.

— Como se sente em relação aos feriados? Esta assustada?

— Não.

O rosto de Nancy permanecia impassível, enquanto Faye a observava atentamente.

— Está triste?

— Não.

— Muito bem, chega de adivinhação, Nancy. É melhor dizer-me. Como se sente?

— Quer saber como me sinto? — Nancy subitamente a fitou nos olhos. — Quer mesmo saber? — Ela foi até o outro lado da sala e voltou. — Eu me sinto furiosa.

— Furiosa?

— Isso mesmo, furiosa. Super furiosa. Furiosa que não acaba mais.

— Com quem?

Nancy tornou a afundar-se na poltrona e olhou para o fogo.

Desta vez, quando falou, a voz era suave e triste:

— Com Michael. Pensei que, a esta altura, ele já deveria ter me encontrado. Afinal, já se passaram mais de sete meses. Pensei que ele já estaria aqui.

Ela fechou os olhos, para conter as lágrimas.

— Com quem mais está furiosa? Com você mesma?

— Exatamente.

— Por quê?

— Por ter feito o acordo com Marion Hillyard em primeiro lugar. Odeio a atitude dela, mas acho que a minha foi ainda pior. Eu me vendi.

— Tem certeza?

— Acho que sim. E tudo por um novo queixo.

Ela falou com desprezo, quando pouco antes se manifestara com orgulho. Mas estavam agora penetrando mais fundo.

— Não concordo com você, Nancy. Não assumiu tal atitude por um novo queixo, mas sim por uma nova vida. Acha que é tão errado assim na sua idade? O que pensaria de outra pessoa que tomasse a mesma decisão?

— Não sei. Talvez eu pensasse que era uma estupidez. Ou talvez compreendesse.

— Há poucos minutos, estávamos falando sobre uma nova vida. Uma voz nova, um jeito de andar novo, rosto novo, nome novo. Tudo novo, exceto uma coisa. — Nancy esperou, não querendo ouvir o que Faye ia dizer. — Michael. O que me diz de uma nova vida sem Michael? Por acaso já pensou nisso?

— Não.

Mas os olhos de Nancy estavam cheios de lágrimas e ambas sabiam que ela estava mentindo.

— Nunca?

— Nunca penso em outros homens. Mas, às vezes, penso em não ter Michael.

— E como se sente nessas ocasiões?

— Gostaria de estar morta.

Mas ela não pensava realmente assim e ambas também sabiam disso.

— Mas não tem Michael agora, Nancy. E não é tão ruim assim, não é mesmo?

Nancy limitou-se a dar de ombros em resposta. No momento seguinte, Faye voltou a falar, a voz infinitamente suave:

— Talvez esteja precisando pensar de verdade a respeito de tudo isso, Nancy.

— Está pensando que ele não vai voltar para mim?

Nancy estava novamente furiosa, desta vez com Faye, por que não havia mais ninguém em quem descarregar sua raiva.

— Não sei, Nancy. Ninguém sabe a resposta para essa questão, a não ser o próprio Michael.

— Tem razão... o cachorro...

Nancy levantou-se e começou novamente a andar pela sala. Depois, como um boneco de corda que vai perdendo a força, o ímpeto dos passos foi diminuindo, até que ela parou diante do fogo, as lágrimas escorrendo pelo rosto, as mãos apertando com toda força a tela diante da lareira.

— Oh, Faye, estou tão apavorada!

— Com o quê? — A voz atrás dela estava mais suave do que nunca.

— De ficar só. De não ser mais eu. De... Fico me perguntando se não fiz uma coisa terrível pela qual serei punida. Re-

nunciei ao amor por meu rosto.

— Mas pensava que já havia perdido tudo. Não pode culpar-se pela opção que fez. E é possível que, ao final, se sinta contente por essa opção.

— É possível... — Novos soluços soaram junto à lareira

Faye ficou observando os ombros esguios se sacudirem, sem dizer nada.

— Sabe, Faye, estou também apavorada com esses feriados do fim do ano. É pior do que no tempo em que eu estava no orfanato. Desta vez, não há ninguém. Lily e Gretchen partiram no mês passado e você vai esquiar. Peter vai passar uma semana na Europa e...

Nancy não podia mais conter as lágrimas. Mas essas eram agora as realidades de sua vida. Tinha de enfrentá-las. Faye não deveria sentir-se culpada por deixá-la naquele momento. Nem Peter. Eles tinham suas próprias vidas, assim como o tempo que passavam ao lado dela.

— Talvez tenha chegado o momento de você sair e fazer alguns amigos, Nancy.

— Deste jeito? — Ela se virou novamente para Faye e tirou o chapéu, deixando à mostra as ataduras. — Como posso sair e encontrar-me assim com alguém? Os outros ficariam mortalmente apavorados. Ei, pessoal, chegou o Drácula!

— A aparência não é assustadora, Nancy. E vai

desaparecer com o tempo. Não é permanente. Não passam de ataduras. As outras pessoas certamente compreenderão.

— Talvez. — Mas Nancy ainda não estava disposta a acreditar em tal possibilidade. — De qualquer forma, não preciso de amigos. Mantenho-me ocupada com a minha câmara.

O presente de Peter fora uma dádiva extraordinária.

— Sei disso. Vi a sua última batelada de fotos outro dia no gabinete de Peter. Ele está orgulhoso do seu trabalho e mostra as fotos a todo mundo. E devo dizer que é de fato um trabalho excepcional, Nancy.

— Obrigada. — Um pouco da raiva dissipou-se com a conversa sobre o trabalho dela. — Oh, Faye... — Nancy sentou-se novamente na poltrona e estendeu as pernas. — O que vou fazer com a minha vida?

— Não é justamente para descobrir isso que estamos trabalhando? Enquanto isso, por que não pensa um pouco a respeito do que conversamos hoje? O treinamento da voz, aulas de música... algo para diverti-la e tudo parte da pessoa que vai.se tornar.

— Está certo, vou pensar um pouco a respeito. Por falar nisso, quando você vai voltar?

— Dentro de duas semanas. Mas deixarei um telefone onde poderá encontrar-me em caso de emergência.

Faye estava mais preocupada com o impacto dos feriados

de fim de ano em Nancy do que estava disposta a admitir. Era uma época sempre propícia à depressão, até mesmo ao suicídio. Mas Nancy parecia estar em condições de resistir, pelo menos no momento. Ela apenas não queria que Nancy ficasse histérica em sua solidão. Era muito azar que ela e Peter resolvessem viajar na mesma ocasião. Por outro lado, Nancy tinha de aprender a não depender tanto deles.

— Podemos marcar novo encontro para dentro de duas semanas. E quando eu voltar, quero ver uma porção de fotografias novas.

— Isso me lembra uma coisa.

Nancy levantou-se novamente e saiu da sala. Foi até o vestíbulo, onde deixara um embrulho em papel pardo. Voltou e estendeu-o sorridente para Faye.

— Feliz Natal.

Faye abriu, com uma expressão de satisfação. E ficou impressionada. O presente era uma fotografia dela própria, dando a impressão de que passara horas posando, para que a fotógrafa pudesse captar o olhar certo, o ânimo certo. Possuía uma característica de sonho, impressionante. Ela estava de pé no terraço de Nancy, o vento agitando seus cabelos, com uma blusa de seda rosa-clara, o sol se pondo atrás dela em tons vermelhos e rosas. Ela se recordava do dia, mas não se lembrava de Nancy tirando a fotografia.

— Quando foi que tirou a foto?

— Quando você não estava olhando.

Nancy parecia satisfeita consigo mesma e tinha todo o direito de estar. A fotografia era sensacional. Ela própria a revelara e ampliara, depois a emoldurara. Era uma fotografia tão expressiva quanto um quadro.

— Você é incrível, Nancy! É um presente maravilhoso!

— Tive um bom tema.

As duas se abraçaram. Foi com pesar que Nancy voltou a vestir o casaco.

— Espero que se divirta bastante esquiando.

— Pode estar certa de que vou me divertir. E lhe trarei um pouco de neve.

— Quero ver!

Nancy abraçou-a novamente e se desejaram Feliz Natal. Faye ficou sentindo um aperto no coração depois que ela se foi. Nancy era uma moça linda. Por dentro. Onde importava.

Capítulo 12

— O Sr. Calloway está no telefone, Sr. Hillyard.

A neve estava caindo há cinco ou seis horas sobre as ruas de Nova York, mas Michael não notara coisa alguma. Estava

sentado a sua mesa desde as seis horas da manhã e agora já passavam de cinco da tarde. Ele pegou o telefone, continuando a assinar uma pilha de cartas para sua secretária despachar. Pelo menos o trabalho de Kansas City já não estava mais sob sua responsabilidade. Tinha agora de preocupar-se com Houston e na primavera arrumaria uma úlcera por causa do centro médico de São Francisco. O trabalho dele era um fluxo incessante de dores de cabeça e exigências, contratos, problemas e reuniões. Graças a Deus.

— George? Michael. Qual é o problema?

— Sua mãe está neste momento numa reunião, mas pediu-me que lhe telefonasse para avisar que voltaremos de Boston esta noite, se a neve permitir. Se não, amanhã.

— Está nevando aí?

Michael parecia surpreso, como se fosse o mês de junho e a neve fosse um absurdo.

— Não. — George ficou momentaneamente confuso. – Mas disseram que está havendo uma nevasca em Nova York... Não está?

Michael olhou pela janela e sorriu.

— Está, sim. É que eu não tinha olhado. Desculpe.

O rapaz estava se matando, assim como a mãe sempre fizera. George se perguntou por um momento o que haveria naquela família que levava todos os seus membros a serem tão

exigentes consigo mesmos e com as pessoas que os amavam.

— Seja como for, agora que esse problema está resolvido, podemos cuidar do resto. — George soltou uma risadinha, antes de acrescentar: — Sua mãe pediu que lhe telefonasse a fim de confirmar a sua presença em casa para a ceia de Natal amanhã. Ela convidou uns poucos amigos e naturalmente quer que você esteja presente.

Michael suspirou fundo enquanto escutava. Uns poucos amigos... Isto significava vinte ou trinta pessoas, com as quais ele antipatizava ou não conhecia. Além da inevitável moça solteira de boa família, para fazer-lhe companhia. Parecia uma maneira horrível de passar o Natal. Ou qualquer outro dia.

— Sinto muito, George. Devo uma desculpa a mamãe. Mas já assumi um compromisso.

— É mesmo?

George parecia desconcertado.

— Eu pretendia dizer a ela na semana passada, mas esqueci-me inteiramente. Estava tão absorvido pelo centro de Houston que nem pensei a respeito. Mas tenho certeza de que ela vai compreender.

Ele estava realizando verdadeiros milagres com o cliente de Houston e por isso era melhor que a mãe compreendesse mesmo. Ele sabia que esse era um instrumento que sempre podia usar contra Marion.

— É claro que ela vai ficar desapontada, mas ficará também satisfeita por saber que você tem outros planos. Alguma coisa... ahn... alguma coisa excitante, pelo que imagino.

— Exatamente, George. Um estouro.

— Algo sério?

George parecia agora preocupado. Oh, Deus, será que não havia como satisfazê-los?

— Não, nada que possa preocupar. Apenas uma diversão saudável.

— Excelente. Bom, Michael, Feliz Natal e tudo o mais.

— O mesmo para você. E dê lembranças minhas a mamãe. Telefonarei para ela amanhã.

— Está certo.

George estava sorrindo quando desligou, satisfeito por constatar que o rapaz estava finalmente se recuperando. Michael levara uma vida muito estranha por algum tempo. Marion também ficaria aliviada, embora indubitavelmente fosse irritar-se intensamente por alguns minutos, ao saber que o filho não compareceria a sua ceia de Natal. Mas, no final das contas, Michael era jovem. Tinha o direito de divertir-se um pouco. George sorriu para si mesmo, enquanto tomava um gole do *scotch* e recordava um Natal em Viena há 25 anos. E depois, como sempre, seus pensamentos voltaram a fixar-se na mãe de Michael.

Na sala de Michael, o telefone não parava de tocar. Ben

ligou, querendo certificar-se de que ele tinha planos para o Natal. Michael assegurou-lhe que iria para a festa da mãe, tediosa, mas esperada. Diversos clientes telefonaram também, para se queixarem, darem os parabéns ou desejarem Feliz Natal. Ao desligar, depois do último telefonema, Michael murmurou para si mesmo:

— Ora, que vão todos para o inferno!

Ele levantou a cabeça, surpreso, ao ouvir uma risada desconhecida na porta. Era a nova *designer* de interiores que Ben contratara. E era também uma moça bonita, com cabelos castanhos avermelhados caindo em ondas até os ombros, realçando ainda mais a pele leitosa e os olhos azuis. É claro que Michael nunca tinha notado. Nunca notava coisa alguma, a menos que estivesse em sua mesa e precisando de assinatura.

— Sempre deseja Feliz Natal às pessoas dessa maneira?

— Somente às pessoas de quem gosto realmente de ouvir votos de Feliz Natal.

Ele sorriu para a moça e ficou imaginando o que ela estaria fazendo ali. Não pedira para vê-la e a moça não tinha nenhum assunto a tratar diretamente com ele, pelo menos ao que soubesse.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por você, Srta... — Oh, diabo! Ele não conseguia recordar o nome dela. Qual seria mesmo?

— Wendy Towsend. Vim apenas desejar-lhe um Feliz

Natal.

Ah, uma puxa-saco! Michael estava divertido e acenou para que a moça se sentasse.

— Não lhe disseram que sou o Scrooge original [famoso personagem avarento de uma história de Natal], em que se baseou Charles Dickens?

— Foi o que imaginei, quando não apareceu na festa do escritório nem no jantar de Natal ontem à noite. Dizem também que trabalha demais.

— Faz bem para a pele.

— Outras coisas também fazem.

Ela cruzou uma perna linda sobre a outra. Michael desviou os olhos. Não lhe interessava, assim como nenhuma outra coisa o interessara desde maio.

— Queria também agradecer pelo aumento que acabei de receber.

Ela exibiu dentes impecáveis e Michael retribuiu o sorriso. Estava começando a se perguntar o que a moça estaria realmente querendo. Uma gratificação? Outro aumento?

— Terá de agradecer a Ben Avery por isso. Não tive nada a ver com o seu aumento.

— Entendo.

A conversa não ia levar a nada e ela sabia disso. Levantou-se, pesarosa, depois olhou para a janela. Havia quase 20

centímetros de neve empilhada no peitoril da janela.

— Parece que, no final das contas, vai ser mesmo um Natal branco. E também vai ser praticamente impossível chegar em casa esta noite.

— Talvez tenha razão. E provavelmente não vou sequer tentar. — Michael apontou para o sofá de couro com um sorriso. — Acho que foi por isso que puseram esse sofá. Só para me manter preso no escritório.

Não, meu caro, você é que está fazendo isso consigo mesmo. A moça limitou-se a sorrir, desejando-lhe um Feliz Natal.

Michael voltou a assinar cartas. E cumprindo sua palavra, passou a noite no sofá. E a noite seguinte também. Servia-lhe perfeitamente. O Natal caía num fim de semana naquele ano e assim ninguém sabia onde ele estava. Até mesmo o zelador e as faxineiras estavam de folga. Somente o vigia noturno soube que Michael não deixara o escritório da sexta-feira até o final da noite de domingo. E, a esta altura, o Natal já havia acabado. Quando ele voltou a seu apartamento vazio, nada mais tinha a temer. O Natal, com todas as suas recordações e fantasmas, já era uma coisa do passado. Havia uma poinsétia grande e vistosa murchando diante de sua porta, enviada pela mãe. Michael deixou-a ao lado da lata de lixo.

Em São Francisco, Nancy passou o Natal mais

confortavelmente que Michael, mas em igual solidão. Cozinhou um frango, entoou cantigas de Natal sozinha no terraço, depois que voltou da igreja, na noite de Natal. Dormiu até tarde no dia de Natal. Havia acalentado a esperança de evitar que esse dia chegasse, mas não havia como escapar. Era inexorável, com seus enfeites e suas árvores, promessas e mentiras. Pelo menos, em São Francisco, o tempo não a fazia lembrar-se tanto dos Natais que passara na costa do Atlântico. Era quase como se todas aquelas pessoas estivessem fingindo que era Natal, quando ela sabia muito bem que isso não acontecia. A estranheza fazia com que se tornasse um pouco mais fácil suportar tudo. E ela recebera dois presentes nesse ano: uma linda bolsa de Gucci dada por Peter e um livro cômico de Faye. De tarde, depois que comeu o frango recheado, com um molho especial, ela se acomodou numa poltrona com o livro. Era como comemorar o Natal na Schrafft's, com todas as velhas senhoras, as esperanças de vida guardadas numa sacola de compras. Nancy sempre tentara imaginar o que havia naquelas sacolas. Talvez velhas cartas, fotografias, quinquilharias, troféus ou sonhos.

Já eram mais de seis horas quando finalmente largou o livro e esticou as pernas. Seria maravilhoso dar um passeio. Estava precisando respirar um pouco de ar fresco. Vestiu o casaco, pegou o chapéu e a câmara, sorriu para si mesma no espelho. Continuava a gostar de seu novo sorriso. Era um sorriso

maravilhoso. Fazia-a pensar em como pareceria o resto de seu rosto, quando Peter terminasse. Era um pouco como tornar-se a mulher dos sonhos dele. Certa ocasião, Peter chegara mesmo a dizer-lhe que a estava transformando em seu "ideal". O que era um sentimento um tanto constrangedor. De qualquer forma, ela gostava de seu novo sorriso. Nancy pendurou a câmara no ombro, saiu do apartamento e desceu no elevador.

Era um final de tarde frio, com o vento soprando, sem nevoeiro. Nancy sabia que seria uma excelente noite para tirar fotografias. Encaminhou-se lentamente para o cais. As ruas estavam praticamente desertas. Todos estavam se recuperando da ceia de Natal, instalados em poltronas ou sofás, roncando diante dos aparelhos de TV. A visão que criou na própria mente fez Nancy sorrir. Subitamente ela tropeçou, soltando um grito estridente ao cambalear. Peter advertira-a desse perigo. Agora, quase caíra na rua. Estendeu os braços para se amparar e conseguiu recuperar o equilíbrio antes de bater na calçada. Só no instante seguinte é que percebeu que não tinha sido a única a gritar. Tropeçara num cachorrinho peludo, que parecia estar profundamente ofendido. Sentou-se agora, sacudiu a pata para Nancy e latiu. Era uma pequena bola de pêlo emaranhado, em tons marrons e beges. Ficou olhando para Nancy e latiu novamente.

— Está bem, está bem... Desculpe. Mas a verdade é que

você também me assustou.

Ela se abaixou para afagar o cachorro, que sacudiu o rabo e latiu mais uma vez. Era um cachorrinho cômico, pouco maior que um filhote. Nancy lamentou nada ter para lhe dar de comer. O bicho parecia muito faminto. Ela o afagou novamente, sorriu e depois se levantou, satisfeita por não ter deixado a câmara cair. O cachorrinho latiu novamente e ela voltou a sorrir.

— Está bem... adeus.

Ela começou a afastar-se, mas o cachorro foi atrás, correndo a seu lado. Nancy parou e olhou-o.

— Escute, cachorrinho, volte para sua casa. Vá embora.

Mas cada vez que ela dava um passo, o cachorro dava também; e quando ela parava, o cachorro sentava-se, esperando na maior felicidade que o passeio recomeçasse. Nancy parou novamente e riu para o cachorro. Era realmente um cachorrinho ridículo, mas também extremamente simpático. Ela se abaixou para afagá-lo novamente e tateou o pescoço à procura de uma coleira, mas nada encontrou. E depois, num súbito impulso, divertida, ela decidiu tirar algumas fotografias do cachorro. Ele demonstrou ser um modelo natural, empinando-se, posando, abanando o rabo, divertindo-se a valer. Nancy tinha feito um novo amigo. Ao final de meia hora, o cachorro ainda não dera qualquer sinal de que estava disposto a abandoná-la.

— Está certo, pode vir comigo.

E assim seguiram os dois até a beira do cais, onde Nancy tirou fotografias de barracas de caranguejo e vendedores de camarão, turistas e Papais Noéis embriagados, embarcações e pássaros, e outros cachorros. Divertiu-se intensamente e em momento nenhum conseguiu livrar-se de seu novo amigo. O cachorrinho permaneceu ao lado dela até que Nancy finalmente parou para tomar um café. Tornara-se bastante hábil em entrar em cafés e lanchonetes, abaixando a cabeça a fim de ocultar a maior parte do rosto sob o chapéu e assim pedindo o que desejava. Agora, tinha até mesmo um sorriso para acompanhar o obrigado, que já não era tão difícil de exibir como antes. Nancy pediu café puro para si e um hambúrguer para o cachorro. Pôs o prato de papel vermelho na calçada, ao lado dele. O cachorro devorou tudo e depois latiu em agradecimento.

— Isso significa obrigado ou que você está querendo mais?

O cachorro latiu novamente e ela riu. Um homem parou para afagar o cachorro e perguntou o nome dele a Nancy.

— Não sei. Ele acabou de me adotar.

— Já comunicou?

— Ainda não.

O homem explicou como deveria fazer e Nancy agradeceu.

Telefonaria do apartamento, se o cachorrinho continuasse

a segui-la até lá. E foi justamente o que aconteceu. Ele parou na porta do prédio, como se também morasse ali. Nancy levou o cachorro para cima e telefonou para a Associação Protetora dos Animais. Mas ninguém procurara a Associação para informar ter perdido um cachorro como aquele. Sugeriram que ela se resignasse a ficar com o cachorro ou o levasse para o depósito da prefeitura, onde dariam um jeito nele. Nancy ficou indignada com tal perspectiva e passou um braço protetor pelo cachorro, ambos sentados no chão, lado a lado.

— Quer saber de uma coisa, garoto? Está com uma aparência horrível. O que me diz de tomar um banho?

Ele abanou a língua e o rabo ao mesmo tempo. Nancy pegou-o no colo e levou-o para a banheira. Ela tinha de tomar todo cuidado para não ser respingada, pois as ataduras em seu rosto não podiam ficar molhadas. Mas o cachorrinho submeteu-se ao banho sem qualquer resistência. Já no meio do banho, ela descobriu que a cor dele não era marrom e bege, mas sim marrom e branco. E o marrom era claro, da cor de chocolate com leite, enquanto o branco era da cor da neve. Era de fato um cachorrinho adorável e Nancy começou a torcer para que ninguém comunicasse que o tinha perdido. Nunca antes tivera um cachorro e já estava apaixonada por aquele. Não pudera ter um cachorro no orfanato e os bichos de estimação não eram permitidos no prédio de apartamentos em que fora morar em

Boston. Mas a administração daquele prédio em São Francisco não tinha qualquer objeção a bichos de estimação. Nancy sentou-se sobre os calcanhares e esfregou-o novamente com a toalha, enquanto ele rolava para ficar de costas, sacudindo as quatro patas. E depois ela começou a pensar em um nome para o seu novo amigo. Não demorou a encontrá-lo. Seria o mesmo nome de um cachorro de que Michael lhe falara, o primeiro filhote que ele tivera quando era menino. De certa forma, parecia o nome perfeito para aquele cachorrinho independente.

— O que acha do nome Fred, meu pequeno amigo? Está bom para você?

Ele latiu duas vezes e Nancy encarou tal reação como um sim.

Capítulo 13

Nancy meteu a cabeça pela porta e sorriu para Faye, já instalada comodamente perto do fogo.

— O que trouxe escondido na manga hoje, minha cara?

Faye retribuiu o sorriso, aliviada ao constatar que Nancy parecia estar muito bem.

— Trouxe um amigo.

— É mesmo? Eu passo duas semanas fora e você

aproveita para arrumar um novo amigo? E onde está o seu amigo?

Fred entrou na sala, obviamente orgulhoso de sua nova coleira e da correia vermelha. Ninguém comunicara tê-lo perdido e a partir daquela manhã ele pertencia oficialmente a Nancy. Tinha uma licença, cama, tigela e dezessete brinquedos. Nancy o estava cumulando de carinho.

— Faye, quero apresentar-lhe Fred..

Ela sorriu para o cachorrinho com um orgulho maternal e Faye não pôde deixar de rir.

— Ele é lindo, Nancy. Onde foi que o conseguiu?

— Ele me adotou no dia de Natal. Deveria ter-lhe dado o nome de Noel, mas Fred me pareceu mais apropriado.

Por um momento, Nancy sentiu-se embaraçada em explicar a Faye por quê. Estava começando a sentir-se como uma tola por se apegar à esperança de Michael.

— Também trouxe alguns trabalhos meus para você ver.

— Puxa, como você esteve ocupada! Talvez eu devesse ausentar-me com mais freqüência.

— Se quer me fazer um favor, não faça isso.

Os olhos de Nancy revelaram a Faye como ela se sentira solitária. Mas pelo menos conseguira sobreviver ao Natal. E sozinha. O que não era pouca coisa para qualquer pessoa.

— E... — Nancy fez uma breve pausa, com evidente or-

gulho. — ... já providenciei tudo para fazer um curso de aprimoramento da voz. Peter diz que tudo faz parte do acordo. Começo amanhã, às três horas. Ainda não posso tomar aulas de dança porque meu rosto não está acabado. Mas poderei começar no próximo verão.

— Estou orgulhosa de você, Nancy.

— Também estou.

Tiveram uma boa sessão naquele dia e pela primeira vez, em oito meses, não falaram de Michael. Para espanto de Faye, já estavam na primavera quando Nancy voltou a mencioná-lo. Era quase como se ela estivesse determinada a não fazê-lo. Agora, Nancy só falava a respeito de seus planos. As aulas para aprimorar a voz. Fotografia. O trabalho que ela queria fazer com fotografia assim que suas técnicas se tornassem mais sofisticadas. Na primavera, ela e Fred saíam para longos passeios pelo parque, através das roseiras e pelos caminhos mais remotos, perto da praia. De vez em quando, ia de carro com Peter para praias distantes e desertas, onde não havia ninguém para ver as ataduras. Pouco a pouco, o novo rosto dela estava emergindo, assim como a sua nova personalidade. Era como se, ao remodelar as faces, testa e nariz de Nancy, ele também estivesse revelando mais da alma que estivera oculta pela juventude. Ela amadurecera consideravelmente no ano que havia transcorrido desde o acidente.

— Já passou um ano?

Faye estava atônita, enquanto olhava para Nancy, uma tarde. Peter estava trabalhando na região em torno dos olhos dela e Nancy usava imensos óculos escuros, que escondiam as faces, assim como os olhos.

— Exatamente. Aconteceu em maio do ano passado. E a estou vendo há oito meses, Faye. Acha realmente que estou fazendo algum progresso?

Ela parecia desanimada. O que era natural, pois ainda estava cansada da última cirurgia, realizada apenas três dias antes.

— Duvida de seu progresso?

— Às vezes. Quando penso demais em Michael.

Era uma confissão extremamente árdua para Nancy. Ela ainda estava se agarrando aos últimos resquícios de esperança... de que Michael iria finalmente encontrá-la e o acordo com a mãe dele ficaria então automaticamente cancelado.

— Não sei por que ainda faço isso comigo mesma, mas a verdade é que faço.

— Espere só até começar a sair mais um pouco pelo mundo, Nancy. Não tem mais nada para fazer agora além de olhar para trás, contemplando as coisas de que se recorda, ou para frente, imaginando as coisas que ainda não conhece. É perfeitamente natural que passe um tempo considerável olhando para trás. Não tem outras pessoas em sua vida neste momento,

mas terá quando chegar o momento. Seja paciente.

Nancy deixou escapar um suspiro cansado.

— Estou cansada de ser paciente, Faye. Tenho a sensação de que este trabalho em meu rosto vai durar para sempre. Há ocasiões em que odeio Peter por isso, mesmo sabendo que não é culpa dele. Ele está procurando fazer tudo o mais depressa que é possível.

— Valerá a pena o tempo que você está investindo. Já está.

Faye sorriu para Nancy, que retribuiu. O formato delicado do rosto da moça já emergira e a cada semana parecia haver mudanças. O aprimoramento da voz também estava indo muito bem, a voz de Nancy era agora de um tom mais baixo, muito bem modulada. Ela possuía um controle maior sobre a suavidade de sua voz do que poderia acontecer sem o treinamento. O que deu uma idéia a Faye.

— Já pensou em tornar-se atriz depois que tudo tiver acabado? A experiência pode proporcionar-lhe uma profundidade interior considerável.

Nancy sorriu e sacudiu a cabeça.

— Posso fazer filmes, mas não atuar neles. Prefiro ficar no outro lado da câmara.

— Foi apenas uma idéia. O que tem na sua agenda para esta semana?

— Combinei com Peter tirar algumas fotografias para ele. Vamos de avião para Santa Bárbara, onde passaremos o domingo. Ele quer encontrar-se com algumas pessoas de lá e ofereceu-me uma carona.

— Eu gostaria de poder levar uma vida assim... – Faye olhou para o relógio, antes de acrescentar: — Até quarta-feira.

— Está bem, madame.

Nancy despediu-se com um sorriso e Fred saiu correndo da sala com a coleira na boca. Ele estava acostumado às sessões no consultório de Faye. Nancy nunca o deixava em parte alguma.

Saindo do consultório de Faye, Nancy decidiu percorrer a pé os poucos quarteirões que a separavam de um pequeno parque próximo, a fim de verificar se não havia crianças no *playground* para fotografar. Já fazia algum tempo que não tirava fotografias de crianças. Ao chegar, encontrou um amplo suprimento de temas, subindo, pulando, empurrando, correndo. Nancy ficou sentada num banco por algum tempo, a observá-las. Era um lindo dia e ela se sentia em paz com a vida.

— Vem aqui com freqüência?

Sentado no banco, Michael levantou abruptamente a cabeça, surpreso. Escapara para o parque por uma hora, apenas para se afastar do escritório e poder ver algum verde. Havia sempre algo mágico naqueles primeiros dias de primavera,

quando Nova York passava do cinzento para o verde viçoso, arbustos, árvores e flores explodindo de vida. Mas estava convencido de que ficaria sozinho naquele lugar isolado em que encontrara um banco desocupado. A voz súbita o surpreendeu. Deparou com Wendy Twnsend, a *designer* de interiores do escritório.

— Não... eu... para dizer a verdade, quase nunca. Mas estava tendo hoje um caso raro de febre da primavera.

— Eu também.

Ela parecia um tanto constrangida, parada ali, segurando um picolé. Depois, rapidamente, deu urna lambida no sorvete, a fim de não perder uma boa porção de chocolate.

— Está parecendo delicioso. — Michael sorriu para a moça no ar ameno da primavera

— Quer um pouco?

Ela estendeu o sorvete como uma colegial amistosa, mas Michael sacudiu a cabeça.

— De qualquer forma, obrigado pelo oferecimento. Não gostaria de sentar-se um pouco?

Ele se sentia um pouco tolo por ter sido surpreendido no parque, mas era um dia tão bonito que não se importava de partilhá-lo, especialmente com uma jovem tão simpática. Os caminhos de ambos haviam se cruzado por diversas vezes desde que ela entrara na sala dele, cinco meses antes, para desejar Feliz Natal.

Wendy Townsend sentou-se ao lado de Michael e terminou rapidamente o sorvete.

— No que está trabalhando atualmente? — perguntou ele.

— Houston e Kansas City. Meu trabalho está sempre cinco ou seis meses atrás do seu. É muito interessante seguir em seus calcanhares dessa maneira.

— Não tenho muita certeza como devo encarar tal declaração. — Mas a verdade é que Michael não estava muito preocupado com isso.

— Como um elogio.

Ela sorriu por baixo das pestanas, que também eram de uma tonalidade castanho-avermelhada.

— Obrigada. Ben a está tratando decentemente ou é o feitor de escravos que eu lhe digo para ser?

— Ele não saberia como fazê-lo.

— Sei disso. — Michael sorriu ao pensar no assunto. — Nós nos conhecemos pela metade de nossas vidas. Ben é como meu irmão.

— Ele é um homem tremendamente simpático.

Michael assentiu silenciosamente, pensando como poucas vezes vira Ben no último ano. Nunca tinha tempo. Nunca dava um jeito de arrumar tempo. Nem mesmo sabia o que estava acontecendo na vida de Ben. Havia muitos meses que não se dava

ao trabalho de arrumar tempo para descobrir. Começou de repente a sentir-se culpado, por estar sentado ao lado da jovem e imerso em seus próprios pensamentos. Mas muita coisa mudara para ele ao longo do último ano. Ele próprio mudara.

— Está muito longe daqui, Sr. Hillyard. Só espero que seja em algum lugar agradável.

Michael deu de ombros.

— A primavera faz estranhas coisas comigo. É como se me obrigasse a parar a cada ano para fazer um bom suprimento. É justamente o que estou fazendo hoje.

— É uma boa idéia. Por alguma razão, sempre faço isso também em setembro. Acho que a noção do "ano escolar" me marcou para sempre. A maioria das outras pessoas prefere revigorar-se em janeiro para enfrentar o resto do ano. Mas acho que a primavera faz mais sentido. É na primavera que tudo começa novamente. Por que então não deveríamos começar nossas vidas novamente a cada primavera?

Trocaram um sorriso e Michael olhou para o pequeno lago sereno, ocupado por uns poucos patos, que pareciam felizes da vida. Não havia qualquer outra pessoa à vista.

— O que estava fazendo nesta mesma época no ano passado, Sr. Hillyard?

Era uma pergunta inocente, mas penetrou em Michael como uma faca afiada. Um ano atrás, naquele dia...

— Nada muito diferente do que estou fazendo agora. — Ele franziu a testa, olhou para o relógio e levantou-se. — Infelizmente, tenho uma reunião dentro de 10 minutos. É melhor eu voltar para o escritório. Foi um prazer conversar com você.

Michael mal sorriu ao se afastar. A jovem continuou sentada onde estava, imaginando o que teria dito de errado. Tinha de perguntar a Ben qual era o problema de Michael. Não era possível aproximar-se a menos de mil quilômetros dele.

Capítulo 14

Para surpresa de Michael, Wendy havia sido convocada para a mesma reunião, 10 minutos depois. Iam discutir o projeto preliminar para o Centro Médico de São Francisco e a parte de *desingn* interior seria um fator importante. Uma parcela considerável da arte local seria aproveitada para realçar o projeto básico. Ben iria encarregar-se de encontrar essa arte pessoalmente, mas Wendy ficaria incumbida da coordenação na frente interna. E o faria numa escala maior que a habitual, já que Ben passaria muito tempo em São Francisco. Ainda faltava muito para a apresentação do projeto definitivo, mas já era tempo de começar a elaborar os planos, enquadrar os problemas e esmiuçar os detalhes.

Foi uma reunião demorada, absorvente, interessante, dirigida em grande parte por Marion, com a ajuda de George Calloway. Mas Michael teve uma participação quase igual. Aquele projeto era dele, como a mãe quisera desde o início. Todas as grandes firmas de arquitetura do país haviam tentado obter aquele contrato e Marion tencionava agora utilizá-lo para projetar definitivamente o nome e reputação de Michael.

Já era quase seis horas quando a reunião terminou. Wendy estava esgotada. Apresentara suas idéias de maneira segura, resistira a Marion quando não havia outro jeito; seus argumentos haviam impressionado Michael. Ben estava orgulhoso dela e aper-

tou-lhe afetuosamente o ombro, ao se retirarem.

— Bom trabalho, menina. Saiu-se muito bem.

Ele foi chamado por sua secretária nesse momento e Wendy continuou sozinha pelo corredor. Ficou bastante surpresa quando Michael também a deteve.

— Fiquei bastante impressionado com o seu trabalho, Wendy. Tenho certeza de que vamos realizar juntos um grande trabalho em São Francisco.

— Também tenho. — Ela estava radiante com o elogio, ainda mais porque partira de Michael. — Eu... Michael, eu... lamento muito se disse alguma coisa que o deixou ofendido esta tarde. Não tencionava realmente intrometer-me em sua vida e se foi uma pergunta imprópria lamento profundamente...

Michael sentiu algum remorso pelo constrangimento dela e levantou a mão para impedi-la de continuar, ao mesmo tempo que lhe sorria gentilmente.

— Fui um tanto grosseiro e peço desculpas. Acho que a febre da primavera me deixa meio doido, além de sonhador. Posso compensar convidando-a para jantar esta noite?

Ele ficou tão surpreso quanto ela no instante mesmo em que as palavras saíram de sua boca. Jantar? Ele não jantava com uma mulher há um ano! Mas ela era uma jovem simpática, estava fazendo um bom trabalho e suas intenções eram boas. E estava a fitá-lo naquele momento com as faces coradas e visivelmente em-

baraçada.

— Eu... não precisa...

— Sei que não preciso, mas gostaria — E desta vez Michael estava falando sério. — Não tem algum outro compromisso?

— Não. E também adoraria.

— Ótimo. Irei buscá-la em seu apartamento dentro de uma hora. Ele anotou o endereço nas costas de seu bloco e sorriu enquanto Wendy retornava apressadamente à sala dela. Era um absurdo fazer aquilo, mas por que não?

Michael chegou pontualmente ao apartamento dela, uma hora depois, e gostou do que viu. Era um prédio pequeno e bem cuidado, com uma porta preta reluzente e uma grande aldrava de latão. Tinha quatro apartamentos e o de Wendy era o menor, mas ela se gabava de possuir um pequeno jardim nos fundos. O apartamento dela era uma maravilhosa mistura de antigo e novo, o antigo autêntico e o moderno válido. Era dominado por cores suaves, i1uminação indireta, muitas flores e velas. Wendy parecia ter grande predileção por prataria antiga, que polira à perfeição de espelho. Ele olhou ao redor com satisfação e sentou-se para saborear os *hors' d'oeuvres* que ela preparara. Tomaram Bloody Marys e trocaram comentários sobre os diversos projetos em que trabalhavam. Uma hora voou numa conversa descontraída. Michael detestou ter de interrompê-la a fim de saírem para jantar,

mas fizera reservas num restaurante francês das proximidades e jamais guardavam as mesas dos retardatários por mais de cinco minutos.

— Vamos ter de correr, se quisermos chegar a tempo. Ou será que realmente nos importamos com isso?

Michael ficou surpreso ao ouvi-la formular seus próprios pensamentos e não sabia direito o que significava o brilho malicioso nos olhos dela. Fazia tanto tempo que não se encontrava com uma mulher que ficou com receio de interpretar erroneamente e tomar a iniciativa errada.

— Em que exatamente está pensando, Srta. Townsend? Será que o pensamento é tão abominável quanto a expressão em seu rosto?

— Pior ainda. Estava pensando que podíamos providenciar alguma coisa para fazermos um piquenique, enquanto contemplamos os barcos no East River.

— A idéia parece maravilhosa. Por acaso tem manteiga de amendoim?

— Claro que não! — Ela parecia ofendida. — Faço o meu próprio patê, Sr. Hillyard. E tenho pão preto.

Ela parecia bastante orgulhosa de si mesma e Michael ficou devidamente impressionado.

— Confesso que eu estava pensando mais em termos de manteiga de amendoim e geléia. Ou cachorros-quentes.

— Jamais!

Com um sorriso, Wendy desapareceu na cozinha. Em 10 minutos, ela havia reunido o piquenique perfeito para duas pessoas. Havia uma sobra de *rottatouille,* o patê prometido, um pão preto, uma porção considerável de Brie, três pêras maduras, algumas uvas e uma garrafa de vinho.

— Acha que é suficiente?

Ela parecia preocupada e Michael não pôde conter uma risada.

— Está falando sério? Nunca comi tão bem desde que tinha doze anos. Vivo basicamente de sanduíches de sobra de rosbife e do que minha secretária me alimenta, quando não estou olhando. Provavelmente comida para cachorro. Nunca notei.

— É de admirar que não esteja morrendo de inanição. — Michael não estava morrendo à míngua, mas certamente estava muito magro. — Podemos ir?

Wendy olhou ao redor da sala e pegou um xale bege, enquanto Michael pegava a cesta do piquenique. E saíram. Percorreram a pé os poucos quarteirões que os separavam do East River, encontraram um banco e ali se acomodaram alegremente para contemplarem os barcos que passavam. Era uma noite quente e agradável, o céu cheio de estrelas e o rio bastante povoado por rebocadores, iates e até mesmo barcos à vela, que passavam de vez enquanto num passeio noturno.

Michael e Wendy não eram os únicos atingidos pela febre da primavera.

— É o seu primeiro emprego, Wendy?

Michael estava com a boca cheia de patê e parecia mais jovem que em qualquer outra ocasião do último ano. Ela assentiu, com expressão feliz.

— É, sim. E também o primeiro a que me candidatei. Fiquei muito contente em obtê-lo. Fui trabalhar com vocês assim que saí da Parsons.

— Isso é ótimo. É o meu primeiro emprego também.

Michael estava morrendo de vontade de indagar o que ela achava de sua mãe, mas não se atreveu. Não teria sido justo. Além do mais, se a moça tinha um mínimo de bom senso não podia deixar de detestar Marion. Afinal, Marion Hillyard era um verdadeiro monstro em questões de trabalho, o que Michael sabia perfeitamente.

— E tudo indica que vai ter bastante sucesso e ir longe na firma, Michael.

Ela estava novamente a provocá-lo e Michael riu.

— O que pretende fazer depois disso? Casar e ter filhos?

— Não sei, mas é possível. De qualquer forma, não penso nisso por longo tempo. Quero primeiro consolidar uma carreira. Sempre posso ter filhos depois, na casa dos 30 anos.

— Puxa, como as coisas mudaram. Antigamente, todas as

garotas viviam ansiosas por se casarem.

Michael sorriu para sua nova amiga.

— Algumas garotas ainda estão ansiosas por se casarem. — Ela retribuiu o sorriso e pegou um pedaço de Brie. Fora um piguenique maravilhoso. — E você, quer casar?

Ela ficou observando Michael com a maior curiosidade, enquanto ele sacudia a cabeça, contemplando os barcos.

— Nunca?

Ele virou a cabeça para fitá-la. Lentamente, sacudiu outra vez a cabeça. Havia uma espécie de súplica nos olhos de Michael. Wendy não sabia se devia ou não insistir na pergunta. Decidiu interrogar Michael a respeito.

— Devo perguntar por quê ou devo parar por aqui?

— Talvez já não tenha mais importância. Há um ano inteiro que estou fugindo disso. Cheguei mesmo a fugir de você hoje, na hora do almoço. Não posso continuar a fugir para sempre.

Michael fez uma pausa, baixou os olhos para suas mãos, depois tornou a fitá-la.

— Eu ia me casar no ano passado. No caminho, Ben Avery... minha... minha noiva e eu... sofremos um acidente. O outro motorista morreu e também... Ela também morreu.

Michael não chorou, mas teve a sensação de que tudo por dentro lhe fora arrancado. Wendy olhava para ele fixamente, os

olhos arregalados, horrorizados.

— Oh, Michael, que coisa horrível! Parece um pesadelo.

— E foi mesmo. Passei dois dias em estado de coma e quando saí ela já tinha morrido. Eu... eu... — Michael quase que não podia pronunciar as palavras, mas tinha de fazê-lo agora. Tinha de contar a alguém. Jamais contara nem mesmo a Ben. — Voltei ao apartamento dela quando saí do hospital, duas semanas depois. Mas já estava vazio. Alguém chamara a Goodwill e os quadros dela... haviam sido roubados por duas enfermeiras do hospital. Ela era pintora.

Os dois ficaram sentados em silêncio por longo tempo. Depois, Michael voltou a falar, como se desejasse ele próprio compreender melhor.

— Não restou nada. Acho que nem de mim...

Quando ele levantou a cabeça, deparou com lágrimas escorrendo pelas faces de Wendy.

— Lamento muito, Michael.

Ele assentiu e, pela primeira vez em um ano, também chorou. As lágrimas deslizavam lentamente por seu rosto quando a abraçou.

Capitulo 15

— Michael, o que acha daquela mulher que está dirigindo o escritório de Kansas City e...

Wendy olhou para ele, acomodado em uma cadeira de lona em seu jardim. Michael não estava ouvindo.

— Michael...

Os dois estavam sentados em trajes de banho, no sol quente de Nova York. Wendy sabia que ele também não estava prestando atenção à edição dominical do jornal.

— Michael...

— Ahn? O que foi?

— Eu lhe estava fazendo uma pergunta sobre aquela mulher do escritório de Kansas City. — Mas Wendy sabia que já o tinha perdido e fitou-o com expressão irritada. — Quer outro Bloody Mary?

— Hem? Quero, sim... Acho que vou voltar para o escritório daqui a pouco.

Ele olhou além dela, para um ponto qualquer acima de seu ombro.

— Maravilhoso.

— Como assim?

Michael estava agora observando-a atentamente e não sabia direito o que significava a expressão no rosto dela. Se se

esforçasse um pouco, poderia entender prontamente. Mas nunca tentava.

— Nada, nada...

— O centro médico de São Francisco vai me exigir o máximo de trabalho pelos próximos dois anos. É um dos maiores projetos já realizados no país.

— E se não fosse isso, seria alguma outra coisa. Não precisa arrumar desculpas. Está tudo bem.

— Então não procure dar a impressão de que estou batendo o relógio-ponto toda vez que apareço aqui.

Michael empurrou o jornal com o pé e fitou-a com expressão furiosa. Ela não se conteve mais.

— Pare com isso, Michael! Só apareceu aqui ontem depois de meia-noite e meia. Tínhamos um jantar marcado com os Thompson e você só me telefonou às 9h45min. Eu deveria ter saído com os Thompsons mesmo sem você.

— Então por que não saiu? Não precisa ficar sentada aqui à minha espera.

— É verdade, não preciso. Mas acontece que estou apaixonada por você. E o pior é que nem ao menos tenta ter alguma consideração. O que há com você? Tem medo de estar em outro lugar que não seja em sua mesa de trabalho? Tem medo de que alguém possa tomar o seu lugar? Ou está com medo de também se apaixonar por mim? Será que isso seria tão horrível

assim?

— Não seja ridícula. Sabe como meu trabalho é absorvente. E sabe disso melhor que qualquer outra pessoa.

— Claro que conheço o seu trabalho... e é justamente por isso que sei que metade das horas que dedica a ele não tem a menor razão de ser. Usa o seu trabalho como um lugar para se esconder, um meio de vida. Usa-o para me evitar. E evitar a si mesmo.

E também a Nancy. Mas Wendy não acrescentou esse comentário.

— Isso é ridículo.

Michael levantou-se e andou pelo jardim estreito e bem cuidado, as lajes de pedra bastante quentes sob seus pés. Era setembro, mas ainda fazia calor em Nova York. Depois das primeiras semanas felizes de romance, ele e Wendy haviam passado um verão difícil. Michael passara a maior parte do tempo trabalhando, mas haviam conseguido pelo menos um fim de semana em Long Beach.

— Além do mais, o que está esperando de mim? Pensei que tivéssemos deixado isso bem claro desde o início. Eu lhe disse expressamente que não queria...

— Você me disse que não queria envolver-se demais, que tinha medo de ficar ainda mais magoado. Não tinha certeza se queria casar-se algum dia. Nunca me disse que tinha medo de

estar vivo, que tinha medo de gostar, que tinha medo de ser um ser humano. Passa mais tempo com seu ditafone do que comigo, Michael. E provavelmente trata melhor ao ditafone.

— E daí?

Wendy sentiu um calafrio subir pela espinha enquanto observava o rosto dele. Michael realmente não se importava. E ela estava louca para ficar com ele. Havia algo em Michael, uma beleza estranha, uma força intensa, uma tristeza profunda, que a atraía como um ímã. E mais do que isso, ela podia sentir como era grande angústia dele, a carência. Queria atingi-lo bem fundo, mostrar-lhe que era amado. Mas Michael não se importava. Ela não era Nancy. E ambos sabiam disso.

Wendy levantou-se em silêncio e saiu do jardim, entrando no apartamento para que ele não visse as lágrimas brilhando em seus olhos. Na cozinha, serviu-se de outro Bloody Mary e ficou parada ali por um momento, os olhos fechados, o corpo tremendo, desejando poder alcançá-lo, finalmente encontrá-lo. Mas estava começando a pensar que isso jamais seria possível. Michael nunca mais se abriria para qualquer pessoa.

Ela tomou todo o drinque em goles grandes e pôs o copo vazio em cima da pia, enquanto sentia as mãos de Michael flutuarem gentilmente sobre sua pele bronzeada. Wendy passava todos os fins de semana no jardim, bronzeando-se, sozinha. Michael nada disse naquele momento, continuando parado, logo atrás

dela. Wendy podia sentir o calor do corpo dele. Queria-o desesperadamente, mas estava cansada de Michael saber disso e poder tê-la sempre que desejava. Já estava na hora de ela começar a tornar as coisas um pouco mais difíceis para ele.

— Eu a quero, Wendy.

Todo o corpo dela ansiava por aquelas palavras, mas não iria entregar-se. Permaneceu de costas para ele, odiando a suavidade das mãos dele a acariciarem suas costas e as nádegas, dando a volta para frente e subindo para os seios.

— Como você disse antes: e daí?

— Sabe que não posso agüentar esse tipo de pressão.

A voz de Michael era tão suave quanto a pele de Wendy.

— Não é pressão, Michael. É amor. E o mais triste é que você não conhece a diferença. Era assim também com ela?

Wendy sentiu as mãos dele pararem de repente, os braços ficarem rígidos. Mas ela não podia deter-se agora. Queria feri-lo fundo também.

— Também tinha medo de amá-la? Agora não precisa amar ninguém e pode passar o resto de sua vida escondendo-se por trás da tragédia do quanto sente saudade dela. Isso resolve todos os seus problemas, não é mesmo?

Ela virou-se lentamente para fitá-lo e descobriu que os olhos dele transbordavam de ódio.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Como se atreve?

Por um momento Michael pareceu a Wendy como a mãe dele, quase tão implacável, quase tão cruel. Mas não o bastante. Ninguém podia igualar Marion.

— Como tem coragem de distorcer dessa maneira as coisas que lhe contei?

— Não estou distorcendo coisa alguma, apenas perguntando. Se estou enganada, lamento muito. Mas estou começando a duvidar da possibilidade de estar enganada.

Wendy encostou-se na pia, olhando para ele. Michael agarrou-a subitamente pelos ombros e puxou-a para si.

— Michael...

Mas ele não disse nada, apenas comprimiu a boca contra a dela, ao mesmo tempo em que arrancava a parte de cima do biquíni. Depois, puxou com toda força a parte de baixo, que no mesmo instante saiu em sua mão. Os fechos dourados nos lados haviam quebrado. A esta altura, Wendy já estava alcançando o chão da cozinha, nos braços dele, odiando mais a si mesma do que o odiava, por saber no fundo do coração que era justamente o que estava querendo. Pelo menos Michael estava vivo, pelo menos estava fazendo amor com ela, qualquer que fosse o motivo, o que quer que custasse. Mas custava muito e Wendy sabia disso. Estava custando uma parte de sua alma.

E dez minutos depois ainda estavam deitados no chão da cozinha, ofegantes e cobertos de suor. Wendy podia ouvir o

tique-taque do relógio da cozinha no silêncio. Michael não disse nada. Apenas olhava para o jardim, parecendo estranhamente triste.

— Você está bem?

Michael é que deveria estar fazendo essa pergunta, mas foi ela quem a formulou. Todo o caso era uma loucura total e Wendy sabia disso, mas nada podia fazer para se conter. Às vezes, ela se perguntava o que aconteceria quando acabasse. Talvez ele mandasse Ben Avery despedi-la. Ela quase esperava por isso.

— Michael...

— Hum? Eu... eu sinto muito, Wendy. Há ocasiões em que me comporto como um asno incomparável.

Havia lágrimas brilhando nos olhos dele.

— Não tenho certeza se posso discordar dessa declaração.

Wendy fitou-o com um sorriso triste e depois beijou-o na ponta do queixo. — Mas eu o amo, apesar de tudo.

— Pode conseguir alguma coisa melhor, Wendy. — Pela primeira vez em meses, Michael contemplou-a e parecia estar realmente vendo-a. — Há ocasiões em que odeio a mim mesmo pelo que lhe estou fazendo. Mas eu...

Michael não conseguiu continuar e Wendy pôs um dedo sobre os lábios dele.

— Eu sei.

Ele assentiu silenciosamente e levantou-se, enquanto Wendy continuava a fitá-lo do chão da cozinha.

— Michael...

— O que é?

O rosto dele estava agora mais suave do que meia hora antes. No final das contas, Wendy fizera algo por ele.

— Ainda sente saudade dela durante todo o tempo?

Michael demorou por um longo momento antes de assentir, com expressão angustiada nos olhos. E depois, sem dizer mais nada, ele foi ao quarto para se vestir. Wendy levantou-se lentamente. Não se preocupou com o biquíni arrebentado. Afinal, já lhe servira bastante durante todo o verão e os pequenos fechos dourados provavelmente não poderiam ser consertados. Sentou-se, nua, num dos bancos do bar que separava a cozinha da sala, pensando no que vira nos olhos de Michael.

Quando ele voltou à cozinha, alguns momentos depois, encontrou-a ainda sentada ali, imersa em seus pensamentos. Wendy levantou a cabeça e no instante seguinte ficou pesarosa, ao vê-lo usando *jeans* e uma camisa branca apertada no pescoço. Michael segurava sua pasta numa das mãos e uma suéter na outra. A pasta revelou a Wendy que ele iria mesmo para o escritório, apesar de tudo, apesar de ser um domingo. O suéter servia para indicar que ele ficaria no escritório até tarde. Nenhuma das duas coisas era uma boa notícia para Wendy.

— Vai voltar mais tarde?

Wendy odiou a si mesma pela pergunta. Estava pedindo... suplicando. E o pior é que Michael estava sacudindo a cabeça negativamente.

— Provavelmente vou trabalhar até duas ou três horas da madrugada e depois irei para o meu apartamento. De qualquer forma terei de estar lá pela manhã para me vestir.

O momento de suavidade de minutos antes havia desaparecido. Era novamente o mesmo Michael de antes, sempre fugindo. Wendy já o havia perdido nos 10 ou 15 minutos que haviam transcorrido desde que tinham feito amor. Era uma situação sem esperança, mas ela detestava ter de renunciar à luta. Aquele tipo de rejeição só servia para fazê-la querer tentar ainda mais arduamente, dar ainda mais de si.

— Então até amanhã, no escritório.

Ela se esforçou em não parecer desolada, tentou até mesmo sorrir enquanto o acompanhava até a porta. Mas sentiu-se satisfeita quando Michael deixou-a rapidamente, roçando os lábios por sua testa e saindo sem olhar para trás, porque ela já estava chorando ao fechar a porta. Michael Hillyard era uma causa perdida.

Capítulo 16

Os campos passavam velozmente por eles, enquanto Peter calcava até o fundo o acelerador do Porsche preto. Era uma sensação deliciosa, quase como voar. E não havia mais ninguém na estrada. Agora, saíam para um passeio quase todos os domingos. Peter pegava-a por volta das 11 horas e seguiam para o sul, tão longe quanto queriam. Acabavam parando em algum lugar para almoçar e depois passeavam por algum tempo de mãos dadas, rindo das histórias do passado que ambos contavam. Finalmente voltavam para casa. Era um ritual que Nancy passara a adorar. E, de maneira estranha, estava começando também a amá-lo. Peter era agora uma pessoa muito especial em sua vida. Estava lhe devolvendo todos os seus sonhos, assim como lhe proporcionava alguns novos.

Naquele dia haviam parado perto de Santa Cruz, em um pequeno restaurante à beira da estrada, decorado como uma estalagem francesa. Haviam almoçado *quiche* e salada *niçoise,* junto com vinho branco bastante seco. Nancy estava começando a se acostumar a refeições como aquela. Era algo muito longe da Nova Inglaterra, feiras rurais e contas azuis. Peter Gregson era um homem de considerável sofisticação. O que era uma das coisas que Nancy gostava nele. Fazia com que ela se sentisse maravilhosamente frívola, mesmo com as ataduras e os chapéus esquisitos. Mas agora já podia se ver um pouco mais de seu rosto.

Toda a parte inferior do rosto estava acabada. Somente a área em torno dos olhos ainda estava coberta por ataduras e esparadrapos, mas os óculos ocultavam a maior parte. A testa também estava em grande parte coberta.

Contudo, pelo que se podia ver, chegava-se à conclusão de que Peter Gregson não apenas realizara um milagre, como também fizera um trabalho primoroso. A própria Nancy estava consciente disso e o simples fato de saber como começava a parecer proporcionava-lhe uma sensação de confiança cada vez maior. Usava agora os chapéus em ângulos mais garbosos e passara a comprar roupas mais vistosas, de um corte mais sofisticado do que antes. Emagrecera mais três quilos e parecia comprida e esguia, como um lindo gato da selva. E usava constantemente a sua nova voz. Estava gostando cada vez mais da nova pessoa em que se estava transformando.

— Quer saber de uma coisa, Peter? Estive pensando em mudar meu nome.

Nancy fez esta declaração com um sorriso tímido, ao tomar um gole de vinho. Por algum motivo, a idéia parecera menos absurda ao conversar a respeito com Faye. Agora, arrependeu-se no mesmo instante por ter abordado o assunto. Mas Peter prontamente deixou-a à vontade.

— Isso não me surpreende. Você agora é uma moça inteiramente nova, Nancy. Por que não um novo nome? Já lhe ocor-

reu algum nome especial?

Peter fitou-a afetuosamente, enquanto acendia um Don Diego da Dunhill's. Nancy passara a gostar do aroma deles, especialmente depois de uma boa refeição. Peter a estava introduzindo às melhores coisas da vida. Era uma maneira deliciosa de amadurecer.

— E então, quem é a minha nova amiga? Como ela se chama?

— Ainda não tenho certeza, mas estou pensando muito em adotar o nome de Marie Adamson. O que acha?

Peter pensou por um momento e depois assentiu.

— Nada mau... para dizer a verdade, gosto bastante. Muito mesmo. Como lhe ocorreu?

— O nome de minha freira predileta e o sobrenome de solteira de minha mãe.

— Mas que combinação exótica!

Ambos riram e Nancy recostou-se na cadeira com um sorriso satisfeito. Marie Adamson. Ela gostava muito de seu novo nome.

Observando-a através do véu de fumaça azul, Peter indagou:

— E quando está pensando em mudar o nome?

— Não sei. Ainda não decidi.

— Por que não começa a usá-lo imediatamente?

Experimente para ver se lhe agrada. Poderia, por exemplo, usá-lo em seu trabalho.

Peter parecia excitado com a idéia. Sempre se mostrava excitado quando conversava a respeito do trabalho dela ou do seu próprio. E para surpresa e prazer de Nancy, encarava o trabalho dela à mesma luz que o dele, como se fossem igualmente importantes. Aprendera a respeitar profundamente o talento de Nancy.

— Falando sério, Nancy, por que não começa logo?

— A assinar Marie Adamson nos trabalhos que lhe dou?

Nancy achava divertida a maneira séria com que ele encarava tudo o que ela fazia. Peter e Faye eram as únicas pessoas que conheciam o seu trabalho.

— Pode alargar um pouco seus horizontes.

Não era um assunto novo entre os dois. Nancy levantou a mão, e sacudiu a cabeça firmemente, sorrindo.

— Não comece novamente.

— Vou continuar a insistir até que seja um pouco mais sensata no assunto, Nancy. Não pode ficar se escondendo para sempre. É uma artista, quer trabalhe com tintas ou com filmes. É um crime esconder seu trabalho da maneira como está fazendo. Tem de realizar uma exposição.

— Não. — Nancy tomou outro gole de vinho e contemplou a paisagem. — Já tive todas as exposições que

desejava.

— Isso é ótimo... eu a recupero inteiramente para que se esconda num apartamento pelo resto da vida, tirando fotografias para mim.

— É um destino tão terrível assim?

— Para mim, não. — Ele sorriu gentilmente e segurou-lhe a mão. — Mas para você, é, sim. Tem talento demais, não deve ser avara com ele. Não o esconda. Não faça isso a si mesma. Por que não faz uma exposição com o nome de Marie Adamson? Poderia assim manter o anonimato. Se não gostar da exposição ou do que lhe acarretar, risque o nome de Marie Adamson e volte a tirar fotografias para mim. Mas pelo menos faça uma tentativa. Até mesmo Greta Garbo foi um sucesso antes de se tornar uma reclusa. Dê a si mesma pelo menos uma chance.

Havia um tom de súplica na voz de Peter que a atraiu. E Peter tinha razão ao alegar o anonimato de seu novo nome. Talvez isso fizesse toda a diferença. Mas Nancy ainda sentia que haviam passado por aquilo mil vezes antes, sem que houvesse qualquer conclusão. Algo nela resistia à idéia de se tornar novamente uma artista profissional. Fazia com que se sentisse vulnerável. Fazia-a... pensar em Michael.

— Vou pensar a respeito.

Era a resposta mais positiva que Peter já obtivera em relação a este assunto, o que o deixou satisfeito.

— Espero que acabe se decidindo favoravelmente... Marie.

Peter fitou-a com um sorriso radiante e ela não pôde deixar de rir.

— É uma sensação estranha ter um novo nome.

— Por quê? Tem um novo rosto. Também estranha isso?

— Não. Ou pelo menos não mais. Graças a Faye e a você, consegui acostumar-me.

A maioria das mulheres daria o braço direito para se acostumar àquele rosto e ela sabia disso.

— Devo começar a chamá-la de Marie?

Peter estava apenas provocando, até ver uma nova luz nos olhos dela. Era um brilho travesso, maravilhoso, de vida a borbulhar.

— Para ser franca... deve. Acho que vou fazer a experiência.

— Certo, Marie. Se eu cometer um deslize, pode dar-me um pisão no pé.

— Não há problema. Em vez disso, vou acertá-lo na cabeça com a minha câmara.

Peter pediu a conta e trocaram um sorriso prolongado e terno. Depois, passearam pela pequena cidade à beira do mar, espiando as lojas, embrenhando-se pelas vielas estreitas, entrando em galerias quando encontravam alguma coisa que lhes parecesse

interessante. E por toda parte onde iam Fred corria logo atrás deles, igualmente acostumado ao ritual do domingo. Ele sempre esperava no carro enquanto os dois almoçavam e os acompanhava nos passeios a seguir.

— Cansada?

Peter fitou-a atentamente, depois que já estavam passeando há uma hora. Embora ela estivesse gradativamente aumentando a sua resistência, Peter sabia, mais que qualquer outra pessoa, como se cansava facilmente. Nos dezessete meses que haviam transcorrido desde o acidente, Nancy fora submetida a quatorze operações. Mais outro ano se passaria antes que ela voltasse a ser como antes. Mas quem não a conhecesse bem, não iria suspeitar de suas fadigas ocasionais. Nancy sempre parecia bastante animada, mas uma hora de passeio ainda lhe exigia muito esforço.

— Já quer voltar? .

— Por mais que eu deteste admitir, quero, sim.

Ela assentiu tristemente, enquanto Peter lhe pegava a mão.

— Daqui a um ano, Marie, vai conseguir vencer-me em qualquer corrida.

Ela riu, tanto da idéia como da maneira fácil com que ele usou seu novo nome.

— Aceitarei isso como um desafio.

— Infelizmente, creio que vai ganhar. Possui uma grande vantagem do seu lado.

— Qual é?

— A juventude.

— O que você também tem.

Ela falou fervorosamente, provocando uma risada de Peter, que sacudiu lentamente a cabeça bonita.

— Espero que me encare sempre através de olhos tão generosos, minha cara.

Mas quando ele virou a cabeça, havia uma sombra de tristeza a lhe toldar os olhos. Ela apenas vislumbrou, mas já conhecia o problema. Não havia como negar a diferença de idade entre os dois. Não importava o quanto se gostassem, quão íntimos se houvessem tornado, não se podia negar a diferença de vinte e três anos que os separava. Mas Nancy descobrira que não se importava com isso, até mesmo gostava. Já o dissera antes a Peter e algumas vezes ele chegara a acreditar. Tudo dependia do ânimo em que estivesse no momento. Mas ele jamais admitia o quanto isso o perturbava. Nancy era a primeira moça que o fizera querer ser jovem novamente, livrar-se de uma década ou talvez duas em sua idade. Haviam sido décadas que ele apreciara intensamente, mas que descobria agora serem um fardo incômodo diante da juventude dela.

— Nancy...

O novo nome havia sido subitamente esquecido, enquanto ele a fitava com extrema seriedade, uma indagação em seus olhos.

— O que é?

— Você... ainda sente saudades dele?

Havia tanta angústia nos olhos de Peter ao fazer a pergunta que ela sentiu vontade de abraçá-lo e dizer-lhe que estava tudo bem. Mas também não podia mentir para ele. Ficou surpresa ao descobrir que a pergunta lhe trouxe lágrimas aos olhos, enquanto assentia e dava de ombros.

— Às vezes. Nem sempre.

Era uma resposta sincera.

— Ainda o ama?

Nancy fitou-o firmemente nos olhos, antes de responder:

— Não sei. Lembro-me dele como era, de nós como éramos. Mas nada disso continua a ser real. Não sou mais a mesma pessoa e ele também não pode ser. O acidente deve ter deixado nele uma marca profunda. Talvez, se voltássemos a nos encontrar, acabássemos por descobrir que nada mais restou do que tínhamos juntos. É algo muito difícil de dizer. A gente fica apenas com sonhos do passado. Há ocasiões em que eu gostaria de tornar a encontrá-lo, só para deixar tudo para trás. Mas eu... acabei chegando à conclusão... de que nunca mais voltarei a vê-lo.

Ela falou com dificuldade, mas também incisivamente.

Fez uma pausa, antes de arrematar:

— E por isso tenho simplesmente de esquecer os sonhos.

— O que não se consegue facilmente. — A angústia nos olhos de Peter era agora ainda maior. De repente, Nancy começou a se perguntar se ele não teria passado por alguma experiência similar. Talvez fosse por isso que ele sempre compreendera o que ela sentia.

— Peter, por que nunca se casou? — Os dois estavam agora caminhando lentamente pela praia, com Fred em seus calcanhares, inteiramente esquecido. — Ou não devo perguntar?

— Não, pode perguntar. Acho que foi por muitas razões aparentemente sensatas. Sou egocêntrico demais. Sempre andei muito ocupado com meu trabalho, que me absorveu totalmente a vida. Tudo isso e mais alguma coisa: sempre estou em movimento, não sou o tipo de homem de se acomodar.

— Não sei por que, não acredito nessas alegações.

Nancy fitou-o atentamente e ele sorriu.

— Também não acredito. Mas há um pouco de verdade em todas as alegações. — Peter fez uma pausa que parecia interminável e depois suspirou. — Há outras razões também. Há doze anos, apaixonei-me por alguém. Era uma paciente quando nos conhecemos e senti-me profundamente atraído. Mas evitei qualquer envolvimento pessoal. Ela nunca soube o que eu sentia até... até muito mais tarde. E parecíamos fadados a estar nos

encontrando constantemente. Em cada festa, jantar, em todas as reuniões sociais ou profissionais. É que o marido dela também era médico. Pois ela era casada. Resisti à "tentação", como se poderia dizer, durante um ano. E depois não consegui mais. Nós nos apaixonamos e passamos a nos encontrar em segredo. Foi maravilhoso.

"Falamos em nos casar, fugir juntos, ter um filho. Mas nunca o fizemos. Queríamos simplesmente que tudo continuasse como estava. E foi o que aconteceu, por doze anos. Não posso compreender como conseguimos manter nosso relacionamento por tanto tempo, mas imagino que é assim mesmo que as coisas acontecem. Vão simplesmente continuando e continuando até que um dia a gente acorda e descobre que já se passaram dez anos. Ou onze ou doze anos. Continuamos a encontrar motivos para não nos casarmos, para que ela não se divorciasse... por causa do marido dela, minha carreira, sua família. Havia sempre motivos. Talvez preferíssemos da maneira como era. Não sei direito.

Peter jamais admitira aquilo antes e Nancy ficou a observá-lo atentamente enquanto ele falava. Peter olhava para o horizonte e parecia estar a mil quilômetros de distância dali, mesmo enquanto falava com ela.

— Por que não pararam de se ver? Ou...

Talvez tivessem. Nancy corou quando o pensamento lhe

ocorreu. Talvez estivesse se intrometendo. Era possível que houvesse muita coisa na vida de Peter que ela não conhecia e não tinha o direito de inquirir. Nunca pensara nisso antes.

— Desculpe. Eu não deveria ter perguntado.

— Não diga bobagem. — Os olhos e pensamentos de Peter voltaram a se concentrar nela, com a gentileza habitual. – Não há nada que não possa me perguntar. Não, ela morreu. Há quatro anos, de câncer. Passei a maior parte do tempo a seu lado, exceto no último dia. Acho... acho que Richard já sabia de tudo, no final. Mas não tinha mais qualquer importância. Ambos a tínhamos perdido. Tenho a impressão de que ele estava grato pelo fato de ela não tê-lo deixado anos antes. Nós a choramos juntos. Era uma mulher extraordinária... muito parecida com você.

Havia lágrimas nos olhos dele quando olhou para Nancy. Ela sentiu que as lágrimas também afloravam a seus próprios olhos. Sem pensar, Nancy levantou a mão e gentilmente removeu as lágrimas do rosto dele. Depois, sem retirar a mão de seu rosto, inclinou-se e beijou-o suavemente, nos lábios. Ficaram parados ali por longo momento, em silêncio, os olhos fechados. E depois ela sentiu que os braços de Peter a enlaçavam. Foi invadida por uma sensação de paz como há mais de um ano não sentia. Peter beijou-a com a paixão acumulada de quatro anos. Ele tivera outras mulheres depois que Lívia morrera, mas não amara nenhuma. Até

conhecer Nancy.

— Sabe que eu a amo?

Peter deu um passo para trás e fitou-a com um sorriso que ela nunca vira antes. Fê-la sentir-se ao mesmo tempo feliz e triste, porque não tinha certeza se já estava preparada para lhe dar tudo o que estava recebendo. Ela o amava, mas não... não da maneira como os olhos de Peter diziam que ele a amava.

— Eu também o amo, Peter. À minha maneira peculiar.

— O que é suficiente, por enquanto.

Livia também lhe dissera a mesma coisa, no início. Havia ocasiões em que era assustador como as duas se pareciam.

— Faye ajudou-me muito quando ela morreu. Foi por isso que pensei que Faye poderia também ajudá-la.

Faye o ajudara também por outros meios, mas isso não importava, não agora.

— E tinha toda razão, Peter. Ela tem sido maravilhosa. Os dois têm sido. — Nancy pegou a mão dele e começaram a subir pela praia. — Peter... eu... eu não sei como dizer isso, mas... não quero magoá-lo. Eu o amo, mas ainda estou presa ao meu passado. Tenho de me libertar, pouco a pouco, passo a passo. Pode demorar ainda algum tempo..

— Não estou com pressa. Sou um homem de extrema paciência.

— O que é ótimo, pois quero que esteja a meu lado

quando eu estiver preparada.

— Pode estar certa de que irá me ver a seu lado. Não se preocupe com isso.

E a maneira como ele falou fez com que Nancy se sentisse feliz e satisfeita. Perguntou se não seria possível que o amasse mais do que imaginava. E enquanto caminhavam pela praia ocorreu-lhe um pensamento súbito. Assustou-a e ao mesmo tempo excitou-a. Mas ela sabia que queria fazê-lo. Peter percebeu o brilho nos olhos dela quando o fitou, ao voltarem para o carro.

— E o que exatamente tem escondido na manga?

— Não importa.

— Oh, o que vai ser agora? — Algumas semanas antes, ela lhe telefonara ao amanhecer, para dizer que ele tinha de se levantar para contemplar o maravilhoso nascer do sol. — Nancy... não, Marie. Daqui por diante, é Marie e apenas Marie. Mas diga-me uma coisa: Marie é tão extravagante quanto Nancy?

— Mais ainda. Ela tem todos os tipos de novas idéias.

— Oh, não! Por favor, me poupe! — Mas Peter não dava a impressão de que queria mesmo ser poupado. Jamais. — Não quer dar alguma pista do que está pensando? Só uma pequena indicação?

Mas ela se limitou a sacudir a cabeça e rir, enquanto Fred pulava em seu colo e Peter ligava o motor.

— Pois eu também tenho uma idéia para você. O

trabalho em seu rosto será feito no fim do ano. O que me diz de começar o novo ano com uma exposição de arte fotográfica de Marie Adamson? Concordaria com essa idéia?

— Pode ser.

Ela estava na verdade começando a gostar da idéia. Algo acontecera naquela tarde que a fazia sentir-se brava novamente. Talvez fosse por ter contado a Peter como se sentia em relação a Michael, por ter ouvido falar da mulher que ele amara... por estar nos braços dele, sendo de novo beijada por um homem.

— Vou pensar nessa exposição.

— Pensar, não, tem de prometer. Na verdade... – Peter tirou a chave da ignição, meteu-a debaixo do seu corpo no assento e virou-se para ela, sorrindo. — Não vou levá-la para casa até concordar com a exposição. E espero que seja uma dama para não lutar comigo a fim de pegar a chave.

— Está bem. Você venceu. — Ela afagou o pêlo de Fred e soltou uma risada. — Eu desisto. Farei a exposição.

— Tão fácil assim?

Peter estava surpreso.

— Tão fácil assim. Mas como vou poder aparecer pessoalmente na exposição?

— Deixe isso comigo. Negócio fechado?

— Fechadíssimo!

Ela confiava nele com seu trabalho, assim como confiara

com seu rosto e sua vida.

— Garanto que não vai-se arrepender, querida. — Gentilmente, Peter pegou o rosto dela entre as mãos, beijou-a e depois tornou a ligar o carro. Fora um dia maravilhoso.

Voltaram para casa lentamente, pela costa. Foi com pesar que Peter parou o carro diante do prédio dela, às seis horas. Detestava ver aquele dia terminar, mas queria que ela descansasse.

— Muito bem, minha jovem, tenha um sono tranqüilo esta noite. Quero vê-la amanhã bem cedo no consultório, alegre e viçosa.

Ele iria remover mais ataduras no dia seguinte e mais duas operações estavam marcadas para os próximos dois meses. Em dezembro a cirurgia já estaria encerrada e ela seria "descoberta" em janeiro.

— Não quer subir?

Ela não tinha realmente certeza se queria que ele subisse e ficou aliviada quando Peter disse que não.

— Vamos jantar em algum dia desta semana. Até lá, já terei notícias para lhe dar a respeito da exposição.

— Não ficarei desapontada se não tiver.

Peter sorriu e ela e Fred saltaram do carro. Nancy acenou ao se encaminhar para o prédio. Mas já estava pensando em outra coisa. Pensara a respeito na praia, ao se encaminharem para o carro, sabia agora que era algo que tinha de fazer. Algo que queria

fazer. Foi diretamente para o armário, sem tirar o casaco, remexeu atrás das roupas até encontrar. Tirou e ficou olhando por longo momento, antes de abrir. Estava coberto de poeira e ela sentia medo de abrir, mas tinha de fazê-lo. Lentamente, puxou o zíper e o portfólio preto abriu-se a seus pés, revelando esboços, alguns quadros pequenos, trabalhos por terminar. O que estava procurando encontrava-se no alto da pilha. Sentou-se no chão e ficou contemplando o trabalho, pensativa. Tencionara dá-lo a Michael como presente de casamento, um ano e meio antes. A paisagem com o menino escondido na árvore. Ficou sentada no chão, olhando para o quadro, as lágrimas escorrendo lentamente por suas faces. Levara dezoito meses para enfrentar novamente aquele trabalho. Mas tinha conseguido fazê-lo agora e ia terminar o quadro. Para Peter.

Capítulo 17

Era um dia frio, mas agradável. Marie baixou a aba do chapéu, levantou a gola do casaco vermelho de lã e percorreu rapidamente os últimos quarteirões até o consultório de Faye Allison. Fred estava a seu lado, como sempre, a coleira e a correia exatamente do mesmo tom de vermelho do casaco. Nancy sorriu para o cachorro, ao virarem a última esquina. Ela estava bastante

animada, com uma disposição que nem mesmo o nevoeiro conseguia arrefecer. Subiu correndo os degraus do consultório de Faye e entrou.

— Ei, cheguei!

A voz ressoou pela casa simpática e aconchegante e um momento depois houve uma pronta resposta lá de cima. Marie tirou o casaco. Estava usando um vestido branco simples, de lã, com o broche de ouro que Peter lhe dera alguns meses antes. Quase distraidamente, ela se contemplou no espelho e ajeitou o chapéu em um ângulo mais gracioso, sorrindo pelo que via. Os óculos haviam finalmente desaparecido e podia contemplar olhos ao se ver no espelho. Somente uns poucos esparadrapos estreitos ainda permaneciam em seu rosto, no alto da testa. E esses também desapareceriam, dentro de poucas semanas. Estaria tudo acabado. O trabalho chegaria ao fim.

— Está satisfeita com o que vê, Nancy?

Ela percebeu subitamente que Faye estava parada logo atrás, com um sorriso afetuoso no rosto. Assentiu.

— Acho que estou. Agora, já estou até acostumada comigo mesma. Mas você não está!

Havia malícia em seus olhos quando se virou e olhou brejeiramente, para a amiga.

— Como assim?

— Continua a me chamar de "Nancy". É Marie agora,

está lembrada? Oficialmente.

— Desculpe. — Faye sacudiu a cabeça e levou-a para a sala aconchegante onde sempre conversavam. — Estou sempre me esquecendo.

— Exatamente. — Mas Marie não parecia aborrecida ao acomodar-se em sua poltrona predileta. — Acho que é muito difícil romper com os velhos hábitos.

O rosto dela se tornou sombrio ao pronunciar tais palavras e Faye esperou pelo resto dos pensamentos.

— Estive pensando muito nisso ultimamente. Mas acho que finalmente consegui superá-lo.

Ela falou baixo, olhando para o fogo, com expressão pensativa.

— A Michael? — Marie limitou-se a assentir e depois finalmente virou a cabeça, com expressão de intensa seriedade. — O que a leva a pensar que conseguiu superá-lo, Marie?

— Acho que tomei essa decisão. Não tenho muita opção. A verdade, Faye, é que já se passaram quase dois anos desde o acidente. Para ser mais exata, dezenove meses. E Michael ainda não me encontrou. Não disse à mãe que fosse para o inferno, que ele tinha de ficar a meu lado e nada mais importava. Em vez disso, ele simplesmente me deixou de lado. — Os olhos dela procuraram os de Faye e se fixaram neles. — Ele me largou. E agora tenho de largá-lo também.

— Não é fácil. Esperou muito dele e por muito tempo.

— Por tempo demais. E ele me abandonou.

— E como isso a faz sentir-se em relação a si mesma?

— Acho que bem. Estou furiosa com ele e não comigo.

— Não está mais zangada consigo mesma pelo acordo que fez com a mãe dele?

Faye estava pressionando numa área delicada e sabia disso, mas era um problema que não podia ser ignorado.

— Não tive alternativa.

A voz de Marie era dura e fria.

— Mas não censura a si mesma?

— Por que deveria fazê-lo? Acha que Michael censura a si mesmo por ter me abandonado? Por nunca ter-se dado ao trabalho de me procurar depois do acidente? Pensa que isso por acaso o faz passar as noites sem dormir?

— Ainda faz *você* passar as noites sem dormir, Nancy? É isso o que me interessa.

— Marie, de uma vez por todas! E não, não faz. Decidi esquecer os sonhos. Tenho vivido com esse absurdo em mim por tempo demais.

Ela parecia convincente, mas Faye ainda não tinha certeza absoluta de como a moça realmente se sentia.

— E o que vai fazer agora?

O que tomaria o lugar de Michael? Ou quem? Peter?

— Agora vou trabalhar. Primeiro, vou tirar umas férias no sudoeste, durante os feriados de Natal. Há algumas paisagens deslumbrantes por lá e quero fotografá-las. Já fiz meus planos. Arizona, Novo México. Posso até pegar um avião e passar uns dois dias no México.

Marie parecia satisfeita ao falar, mas ainda havia alguma dureza em seu rosto, mascarando uma tristeza. Acabara de sofrer outra perda, ao renunciar finalmente de modo completo a Michael. Levara muito tempo para chegar a esse ponto.

— Vou passar cerca de três semanas viajando. Com isso, terei resolvido o problema dos feriados de fim de ano.

— E depois?

— Trabalho, trabalho e mais trabalho. Isso é tudo o que me preocupa no momento. Peter já providenciou a exposição para mim. Vai ser em janeiro. E é melhor você comparecer!

Faye sorriu.

— Acha mesmo que eu perderia sua exposição por alguma coisa deste mundo?

— Espero que não. Já escolhi para a exposição alguns trabalhos que amo de verdade. Ainda não viu a maior parte. Nem Peter. Espero que ele também goste.

— Peter vai gostar. Ele adora tudo o que você faz. O que me leva a uma indagação, Nan... desculpe, Marie. E Peter? Como se sente em relação a ele?

Marie suspirou, tornou a olhar para o fogo..

— Sinto uma porção de coisas diferentes em relação a Peter.

— Você o ama?

— De certa forma.

— Ele pode algum dia substituir Michael em sua vida?

— Talvez. Estou sempre tentando deixá-lo ocupar o lugar de Michael, mas algo sempre me impede. Não estou ainda preparada. Não sei, Faye... eu me sinto culpada por não ter dado mais a Peter. Ele faz tanto por mim... E... sei o quanto se preocupa comigo.

— Ele é um homem muito paciente.

— Talvez paciente demais. Tenho medo de magoá-lo. — Ela fitou novamente Faye nos olhos. Seus próprios olhos estavam conturbados. — Eu gosto muito dele.

— Então simplesmente terá de conferir o que acontece. Talvez se sinta mais livre agora que decidiu deixar Michael sair de sua vida. — Faye percebeu que os músculos em torno da boca de

Marie se contraíram, quando ela ouviu tais palavras. — Marie? Não vai renunciar às pessoas, não é mesmo? Não vai renunciar ao amor?

— Claro que não. Porque iria fazê-lo?

Mas a resposta foi apressada demais e excessivamente volúvel.

— Não deve jamais fazer uma coisa dessas. Michael lhe falhou quando mais precisava dele, é verdade. Mas não se esqueça de que ele é apenas um homem, não todos os homens. É algo que precisa sempre ter em mente. Há alguém neste mundo para você. Talvez seja Peter, talvez seja algum outro homem. É unia moça muito bonita e está com 23 anos. Tem uma vida inteira pela frente.

— É o que Peter também diz. — Mas Marie não dava a impressão de que acreditava nisso. E quando olhou novamente para Faye, foi com um sorriso nervoso, que procurava disfarçar ao mesmo tempo o medo e o pesar. — Tomei também outra decisão.

— Qual foi?

— Em relação a nós. Acho que já consegui fazer o que precisava, Faye. Falei tudo o que queria por longo tempo. Agora, estou pronta para sair daqui, empenhar-me a fundo e vencer o mundo.

— Por que não simplesmente desfrutá-lo?

Havia alguma coisa na jovem que ainda preocupava Faye. Ela renunciara a alguma coisa. Havia algo em que ela não mais acreditava. Fora traída e, em certo sentido, estava desistindo. Estava disposta a lutar por seu trabalho, mas não por si mesma.

— Você recebeu um presente maravilhoso, Marie. O presente da beleza. Não queira escondê-lo por trás de uma câmara.

Mas Marie a estava fitando com expressão dura e implacável.

— Não foi um presente, Faye. Paguei por isso com tudo o que eu tinha.

As duas trocaram votos de Feliz Natal quando Marie foi embora. Mas ainda havia um eco falso nas palavras, um vazio que ainda perturbava Faye, quando Marie Adamson ajeitou o chapéu branco e deixou a casa com um aceno jovial para a sua amiga de dois anos, caminhando para a nova vida, deixando para trás tudo o que outrora amara.

Capítulo 18

Ao deixar o consultório de Faye, Marie pegou um táxi e seguiu direto para a Union Square. Já fizera a reserva e tudo que precisava agora era passar na loja e pagar a passagem. Seria a

primeira viagem que faria em anos, a primeira desde o fim de semana que passara com Michael nas Bermudas. Fora na Páscoa e... Ela forçou o pensamento a deixar sua mente, enquanto o táxi descia pela Post Street, no tráfego intenso do centro da cidade. Fred estava sentado em seu colo, olhando para os carros que passavam e virando a cabeça de vez em quando para fitar a dona. Podia sentir algo diferente. Havia uma vivacidade em Marie que até mesmo o cachorrinho podia perceber. Ela tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o.

— Está bom aqui, moça?

O motorista havia parado na esquina da Post com a Powell, perto do Saint Francis Hotel. Marie apressou-se em assentir.

— Está, sim.

Ela pagou a corrida, abriu a porta do táxi e deixou Fred pular para a calçada. Seguiu-o rapidamente, deixou o cigarro cair no chão e apagou-o com o pé. A loja ficava a poucos passos de distância e um momento depois ela estava lá dentro. Para variar, não havia fila. Mas também ainda era cedo. Afinal, seus encontros com Faye eram sempre às 8h45min. Eram... tinham sido... Ela compreendeu mais uma vez que tudo acabara agora. Estava livre. Não mais iria consultar uma psiquiatra. O pensamento deixou-a um pouco assustada. Sentia-se tanto liberta como solitária, assim como comemorar e chorar ao mesmo tempo.

— Em que posso servi-la? — A moça por trás do balcão fitou-a com um sorriso, que Marie retribuiu. — Veio pegar passagens?

— Exatamente. Fiz reserva na semana passada. Adamson... isto é, McAllister.

Era estranho usar novamente seu nome antigo. Há dois meses que não o fazia. Mas até mesmo a viagem era simbólica. Legalmente, seu nome só mudaria em 1º de janeiro. Ao voltar, não seria mais Nancy McAIlister, mas sim Marie Adamson. Para sempre. Mas quando partisse, ainda seria Nancy. Era quase como uma viagem de núpcias, em que ela iria sozinha. Era o passo final no processo interminável que se prolongara por quase dois anos. Marie Adamson ia finalmente nascer. Oficialmente. E Nancy McAllister poderia ser esquecida para sempre. Michael a esquecera; agora, ela poderia também esquecer-se a si mesma. Não restava ninguém para lembrar. Peter providenciara tudo.

Ninguém que a conhecera antes poderia reconhecê-la agora. O rosto delicado e perfeitamente delineado era o de alguém que outras mulheres sonhavam ser, mas não o de uma pessoa que ela tivesse conhecido ao longo dos últimos 24 anos. Não era mais uma estranha, mas também não era Nancy McAllister. E a voz também era diferente, mais suave, mais profunda, mais controlada. Era uma voz sutil, com tons sensuais. Ela gostava da maneira como as pessoas a escutavam agora,

como se tivesse mais a dizer depois que passara a ter uma maneira diferente de falar. As mãos eram graciosas e delicadas, os movimentos mais suaves e ágeis, depois das aulas de balé que Peter finalmente lhe permitira tomar, depois que o trabalho dele ficara bastante adiantado. O ioga acrescentara algo mais ao todo. E tudo contribuía para rematar a imagem de Marie Adamson.

— O preço é cento e noventa e seis dólares.

A moça atrás do balcão olhou para o computador e depois para a cliente de pé a sua frente. Não conseguia tirar os olhos dela. Tinha as feições perfeitas, um sorriso cativante, uma graciosidade que prendia a atenção de todos quando se movia. Tudo naquela mulher dava vontade de perguntar: "quem é ela?" Marie preencheu o cheque, recebeu a passagem e saiu para o sol de dezembro na Union Square. Levava Fred nos braços, para que ele não se metesse entre suas pernas enquanto andava. Sorriu para si mesma ao atravessar a praça. Era um dia maravilhoso e ela tinha uma vida maravilhosa. Ia viajar durante os feriados de fim de ano, chegara ao fim daquelas operações intermináveis, estava começando uma vida nova, uma carreira nova. Tinha um apartamento que amava, um homem a quem amava. Não podia pedir muito mais.

Entrou numa loja com um sorriso no rosto e passos vigorosos, decidida a comprar algo bonito para si mesma. Um presente de Natal para si. Ou talvez algo para a viagem. Vagueou

de andar para andar da loja de departamentos, experimentando chapéus, pulseiras, *écharpes,* casacos, bolsas, um par de botas e um par de sapatos dourados. Finalmente se decidiu por uma suéter branca de casimira, que a fez ficar parecendo com Branca de Neve, por sua pele sedosa e os cabelos pretos. A idéia divertiu-a. E sabia que Peter iria gostar. A suéter moldava seu corpo de forma bastante atraente. Até mesmo seu corpo mudara ao longo do último ano, com o balé e o ioga. Parecia ter-se tornado mais rijo e flexível, fazendo-a parecer comprida e esguia, maravilhosamente esbelta.

Marie desceu novamente para o andar principal, vendo os artigos em exposição, observando as pessoas. Parou novamente para comprar uma caixa de bombons para Faye. Era um presente festivo apropriado para o último dia de tratamento. Escreveu apenas no cartão: "'Obrigada. Com amor, Marie." O que mais poderia dizer? Obrigada por ajudar-me a esquecer Michael? Obrigada por me ajudar a sobreviver? Obrigada... Enquanto se entregava a tais pensamentos, parou abruptamente. Parecia ter visto um fantasma. Quando a vendedora lhe devolveu o cartão de crédito, ela continuou a olhar fixamente. Ben Avery estava parado a poucos passos de distância, olhando algumas malas de mulher bastante caras. Marie permaneceu no mesmo lugar pelo que lhe pareceu uma eternidade. Depois, chegou mais perto. Tinha de vê-lo, tocá-lo, ouvir o que ele estava dizendo. Por um momento an-

gustioso, perguntou-se se ele a reconheceria. Rezou para que isso acontecesse, mas no instante seguinte compreendeu que era impossível e forçou-se a ficar contente por isso. Assim, poderia observá-lo, ficar perto dele, por tanto tempo quanto desejasse. Perguntou-se se Ben teria visto Michael recentemente, se acabara aceitando o emprego na firma. Aproximou-se do lugar em que Ben estava e fingiu examinar algumas pastas de camurça. Os olhos dela não se afastavam do rosto de Ben. De repente, ele se virou para fitá-la, exibindo seu sorriso jovial de sempre. Mas não houve qualquer brilho de reconhecimento. Em vez disso, ele a contemplou com admiração e depois estendeu a mão para Fred.

— Oi, companheiro.

A voz era tão familiar que Marie sentiu-se quase desfalecer.

Continuou parada onde estava sentindo o calor da mão de Ben a afagar o cachorro. Nunca teria imaginado que o simples fato de ver um amigo de Michael a deixaria assim. Mas era o primeiro vínculo que tinha com ele desde... Ela piscou os olhos rapidamente, para conter as lágrimas, depois olhou para as malas que Ben estivera examinando. Sem pensar, Marie levou a mão à corrente que Ben lhe dera no dia em que deveria casar-se e que ainda usava no pescoço.

— Comprando presentes de Natal?

Ela se sentiu meio tola ao puxar conversa daquela

maneira, mas queria falar um pouco com Ben. Perguntou-se novamente se ele não iria reconhecê-la, desta vez pela voz. Mas até mesmo ela sabia como sua voz soava diferente agora. E ele a presenteou novamente com o mesmo sorriso impassível que dois estranhos costumam trocar.

— Isso mesmo. É para uma jovem, mas não consigo decidir o que comprar.

— Como é ela?

— Sensacional.

Marie não pôde deixar de rir. Era o mesmo Ben de sempre.

Ela sentiu vontade de perguntar-lhe se desta vez era a sério, mas sabia que não podia.

— Ela tem os cabelos vermelhos e é... mais ou menos de sua altura.

Ele estava novamente contemplando Marie, os olhos percorrendo o corpo dela quase sofregamente. Marie não sabia se devia rir ou ficar perturbada. Aquela era uma atitude típica de Ben.

— Tem certeza de que ela está querendo uma mala?

Parecia um presente inteiramente insípido para Marie. Ela estava esperando ganhar algum presente mais cativante de Peter. Talvez uma nova lente.

— Vamos fazer uma viagem juntos e por isso eu pensei...

E a viagem é uma espécie de surpresa. Por isso, pensei em esconder as passagens na mala.

Cerca de 500 dólares numa mala importada para esconder algumas passagens? Mas que extravagância, Benjamin Avery! Os últimos dois anos deviam ter sido muito bons para ele.

— Ela é uma moça de sorte.

— Não. Eu é que sou um cara de sorte.

— Por acaso é uma lua-de-mel?

Marie ficou embaraçada por sua bisbilhotice, mas era maravilhoso receber todas aquelas notícias dele. E talvez... talvez Ben pudesse... Ela manteve o sorriso frio, simpático e impessoal, enquanto ele sacudia a cabeça.

— Não. É apenas uma viagem de negócios. Mas ela ainda não sabe disso. E então, qual é sua opinião? Levo a mala de camurça marrom ou aquela verde escura?

— A de camurça marrom, com a listra vermelha. Acho que é maravilhosa.

— Também acho.

Ben concordou alegremente com a escolha de Marie e fez sinal para a vendedora. Comprou três malas da mesma coleção e pediu que fossem enviadas de avião para Nova York. O que significa que era lá que ele estava morando. O que deu o que pensar a Marie.

— Obrigado pela ajuda, Srta....

— Adamson. Gostei muito de nossa conversa e peço desculpas se fiz perguntas demais. É que os feriados de fim de ano sempre produzem um efeito estranho em mim.

— Em mim também. Mas isso é compreensível, por que é uma das épocas mais agradáveis do ano. Até mesmo em Nova York, o que já é dizer muito.

— Mora em Nova York?

— Quando estou em casa. Viajo constantemente, em função de meu trabalho.

O que ainda não dizia a Marie se ele estava trabalhando para Michael. Mas ela sabia que não podia perguntar. E, subitamente, isso a deixou angustiada, estar parada ali, tão perto de Ben, querendo saber de alguém que não mais existia para ela... ou não deveria existir. Ben contemplou-a novamente, como se houvesse alguma coisa nela que o perturbava. Por um momento, Marie sentiu o coração parar. Mas o sorriso dele mostrava que não tinha a menor idéia de quem ela era. Marie puxou um pouco o chapéu para certificar-se de que ele não poderia ver o último esparadrapo que ainda tinha no rosto. Apertou Fred um pouco mais nos braços, enquanto Ben continuava a fitá-la.

— Sei que é uma loucura perguntar isso, mas... posso convidá-la para tomar um drinque em algum lugar? Meu avião vai partir dentro de algumas horas, mas podemos dar um pulo até o St. Francis, se...

Marie retribuiu o sorriso, mas já estava sacudindo a cabeça.

— Infelizmente, também tenho de pegar um avião. De qual quer forma, obrigada pelo convite, Sr. Avery.

E nesse momento o sorriso de Ben dissipou-se lentamente.

— Como soube o meu nome?

— Ouvi a vendedora dizê-lo.

Ela deu a resposta prontamente e Ben deu de ombros, passando a fitá-la com pesar. Era uma jovem extraordinariamente bonita. E não importava o quanto ele passara a amar Wendy nos três meses em que mantinham um romance, ainda podia tomar um drinque com uma moça bonita. Era uma pena que ela também estivesse deixando a cidade. E depois um pensamento ocorreu-lhe.

— Para onde está indo, Srta. Adamson?

— Santa Fé, Novo México.

Ben pareceu ficar desapontado como um colegial, e ela riu da expressão dele.

— É uma pena. Eu estava torcendo para que fosse também para Nova York. Poderíamos pelo menos desfrutar o vôo juntos.

— Tenho certeza de que a jovem que vai ganhar as malas há de apreciar uma viagem em sua companhia.

Os olhos dela eram de censura, mas sem exagero. Os dois riram desta vez.

— *Touché*. Talvez na próxima vez possamos voar juntos.

— Vem a São Francisco com freqüência?

Marie estava intrigada.

— Não, mas passarei a vir. — E depois, olhando para as malas e sorrindo, Ben acrescentou: — Nós passaremos a vir. Minha firma está iniciando um grande projeto aqui. Provavelmente passarei mais tempo em São Francisco do que em Nova York.

— Então é possível que voltemos a nos encontrar.

Mas a voz dela soava quase triste. No final das contas, era apenas Ben. Não importava com que freqüência o visse, ele jamais poderia ser Michael. A vendedora interrompeu seus devaneios e Marie compreendeu que já estava na hora de ir embora. Ficou olhando para Ben, enquanto ele preenchia o cheque no valor indicado pela vendedora. Depois, silenciosamente, apertou o braço dele. Ben virou a cabeça, surpreso, e Marie sussurou, a voz quase inaudível.

— Feliz Natal.

E no instante seguinte afastou-se do lugar em que tinha ficado a conversar por quase meia hora. Ben olhou ao redor depois que acabou de preencher o cheque e ficou surpreso ao constatar que a jovem havia desaparecido. Ela se afastara abruptamente. Ben ainda procurou pela loja repleta dos fregueses

de Natal, mas não a viu em parte alguma. Marie saíra por uma porta lateral e naquele momento fazia sinal para um táxi. Sentia-se cansada e deprimida. Fora uma longa manhã.

Ela deu ao motorista o endereço do veterinário, deixou Fred lá e voltou no mesmo táxi para seu prédio de apartamentos. Já tinha arrumado a mala. Tudo o que precisava fazer era pegá-la e seguir para o aeroporto. Sentia-se um pouco cruel ao deixar Fred para trás, mas desta vez não o queria realmente em sua companhia. Ia parar em muitos lugares nas três semanas. Era uma viagem que precisava fazer sozinha. Seus últimos momentos como Nancy McAllister, o fim de uma vida antiga, o início de uma vida nova. Ela deu uma última olhada pelo apartamento antes de partir, como se esperasse nunca mais tornar a vê-lo da mesma maneira. Ao fechar a porta, lentamente, sussurrou uma única palavra. Disse-a para si mesma, para Ben e Michael, para todas as pessoas que tinha outrora amado e conhecido... adeus. Havia lágrimas em seus olhos quando desceu rapidamente a escada, com a sacola da câmara pendurada no ombro e apertando com força a alça da mala.

Capítulo 19

Ela não permitiu que Peter fosse recebê-la no aeroporto.

Assim como partira sozinha, queria agora voltar sozinha. Houve algo mágico na viagem. Havia sido um período de paz e de trabalho árduo. Não conversava com quase ninguém, limitando-se a observar, a mergulhar nos próprios pensamentos. Mas à medida que os dias passavam, os pensamentos iam-se tornando menos tensos do que no dia em que deixara São Francisco. Ver Ben Avery novamente fora um golpe. Revivera recordações demais. Mas agora estava tudo acabado. E ela sabia disso. Podia conviver com as recordações. Sua nova vida começara.

O dia de Natal perdeu-se entre muitos outros, enquanto ela tirava fotografias na neve, em torno de Taos. Sentiu-se tentada a esquiar, mas não o fez. Prometera a Peter evitar o risco de um acidente ou sol em demasia. E cumprira a promessa. Assim como Peter também o fizera. Marie o avisara da data em que voltaria, mas pedira-lhe que não fosse esperá-la no aeroporto. E Peter não fora. Ela correu os olhos pelo aeroporto, aliviada. Estava sozinha entre um exército de estranhos. Era confortador estar perdida na multidão. Fazia-a sentir-se invisível e segura. Passara muito tempo aprendendo a ser invisível no último ano e meio. Coberta por ataduras na maior parte do tempo, pensava que era muito importante não ser vista. Agora, atraía mais atenção do que na época em que estava envolta por ataduras. A maneira como se movia, o chapéu preto de aba larga que comprara na viagem para ocultar as últimas ataduras na testa, a calça Levis preta e o casaco

de pele de carneiro, tudo contribuía para aumentar sua visibilidade, simplesmente porque era difícil ocultar o tipo de aparência que ela possuía. Mas Marie ainda não estava consciente de como era atraente.

Pegou um táxi ao sair do terminal, deu o endereço ao motorista e recostou-se no assento, com um suspiro. Estava cansada. Eram quase 11 horas e levantara-se às cinco horas daquela manhã para tirar fotografias. Olhou para o relógio e prometeu que estaria na cama por volta de meio-dia. Tinha de estar. Amanhã seria outro grande dia. Ficara fora até o último momento. Às nove horas da manhã seguinte, Peter removeria a última atadura. Ninguém mais percebia que ela ainda estava usando uma atadura. Mas Marie sabia. E agora até mesmo isso iria desaparecer. Iria passar a manhã sozinha, depois de sair do consultório de Peter, em seguida voltariam a encontrar-se para um almoço de comemoração. Não haveria mais operações, pontos, ataduras e esparadrapos. Era agora como qualquer outra pessoa. Até mesmo seu novo nome tornara-se legal. Marie Adamson nascera.

O motorista deixou-a na frente do prédio e ela subiu lentamente a escada, como se estivesse esperando encontrar um apartamento diferente do que deixara. Mas era o mesmo e Marie ficou um tanto surpresa por experimentar uma sensação de anticlímax. E depois riu de si mesma. O que estava querendo?

Dissera a Peter que não devia ficar a sua espera. Por acaso esperava uma banda toda uniformizada escondida no quarto? Peter debaixo da cama? Esperava alguma coisa, não sabia direito o quê. Tirou as roupas e deitou-se na cama, pensando no que viera encontrar. Tinha muita coisa na mente. Como seria a sua vida agora que o trabalho de Peter em seu rosto terminava? E se ela nunca mais tornasse a vê-lo? Mas isso era absurdo e Marie o sabia. Ele é que providenciara a exposição dos trabalhos dela, que seria inaugurada no dia seguinte à "revelação" final do rosto de Marie. Ele gostava dela como pessoa, não apenas como um trabalho de reconstrução. E Marie sabia disso. Mas sentia-se estranhamente insegura, deitada em seu quarto, no escuro, querendo a presença de alguém que lhe dissesse que estava tudo bem, que não estava sozinha, que conseguiria seguir em frente como Marie Adamson.

— Oh, diabo! Que importância tem se estou sozinha?

Ela se levantou bruscamente e foi contemplar-se no espelho, ao dizer as palavras. Irritada, pegou a câmara e quase a acariciou. Era tudo o que precisava. Estava simplesmente cansada da viagem. Era uma estupidez preocupar-se com a possibilidade de se sentir solitária, com o futuro com Peter... Com um suspiro, Marie voltou para a cama. Tinha coisas melhores em que pensar como o seu trabalho.

Marie acordou por volta de seis horas da manhã seguinte.

Vestiu-se e saiu de casa às sete e meia. Ao chegar ao consultório de Peter, às nove horas, já estivera no mercado de legumes e frutas e no mercado de flores, para tirar fotografias. E acrescentara mais algumas fotos à sua coleção de Chinatown. E finalmente fora buscar Fred no veterinário.

— Ei, mas como você parece animada esta manhã... e linda também! Adorei o casaco!

Peter contemplou com admiração o casaco feito de pele de coiote que Marie comprara a um preço ínfimo numa reserva do Novo México. Ela estava ainda de *jeans,* com uma suéter preta de gola rolê e botas. E usara o chapéu preto de aba larga até chegar ao consultório. Agora, Marie segurou o chapéu nas mãos por um momento e sorriu, de um jeito que Peter nunca vira antes. Depois ela equilibrou o chapéu sobre a cesta de papel por uma fração de segundo, antes de empurrá-lo até o fundo, amassando-o completamente.

— Esta, Dr. Gregson, foi a última vez e nunca mais usarei um chapéu.

Ele assentiu. Podia compreender como aquele gesto era importante.

— Nunca mais terá de usar.

— Graças a você.

Marie sentia vontade de beijá-lo, mas seus olhos diziam tudo o que Peter precisava saber. E enquanto o fitava, ela

descobriu que sentira saudade dele durante a viagem. Peter era agora uma pessoa diferente para ela. Não mais continuaria a ser seu médico, depois daquela manhã. Seria um amigo e qualquer coisa a mais que Marie lhe permitisse. Ainda não haviam resolvido isso, apesar das muitas vezes com que Peter lhe dissera que a amava. Marie ainda não dera o último passo e Peter nunca a pressionara.

— Senti muita saudade de você, Peter.

Ela tocou no braço dele gentilmente, ao sentar-se na cadeira que tanto conhecia. Fechou os olhos e ficou esperando.

Peter contemplou-a por um momento, parado na frente dela. Depois, sentou-se na cadeira giratória que sempre ocupava.

— Está com pressa esta manhã.

— Depois de 20 meses, também não estaria?

— Eu compreendo, querida, eu compreendo...

Marie ouviu o barulho dos instrumentos delicados na pequena bandeja de metal e sentiu o esparadrapo sendo lentamente arrancado de sua testa e linha dos cabelos. A cada milímetro de pele que era libertada, ela se sentia muito mais livre, até que finalmente percebeu que tudo se desprendia.

— Pode abrir os olhos agora, Marie. E dê uma olhada no espelho. Ela fizera a mesma coisa mil vezes. A princípio, apenas para ter um pequeno vislumbre, uma mera promessa, para que em seguida pedaços cada vez maiores do quebra-cabeça fossem

se enquadrando em seus lugares. Porém jamais vira o rosto de Marie Adamson livre de esparadrapo, ataduras, pontos ou qualquer outro lembrete do que estava sendo feito. Não via o seu rosto inteiramente desobstruído desde que havia sido o rosto de Nancy McAllister, quase dois anos antes.

— Vamos, dê uma olhada.

Era absurdo. Ela estava quase com medo de olhar. Mas, silenciosamente, levantou-se e caminhou lentamente até o espelho. Parou ali, com um sorriso amplo, dois filetes de lágrimas brilhando nas faces. Peter estava de pé atrás dela, a alguma distância. Queria deixá-la sozinha. Aquele momento era dela.

— Oh, Peter, está lindo!

Ele riu suavemente.

— Não é "está lindo" e sim você está linda, sua tolinha. É agora você.

Marie só podia assentir. Depois, virou-se para fitá-lo. Não era tanto o fato dos últimos esparadrapos terem sido removidos de sua testa, pois não representara uma mudança tão grande em seu rosto, mas sim porque estava tudo acabado. Ela era agora inteiramente Marie...

— Oh, Peter...

Sem dizer mais nada, Marie foi aconchegar-se nos braços dele e apertou-o com força. Ficaram assim, no consultório dele, por longo tempo. Depois, Peter desvencilhou-se do abraço e

gentilmente enxugou as lágrimas dela.

— Está vendo, Peter? Posso até ficar molhada e não me derreto.

— E pode também tomar sol, embora não excessivamente. E pode fazer tudo o que quiser pelo resto da vida. Qual é a primeira coisa da agenda?

— Trabalho.

Marie soltou uma risada e sentou-se na pequena cadeira giratória que ele abandonara. Erguendo as pernas até o queixo, deu impulso para ficar rodando.

— Oh, Deus, isso é tudo o que estou precisando agora! Ela vai quebrar a perna no meu consultório!

— Mesmo que eu quebre, querido, de qualquer maneira sairei andando daqui. Tenho uma vida nova para comemorar esta manhã.

— Fico contente em saber disso.

E aparentemente Fred também estava contente. Começou a pular, abanando o rabo, como se tivesse compreendido o que sua dona dissera. Ambos riram e Peter abaixou-se para afagar a cabeça do cachorro.

— Nosso almoço ainda está de pé?

Havia uma expressão de ansiedade nos olhos dele e Marie ficou comovida. Compreendia o que ele estava sentindo também. Abandono. Ansiedade. Será que ela ainda iria querê-lo em sua

vida, quando não mais precisasse dele? Peter parecia-lhe extremamente vulnerável, parado ali. Marie estendeu-lhe a mão.

— Claro que vamos almoçar juntos, seu tolo. Peter... Os olhos de Marie estavam fixados nos dele. — Sempre haverá tempo na minha vida para você. Sempre. Espero que saiba disso. Você é a única razão pela qual tenho uma vida.

— Não. Alguém mais é responsável por isso.

Marion Hillyard. Mas Peter sabia quanto ela detestava ouvir o nome daquela mulher e por isso absteve-se de pronunciá-lo. Jamais havia compreendido por que Marie reagia daquela maneira, mas fazia-lhe a vontade na questão.

— Estou contente por me encontrar em condições de ajudar. E sempre estarei pronto para ajudar, se precisar de mim...para... para outras coisas.

— Ótimo. Então não se esqueça de que vai ter de me alimentar ao meio-dia e meia. — A conversa já tinha sido séria por tempo suficiente. Marie levantou-se e vestiu o casaco de pele de coiote. — Onde vamos nos encontrar?

Peter sugeriu um novo restaurante na zona do porto, de onde poderiam contemplar rebocadores, barcas e petroleiros cruzando a baía, além das colinas de Berkeley ao longe.

— Está bom assim?

— Está ótimo. Sou capaz de passar toda a manhã por lá, tirando fotografias.

— Eu ficaria desapontado se decidisse fazer qualquer outra coisa.

Peter abriu a porta da sala de exame com uma mesura e Marie piscou-lhe um olho ao sair. Mas ela não foi diretamente para a área do porto, como dissera que faria. Em vez disso, foi para o centro, a fim de fazer compras. Subitamente, sentira o desejo de comprar algo fabuloso para usar no almoço com Peter. Era o dia mais especial de sua vida e queria desfrutá-lo plenamente. No táxi, verificou o talão de cheques e sentiu-se feliz por ter conseguido ganhar algum dinheiro antes do Natal, com seu trabalho. Isso lhe permitiria ser extravagante para si mesma e ainda comprar alguma coisa para Peter.

Encontrou um vestido bege de casimira que se moldava em seu corpo de maneira espetacular, sob o casaco de pele. Parou em um cabeleireiro e ajeitou os cabelos. Era a primeira vez em anos que usava os cabelos penteados para trás, revelando todo o seu rosto. Comprou brincos de ouro grandes e um cordão bege de cetim com uma concha de ouro pendurada. Com mais os sapatos e uma bolsa beges de camurça, além do perfume que mais gostava, estava pronta para o almoço com o Dr. Peter Gregson. Ou com qualquer outra pessoa. Era uma mulher que teria paralisado o coração de qualquer homem.

Sua última parada foi na Shreve's, onde encontrou, como se fosse algum plano pré-estabelecido, exatamente o que estava

procurando, mas não imaginava que poderia descobrir. Era uma pequena medalha de ouro, feita para berloque de corrente de relógio. Marie sabia que Peter possuía um relógio de bolso de que gostava muito e usava ocasionalmente. Ela mandaria gravar a data mais tarde, mas por enquanto isso seria suficiente. Mandou embrulhar para presente, pegou um táxi e chegou ao restaurante no instante mesmo em que Peter estava sentando. Ela teve a sensação de que poderia explodir de alegria ao observar o rosto dele contemplando-a enquanto se aproximava. Havia diversos outros homens no restaurante que também a contemplavam com admiração, mas nenhum com a ternura de Peter Gregson.

— É mesmo você?

— Cinderela ao seu dispor. Aprova?

— Se aprovo? Estou atordoado. O que fez esta manhã? Andou fazendo compras?

— Exatamente. Este é um dia muito especial.

Marie fazia coisas com os sentimentos dele que Peter pensara que fossem impossíveis. Ele sentiu vontade de beijá-la ali mesmo, no restaurante. Em vez disso, apertou-lhe a mão com força e sorriu, um sorriso prolongado e feliz.

— Estou imensamente contente por vê-la feliz, querida.

— E pode estar certo de que me sinto mesmo muito feliz. Mas não é apenas por causa do rosto. Há também a exposição amanhã e... e meu trabalho, minha vida... e... você.

Ela pronunciou a última palavra suavemente.

Aquele momento significava tanto para Peter que ele tinha ele atenuar a solenidade.

— Eu só entro depois de todas essas coisas, hem? E onde Fred se inclui?

Ambos riram e Peter pediu Bloody Marys. Depois, pensou melhor e mudou o pedido para champanhe.

— Champanhe? Santo Deus!

— Por que não? E fechei o consultório pelo resto da tarde. Estou tão livre quanto é possível... a menos, é claro... — Peter nem mesmo pensara antes em tal possibilidade. — ... que você tenha outros planos.

— Para fazer o que, pelo amor de Deus?

— Trabalhar?

Peter sentiu-se acanhado só de fazer a pergunta.

— Não seja bobo. Vamos divertir-nos bastante hoje.

Ele riu ao ouvir a resposta.

— O que, por exemplo? Diga o que mais gostaria de fazer.

Marie pensou um pouco, mas não conseguiu encontrar qualquer boa idéia. Depois, porém, fitou-o com um sorriso brejeiro e disse:

— Vamos à praia.

— Em janeiro?

— Claro. Afinal de contas, estamos na Califórnia e não em Vermont. Podemos ir de carro até Stinson e darmos um passeio pela praia.

— Está certo. Não resta a menor dúvida de que você é uma pessoa fácil de satisfazer...

Mas os passeios pela praia com Peter haviam-se tornado algo muito especial para Marie e ela queria um lugar bastante especial para entregar-lhe o presente. Só que não tinha certeza se conseguiria resistir até lá. Mas o fez. Esperou até o final da tarde, quando estavam passeando de mãos dadas pela praia varrida pelo vento. O casaco de pele protegia Marie da brisa constante que passara a soprar com a chegada do nevoeiro.

— Tenho uma coisa para você, Peter.

Ele a fitou com uma expressão de surpresa quando ela parou de andar. Parecia não estar entendendo direito, até que ela lhe estendeu a caixa pequena.

— Mandarei gravar depois, se não se incomodar...

— Marie, isso é demais. Não deveria... eu não queria... Peter estava comovido e constrangido ao abrir a caixinha. Ficou deliciado ao ver o lindo berloque. Passou o braço pelos ombros dela, apertando firmemente.

— Por que fez uma coisa dessas? — murmurou ele, em tom suave de censura.

— Porque você é um imprestável que nunca fez nada por

mim.

Peter sorriu da expressão maliciosa nos olhos dela e desta vez abraçou-a, para um beijo longo e terno, que dizia tudo o que sentia. E desta vez também Marie beijou-o como nunca o fizera antes, com todo o seu corpo, assim como com o coração. O que o fez desejá-la com intensidade que mal podia controlar.

— É melhor tomar cuidado, minha jovem, ou vou violentá-la aqui na praia.

Marie abriu o casaco com um sorriso provocante e riu.

— E daí?

Peter apenas riu e tornou a abraçá-la. Marie era uma mulher extraordinária e valera a pena esperar por ela. Ele podia agora deixar que seus sentimentos aflorassem, pois Marie não era mais sua paciente.

— Marie... querida...

Ela o silenciou com um beijo demorado e faminto. Peter desvencilhou-se por um momento, perguntando-se se não estaria vendo na reação dela simplesmente o que estava querendo. Mas havia uma corrente de desejo intenso entre os dois, a tal ponto que ele sabia que não estava imaginando.

— Vamos... talvez seja melhor voltarmos.

Marie assentiu e seguiu-o de volta ao carro. Mas a expressão dela não era tão sombria quanto a de Peter. E quando chegaram ao apartamento dela, Marie virou-se para Peter com um

sorriso.

— Tenho mais uma coisa para você, Peter. Gostaria que subisse, se tiver tempo.

— Tem certeza de que é isso o que quer?

— Absoluta.

Ela subiu a escada na frente dele, em silêncio. Ao abrir a-porta do apartamento, não acendeu a luz. Atravessou a sala de estar, virou o cavalete junto à janela e depois acendeu a luz. O que Peter viu foi a paisagem com o menino sentado na árvore, parcialmente oculto pela folhagem. Marie acabara o quadro para ele antes de partir de férias, mas o estava reservando para aquele dia, se não mesmo para aquele momento. Peter fitou-o como se não estivesse compreendendo.

— É para você, Peter. Comecei-o há muito tempo. E... acabei-o para você.

— Oh, querida...

Peter aproximou-se do quadro com os olhos brilhando e uma expressão gentil no rosto, como se não pudesse acreditar no que Marie fizera por ele. Fora um dia repleto de emoções e surpresas. Para os dois.

— Não posso aceitar. Já tenho uma boa parte do seu trabalho. Se ficar dando tudo para mim, não terá coisa alguma para a exposição.

— Você tem fotografias, Peter. Isso é diferente. É um

sinal do meu renascimento. É a primeira vez que voltei a pintar. E esse quadro... representava muito para mim. Quero que fique com ele. Por favor.

Havia lágrimas nos olhos dela agora. Peter foi abraçá-la.

— É um quadro maravilhoso. Muito obrigado. Não sei direito o que dizer. Você tem sido maravilhosa para mim.

— Não precisa dizer nada.

Marie beijou-o de uma maneira que dizia tudo e desta vez Peter teve certeza. Não precisava perguntar. Simplesmente levou-a para o quarto e, trêmulo de desejo, tirou-lhe as roupas. À luz suave do crepúsculo, com a música das buzinas de nevoeiro soando à distância, eles se amaram.

Capítulo 20

— Pode levantar o zíper, querido?

Ela lhe virou as costas graciosas e Peter beijou-a no ombro.

— Eu preferia baixar o zíper ao invés de levantar.

— Ora, Peter, não temos tempo para isso agora.

Marie fitou-o afetuosamente e ambos riram. Peter estava vestindo *smoking* e Marie usava um lindo vestido preto decotado, com mangas largas e justo na cintura, de um tecido que permitia

divisar sua silhueta, embora nada mais além. Era um vestido espetacular e Peter estava devidamente impressionado.

— Detesto dizer-lhe isso, meu amor, mas ninguém vai olhar para o seu trabalho. Todos a estarão contemplando.

— É mesmo?

Peter riu diante da incredulidade óbvia dela e ajeitou a gravata que usava sobre a camisa azul-clara. Juntos, formavam um casal extremamente atraente.

— Penduraram tudo da maneira como você queria? Ainda não tive tempo de perguntar.

Quando Peter acordara, às oito horas daquela manhã, Marie já tinha saído. Mas ao final da tarde ele chegara ao apartamento dela e uma hora na cama mostrara a ambos que mal tinham começado a saciar a fome de um pelo outro. Depois, haviam partilhado meia hora no banho, comentando um para o outro o que tinham feito durante o dia. Era quase como se vivessem daquela maneira há anos.

Marie sorriu enquanto o observava terminar de se arrumar.

— Penduraram, sim. Tudo foi ajeitado exatamente como eu queria. Graças a você. Tenho a impressão de que você lhes disse que tomassem todo cuidado, "ou então". Você ou Jacques. – O dono da galeria era um dos mais antigos e íntimos amigos de Peter. — Eu me sinto totalmente mimada. A própria *artiste*.

— É assim mesmo que deve sentir-se. Seu trabalho vai ser muito importante, querida. Vai ver só.

E Marie realmente viu. As críticas nos jornais do dia seguintes foram espetaculares. Estavam sentados no apartamento dela, tomando o café da manhã, sorrindo enquanto liam.

— Eu não disse? — Peter parecia ainda mais satisfeito consigo mesmo do que com Marie. — Você é uma estrela.

— Ficou doido, Peter?

Marie sentou-se no colo dele, amarrotando o jornal. Tinha no rosto um sorriso de felicidade.

— Espere mais um pouco. Todo agente de fotógrafo do país estará telefonando para você na próxima semana.

— Acho que perdeu o juízo, querido.

Mas Peter não se enganara. Já na segunda-feira Marie estava recebendo telefonemas de Los Angeles e Chicago. Ela não podia aceitar as ofertas, mas estava se divertindo intensamente com tudo. E cada telefonema que recebia a deixava ainda mais satisfeita. Até o telefonema de Ben Avery. Foi na tarde de quinta-feira, quando ela estava revelando alguns filmes. Ouviu o telefone tocar, enxugou as mãos e foi atender na cozinha. Pensava que fosse Peter. Ele dissera que telefonaria para informar a que horas poderiam encontrar-se naquela noite. Peter tinha alguma reunião marcada para o final da tarde. Mas Marie tinha trabalho suficiente em seu laboratório para mantê-la ocupada até o encontro com

Peter. Recebera uma verdadeira avalanche de encomendas como conseqüência da exposição.

— Alô?

— Srta. Adamson?

— Ela mesma.

Marie não reconheceu a voz e o sorriso que estava exibindo para Peter rapidamente se desvaneceu.

— Não sei se já nos conhecemos ou não, mas encontrei uma certa Srta. Adamson na última vez em que estive aqui. Na loja de departamentos I.Magnin's. Eu estava fazendo algumas compras de Natal... comprei umas malas e...

Ben sentia-se um idiota rematado e Marie não disse nada pelo que pareceu uma eternidade..

Então era Ben. Oh, diabo! Como ele a descobrira? E por que se dera ao trabalho de procurá-la?

— Eu... era a mesma pessoa?

Marie sentiu-se tentada a dizer que não. Mas por que mentir?

— Creio que pode ter sido.

— Ótimo. Assim, pelo menos já nos conhecemos. Estou telefonando porque acabei de ver o seu trabalho na Galeria Montpelier, na Post Street. Fiquei bastante impressionado, assim como minha colega, a Srta. Townsend.

Marie ficou subitamente curiosa. Seria a moça para quem

ele comprara as malas? Mas ela sentia que não podia perguntar. Em vez disso, soltou um suspiro e sentou-se.

— Fico satisfeita que tenha gostado, Sr. Avery.

— Está lembrada do meu nome!

Oh, Deus!

— Tenho excelente memória para nomes.

— O que é muita sorte minha. Minha memória é como uma peneira e pode estar certa de que no meu negócio isso é uma tremenda desvantagem. De qualquer forma, eu gostaria muito de nos encontrarmos, para discutirmos o seu trabalho.

— Em que sentido?

Que diabo havia para discutir?

— Estamos fazendo um centro médico aqui em São Francisco, Srta. Adamson. É um projeto de grandes proporções e gostaríamos de aproveitar o seu trabalho em todos os prédios com o tema básico da decoração. Não sabemos ainda direito como, mas temos certeza de que queremos as suas fotos. E gostaríamos de discutir o assunto consigo. Pode ser a grande tarefa de sua carreira.

Ben falava com um tremendo orgulho e estava obviamente esperando por uma exclamação de espanto no outro lado da linha, um grito de entusiasmo, qualquer coisa enfim... menos o que ouviu.

— Entendo. E qual a firma que está representando? .

Ela esperou, prendendo a respiração. Mas já sabia a resposta, antes mesmo que Ben falasse:

— Cotter-Hillyard, de Nova York.

— Não, obrigada, Sr. Avery. Não é minha seara.

— Por que não? — Ben parecia desconsertado. — Não estou compreendendo.

— Não quero entrar em detalhes, Sr. Avery, mas posso assegurar-lhe de que não estou interessada.

— Podemos encontrar-nos para discutir o assunto? .

— Não.

— Mas já falei com... eu...

— A resposta é não. Obrigada por seu telefonema.

E depois, sem dizer mais nada, Marie repôs o fone no gancho e voltou até a porta de seu laboratório improvisado. Não ia trabalhar para eles. Era tudo o que precisaria agora. Não podia mais ouvir falar de Michael Hillyard. Ele não a quisera como sua esposa, ela não o queria como seu patrão. Ou como qualquer outra coisa.

O telefone voltou a tocar antes que ela fechasse a porta do laboratório. Sabia que só podia ser Ben novamente, mas queria resolver o problema de uma vez por todas. Voltou à cozinha, pegou o fone e quase gritou:

— A resposta é não! Já lhe disse isso!

Mos a voz do outro lado da linha era a de Peter e não a de

Ben.

— Mas o que eu fiz?

Peter estava meio rindo, meio aturdido. Marie sentiu que relaxava ao ouvir a voz dele.

— Oh, querido, desculpe! É que acabei de receber um telefonema que me deixou irritada.

— Uma decorrência da exposição?

— Mais ou menos.

— A galeria não deveria estar fornecendo o seu telefone para malucos. Por que eles não se limitam a anotar os recados?

Peter parecia contrariado.

— Acho que vou sugerir isso a Jacques.

Peter ficou transtornado ao pensar em algum maluco procurando Marie.

— Você está bem?

— Estou, sim.

Mas ela parecia abalada e Peter podia percebê-lo perfeitamente.

— Estarei aí dentro de uma hora. Não atenda ao telefone até eu chegar. Cuidarei de tudo, se alguém telefonar depois disso.

— Obrigada, meu amor.

Os dois trocaram mais algumas palavras e depois desligaram. Marie descobriu-se dominada por um sentimento de culpa por não ter contado a verdade a Peter. Ben Avery não era

nenhum maluco, apenas trabalhava para Michael Hillyard. Mas ela não queria revelar a Peter que fora justamente isso que a deixara transtornada. Ele não precisava saber como ela ainda ficava abalada com qualquer coisa que tivesse relação com Michael. De qualquer forma, estava melhorando a cada dia. Felizmente, Ben não voltou a telefonar naquela noite. Mas voltou a surpreendê-la no dia seguinte, quando ela se aprontava para começar a trabalhar.

— Oi, Srta. Adamson. Sou eu, Ben Avery, novamente.

— Pensei que já tivesse deixado tudo isso acertado ontem à noite. Não estou interessada.

— Mas nem mesmo sabe qual é o trabalho em que não está interessada! Por que não almoça com minha colega e comigo, para podermos discutir o assunto? Isso não pode prejudicá-la em nada, não é mesmo?

Claro que pode, Ben! E como pode!

— Lamento muito, mas estou ocupada e não posso aceitar o trabalho.

Marie não estava cedendo um palmo sequer. Sentado em seu quarto no hotel, Ben virou os olhos para Wendy. Não havia qualquer esperança. E ele não podia compreender por quê. Que diabo ela tinha contra a Cotter-Hillyard? Não fazia o menor sentido.

— E não podemos nos encontrar amanhã?

— Escute, Ben... Sr. Avery... eu não quero aceitar a missão. Não estou interessada. E não quero discutir o assunto com você nem com sua colega nem com qualquer outra pessoa. Estou sendo bem clara?

— Infelizmente, sim. Mas acho que está cometendo um tremendo erro profissional. Se tivesse um agente, tenho certeza de que ele lhe diria justamente isso.

— Mas acontece que não tenho um agente. Portanto, não tenho de ouvir qualquer pessoa que não a mim mesma.

— É exatamente esse o seu engano, Srta. Adamson. Mas continuaremos em contato.

— É muita gentileza sua interessar-se por meu trabalho, mas pode estar certo de que a insistência de nada adiantará.

— Está bem, está bem. Mas vou-lhe deixar um cartão. Se mudar de idéia, pode me telefonar. Aqui ou em Nova York. Ficarei no Saint Francis até o final do mês e depois voltarei ao meu escritório em Nova York. Há bastante tempo para discutirmos o assunto.

Talvez para você, mas não para mim, pensou Marie. São dois anos tarde demais.

— Infelizmente, não concordo com a sua opinião.

E, novamente, Marie desligou. Desta vez, ao voltar para o laboratório, ela deixou o fone fora do gancho.

Capítulo 21

Era uma manhã gelada de fevereiro quando Ben Avery, aconchegado em seu casaco como uma tartaruga, correu da saída do metrô até seu escritório na Park Avenue. Estaria nevando antes do final do dia, algo que Ben podia sentir no ar. Estava tão escuro que parecia que a luz do dia mal conseguira emergir. Ainda não eram oito horas da manhã. Mas ele tinha muito trabalho a fazer. Era o seu primeiro dia no escritório desde que voltara da Califórnia e a grande reunião com Marion estava marcada para as 10h30min daquela manhã. De modo geral, ele praticamente só tinha boas notícias para Marion.

Já havia várias pessoas no saguão do prédio e o elevador estava quase cheio quando ele subiu. Mesmo àquela hora, o mundo dos negócios já estava em atividade. Depois do ritmo mais lento de São Francisco e até mesmo de Los Angeles, era um choque estar de volta ao próprio centro das atividades incessantes. Em Meca, as pessoas começavam cedo. Mas pelo menos parecia não haver ninguém mais trabalhando no andar de Ben, pois não notou atividade alguma enquanto percorria o corredor comprido e atapetado, revestido de madeira, até a sala que Marion lhe dera quando ingressara na firma. Era menor e não tão bonita quanto a sala de Michael, mas era muito bem decorada.

Marion não poupava despesas nas salas da Cotter-Hillyard.

Ben olhou para o relógio enquanto tirava o casaco. Depois, esfregou as mãos, para esquentá-las um pouco. Não havia a menor possibilidade de acostumar-se aos ventos gelados e ao frio úmido de Nova York. Havia invernos em que se perguntava se algum dia voltaria a se sentir quente e por que suportava tudo aquilo se havia cidades como São Francisco, em que as pessoas viviam num mundo de sonho temperado, durante o ano inteiro. Até mesmo a sua sala parecia gelada. Mas ele não tinha tempo a perder. Esvaziou o conteúdo da pasta em cima da mesa e começou a separar os documentos e relatórios. Tudo transcorrera esplendidamente. Com uma única exceção, de importância menor. E talvez ainda se pudesse fazer algo para remediá-la. Ele olhou novamente para o relógio depois de algum tempo e ficou pensativo. Depois, resolveu tentar. Seria um grande golpe se pudesse entrar na reunião com aquela última boa notícia.

Ben trouxera algumas amostras do trabalho de Marie Adamson. Tivera de comprá-las na galeria. Mas não tivera a menor dúvida de que o investimento valera a pena. Assim que Marion e Michael dessem uma olhada no trabalho dela, verificassem a qualidade extraordinária, a própria Marion provavelmente entraria em cena e persuadiria a jovem a aceitar o contrato. Ele sorriu ao pensar nisso, sem saber que a

possibilidade provocaria um calafrio na espinha de Marie.

Ele discou o número e ficou esperando. Era uma loucura o que estava fazendo. Eram 5h15min da manhã em São Francisco, mas talvez, se a pegasse meio adormecida...

— Alô?

Ela parecia meio tonta de sono ao atender o telefone.

— Ahn... Srta... Srta. Adamson, lamento profundamente telefonar a esta hora. Aqui é Ben Avery, de Nova York. Vou ter uma reunião esta manhã com a diretora da nossa firma e desejo, mais que qualquer outra coisa, comunicar que vai trabalhar conosco no centro médico. E pensei que...

Mas Ben já sabia, a esta altura, que cometera um tremendo erro. Podia senti-lo no silêncio que o subjugou no outro lado da linha. Um momento depois, Marie Adamson começou a falar:

— Às cinco horas da manhã? Telefonou para falar-me de sua reunião com... pelo amor de Deus, mas que loucura é essa? Já não lhe disse que não? Que diabo terei de fazer agora? Arrumar um telefone que não conste do catálogo?

Enquanto a escutava, Ben fechou os olhos, em parte por constrangimento, em parte por algo mais. A voz. Era estranha. Não sabia por que, mas parecia-lhe familiar. E não soava como a voz de Marie Adamson. Era uma voz mais alta, mais jovem, diferente o bastante para despertar-lhe uma recordação que o

perturbou. Com quem ela parecia? Mas Ben não conseguiu se lembrar.

— Será que não entendeu meu recado?

As palavras furiosas trouxeram-no de volta ao presente e à realidade de que estava de fato falando com Marie Adamson, a qual estava longe de se mostrar satisfeita com o seu telefonema.

— Lamento muito. Sei que foi um absurdo telefonar a esta hora, mas tinha a esperança de que...

— Já lhe dei a resposta: não. Não quero escutar, discutir, pensar ou voltar a falar consigo a respeito de seu centro médico. E agora me deixe em paz!

E com isso Marie desligou. Ben ficou imóvel, com o telefone mudo na mão, sorrindo envergonhado.

— Muito bem, pessoal, estraguei tudo.

Ele pronunciou tais palavras para si mesmo. Ou pelo menos foi o que pensou. Não tinha visto Michael encostado tranqüilamente na porta aberta.

— Seja bem-vindo de volta ao lar, Ben. O que você estragou?

Michael não parecia particularmente preocupado. Ao contrário, parecia bastante satisfeito por ver o amigo. Entrou na sala e foi acomodar-se numa das confortáveis poltronas de couro.

— É um prazer vê-lo de volta, Ben.

— E eu sinto o maior prazer em voltar. Mas faz um frio

tremendo nesta cidade. Depois de São Francisco, é capaz de eu nunca mais me ajustar.

— Pois daqui por diante vamos tomar cuidado de mantê-lo na rota sulista, ó delicado. — Michael sorriu para o amigo, antes de acrescentar: — E o que era o telefonema que acabou de dar?

— O único cabelo em minha sopa nesta viagem. – Bem passou a mão pelos cabelos, num gesto de irritação, e recostou-se na cadeira — Tudo transcorreu absolutamente como queríamos. Sua mãe vai ficar extasiada com os relatórios. Só houve uma exceção. Admito que se trata de um problema menor, mas eu queria que tudo fosse perfeito.

— Devo começar a me preocupar?

— Não. Estou apenas contrariado. Encontrei uma artista, uma jovem que é uma fotógrafa maravilhosa. Ela possui de fato um talento espetacular, não é apenas uma garota com uma Brownie. É sensacional. Vi a exposição que ela está realizando neste momento em São Francisco e pensei em contratá-la para a decoração do saguão de todos os prédios. Era a base fotográfica com que todos concordamos na última reunião, antes de eu partir.

— E o que aconteceu?

— E ela me disse que não estava interessada, nem mesmo queria discutir o trabalho.

Ben estava desolado ao dar a informação.

— Por quê? É comercial demais para ela?

Michael parecia não estar impressionado..

— Nem mesmo sei por quê. Ela simplesmente ficou furiosa logo na primeira vez em que telefonei. Simplesmente não faz o menor sentido.

Mas Michael estava sorrindo, com expressão divertida.

— Claro que faz sentido, meu ingênuo amigo. Ela está se resguardando para conseguir mais dinheiro. Sabe quem somos e por isso calcula que, se bancar a difícil, pode arrancar-nos um contrato vultoso. Ela é mesmo tão boa assim?

— A melhor que existe. Trouxe algumas amostras de seu trabalho. Tenho certeza de que você vai adorar.

— Neste caso, é possível que ela consiga o que está querendo. Mostre-me as amostras depois. Primeiro, há algo que preciso perguntar-lhe.

Michael parecia momentaneamente sério. Era um assunto que há semanas estava pensando em levantar.

— Algum problema?

Ben havia percebido imediatamente o ânimo do amigo.

— Não. Para dizer a verdade, eu me sinto um idiota só de perguntar. Mostra como tenho estado por fora das coisas. Mas... há alguma coisa entre você e Wendy?

Ben esquadrinhou o rosto dele por um momento, antes

de responder. Michael parecia curioso, mas não magoado. É claro que Ben soubera do caso de Wendy com Michael. Mas não era segredo que Michael jamais gostara realmente dela. Mesmo assim, Ben achara um tanto estranho ficar com o refugo do amigo. Era a primeira vez que isso acontecia e desde o início não tinha a menor idéia de como Michael reagiria, ao descobrir. E a verdade era que ele e Wendy estavam apaixonados. Haviam passado um mês sensacional juntos, na viagem de negócios à Califórnia. Zombeteiramente, Wendy classificara a viagem de lua-de-mel.

— E então, Avery, o que está havendo? Ainda não respondeu a minha pergunta.

Mas agora havia um pequeno sorriso contraindo os lábios de Michael. Ele já sabia qual era a resposta.

— Eu me sinto um idiota por não ter lhe contado antes. Mas a resposta é sim. Isso o incomoda, Michael?

— Por que deveria? Sinto-me um tanto constrangido por admitir... ora, que não me tenho mantido muito a par das coisas. Tenho certeza de que Wendy lhe contou como fui maravilhosamente atencioso e gentil.

Ele parecia amargurado ao pronunciar as últimas palavras, mas o tom com que Ben lhe respondeu foi extremamente gentil.

— Wendy nunca disse nada, exceto que pensava que você não era um homem muito feliz. Isso não chega a ser exatamente um choque para nós dois, não é mesmo, companheiro? — Mi-

chael assentiu, em silêncio. — Não me intrometi em seu caso com ela, Michael. Quero que tenha certeza disso. Vocês dois já tinham deixado de se encontrar há algum tempo. E se quer saber a verdade, sempre tive uma queda por Wendy.

— Desconfiei disso quando a contratou. Wendy é uma moça sensacional. Melhor do que eu merecia. — Michael sorriu novamente. — E provavelmente melhor também do que você merece. Ei, espere um instante! — Havia agora um brilho de pura malícia em seus olhos. — Por acaso a coisa é séria?

Ben sorriu também para o amigo e depois assentiu.

— Acho que sim.

— É mesmo? Está pensando em casar-se?

Michael estava aturdido. Onde estivera? Por que não havia notado coisa alguma? É claro que Ben passara um mês fora, mas mesmo assim... A verdade é que ele não prestava a menor atenção a coisas assim há dois anos.

— Essa não! Vai mesmo casar-se, Avery? Tem certeza?

— Não falei que já está acertado. Mas estamos pensando a respeito. E eu diria que todas as probabilidades são a favor. Tem alguma objeção?

Mas ambos sabiam que ele estava apenas brincando. O momento de constrangimento já havia passado.

— Não tenho absolutamente qualquer objeção. — Michael continuou sentado, sacudindo a cabeça e sorrindo. —

Tenho a impressão de que perdi uma página aqui e ali. Ou será que vocês foram excepcionalmente discretos?

— De jeito nenhum. É que você tem andado excepcionalmente ocupado. Só pensa em trabalhar, jamais em se divertir. Isso o deixará rico e famoso, mas totalmente fora de contato com as fofocas do escritório.

Ben estava agora zombando apenas parcialmente de Michael e sabia disso.

— Poderia ter-me contado tudo, Ben.

— Tem razão e sinto muito. Mas quando chegar o momento da grande notícia, eu lhe direi. Por falar nisso, não quer ser meu...

Ben parou de falar abruptamente. Teve vontade de morder a língua pelo que começara a perguntar. Ia ser o padrinho de casamento de Michael na noite do acidente e agora quase pedira ao amigo que fosse o seu padrinho.

— Não tem importância. Há bastante tempo para se pensar nessas coisas.

Michael levantou-se, assentiu e foi apertar a mão do amigo. Mas havia novamente algo sombrio oculto em seus olhos. Ele sabia perfeitamente o que Ben estivera prestes a perguntar.

— Parabéns, meu caro. — O sorriso era genuíno, assim como a angústia. — E não se preocupe com a fotógrafa de São Francisco. Se ela é realmente tão boa quanto você diz, vamos

oferecer-lhe um contrato vultoso e um bom negócio de tal forma que ela não poderá deixar de ceder. Ela está simplesmente bancando a difícil para arrancar-nos mais dinheiro...

— Espero que você esteja certo.

— Confie em mim, pois estou mesmo certo.

Michael retirou-se, enquanto Ben ficou pensando no que haviam conversado. Sentia-se melhor agora que Michael sabia. Lamentava apenas sua falta de tato. Mesmo depois de todo aquele tempo, qualquer referência a Nancy causava explosões de agonia nos olhos do amigo. Odiava a si mesmo por ter provocado tal situação, mas parecera uma pergunta bastante natural para fazer e não pensara duas vezes. Sacudiu a cabeça, pesaroso, depois voltou a se concentrar no trabalho em sua sala. Tinha apenas uma hora antes da grande reunião com Marion. Teve a impressão de que haviam passado apenas alguns momentos quando Wendy bateu na porta aberta e chamou-o com um sorriso.

— Vamos embora, Ben. Temos de estar na sala de Marion dentro de cinco minutos.

— Já? — Ele levantou os olhos nervosamente do trabalho e sorriu ao contemplá-la. Wendy era tudo o que sempre desejara. — Antes que eu me esqueça, contei a Michael esta manhã.

Ele parecia bastante satisfeito consigo mesmo.

— Contou o quê?

A mente de Wendy estava totalmente concentrada no centro médico de São Francisco e na reunião com Marion. As reuniões com a grande deusa branca da arquitetura sempre a deixavam apavorada.

— Contei a nosso respeito, sua tola. E tenho a impressão de que ele até ficou satisfeito.

— Fico contente por isso.

Wendy na verdade não se importava, mas sabia que isso significava muito para Ben. Ela não mais se importava absolutamente com Michael, de um jeito ou de outro. Ele fora cruel e insensível, totalmente ausente de todos os momentos que haviam passado juntos. Era quase como se nada jamais tivesse acontecido entre os dois.

— Está pronto para a reunião?

— Mais ou menos. Tentei conversar novamente com a tal Adamson esta manhã. Ela me mandou para o inferno.

— O que é uma pena.

Conversaram a respeito enquanto seguiam pelo corredor até o elevador particular que dava acesso à torre de marfim de Marion, na cobertura do prédio. Tudo ali era da cor de areia, até mesmo o elevador, totalmente atapetado, chão, teto e paredes. Era como viajar para cima em um útero silencioso, luxuoso. Chegaram finalmente ao andar que alojava o gabinete de Marion,

com uma vista espetacular. Wendy podia sentir as palmas das mãos ficarem úmidas de suor na pasta que estava levando. Marion Hillyard sempre a fazia sentir-se assim, não importava o quão simpática se mostrasse. É que Wendy já vira o que havia por baixo de todo o controle e charme de Marion.

— Está nervosa?

Ben fez a pergunta num sussurro, enquanto dobravam o corredor e se aproximavam da porta de vidro e cromo que dava para a sala de reuniões de Marion.

— Pode apostar que sim.

Ambos riram um do outro e depois ocuparam seus lugares na sala comprida, repleta de plantas. Havia um Mary Cassatt numa parede, um Picasso no período inicial em outra e à frente dele estendia-se toda Nova York, uma vista espetacular, que sempre deixava Wendy estonteada, toda vez que sentava ali, no 65º andar. Era como decolar num avião, exceto pelo silêncio. Marion parecia estar sempre cercada pelo silêncio.

Havia vinte e duas pessoas sentadas ao longo da mesa de reuniões com tampo de vidro fumê, quando Marion finalmente entrou na sala, flanqueada por George, Michael e sua secretária Ruth. Ruth carregava diversas pastas e George e Michael estavam conversando. Pouco a pouco, George vinha entregando o comando da firma a Michael e estava surpreso ao descobrir como isso o aliviava. Somente Marion parecia interessada no grupo e

correu os olhos pelos rostos, para certificar-se de que estavam todos presentes. Parecia ter naquele dia a mesma cor de areia da decoração, mas Wendy presumiu que fosse simplesmente a palidez típica de Nova York. Ficara tão acostumada a ver rostos bronzeados na Califórnia que era um pequeno choque retornar a Nova York e compreender como todos estavam pálidos em pleno inverno da costa do Atlântico.

Mas Marion parecia tão elegante quanto sempre, num vestido que devia ser Givenchy ou Dior, bem simples, de lã preta, contrastando com as quatro fieiras de pérolas grandes e perfeitamente iguais. O verniz das unhas era escuro e ela parecia estar usando pouca maquilagem. Até mesmo Michael estava achando Marion extremamente pálida, provavelmente por estar trabalhando demais naquele projeto e em dez outros ao mesmo tempo. A mãe fazia questão de envolver-se em todos os trabalhos da firma. Ela era assim e estava acabado. E Michael parecia estar seguindo em suas pegadas. Marion admirava a dedicação total do filho ao trabalho, nos últimos dois anos. Era assim que os impérios bemsucedidos se mantinham saudáveis, recebendo o sangue daqueles que o acalentavam. Os guardiões sagrados. Os que cuidavam do Santo Graal.

Marion foi a primeira a falar. Pegou a primeira pasta na frente de Ruth e começou a interrogar os participantes da reunião, departamento por departamento, discutindo os vários pro-

blemas que haviam surgido desde a última reunião, verificando as soluções. Tudo transcorreu sem problemas, até que ela chegou a Ben. Marion ficou imensamente satisfeita com o que ele e Wendy haviam alcançado em São Francisco, os resultados de suas reuniões, todos os novos desenvolvimentos. Marion foi conferindo as informações com uma lista que tinha a sua frente, olhando de vez em quando para Michael, com extrema satisfação. O trabalho de São Francisco ia aos poucos adquirindo uma forma esplendida.

— Só tivemos um problema.

Ben falou um pouco baixo demais e todos os olhos prontamente se fixaram nele.

— É mesmo? E qual foi?

— Uma jovem fotógrafa. Vimos o trabalho dela e gostamos muito. Queríamos discutir a possibilidade de contratá-la para o trabalho de arte do saguão de todos os prédios do centro. Mas ela não quis nem mesmo conversar conosco.

— O que isso significa?

Marion estava visivelmente contrariada.

— Apenas isso. Quando soube por que eu estava telefonando, ela quase bateu o telefone na minha cara.

Marion alteou as sobrancelhas, inquisitivamente.

— Ela sabia quem você representava?

Como se isso pudesse mudar tudo... Michael disfarçou um

sorriso, assim como Ben. Marion tinha um orgulho tão grande da firma que estava convencida de que todos desejavam trabalhar com eles.

— Sabia. Mas receio que isso não a fez mudar de idéia. Se houve alguma mudança, foi aparentemente a de deixá-la ainda mais irritada.

— Irritada?

Pela primeira vez naquela manhã havia um pouco de cor no rosto de Marion, embora sua expressão fosse sombria. Quem essa tola jovem pensava que era, recusando-se a trabalhar para a Cotter-Hillyard?

— Talvez irritada seja a palavra errada. Talvez fosse mais apropriado dizer que isso a apavorou.

Não era bem isso, mas atendia à necessidade do momento. Para apaziguar Marion. As duas manchas vermelhas nas faces dela começaram a se desvanecer, para alívio de todos, especialmente de Ben.

— Vale a pena insistir nela?

— Acho que sim. E trouxemos algumas amostras de seu trabalho para apresentar. Creio que todos vão concordar comigo.

— Como conseguiu as amostras do trabalho dela, se a jovem nem mesmo quis discutir com você a possibilidade de trabalhar para nós?

— Compramos as fotos na galeria que está expondo os

trabalhos dela. Foi uma extravagância, mas se houver algum problema, terei a maior satisfação em comprar pessoalmente da firma. Ela trabalha excepcionalmente.

Wendy foi até uma mesa perto da parede dos fundos e voltou com um portfólio de tamanho considerável, do qual tirou três fotografias em cores excepcionais, que Marie tirara em São Francisco. Uma delas era uma cena no parque, uma composição bastante simples. Mostrava um velho sentado num banco, contemplando algumas crianças a brincarem. A foto poderia ter sido sentimental, mas não o era. Transmitia uma imensa compaixão. A segunda era uma cena a beira do cais, a vitalidade da multidão não conseguindo ofuscar o sorridente vendedor de camarões que aparecia em primeiro plano. E finalmente havia uma vista tremeluzindo ao crepúsculo, a cidade como turistas e habitantes adoravam ver. Ben não disse nada. Simplesmente arrumou as fotografias de pé e depois recuou. Estavam ampliadas e assim todos podiam ver como o trabalho era excepcional. Até mesmo Marion ficou em silêncio por longo tempo, antes de finalmente assentir.

— Você tem razão. Vale a pena insistir para que ela trabalhe conosco.

— Fico contente que tenha concordado.

— Michael?

Marion virou-se para o filho, mas ele parecia inteiramente

absorvido em seus pensamentos, enquanto contemplava as fotografias. Havia algo de obcecante e familiar na qualidade daquela arte, na natureza dos temas. Michael não sabia direito o que era, mas imediatamente deixou-o pensativo e ele se empenhou em livrar-se de tal ânimo. Não sabia explicar por que as fotografias o perturbavam daquela maneira, mas não podia deixar de concordar também que se tratava de um trabalho extraordinário e iria contribuir favoravelmente para qualquer prédio que levasse a assinatura da Cotter-Hillyard.

— Gosta das fotografias tanto quanto eu, Michael? — insistiu Marion. Ele olhou para mãe e assentiu, silenciosamente, com uma expressão sombria. Marion não perdeu tempo. — Ben, o que temos de fazer para contratá-la?

— Eu gostaria de saber.

— Dinheiro, é claro. Que tipo de mulher é ela? Chegou a encontrá-la pessoalmente?

— Por mais estranho que possa parecer, conheci-a na vez anterior em que estive em São Francisco. É uma jovem de beleza impressionante. De uma maneira quase irreal. Eu diria que é quase perfeita demais. Tudo o que se pode fazer é ficar a contemplá-la. É equilibrada, simpática... quando quer ser... e obviamente talentosa. Era pintora antes de começar a dedicar-se à fotografia. As roupas pareciam dispendiosas e por isso imagino que não está exatamente passando fome. Na verdade, o dono da galeria

comentou que ela tem uma espécie de patrocinador. Um homem mais velho. Se não me engano, ele falou que era médico, um cirurgião plástico famoso. De qualquer forma, ela não precisa do dinheiro. E isso é realmente tudo o que sei.

— Então talvez a resposta não seja o dinheiro. — Mas subitamente Marion parecia tão pensativa quanto o filho. Ocorrera-lhe um pensamento absurdo, irracional. Seria uma coincidência horrivel, mas se fosse mesmo... — Qual é a idade dessa moça?

— É difícil dizer. Ela estava usando um chapéu grande na primeira vez que a encontrei, ocultando parcialmente o rosto. Mas eu diria que tem... não sei direito, talvez seus 24 ou 25 anos. No máximo 26. Por quê?

Ben não conseguia absolutamente entender o motivo daquela pergunta.

— Estava apenas curiosa. Tenho certeza de que você e Wendy fizeram o melhor que era possível, Ben. É bem possível que seja inteiramente inútil qualquer esforço de contratar essa jovem. Mas eu gostaria de tentar. Deixe-me todas as informações e entrarei em contato com ela pessoalmente. Tenho mesmo de ir a São Francisco, no decorrer das próximas semanas. Talvez ela se sinta mais constrangida por repelir uma velha do que um rapaz.

Ben sorriu ao ouvir a referência a "velha". Marion Hillyard podia parecer qualquer coisa menos uma velha. Talvez

uma mulher vigorosa de meia-idade, um verdadeiro dínamo, mas jamais seria uma vovó encarquilhada. Mas o sorriso dele tornou-se sombrio ao observar o rosto de Marion. Ela estava se tornando mais pálida a cada momento e ele subitamente se perguntou se Marion não estaria doente. Mas Marion não lhe deu tempo nem a qualquer outra pessoa de indagar qualquer coisa. Levantou-se, manifestou sua satisfação pela reunião, pegou as informações de que precisava com Ben e agradeceu o comparecimento de todos. Quando ela se retirou, a reunião estava encerrada. A porta margeada de latão da sala de Marion fechou-se silenciosamente atrás de Ruth um momento depois, enquanto os outros encaminhavam-se lentamente para o elevador, comentando os progressos do trabalho em São Francisco. Todos pareciam satisfeitos e aliviados pelo fato de Marion também estar satisfeita. Geralmente, sempre havia alguém que lhe provocava a fúria. Mas naquele dia ela se mostrara excepcionalmente suave e Ben descobriu-se novamente a imaginar que talvez Marion estivesse doente. Ele foi um dos últimos a deixar a sala de reuniões, depois que Wendy já descera. Abruptamente, Ruth saiu correndo da sala de Marion e fez sinal para Michael. Ela parecia terrivelmente assustada.

— Sr. Hillyard! Sua mãe... está...

Mas foi George quem reagiu primeiro, correndo literalmente para a sala de Marion, com um Michael aterrado e

Ben em seus calcanhares. E assim que entraram na sala, foi George novamente quem sabia o que fazer. Sabia onde estavam as pílulas, que deu prontamente a Marion, com um copo com água, amparando-a, com a ajuda de Michael, da cadeira na mesa até o sofá. Marion tinha uma palidez entre cinza e esverdeada e parecia encontrar a maior dificuldade para respirar. Por um momento de terror, Michael descobriu-se pensando que a mãe estava morrendo. As lágrimas afloraram a seus olhos. Ele correu para a telefone a fim de chamar o Dr. Wickfield, mas Marion acenou debilmente do sofá e falou num sussurro quase inaudível:

— Não, Michael, não chame Wick. Acontece... a todo instante.

Michael olhou imediatamente para George. Aquilo era novidade para ele, mas não devia ser para George. Se fosse, George não saberia onde encontrar as pílulas, o que fazer. Oh, Deus! Até que ponto se tornara totalmente alheio ao mundo ao seu redor nos últimos meses? Olhando para a mãe, pálida e trêmula no sofá, Michael se perguntou qual seria a gravidade da doença dela. Sabia que Marion procurava freqüentemente o Dr. Wickfield, mas sempre imaginara que fosse para certificar-se de que estava em boas condições físicas, não porque tivesse algum problema mais grave. E o problema dela certamente parecia ser grave. Um olhar para o pequeno vidro de pílulas que George deixara em cima da mesa confirmou os temores de Michael. As

pílulas eram de nitroglicerina, o tratamento habitual de problemas cardíacos.

— Mamãe... — Michael sentou-se numa cadeira ao lado dela e segurou-lhe a mão... — Isso acontece com freqüência?

Ele estava quase tão pálido quanto Marion, mas ela abriu os olhos e sorriu-lhe, depois para George. Era evidente que George sabia de tudo.

— Não se preocupe com isso — A voz ainda era suave, mas um pouco mais forte agora. — Estou bem.

— Sei que não está bem. E quero saber mais sobre o que você tem.

Parado ali perto, Ben ficou achando que estava se intrometendo onde não devia, mas também não queria retirar-se. Estava aturdido demais pelo que presenciara. A grande Marion Hillyard, no final das contas, era humana. E parecia terrivelmente vulnerável e frágil, deitada ali, no vestido preto elegante e caríssimo, que contribuía para fazê-la parecer ainda mais pálida. Ela estava que nem papel enquanto conversava com o filho, mas os olhos estavam mais vivos que um momento antes.

— Mamãe... — Michael pretendia obviamente insistir no assunto, mas Marion não o deixou continuar.

— Está tudo bem, querido, está tudo bem...

Ela procurou respirar um pouco mais fundo e lentamente sentou-se no sofá, voltando a pôr os pés no chão e fitando direta-

mente os olhos do filho único.

— É o meu coração. Sabe que há anos tenho problemas.

— Mas nunca foi sério.

— Pois agora é. — Marion falou como se isso não tivesse qualquer importância. — Posso viver para me tornar uma velha implicante. Como posso também não chegar até lá. Somente o tempo poderá dizer. Enquanto isso, as pílulas ajudam-me a continuar e vou seguindo em frente. Isso é tudo o que há para se dizer.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Há algum tempo. Wick começou a se preocupar há cerca de dois anos, mas o problema agravou-se bastante este ano.

— Pois então eu quero que você pare de trabalhar. — Michael parecia um garoto obstinado, olhando para a mãe com uma expressão preocupada. — Imediatamente.

Ela se limitou a rir para o filho e depois sorriu para George. Mas desta vez o rosto do seu aliado indicava que ele também estava extremamente preocupado.

— Não há a menor possibilidade, querido. Continuarei aqui, até não agüentar mais. Há muito o que fazer. Além do mais, eu acabaria enlouquecendo se ficasse em casa. O que iria fazer durante o dia inteiro? Assistir a filmes horríveis na televisão e ler revistas de cinema?

— Parece perfeito para você. — Todos riram. — Ou então... — Michael olhou atentamente para a mãe e depois para

George, antes de acrescentar: — Vocês podiam aposentar-se e casar-se, começando a se divertirem um pouco, para variar.

Era a primeira vez que Michael reconhecia abertamente as atenções que George dispensara a Marion ao longo dos últimos vinte anos. George ficou vermelho, mas não parecia contrariado.

— Michael! — A mãe parecia quase ser novamente a mesma Marion de sempre. — Você está constrangendo George.

Mas, estranhamente, ela também não parecia chocada ou assustada com a idéia.

— Seja como for, a minha aposentadoria está fora de questão. Sou jovem demais para isso, quer esteja ou não doente. Acho que ainda vai ter de me aturar por muito tempo.

Michael já sabia que perdera a batalha. Mas só ia ceder depois de opor o máximo de resistência.

— Neste caso, pelo menos seja um pouco sensata e pare de viajar. Não precisa ir a São Francisco. Posso cuidar de tudo pessoalmente. Não queira fazer tudo por si mesma. Fique em casa e cuide um pouco mais de si mesma.

Marion limitou-se a rir e levantou-se, caminhando até sua mesa. Parecia abalada, cansada e pálida ao sentar-se na cadeira, enquanto todos a observavam com profunda preocupação.

— Eu gostaria que vocês se retirassem e parassem de parecer tão sentimentais. Todos vocês. Tenho muito trabalho a fazer. O que, aparentemente, não acontece também com vocês.

— Vou levá-la para casa, mamãe. Pelo menos por hoje. — Michael parecia beligerante enquanto a fitava, mas Marion sacudiu a cabeça firmemente.

— Não vou, Michael. E agora trate de sair daqui ou mandarei George expulsá-lo. — George achou graça da idéia. — Posso ir embora mais cedo, mas não vou sair agora. Assim sendo, agradeço a sua preocupação e tudo o mais. Ruth!

Ela apontou para a porta, que a secretária obedientemente abriu. Um por um, impotentes, todos sairam. Marion era mais forte que todos eles e sabia disso..

— Marion...

George parou na porta, com uma expressão preocupada nos olhos.

— Pois não?

O rosto de Marion suavizou-se ao fitá-lo e ele sorriu.

— Não quer ir para casa agora?

— Daqui a pouco.

Ele assentiu.

— Voltarei dentro de meia hora.

Marion sorriu, mas mal pôde esperar que a porta se fechasse atrás dele. Não havia em sua mente a menor dúvida sobre o motivo que causara o ataque. Não podia mais ficar excitada com coisa alguma. Estava realmente se tornando um transtorno terrível. Ela olhou para o relógio, enquanto discava o

número que Ben lhe fornecera. Escutou o telefone tocar três ou quatro vezes. Não sabia por que tinha tanta certeza. Desde o momento em que Ben começara a descrever Marie Adamson.. Tentaria encontrar-se com a moça quando fosse a São Francisco. Talvez então pudesse ter certeza absoluta. Ou talvez não. Talvez as mudanças tivessem sido grandes demais. Perguntou-se se realmente saberia. E nesse momento a moça atendeu o telefone. Marion respirou fundo, fechou os olhos e falou suavemente. Ninguém poderia imaginar, ao ouvi-la, que sofrera um ataque apenas meia hora antes. Como sempre, Marion Hillyard estava no controle total de si mesma.

— Srta. Adamson? Aqui é Marion Hillyard, de Nova York.

A conversa foi breve, fria e constrangida. Ao desligar, Marion não sabia nada mais que antes. Mas iria saber. Dentro de três semanas exatamente. Haviam marcado um encontro para as quatro horas da tarde de terça-feira, dentro de três semanas. Marion anotou em sua agenda, depois recostou-se na cadeira e fechou os olhos. O encontro poderia nada revelar-lhe, mas por outro lado... havia algumas coisas que ela tinha de dizer. Só esperava viver por mais três semanas.

Capítulo 22

O relógio parecia bater interminavelmente, na sala de estar da suíte do Fairmont. A vista da baía e do Condado de Marin do outro lado era espetacular, mas Marion Hillyard não estava interessada em paisagens. Estava pensando na moça. O que teria acontecido com ela? Como seria a sua aparência agora? Será que Gregson realmente operara as maravilhas que prometera dois anos antes? Ben Avery vira uma estranha ao se encontrar com Marie Adamson. Mas será que Michael poderia ainda reconhecê-la? E será que ela estava agora apaixonada por outro homem ou então, como Michael, tornara-se amargurada e afastada do mundo? Marion pensou novamente no filho, enquanto esperava pela estranha que poderia ser na realidade a moça que Michael amara outrora. E se não fosse? Podia ser qualquer pessoa, uma fotógrafa de São Francisco que atraíra a atenção de Ben Avery. Talvez a teoria dela estivesse errada. Talvez...

Marion cruzou e descruzou as pernas, depois pegou novamente a bolsa para tirar outro cigarro. A cigarreira era nova. George lhe dera de presente de Natal. Uma cigarreira de ouro, com as suas iniciais gravadas com safiras maravilhosas. Marion acendeu o cigarro com o isqueiro que combinava com a cigarreira, deu uma tragada profunda e depois recostou-se na poltrona por um momento, os olhos fechados. Estava exausta.

Fora um longo vôo naquela manhã e deveria ter se proporcionado um dia de descanso, antes de encontrar-se com a jovem. Mas estava ansiosa demais para adiar o encontro por mais um dia. Tinha de saber de qualquer maneira.

Ela olhou novamente para o relógio em cima da cornija da lareira. Eram 16h15min. Ou seja, 19h15min em Nova York. Michael ainda devia estar trabalhando. Avery já teria saído para namorar aquela jovem do departamento de *design* de interiores. Marion contraiu os lábios ao pensar neles. Avery não era um rapaz compenetrado, como Michael. Mas também... Ela suspirou. Mas também Avery não era infeliz como Michael. Será que ela cometera um erro? Teria feito uma loucura dois anos antes? Teria exigido demais da moça? Não. Provavelmente não. Era a moça errada para Michael... E com o tempo, talvez ele encontrasse outra. Não havia razão para que isso não acontecesse. Michael certamente possuía tudo o que era necessário: aparência, dinheiro, posição. Ia ser o presidente de uma das principais firmas da América. Era um homem de poder e talento, simpatia e charme.

O rosto de Marion abrandou-se novamente, enquanto pensava no filho. Como Michael era bom e forte... e como era solitário. Ela também podia percebê-lo. Ele chegava até mesmo a manter certa distância da própria mãe. Era como se uma parte dele jamais houvesse voltado ao convívio das outras pessoas. Pelo menos as bebedeiras e os períodos de isolamento haviam cessado,

mas apenas para serem substituídos por uma determinação sombria e angustiada, que transparecia visivelmente nos olhos de Michael. Como um homem que se empenhara por tempo demais a vencer o deserto, determinado a consegui-lo, mas não mais sabendo por quê.

E, no entanto, Michael tinha tudo para ser feliz, todos os motivos para desfrutar a vida. Mas jamais tirava tempo para desfrutar qualquer coisa. Marion nem mesmo tinha certeza se o filho gostava do trabalho, pelo menos da maneira como ela gostava. Ou da maneira como o pai e o avô de Michael haviam gostado. Ela voltou a pensar no marido, com profunda ternura. Depois, lentamente, seus pensamentos se deslocaram para George. Como George fora maravilhoso para ela nos últimos anos. Teria sido impossível continuar em seu trabalho sem a ajuda de George. Ele removia os fardos dos ombros dela tão freqüentemente quanto era possivel, deixando-lhe apenas as decisões importantes, o trabalho criativo. E a glória. Marion sabia quantas vezes George fizera isso por ela. Era um homem de grande força e, ao mesmo tempo, de profunda humildade. Ela se perguntou por que não prestara maior atenção a todas as virtudes de George uma dúzia de anos antes. Mas nunca houvera tempo. Para George ou para qualquer outro. Não desde a morte do pai de Michael. Talvez, no final das contas o filho não fosse tão diferente dela.

Marion estava sorrindo para si mesma quando a

campainha da porta da suíte interrompeu-lhe os pensamentos. Ela teve um sobressalto, como se houvesse esquecido por um momento onde estava. Eram 16h25min. A moça estava 25 minutos atrasada. Mas, secretamente, Marion sentia-se satisfeita por ter podido passar esse tempo sozinha.

Ela ajeitou o rosto numa máscara distinta e caminhou calmamente até a porta. O vestido de seda azul-marinho e as quatro fieiras de pérolas caíam nela à perfeição, assim como as unhas impecáveis, a maquilagem discreta que a fazia parecer mais com 45 anos do que beirando os 60 anos. Ainda seria uma bela mulher dentro de 20 anos, se vivesse até lá. Nada podia vencer Marion Hillyard, nem mesmo o tempo. Ela deu os parabéns a si mesma por isso, enquanto abria a porta para a jovem elegante com o portfólio de artista nas mãos.

— Srta. Adamson?

— Exatamente. — Marie assentiu com um pequeno sorriso tenso. — Sra. Hil1yard?

Mas ela sabia. Não vira Marion naquela noite de maio porque seus olhos estavam vendados, mas a conhecia bastante das fotografias no apartamento de Michael. Teria reconhecido a mãe dele até num beco escuro em Tóquio. Aquela era a mulher que atormentara seus sonhos por dois anos. Aquela era a mulher que quisera outrora como sua mãe e amiga. Mas isso não mais acontecia.

— Como tem passado? — Marion estendeu a mão fria e firme. Apertaram-se as mãos cerimoniosamente, ainda na porta, antes que Marion fizesse um gesto na direção do interior da suíte. — Não quer entrar?

— Obrigada.

As duas mulheres se fitaram com interesse e cautela. Marion sentou-se numa cadeira perto da mesa. Mandara providenciar chá e refrescos para a sua convidada. Parecia muito trabalho para uma jovem que já lhe custara quase meio milhão de dólares. Se é que se tratava da mesma moça. Ela a fitou atentamente, mas nada conseguiu descobrir. Não havia qualquer semelhança com nenhuma das fotografias que vira ao longo dos anos. Aquela não era a mesma moça. Ou pelo menos não parecia ser. Mas Marion recostou-se para observá-la e escutar. Jamais esqueceria aquela voz entrecortada e abalada da ocasião em que tinham. feito o acordo.

— O que posso oferecer-lhe pra beber? Chá? Soda! Ou podemos pedir um drinque, se preferir.

— Não, obrigada, Sra. Hillyard. Prefiro apenas...

Mas a voz de Marie se desvaneceu, enquanto as duas se fitavam, o pretexto do encontro quase esquecido, a mulher mais velha avaliando a mais moça, observando-lhe os movimentos, a textura e jeito dos cabelos, tomando a contemplar novamente a impressão global. Era uma jovem extremamente bonita, em

roupas visivelmente dispendiosas. Marion se descobriu perguntando-se se o dinheiro que fornecia para a moça sobreviver não estaria sendo gasto em trajes assim. O vestido de lã era obviamente de Paris, a bolsa de camurça e os sapatos eram de Gucci, a capa bege era simples, revestida com uma pele escura que Marion julgou ser de gambá americano.

— Está usando um casaco muito bonito, que deve ser mais do que suficiente para esta cidade. Invejo imensamente o clima ameno de São Francisco. Quando parti, Nova York estava sob meio metro de neve. — Marion exibiu um sorriso cativante para a jovem, antes de acrescentar: — Conhece Nova York?

Era uma pergunta com segundas intenções e Marie sabia disso. Mas podia responder com toda sinceridade. Vivera na Nova Inglaterra, mas passara muito pouco tempo em Nova York. Se tivesse casado com Michael, teria ido viver em Nova York. Mas isso não acontecera. O rosto impassível e a voz um pouco mais dura, ela respondeu:

— Não conheço muito bem. Não sou realmente uma pessoa que aprecie a cidade grande. Não tenho o traquejo de cidade grande.

Ela era agora pura Marie, não havia o menor vestígio de Nancy

— É difícil de acreditar, pois me parece tão elegante quanto a melhor mulher de cidade grande.

Marion tornou a sorrir, mas era o sorriso de uma barracuda contemplando um tenro barrigudinho.

— Obrigada.

Sem dizer mais nada, Marie pegou o portfólio, pôs em seu colo, enquanto Marion observava, e puxou o zíper. Sorridente, entregou Marion um grosso livro preto, com cópias de seus trabalhos. O livro era grande e difícil de manejar, a mulher mais velha pareceu titubear ao pegá-lo. Foi só nesse momento que Marie notou como as mãos dela tremiam. O tempo não fora generoso com Marion Hillyard, no final das contas. Seria possível que algumas de suas preces mais horrendas houvessem sido atendidas? Ela ficou observando a mulher atentamente, mas Marion pareceu recuperar o controle, enquanto virava as páginas, em silêncio. Só depois de um tempo é que ela comentou:

— Posso entender por que Ben Avery ficou tão ansioso em contratá-la para o nosso centro. Seu trabalho é extraordinário. Deve ter uma experiência de muitos anos.

Para variar, era uma pergunta inocente. Marie sacudiu a cabeça.

— Não. A fotografia é uma atividade nova para mim. Eu era pintora antes.

— É isso mesmo. Ben tinha-me falado.

Contudo, Marion parecia surpresa. Esquecera-se na verdade de que podia estar falando com Nancy McAllister, de tão

absorvida que ficara ao contemplar os trabalhos.

— É tão boa assim em pintura?

— Eu pensava que era.

Marie sorriu para a mulher. Uma transformação quase fantástica estava se processando. Ela sentia que estava observando Marion Hillyard através de um espelho de truque: podia ver Marion claramente, mas a pessoa que Marion via era na verdade uma outra. Marie pensou que era a única a conhecer o segredo.

— E agora gosto da fotografia tanto quanto gostava antes da pintura.

— Por que mudou? — indagou Marion, levantando a cabeça, intrigada.

— Porque tudo na minha vida mudou abruptamente, a tal ponto que me tornei uma pessoa nova. A pintura era parte da vida antiga, do meu outro eu. Doía demais levá-la para a nova vida.

Marion quase estremeceu ao ouvir essas palavras.

— Entendo. Seja como for, pelo que estou vendo, o mundo não sofreu uma perda. É uma fotógrafa maravilhosa. Quem a iniciou na carreira? Indubitavelmente, só pode ter sido um dos grandes fotógrafos locais. Há muitos por aqui.

Mas Marie limitou-se a sacudir a cabeça, sorrindo. Era muito estranho. Fora até ali para odiar aquela mulher, mas agora

descobriu que não podia. Não de todo. É verdade que não gostava dela, mas também não podia odiá-la. Marion parecia extremamente cansada e frágil por trás da atitude arrogante e das pérolas. Usava uma máscara mortuária cuidadosamente oculta sob a maquilagem. Mas por baixo do verniz podia-se perfeitamente perceber que as tristezas do outono estavam à espreita, com o inverno já se avizinhando. Marie forçou a mente a se concentrar na pergunta da mulher, tentando recordar qual era. Ah, sim...

— Não foi, não. Para dizer a verdade, foi um amigo quem me iniciou. Meu médico, para ser mais exata. Ele foi o responsável pela minha carreira de fotógrafa. É um homem que conhece todo mundo nesta cidade.

— Peter Gregson.

As palavras saíram suavemente dos lábios de Marion, como num sonho, dando a impressão de que ela não tivera a menor intenção de pronunciá-las. As duas ficaram tão chocadas que passaram algum tempo em silêncio, finalmente rompido por Marie:

— Conhece-o?

Por que a mulher dissera aquilo? Será que ela sabia? Mas não era possível. Será que Peter... Não, ele jamais faria uma coisa dessas.

— Eu... conheço... — Marion hesitou por um longo

momento e depois fitou a moça nos olhos. — Conheço-o, sim, Nancy. Ele fez um excelente trabalho em você.

Era um tiro no escuro. Mas Marion não podia deixar de dizê-lo, mesmo que assim bancasse a tola. Precisava saber de qualquer maneira.

— Deve haver algum mal-entendido. Meu nome é Marie...

E no instante seguinte, como uma boneca de trapos, ela desmoronou. Havia lágrimas em seus olhos quando se levantou e foi até a janela, ficando de costas para a sala.

— Como soube?

A voz estava abalada e zangada. A mesma voz de dois anos atrás. Marion recostou-se na cadeira, cansada mas aliviada. De certa forma, confortava-a saber que acertara. Não fizera aquela viagem difícil a troco de nada. Marie insistiu:

— Alguém lhe contou?

— Não. Simplesmente adivinhei. Nem mesmo sei por quê. Mas tive o pressentimento logo na primeira vez em que Ben mencionou seu nome. Os detalhes se ajustavam.

Oh, diabo! Marie tinha vontade de perguntar à mulher como estava Michael. Queria... Será que aquilo nunca sairia de sua vida? Será que eles nunca iriam embora?

— Por que veio até aqui? Para reafirmar o nosso acordo? — Marie virou-se bruscamente para encarar a mulher que tanto a

atormentara — Para certificar-se de que cumprirei minha promessa?

— Já provou isso. — A voz de Marion era cansada e gentil, estranhamente velha. — Não, não foi por isso. Nem mesmo sei por que, mas tinha de vê-la. Falar com você. Descobrir como é, se era realmente você.

— Por que agora? Por que eu deveria ser tão interessante depois de dois anos? — Subitamente, havia veneno na voz de Marie e ódio em seus olhos. O ódio que ela sonhara despejar tantos meses. — Por que agora, Sra. Hillyard? Ou estava apenas curiosa em dar uma olhada no trabalho de Gregson? Foi isso? Pois o que está achando de sua obra de quatrocentos mil dólares? Valeu a pena?

— Por que você mesma não responde a essa pergunta? Valeu a pena? Está satisfeita?

Era o que Marion esperava. Subitamente, desesperadamente, era o que ela esperava. Todos haviam pago um preço muito alto pelo novo rosto dela. Fora um erro. De repente, Marion tinha certeza disso. Mas era tarde demais. Não eram as mesmas pessoas. Ela podia ver isso na moça, tanto quanto podia ver em Michael. Era tarde demais, muito tarde mesmo, para qualquer dos dois. Teriam de ir procurar seus sonhos em algum outro lugar.

— É uma linda moça agora, Marie.

— Obrigada. Tem razão, sei que Peter fez um bom trabalho. Mas foi como fazer um acordo com o demônio. Um rosto por uma vida.

Com um suspiro entrecortado, Marie afundou numa poltrona.

— E eu sou o demônio. — A voz de Marion tremia, enquanto ela olhava para a moça. — Imagino que é algo repulsivo dizer isso agora, mas na ocasião pensei que estivesse fazendo o que era mais certo.

— E agora? — Marie fitou-a nos olhos. — Michael está feliz? Valeu a pena livrar-se de mim, Sra. Hillyard? A missão foi um sucesso?

Oh, Deus, ela queria ferir fundo aquela mulher. Queria massacrá-la, destruí-la, com todo aquele vestido de grande dama, todas as pérolas.

— Não, Marie, Michael não está feliz, assim como você também não está. Sempre pensei que ele fosse recomeçar a vida. E que o mesmo aconteceria com você. Mas algo me diz que isso não lhe aconteceu. Não que eu tenha o direito de perguntar.

— Não, não tem. E Michael? Ele não está casado?

Marie detestou-se por isso, mas rezou para que a resposta fosse não.

— Está, sim. — Marie soltou uma exclamação de desespero, mas conseguiu se controlar a tempo. — Michael está

casado com o seu trabalho. Vive, come, dorme e respira o trabalho. Como se esperasse perder-se no trabalho para sempre. Quase não o vejo.

Isso é muito bom, sua miserável! Muito bom mesmo!

— Diria então que estava errada? Eu o amava, sabe disso. Mais que a qualquer coisa na vida.

Exceto o meu rosto... oh, Deus... exceto...

— Claro que sei. Mas pensei que passaria.

— E passou?

— Talvez. Ele nunca a menciona.

— E alguma vez tentou me encontrar?

Marion sacudiu lentamente a cabeça.

— Não.

Mas ela não explicou o motivo para isso. Não contou que Michael pensava que ela estava morta. A mentira lhe pesou no momento mesmo em que dizia a palavra, observando o rosto da moça contrair-se numa máscara de ódio.

— Mas por que estou aqui? Apenas para satisfazer a sua curiosidade? Mostrar-lhe o meu trabalho? Por quê?

— Não tenho certeza, Nancy. Desculpe... Marie. Simplesmente tinha de vê-la. Saber como fora para você. Imagino que seja um tanto sentimental dizer isso, mas a verdade é que estou morrendo.

Marion parecia estar sentindo um pouco de pena de si

mesma, mas no instante seguinte ficou aborrecida por ter falado. Marie não pareceu ficar comovida. Ficou olhando fixamente para a mulher por longo tempo, antes de voltar a falar, a voz suave, hesitante:

— Lamento saber disso, Sra. Hillyard. Mas eu morri há dois anos. E tenho a impressão de que a mesma coisa aconteceu com seu filho. Assim, somos dois. Nas suas mãos, Sra. Hillyard. Para ser sincera, é muito difícil para mim sentir alguma simpatia por si. Creio que deveria pelo menos ser grata.. Talvez devesse agradecer-lhe porque os homens viram a cabeça para me olhar todos os dias, ao invés de saírem correndo horrorizados. Talvez devesse sentir uma porção de coisas. Mas não sinto. Não sinto nada por si agora, a não ser pena, porque arruinou a vida de Michael e sabe disso. Para não falar do que fez com a minha vida.

Marion assentiu em silêncio, sentindo todo o impacto da censura da jovem. Ela própria já sabia de tudo aquilo. Secretamente, já o sabia há dois anos. Pelo menos em relação a Michael. Não o sabia em relação à moça. Talvez tivesse ido procurá-la justamente por isso.

— Não sei o que dizer.

— Adeus seria ótimo.

Marie pegou o casaco e o portfólio e encaminhou-se para a porta da suíte. Parou ali por um momento, a mão na maçaneta, a cabeça baixa, as lágrimas começando a escorrer pelas faces.

Virou-se lentamente e viu que também havia lágrimas no rosto de Marion. A mulher mais velha estava oprimida e silenciosa por sua agonia particular, mas a jovem conseguiu respirar fundo e murmurar:

— Adeus, Sra. Hillyard. E transmita... transmita a Michael... o meu amor.

Marie fechou a porta silenciosamente ao sair. Mas Marion Hillyard não se mexeu. Sentia o coração bater forte contra os pulmões, em pontadas de dor prolongadas, que pareciam dilacerar-lhe o peito. Ofegando para respirar, cambaleou até a campainha que chamaria uma criada. Conseguiu apertá-la uma vez antes de desmaiar.

Capítulo 23

Os passos de George ecoavam pelo corredor do hospital enquanto ele quase corria para o quarto dela. Por que Marion insistira em ir sozinha? Por que sempre tinha de ser tão terrivelmente independente, mesmo depois de todos aqueles anos? Ele bateu de leve na porta e uma enfermeira abriu-a com expressão inquisitiva.

— É o quarto da Sra. Hillyard? Sou George Calloway.

Ele parecia nervoso, cansado e velho. E era também

assim que se sentia. Já não agüentava mais todo aquele absurdo. E era o que ia dizer a Marion assim que a visse. Já o dissera a Michael antes de deixar Nova York.

A enfermeira sorriu ao ouvir o nome dele.

— É, sim, Sr. Calloway. Estávamos a sua espera.

Marion estava no hospital desde as seis horas da tarde. George conseguira chegar a São Francisco por volta das onze horas da noite, horário local. Agora, passavam alguns minutos de meia-noite. Era praticamente impossível fazer a viagem mais depressa. O sorriso de Marion reconhecia esse fato quando a enfermeira abriu a porta para deixar George entrar, ao mesmo tempo em que saía para o corredor.

— Olá, George.

— Olá, Marion. Como se sente?

— Cansada, mas viverei. Pelo menos foi o que me disseram. O ataque não foi dos maiores.

— Desta vez. Mas como será na próxima?

George parecia invencível ao avançar pelo quarto, fitando-a com uma expressão furiosa. Não se deteve nem mesmo para beijá-la. Tinha muito o que dizer.

— Vamos deixar para nos preocupar com a próxima vez quando acontecer. E agora sente-se e relaxe, George. Está me deixando nervosa. O que o está incomodando? Pedi à enfermeira que lhe guardasse um sanduíche.

— Não posso comer.

— Pare com isso! Nunca o vi desse jeito, George. Não foi nada sério. Não precisa ficar assim.

— Não me diga como devo estar, Marion Hillyard. Venho observando-a destruir a si mesma há tempo demais e agora não vou mais admitir.

— Vai me deixar? — Marion sorriu-lhe da cama. — Por que não se aposenta?

Ela estava achando graça da cena, até o momento em que George virou-se para fitá-la com expressão decidida..

— É exatamente o que vou fazer, Marion. Aposentar-me.

Ela percebeu que era sério. E era tudo o que lhe faltava naquele momento.

— Não seja ridículo.

Mas Marion não tinha certeza se conseguiria demovê-lo. Ela se sentou na cama, com um sorriso nervoso.

— Não estou sendo, Marion. É a primeira decisão inteligente que tomo nos últimos vinte anos. E quer saber quem mais vai se aposentar também? Você, Marion. Nós dois vamos nos aposentar. Imediatamente. Já conversei a respeito com Michael, a caminho do aeroporto. Ele teve a gentileza de me levar ao aeroporto e pediu para dizer-lhe que lamenta não poder vir também, mas está preso em Nova York neste momento. Michael acha que nossa aposentadoria é uma excelente idéia. E é o que eu

também penso. Para ser franco, ninguém está interessado no que você pensa, Marion. A decisão já foi tomada.

— Ficou doido. George? E o que pensa exatamente que vou fazer com o meu tempo se me aposentar? Ficar tricotando?

— Não seria uma idéia das piores. Mas a primeira coisa que vai fazer é casar-se comigo. Depois disso, pode fazer qualquer coisa que lhe aprouver. *Menos*... — A voz de George se alteou ameaçadoramente. — ... trabalhar. Está bem claro, Sra. Hillyard?

— Não vai ao menos me pedir para casar-me com você? Ou simplesmente está me dizendo e pronto? Será que isso é também uma ordem de Michael?

Mas Marion não estava zangada. Ao contrário, estava comovida. E aliviada. Já não agüentava mais. Já fizera o bastante, em todos os sentidos, os piores e os melhores. E também sabia disso. O encontro com Marie naquela tarde a levara a compreender tudo.

— Temos a aprovação de Michael, se é que isso faz alguma diferença. — E um momento depois a voz de George se abrandou, enquanto se aproximava da cama e pegava a mão de Marion, apertando-a gentilmente. — Quer casar-se comigo, Marion?

Ele estava quase que com medo de perguntar, depois de todos aqueles anos. Mas finalmente conversara com Michael a

respeito, nos momentos ansiosos antes do vôo. Michael dissera-lhe algo estranho a respeito de "celebrar o amor de vocês". George não compreendera, mas ficara grato pelo estímulo.

— E então, quer casar-se comigo?

Ele apertou a mão de Marion um pouco mais firmemente, enquanto aguardava a resposta. Ela assentiu lentamente, com um sorriso cansado, mas afetuoso, uma expressão quase de pesar.

— Deveríamos ter pensado há muitos anos, George.

Marion queria dizer algo mais... que não estava certa se tinha o direito... não depois...

— Pensei nisso há muitos anos, mas nunca me passou pela cabeça que você pudesse aceitar.

— Provavelmente eu não teria aceitado. Porque sou uma idiota. Oh, George... — Marion suspirou e tornou a recostar-se nos travesseiros. — Tenho feito tantas coisas estúpidas na vida...

O rosto dela deixou subitamente transparecer toda a agonia da tarde. George ficou a observá-la atentamente, aturdido pelo tormento que via no rosto de Marion, misturado com a fadiga.

— Não diga tamanha bobagem. Não consigo lembrar-me de uma única besteira que você tenha feito em todos esses anos em que nos conhecemos. — Ele continuava a segurar a mão de Marion, afagando-a afetuosamente. Há anos que queria fazer isso, exatamente daquela maneira. — Não se atormente com as

bobagens do passado.

Mas Marion havia-se novamente sentado na cama e fitava-o nos olhos, a mão fria e tensa.

— E se uma bobagem dessas, como você chama, tiver destruído as vidas de outras pessoas? Tenho o direito de esquecer isso também, George?

— Ora, Marion, o que você poderia ter feito para destruir a vida de outra pessoa?

George começou subitamente a pensar que o médico talvez tivesse aplicado uma droga bem forte a Marion. Ou talvez o último ataque a tivesse afetado mentalmente. O que ela dizia não fazia o menor sentido.

Marion voltou a se acomodar entre os travesseiros e fechou os olhos.

— Não compreende, George.

— E deveria?

A voz dela era extremamente gentil, no quarto quase às escuras.

— Talvez. Se soubesse, tenho certeza de que não estaria tão ansioso em casar-se comigo.

— Não diga bobagem. Mas se é assim que se sente, então acho que tenho o direito de saber o que a está perturbando. Qual é o problema?

George ainda não tinha largado a mão dela. Marion final-

mente voltou a abrir os olhos. Fitou-o em silêncio por longo tempo, antes de falar:

— Não sei se posso contar-lhe.

— Por que não? Não posso imaginar qualquer coisa que seja capaz de me chocar. E não posso também imaginar qualquer coisa a seu respeito que eu ainda não conheça. — Há anos que não tinham segredos um para o outro. — Estou começando a pensar que o ataque desta tarde deixou-a profundamente abalada.

— A verdade que tive de enfrentar é que causou o ataque.

O tom de Marion era diferente de tudo o que George conhecera antes. Havia lágrimas nos olhos dela. George sentiu vontade de abraçá-la, fazê-la sentir-se melhor. Mas compreendia agora que Marion tinha realmente algo muito importante para contar-lhe. Seria possível que ela tivesse mantido um romance com outro homem durante todos aqueles anos? A idéia deixou-o abalado. Mas poderia aceitar até mesmo isso. Ele a amava. Sempre a amara. Esperara tempo demais por aquele romance para permitir agora alguma coisa o estragasse.

— Alguma coisa especial aconteceu esta tarde?

George ficou a observá-la atentamente, esperando pela resposta. Marion voltou a fechar os olhos, as lágrimas escorrendo silenciosamente por suas faces. Ao final, ela assentiu e murmurou:

— Aconteceu.

— Entendo. Pois trate de relaxar agora. Não vamos ficar

excitados só por causa disso.

George estava começando a ficar preocupado com o estado dela. Temia que tivesse outro ataque.

— Vi a moça.

— Que moça?

Mas, afinal, de que moça Marion estava falando?

— A moça pela qual Michael estava apaixonado. — As lágrimas cessaram por um momento. Marion sentou-se outra vez na cama e fitou-o. — Lembra-se da noite do acidente de Michael, em que ele foi a Nova York para conversar comigo? Você apareceu no meu apartamento e ele foi embora. Estava furioso. Michael tinha ido dizer-me que pretendia casar-se com aquela moça. E eu lhe mostrei... o relatório que tinha mandado preparar a respeito dela...

A voz dela se desvaneceu por um momento, enquanto recordava a cena. George franziu a testa ainda mais. Era evidente que Marion estava confusa em decorrência de alguma droga. Era a única explicação. A moça a que ela estava-se referindo havia morrido no acidente.

— Marion, querida, não pode ter visto a moça. Pelo que me recordo, ela... ela... ahn... faleceu no...

Mas Marion sacudiu a cabeça firmemente, os olhos jamais se afastando dos olhos de George.

— Não, George, ela não morreu. Falei que ela morreu e

Wick ficou de boca fechada. Mas a moça sobreviveu. Com o rosto inteiramente destruído. À exceção dos olhos.

George não disse nada, embora estivesse escutando atentamente. Era uma Marion perturbada, uma Marion angustiada, mas não era uma Marion desvairada. George sabia que ela estava dizendo a verdade.

— Fui até o quarto dela naquela noite e propus um acordo.

Ele continuou esperando, em silêncio. Marion fechou os olhos, como se estivesse sentindo uma dor intensa. George apertou-lhe a mão ainda mais firmemente.

— Você está bem, Marion?

Ela assentiu, tornando a abrir os olhos.

— Estou, sim. Talvez eu me sinta melhor depois que lhe contar tudo. Ofereci um acordo à moça. O rosto dela em troca de Michael. Há diversas maneiras mais bonitas de dizê-lo, mas no final tudo se resume a isso. Wick disse que conhecia um homem no país que podia restaurar o rosto dela. Custaria uma fortuna, mas o tal médico poderia fazê-lo. Propus à moça pagar o tratamento e tudo o mais que ela precisasse, até que todas as operações acabassem. Ofereci-lhe uma vida inteiramente nova, uma vida que ela nunca tivera antes, desde que concordasse em nunca mais procurar Michael.

— E ela concordou?

— Concordou.

— Neste caso, ela não devia amá-lo tanto assim. E você tomou uma atitude elogiável ao se oferecer para pagar a cirurgia. Não podemos nos esquecer de que se os dois se amassem tanto jamais teriam aceitado um acordo assim.

— Não está compreendendo, George.— O tom de Marion agora estava gelado. Mas sua raiva estava dirigida contra si mesma e não contra George. — Não fui honesta com nenhum dos dois. Disse a Michael que ela havia morrido. E sabia perfeitamente que a moça tinha certeza de que Michael jamais respeitaria o acordo. Foi provavelmente por isso que ela concordou. Por isso e pelo fato de que não tinha alternativa. Nada mais lhe restava. Exceto eu... oferecendo-lhe um acordo com o demônio, como ela própria classificou esta tarde. George, você sabe muito bem que Michael jamais teria aceitado um acordo desses, se soubesse da verdade. Teria voltado para a moça sem a menor hesitação.

— Ele não sofreu tanto assim. E já se recuperou. É possível também que os dois nem mesmo continuassem a se amar agora.

George estava procurando desesperadamente por um bálsamo para as feridas de Marion. Mas não podia deixar de admitir que era uma ferida profunda e devia ter sido muito difícil suportá-la. Sabia que Marion pensara que estava defendendo os

interesses de Michael, mas ela jogara com a vida do filho.

— É verdade, Marion. Provavelmente os dois se tornaram bastante diferentes. Podem nem mesmo querer saber um do outro agora

— Sei disso. — Marion recostou-se nos travesseiros, com um suspiro — Michael está obcecado por seu trabalho. Não tem amor, não tem ternura, não tem tempo, não tem nada. Nada lhe restou e sei disso melhor que qualquer outra pessoa. E ela... — Marion recordou dolorosamente os acontecimentos daquela tarde. — Ela é bonita, elegante. E amargurada e furiosa, dominada pelo ódio. Formam um casal encantador.

— E você se julga a responsável por tudo isso?

— Sabendo o que sabe agora, não concorda? — Contra a sua vontade, os olhos de Marion voltaram a se encher-se de lágrimas. Cometi um erro terrível ao me intrometer entre os dois, George.

— Talvez os danos possam ser reparados. E nesse intervalo, você devolveu a vida à moça. E uma vida melhor, sob certos aspectos.

— E ela me odeia por isso.

— Então é uma tola.

Marion sacudiu a cabeça.

— Não, George. Ela está certa. Eu não tinha o direito fazer o que fiz. E se tivesse alguma coragem, por menor que

fosse, contava tudo a Michael.

Mas apesar de seus princípios, George esperava que ela jamais chegasse a isso. A ira de Michael destruiria Marion. O filho nunca mais voltaria a respeitá-la como antes.

— Não conte nada a Michael, querida. Agora, não iria adiantar coisa alguma.

Marion percebeu o medo nos olhos dele e sorriu.

— Não se preocupe. Não sou tão corajosa assim. Mas Michael vai acabar descobrindo. Com o tempo. Darei um jeito para que isso aconteça. Ele tem o direito de saber. Mas espero que ele ouço tudo por intermédio da moça, no momento em que ela o aceitar de volta. Talvez assim ele possa perdoar-me.

— Acha que há alguma possibilidade da moça aceitar Michael de volta?

— Creio que não. De qualquer forma, devo fazer o que puder.

— Oh, Deus...

— Fui eu que comecei tudo isso. Agora, devo aos dois alguma coisa. Talvez nada resulte disso tudo, mas tenho a obrigação de tentar.

— Por acaso manteve-se em contato com a moça durante todo esse tempo?

— Não. Tornei a vê-la e falar-lhe pela primeira vez hoje.

— Estou entendendo agora. E como foi que isso

aconteceu?

— Marquei um encontro. Não tinha certeza se era ela mesma, mas desconfiava. E estava certa.

Marion parecia satisfeita consigo mesma e George sorriu pela primeira vez na última meia hora.

— Deve ter sido um encontro e tanto.

George compreendia agora por que Marion tivera um novo ataque. Era de admirar que não a tivesse matado.

— Poderia ter sido pior. — A voz dela era outra vez gentil, os olhos voltaram a se encher de lágrimas. — Poderia ter sido muito pior. Tudo o que realmente fez foi mostrar-me como eu estava errada, que destruíra a vida dela, assim como a de Michael.

— Pare com isso, Marion. Não destruiu nenhum dos dois. Deu a Michael uma carreira pela qual qualquer homem sacrificaria a própria vida e deu à moça algo que ninguém mais podia ter.

— O quê? Desespero? Angústia?

— Se é assim que ela se sente, então é uma ingrata. O que me diz de um rosto novo? Uma vida nova? Um mundo novo?

— Desconfio que é um mundo extremamente vazio, exceto pelo trabalho dela. Nesse sentido, ela é muito parecida com Michael.

— Nesse caso, talvez eles possam novamente construír

algo juntos. Mas, até lá, o que está feito, está feito. Não pode continuar a se punir para sempre por causa disso. Fez o que pensou que era certo na ocasião. E eles são jovens, querida. Ambos possuem uma vida inteira pela frente. Se a desperdiçarem, a culpa será deles. O que não devemos fazer é desperdiçar a nossa.

George queria dizer que "resta-nos pouco tempo", mas não o fez. Inclinou-se em direção a Marion, enquanto ela se estendia na cama e levantava os braços para ele. George apertou-a firmemente, sentindo todo o calor do corpo dela em seus braços.

— Eu a amo, querida. Lamento que tenha passado por tudo isso sozinha, sem me contar. Deveria ter-me falado tudo há muitos anos.

— Você ter-me-ia odiado.

A voz de Marion estava abafada por seus próprios soluços e pelo ombro de George.

— Nunca. Nem naquela ocasião nem agora. Jamais seria capaz de qualquer outro sentimento que não o de amá-la. E a respeito profundamente por me contar tudo agora. Eu jamais teria sabido.

— Mas eu saberia, George. E tinha de descobrir o que você pensava.

— Acho que tudo isso foi uma agonia para todos. Agora faça o que puder para remediar a situação e depois não pense

mais assunto. Afaste-o de sua mente, do coração, da consciência. Está acabado. E nós dois temos uma vida nova para começar. Temos o direito a essa vida. Você pagou caro por tudo o que fez. Não tem de punir-se a si mesma por coisa alguma. Vamos casar-nos e ir embora, viver a nossa vida. Deixemos que eles cuidem de suas próprias vidas.

— Será que tenho realmente o direito a isso?

Marion parecia mais jovem outra vez quando George contemplou-lhe o rosto.

— Tem, meu amor, claro que tem. — E no instante seguinte ele a beijou, gentilmente a princípio, depois sofregamente. Ao diabo com Michael, a moça e tudo o mais. Ele queria Marion com tudo o que ela tinha de bom e de ruim, com seu gênio e seu excessos. — E agora você vai se esquecer de tudo e tratar de dormir. Amanhã, vamos sentar-nos e planejar o casamento. Comece a pensar em coisas mais sensatas, como o tipo de vestido que vai encomendar e quem vai providenciar as flores. Entendido?

Marion fitou-o nos olhos e riu.

— George Callaway, eu o amo.

— O que é ótimo. Mesmo que não me amasse, eu me casaria com você de qualquer maneira. Nada me deteria agora. Entendido?

— Sim, senhor.

Estavam se olhando radiantes, quando a enfermeira meteu a cabeça pela porta. Era uma hora da madrugada. E com instruções especiais do médico ou não, ele tinha de se retirar. George assentiu para indicar que compreendia, deu um beijo de leve em Marion, apertou-lhe a mão e presenteou-a com um sorriso que nada poderia ofuscar, deixando o quarto relutantemente. Deitada na cama, Marion sentiu-se enormemente aliviada. Ele a amava de qualquer maneira. E lhe devolvera um pouco de sua própria fé em si mesma.

Olhando para o relógio, Marion decidiu telefonar para Michael. Talvez pudesse fazer imediatamente alguma coisa para remediar a situação. Ao inferno com a diferença de horário. Não tinha um momento a desperdiçar. Nenhum deles tinha. Ela pegou o telefone no quarto às escuras e discou para o apartamento de Michael em Nova York. O telefone tocou quatro vezes antes que Michael atendesse e balbuciasse, sonolento:

— Alô?

— Sou eu, querido

— Mamãe? Você está bem?

Michael acendeu rapidamente a luz e fez um esforço para ficar inteiramente desperto.

— Estou ótima. E tenho uma coisa para lhe dizer.

— Já sei. George me falou.

Michael bocejou e sorriu ao telefone, depois olhou para o

relógio. Puxa! Eram cinco horas da manhã em Nova York. Duas horas da madrugada em São Francisco. Que diabo Marion estava fazendo acordada e onde se metera a enfermeira dela?

— Você aceitou?

— Claro. As duas propostas. Vou até me aposentar. Isto é, mais ou menos.

Michael não pôde deixar de rir ao ouvir as últimas palavras. Era típico de Marion. George ia ter o maior trabalho para contê-la. Mas ele se sentia satisfeito pelos dois.

— Mas estou telefonando por outro motivo.

Marion parecia novamente firme e profissional. Michael soltou um resmungo. Já conhecia aquele tom.

— Não me venha tratar de negócios a essa hora! Por favor!

— Não diga bobagem. Isso não é hora para tratar de negócios. Queria dizer-lhe que me encontrei com a jovem.

— Que jovem?

A mente de Michael estava em branco. Fora um dia extremamente difícil. Três reuniões, cinco encontros e a notícia de que a mãe sofrera outro ataque, sozinha em São Francisco.

— A fotógrafa, Michael. Acorde.

— Ah, sim... E daí?

— Nós a queremos.

— Queremos?

— Absolutamente. Não posso insistir agora, porque George ficaria uma fera comigo. Mas você pode.

— Deve estar brincando. Tenho muito o que fazer aqui em Nova York. Ben pode cuidar do problema.

— Ela já o repeliu, Michael. E é uma jovem de classe, inteligência e caráter. Não vai querer tratar com subalternos.

— Pois ela está me parecendo insuportável.

— Era a mesma impressão que eu tinha. Preste atenção, Michael, não importa o que tenha de fazer, quero que a contrate de qualquer maneira. Lisonjeie-a, conquiste-a, pegue um avião e venha até aqui, convide-a para jantar. Seja o mais encantador que puder. Ela vale a pena. Quero o seu trabalho no centro. Faça isso por mim.

Marion estava engabelando o filho suavemente, o que era uma novidade. Ela sorriu para si mesma.

— Ficou doida, mamãe, e não tenho tempo a perder com essas coisas. — Michael estava deitado na cama, sorrindo. Não havia a menor dúvida de que a mãe tinha perdido o juizo. — Por que não o faz pessoalmente, mamãe?

— Não posso. E se você não fizer, vou voltar ao escritório em tempo integral e vai ver só o que acontece.

Ela parecia estar falando sério e Michael teve de rir.

— Está bem, mamãe. Farei o que está me pedindo.

— Vou exigir o cumprimento da promessa.

— Juro que farei. Está satisfeita agora? Posso voltar a dormir?

— Pode. Mas quero que comece a trabalhar nisso imediatamente.

— Como é mesmo o nome dela?

— Marie Adamson.

— Está certo. Cuidarei disso amanhã.

— Ótimo, querido. E... obrigada.

— Boa noite, sua coruja tonta. E por falar nisso, parabéns. Posso levar a noiva ao altar?

— Claro que pode. Eu jamais aceitaria outro qualquer. Boa noite, querido.

Ambos desligaram. Em São Francisco, Marion Hillyard finalmente estava em paz. Talvez não funcionasse. Talvez fosse tarde demais. Os dois anos haviam cobrado um pesado tributo a ambos.

Mas era tudo o que ela podia fazer agora. Não, isso não era verdade. Ela poderia ter contado a verdade a Michael. Mas com um pequeno suspiro, antes de cair no sono, Marion admitiu para si mesma que ainda não estava preparada para assumir a santidade. Iria ajudá-los um pouco. Mas não iria além disso. Não contaria a Michael o que fizera. Ele provavelmente acabaria descobrindo, mas talvez, a esta altura, já houvesse felicidade suficiente para amortecer o golpe.

Capítulo 24

George beijou-a ternamente na boca e a música suave recomeçou. Marion contratara três músicos para tocarem no casamento, em seu apartamento. Havia cerca de 70 convidados e a sala de jantar fora transformada em pista de dança. O bufê estava arrumado na biblioteca. E era um dia perfeito. O último do mês de fevereiro, um dia claro, frio e magnífico em Nova York. Marion estava inteiramente recuperada do pequeno contratempo em São Francisco e George parecia exultante. Michael beijou a mãe nas duas faces e ela posou entre o marido e o filho para o fotógrafo do *Times*. Marion usava um vestido de renda que caía até o chão e tanto Michael como George estavam vestidos formalmente de calça listrada e fraque. George usava um cravo branco na lapela enquanto o de Michael era vermelho. A noiva tinha um ramo de orquídeas beges, que tinham vindo de avião da Califórnia especialmente para a ocasião, juntamente com as flores viçosas espalhadas pelo apartamento. O decorador de Marion cuidara disso pessoalmente.

— Sra. Calloway?

Era Michael, oferecendo o braço à mãe para conduzi-la ao bufê. Marion riu como uma menina ao ouvir o seu novo nome e

depois sorriu para George. Estavam comemorando, como Michael dissera que deviam fazer. Michael estava satisfeito por ambos. Mereciam aquilo. E iam agora passar dois meses na Europa, para descansarem. Ele não podia deixar de pensar como a mãe se mostrara sensata ao se retirar da firma. Talvez, no final das contas, Marion estivesse mesmo preparada para se aposentar. Ou talvez o coração finalmente a tivesse apavorado, depois de todo aquele tempo. Mas tanto ela como George haviam se mostrado duas pessoas maravilhosas com quem trabalhar, enquanto transferiam todo o poder para as mãos dele, Michael. Agora ele era o presidente da Cotter-Hillyard e não podia deixar de reconhecer que não se aborrecia com a sensação que isso proporcionava. Presidente... aos 27 anos. Fizera a capa do *Time*. O que também fora extremamente agradável. Ele imaginava que a mãe e George dariam a capa de *People,* com o casamento.

— Está muito elegante, querido.

A mãe fitou-o com uma expressão radiante, enquanto seguiam para a biblioteca. Estava repleta de flores e mesas com comida. E junto às paredes enfileiravam-se criados adicionais.

— Você também está muito atraente. E o apartamento não faz por menos.

— Não está mesmo lindo?

Marion parecia surpreendentemente jovem ao se afastar dele para falar com alguns convidados e dar as últimas instruções

aos criados. Estava inteiramente em seu elemento, tão excitada como uma garota. Sua mãe, a noiva. Michael sorriu para si mesmo, ao pensar nisso.

— Está parecendo muito satisfeito consigo mesmo, Sr. Hillyard

A voz era suave e familiar. Michael virou-se e deparou com Wendy a sua direita. Não mais se sentia constrangido ao vê-la. Ela estava com o diamante solitário que Ben lhe dera no Dia dos Namorados, ao ficarem noivos. Iam casar-se no verão seguinte. E ele seria o padrinho.

— Ela não está maravilhosa?

Wendy assentiu e sorriu-lhe novamente. Por uma vez, Michael parecia feliz também. Wendy jamais conseguira entendê-lo direito, mas pelo menos isso não mais a perturbava, agora que tinha Ben. Ben a fazia mais feliz que qualquer outro jamais conseguira.

— Mas tenho certeza de que você estará igualmente maravilhosa no próximo verão. Tenho um fraco por noivas.

Parecia algo improvável nele e Wendy voltou a sorrir. Gostava muito mais dele agora que partilhava a sua amizade com Ben

— Tentando conquistar minha noiva, companheiro? – Era Ben ao lado deles, segurando três taças de champanhe. — Aqui está, para vocês dois. E tem uma coisa que lhe quero dizer,

Michael, estou apaixonado por sua mãe.

— É tarde demais. Eu a entreguei a outro homem esta manhã. — Ben estalou os dedos, como se tivesse acabado de sofrer uma grande perda. Todos três riram, enquanto a música começava a tocar na sala de jantar. — Ei, acho que isso é um aviso para mim. O filho tem direito à primeira dança e depois George me substitui. Emily Post diz...

Ben soltou uma risada e deu-lhe um empurrão na direção da porta e de suas obrigações.

— Ele parece feliz hoje — murmurou Wendy, depois que Michael se afastou.

— E acho que está mesmo, para variar. — Pensativo, Ben tomou um gole de champanhe e um momento depois sorriu novamente para Wendy. — Você também parece feliz hoje.

— Estou sempre feliz, graças a você. Por falar nisso, voltou a procurar aquela fotógrafa de São Francisco? Há algum tempo estou querendo perguntar-lhe, mas nunca tenho tempo.

Mas Ben estava sacudindo a cabeça.

— Não. Michael disse que iria encarregar-se pessoalmente do problema.

— E ele tem tempo para isso?

Wendy parecia surpresa.

— Não. Mas provavelmente dará um jeito de arrumar. Conhece Michael. Ele vai a São Francisco na próxima semana,

por isso e quatro mil outras razões.

Não, pensou Wendy consigo mesma, não conheço Michael. Ninguém conhece. Exceto talvez Ben. Mas às vezes ela se perguntava se Ben realmente o conhecia tão bem quanto ele gostava de pensar. Talvez antigamente. Mas será que Ben continuava a conhecê-lo ?

— Gostaria de dançar, minha cara?

Ben largou a taça e passou o braço pela cintura dela, a fim conduzi-la à outra sala.

— Adoraria.

Mas estavam dançando há apenas um momento quando Michael bateu no ombro de Ben:

— É a minha vez.

— É uma ova. Mal começamos. Pensei que estivesse dançando com sua mãe.

— Ela me trocou por George.

— Muita sensatez da parte dela.

Os três estavam se deslocando juntos pela pista de dança e Wendy estava começando a rir. Ver os dois juntos daquela maneira era como vislumbrar Michael e Ben de anos atrás. Era o tipo de situação em que ambos se mostravam exultantes. Uma dose generosa de champanhe, uma ocasião para comemorar e lá estavam eles. — Escute, Avery, vai sumir daqui ou não? Quero dançar com sua noiva.

— E se eu não quiser que você dance?

— Então dançarei com os dois... e minha mãe nos expulsará.

Wendy estava sorrindo novamente. Eram como dois garotos, dispostos a qualquer coisa para provocar confusão numa festa de aniversário. Os dois estavam começando a entoar uma canção sobre uma "garota de Rhode lsland", o que a deixou preocupada.

— Escutem vocês dois! Eu estava esperando que fosse duas vezes mais divertido. Em vez disso, estou tendo os dois pés pisados ao mesmo tempo. Por que não vamos todos comer o bolo de casamento?

— Vamos?

Ben e Michael se fitaram, assentiram ao mesmo tempo e obsequiosamente se apossaram dos braços de Wendy, um de cada lado, conduzindo-a para fora da sala. Michael olhou para Ben por cima da cabeça dela e piscou um olho.

— Ela é bastante elegante, mas acho que é meio cambaia. Reparou na maneira como dançava? Meus sapatos estão praticamente estragados.

— Devia ver os meus.

Ben falou num sussurro, por cima do ombro esquerdo dela.

Bruscamente, Wendy meteu os cotovelos em ambos.

— Escutem, seus palhaços, alguém por acaso reparou nos *meus* sapatos? Sem falar nos meus pés doloridos, por ter dançado com dois caipiras de porre.

— Caipiras?

Ben fitou-a com uma expressão horrorizada e Michael começou a rir, enquanto pegava os três pratos com bolo de casamento que uma empregada uniformizada oferecia. Pôs-se a brincar com os pratos e quase deixou cair dois.

— Não dê importância a ela. O bolo parece sensacional. Tomem aqui.

Michael entregou os pratos a Wendy e Ben. Os três se encostaram numa coluna e ficaram observando o movimento, enquanto comiam, vendo as velhas matronas em vestidos rendados cinzas, as moças de *chiffon* rosa, cascatas de pérolas, as mais variadas pedras preciosas.

— Puxa, já pensaram no que poderíamos conseguir se os assaltássemos?

Michael parecia fascinado pela idéia.

— Nunca tinha pensado nisso. Era o que deveríamos ter feito anos atrás. Na escola, quando estávamos duros.

Ambos assentiram um para o outro, enquanto Wendy os observava com um sorriso desconfiado.

— Não tenho certeza se poderei deixar vocês dois sozinhos quando for empoar o nariz.

— Não se preocupe. Ficarei de olho nele, Wendy.

Michael piscou para ela sorridente e pegou outra taça de champanhe. Wendy nunca o vira daquele jeito, mas estava gostando. Ben tinha razão. No final das contas, Michael era humano. Vê-lo daquela maneira, meio tonto e bancando o tolo, era conhecê-lo como cinco anos antes. Ou mesmo dois anos.

— Não creio que os dois consigam desvirar os olhos o suficiente para verem qualquer coisa, muito menos um ao outro.

— Ora... não enche, Wendy. Estamos em grande forma.

Ben pegou mais duas taças de champanhe, entregando uma a Michael e acenando para que sua noiva seguisse na direção do banheiro.

— Ela é uma garota e tanto, Michael. Fico contente que não tenha ficado furioso quando lhe contei a nosso respeito.

— Como poderia ficar furioso? Ela é a garota certa para você. Além do mais, ando muito ocupado para essas coisas.

— Um dia desses não vai mais estar

— É possível. Enquanto isso, vocês podem se mandar e casar-se. Mas eu tenho de ficar, para dirigir a firma.

Mas, por uma vez, Michael não parecia sombrio ao dizer isso. Olhou por cima da taça de champanhe com um sorriso e depois fez um brinde ao amigo:

— A nós.

Capítulo

O avião pousou suavemente em São Francisco, enquanto Michael fechava sua pasta. Tinha mil e uma coisas a fazer no decorrer da próxima semana. Encontros com médicos, reuniões a que comparecer, locais de obras a visitar, arquitetos a organizar, pessoas, projetos, conferências, tudo exigindo a sua atenção e... oh, diabo... e também a tal fotógrafa. Perguntou-se como conseguiria arrumar tempo para tudo. Mas daria um jeito. Sempre dava. Deixaria de comer, dormir ou qualquer outra coisa assim. Ele pegou a capa na prateleira por cima de sua cabeça, onde a deixara dobrada, pendurando-a no braço e seguindo os outros passageiros de primeira classe para fora do avião. Sentia os olhos das aeromoças fixados nele. Era o que sempre acontecia. Ignorou-as. Elas não o interessavam. Além do mais, ele não tinha tempo. Olhou para o relógio. Sabia que haveria um carro a sua espera no terminal. Passavam vinte minutos das duas horas da tarde. Conseguira realizar um dia inteiro de trabalho em apenas meio expediente no escritório em Nova York e agora tinha tempo para pelo menos quatro ou cinco reuniões em São Francisco. Na manhã seguinte, já havia marcado um encontro para tratar de negócios durante o café da manhã, às sete horas. Era assim que sua vida transcorria. Era assim que ele gostava.

Tudo o que se importava era com seu trabalho. Do trabalho e de um punhado de pessoas. Duas das quais estavam naquele momento desfrutando uma imensa felicidade em Majorca, na casa de amigos, enquanto a outra estava nas boas mãos de Wendy, em Nova York. Todas estavam sob bons cuidados. Assim como ele. Tinha o centro médico para absorvê-lo. E tudo estava correndo às mil maravilhas. Michael sorriu para si mesmo, enquanto se encaminhava para o terminal. Aquela era uma obra sua.

— Sr. Hillyard? — O motorista reconheceu-o imediatamente e Michael assentiu. — O carro está ali.

Michael recostou-se no assento, enquanto o motorista ia buscar sua bagagem no caos do terminal. Era bastante agradável estar novamente em São Francisco. Era um dia de março de frio intenso em Nova York quando ele partira. Agora, eram 6h15min da tarde em São Francisco e tudo ao seu redor estava verde, viçoso e maravilhoso. Em Nova York, as árvores ainda estavam desfolhadas, cinzentas, o verde continuaria a ser uma cor esquecida por mais um mês. Era muito difícil esperar a primavera em Nova York. Sempre se tinha a impressão de que jamais chegaria. E no momento mesmo em que se estava desistindo, chegando-se à conclusão de que nada voltaria a ficar verde, os primeiros botões apareciam, traziam de volta a esperança. Michael havia-se esquecido de como a primavera era agradável. Nunca notara. Não tinha tempo.

O motorista levou-o diretamente para o hotel, onde algum funcionário subalterno da firma já o registrara e providenciara para que a suíte estivesse devidamente preparada para a primeira reunião. Ele reservara duas suítes, uma para poder ficar em paz, a outra para as reuniões. E se houvesse necessidade, as reuniões poderiam ser realizadas simultaneamente nas duas suítes. Eram nove horas da noite quando ele terminou todo o trabalho do dia. Cansado, ligou para o serviço e pediu um filé. Era meia-noite em Nova York e ele estava exausto. Mas haviam sido umas poucas horas bastante proveitosas e Michael estava satisfeito. Recostou-se no sofá, tirou a gravata, pôs os pés em cima da mesinha e fechou os olhos. E depois teve a impressão de ouvir a voz da mãe na sala: "Já ligou para a moça?" Oh, Deus! As palavras pareciam ecoar pela sala, que ainda recendia a fumaça de cigarro e à rodada de *scotches* que pedira ao final. Mas a moça... por que não? Tinha tempo, enquanto esperava o filé. Podia impedi-lo de cair no sono. Ele pegou a pasta, encontrou o número do telefone numa ficha e discou do sofá mesmo. O telefone tocou três ou quatro vezes, antes que ela atendesse.

— Alô?

— Boa noite, Srta. Adamson. Aqui é Michael Hillyard.

Marie quase soltou um grito de espanto e teve de fazer um tremendo esforço para controlar a respiração.

— Entendo. Está em São Francisco, Sr. Hillyard?

A voz dela era brusca, parecia quase furiosa. Talvez ele tivesse ligado num momento errado. Ou então ela não gostava de receber telefonemas de negócios em casa. Mas Michael não se importava.

— Estou, sim, Srta. Adamson. E estava imaginando que poderíamos encontrar-nos. Temos algumas coisas a discutir.

— Não, não temos absolutamente nada a discutir. Pensei que tivesse deixado isso bem claro para sua mãe.

Marie estava tremendo toda e apertando o fone com força.

— Se falou, é possível que ela tenha esquecido o recado. - — Michael estava começando a parecer tão tenso quanto ela. — Ela sofreu um pequeno ataque cardíaco logo depois do encontro que tiveram. Tenho certeza de que nada teve a ver com o encontro, mas a verdade é que ela não me disse muita coisa a respeito do que conversaram. O que é compreensível, em vista das circunstâncias.

— É, sim. — Marie fez uma breve pausa. — Lamento saber disso. Ela está bem agora?

— Está, sim. — Michael sorriu. — Casou-se na semana passada e neste momento está em Majorca.

Essa é ótima! A desgraçada arruína minha vida e depois parte em lua-de-mel! Marie sentiu vontade de ranger os dentes ou bater com o telefone.

— Mas isso não tem importância para nós. Quando podemos nos encontrar?

— Já dei a resposta: não podemos!

Marie quase cuspiu as palavras pelo telefone, voltando a fechar os olhos. Mas Michel estava cansado demais para se incomodar com qualquer coisa.

— Está certo. Aceito a sua recusa, pelo menos por enquanto. Estou no Fairmont. Se mudar de idéia, pode telefonar-me.

— Não vou telefonar.

— Como quiser.

— Boa noite, Sr. Hillyard.

— Boa noite, Srta. Adamson.

Marie estava surpresa ao descobrir como Michael encerrara rapidamente a conversa. E não parecia absolutamente com Michael. Parecia cansado, como se realmente não se importasse com coisa alguma. O que teria acontecido com ele nos últimos dois anos? Depois que desligou, ela ficou sentada em silêncio por longo tempo, pensando.

Capítulo 26

— Querida, você está com uma aparência terrivelmente solene. Algum problema?

Peter fitou-a através da mesa do almoço. Marie sacudiu a cabeça, mexendo distraidamente com o copo de vinho.

— Não. Estou apenas pensando num novo trabalho. Quero iniciar um novo projeto amanhã. E isso sempre me deixa preocupada.

Mas ela estava mentindo e ambos sabiam disso. Desde que Michael telefonara, na noite anterior, Marie fora lançada de volta ao passado. Tudo o que podia pensar era naquele último dia. O passeio de bicicleta, a feira, as vistosas contas azuis enterradas na praia, depois o vestido branco comprido e a touca azul de cetim para fugir e casar-se com Michael... e depois a voz da mãe dele no hospital, quando estava com o rosto coberto por ataduras e os olhos vendados. Era como ter um filme exibido constantemente diante de seus olhos. Ela não podia escapar.

— Você está bem, querida?

— Estou, sim. Desculpe estar sendo uma companhia tão desagradável hoje. Talvez eu esteja simplesmente cansada.

Mas Peter percebera a expressão angustiada e o franzido perturbado entre os olhos de Marie.

— Tem visto Faye ultimamente?

— Não. Estou sempre para telefonar e convidá-la para almoçar, mas parece que nunca tenho tempo. Desde a exposição... — Marie fez uma breve pausa, contemplando-o com um sorriso de agradecimento. — ... que passo a metade do tempo no laboratório e a outra metade correndo pela cidade com a câmara.

— Eu não me estava referindo a um encontro social, mas sim profissional.

— Claro que não. Já lhe contei que encerramos o tratamento antes do Natal.

— Nunca me disse se a decisão de suspender as sessões foi sua ou dela.

— Minha. Mas Faye não discordou. — Marie sentiu-se ligeiramente magoada pelo fato de Peter pensar que ela estava precisando de mais sessões psiquiátricas. — Estou apenas cansada, Peter. Não há mais nada.

— Não tenha tanta certeza assim. Às vezes, acho que ainda se sente atormentada pelos... pelos acontecimentos de dois anos atrás.

Peter falou cautelosamente, observando-a atentamente. E ficou consternado quando a viu quase se encolher, visivelmente.

— Não diga bobagem.

— É perfeitamente normal, Marie. As pessoas ficam atormentadas por coisas assim durante dez ou vinte anos. É uma experiência terrivelmente traumática para se viver. Alguma parte

de você, bem lá no fundo, irá sempre recordar o que aconteceu, mesmo tendo ficado inconsciente depois do acidente. Se conseguir fazê-la descansar, estará livre.

— Já pus para descansar e estou livre.

— Somente você mesma pode julgar isso. Mas quero que tenha certeza. Caso contrário, sutilmente, irá afetá-la pelo resto da vida. Limitará a sua capacidade, prejudicará sua vida... Seja como for, não há necessidade de continuar. Pense no problema com todo cuidado. Pode querer continuar a se encontrar com Faye por mais algum tempo. Não faria mal algum.

Peter parecia preocupado.

— Não preciso.

A boca de Marie estava contraída numa linha firme. Peter afagou-lhe a mão. Mas não pediu desculpas por ter abordado o assunto. Não estava gostando do ânimo de Marie.

— Está certo. Vamos embora?

Ele sorriu para ela mais gentilmente e Marie tentou retribuir o sorriso. Mas é claro que Peter estava certo. Marie estava obcecada por ter falado com Michael.

Peter pagou a conta e ajudou-a a vestir o *blazer* de veludo azul-marinho, usado com saia Cacharel branca e a graciosa blusa de seda. Marie estava impecavelmente vestida, como sempre. Peter adorava a companhia dela.

— Quer que eu a leve para casa?

— Não, obrigada. Pensei em dar um pulo até a galeria. Quero discutir alguns problemas com Jacques. Estou com vontade de mudar algumas das peças. Muitos trabalhos anteriores meus estão tendo agora mais destaque que os recentes. Estou querendo inverter essa situação.

— O que faz sentido.

Peter passou o braço pelos ombros dela, enquanto caminhavam ao sol da primavera. O nevoeiro da manhã já se dissipara e estava fazendo um dia quente e maravilhoso. O manobrista trouxe rapidamente o Porsche preto e Peter abriu a porta para Marie entrar. Ela ajeitou a saia e sorriu-lhe, enquanto ele se sentava ao volante. Sabia agora o quanto Peter tinha importância para ela. Às vezes, porém, perguntava-se se ele a amava porque a criara ou talvez porque ela permanecia de certa forma inatingível. Freqüentemente, Marie sentia-se culpada por não ser mais franca com Peter. Mas apesar da afeição que sentia por ele, havia sempre uma sombra de reserva entre os dois. Marie sabia que era sua a culpa. E talvez Peter estivesse certo. Talvez ela estivesse condenada a ficar para sempre atormentada e abalada pelo acidente. Talvez devesse voltar a procurar Faye.

— Não parece com muita disposição para falar hoje, meu amor. Ainda pensando no novo projeto?

Ela assentiu, com um sorriso constrangido. Depois, passou a mão gentilmente pela nuca de Peter.

— Às vezes me pergunto por que você me atura.

— Porque tenho muita sorte em tê-la. É uma pessoa muito especial para mim. Espero que saiba disso.

Mas por quê? Havia ocasiões em que Marie ficava pensando nisso. Será que era parecida com a outra mulher a quem ele amara? Será que Peter a fizera assim deliberadamente? Era uma idéia terrível.

Marie recostou-se no assento por um momento e fechou os olhos, tentando relaxar. Mas abriu os olhos subitamente, ao sentir Peter dar uma guinada busca no pequeno carro. Tudo o que viu foi um Jaguar vermelho avançando na direção do lado do carro em que ela estava, de frente, o seu motorista ultrapassando um caminhão estacionado em fila dupla. Por algum motivo, o motorista do Jaguar fora além do necessário e entrara na contramão, até ficar bem perto de Marie. Ela ficou olhando, os olhos arregalados pelo horror, apavorada demais para emitir qualquer som. Mas o incidente foi contornado em um rápido instante. Peter conseguiu evitar o outro carro e o Jaguar vermelho afastou-se na direção oposta, avançando um sinal vermelho. Marie ficou paralisada no assento, aterrorizada, agarrando o painel com força, os olhos fixados à frente, a boca tremendo, as lágrimas prestes a se derramarem, a mente voltando a algo que testemunhara vinte e dois meses antes. Peter compreendeu imediatamente o que estava acontecendo. Parou o carro e

inclinou-se para abraçá-la. Mas Marie estava rígida demais para se mover. No instante em que ele a tocou, Marie começou a gritar. Os gritos vinham do fundo de sua alma e Peter teve de sacudi-la, envolvê-la em seus braços, para subjugá-la.

— Calma, querida, calma... Está tudo bem agora. Está tudo bem. Fique calma. Já acabou. Nada igual jamais voltará a acontecer. Está tudo acabado. .

Marie desmoronou em soluços de terror, as lágrimas escorrendo pelo rosto, todo o corpo tremendo. Peter abraçou-a firmemente. Quase meia hora se passou antes que Marie parasse de chorar, recostando-se no assento, exausta. Peter ficou a observá-la em silêncio por algum tempo, afagando-lhe o rosto e os cabelos, segurando-lhe a mão, deixando-a sentir que estava de fato segura. Mas ele estava profundamente perturbado pelo que presenciara. Confirmava o que vinha pensando. Quando Marie finalmente parou de tremer e relaxou, ao lado dele, Peter pôs-se a falar-lhe, suavemente, mas firmemente, enquanto Marie fechava os olhos:

— Tem de voltar a se encontrar com Faye. Ainda não está superado para você. E não estará enquanto não enfrentar o problema e alcançar a cura.

Mas quanto mais ela podia enfrentar? E o que havia para curar? O amor de Marie por Michael? Como ela poderia curar isso? Como poderia contar a Peter que falara com Michael pelo

telefone e que isso lhe despertara uma vontade intensa de abraçá-lo, beijá-lo, sentir novamente as mãos dele em seu corpo? Como poderia dizer uma coisa dessas a Peter? Em vez disso, Marie fitou-o com expressão cansada e assentiu em silêncio.

— Vou pensar nisso.

— Ótimo. Quer que eu a leve para casa?

A voz de Peter era extremamente gentil e ela concordou. Não tinha forças para ir até a galeria agora. Não voltaram a falar até chegarem ao prédio em que Marie morava.

— Quer que eu a leve até o apartamento, Marie?

Mas ela se limitou a sacudir a cabeça e beijou-o no rosto. E só disse uma palavra ao saltar do carro:

— Obrigada.

Não olhou para trás ao atravessar a calçada. Subiu lentamente a escada, o fardo dos vinte e dois meses solitários pesando terrivelmente em seus ombros. Se ao menos Michael jamais tivesse telefonado... Isso lhe trouxera de volta toda a angústia. E para quê? De que adiantava? Talvez ele não se importasse com coisa alguma, no final das contas. Queria simplesmente as fotografias dela. Pois que o desgraçado comprasse o trabalho de qualquer outra pessoa. Por que diabo não podia deixá-la em paz?

Marie entrou no apartamento e foi direto para a cama. Fred foi pulando a seus pés e subiu na cama. Mas Marie não estava com disposição para brincar. Empurrou Fred para o chão

e ficou deitada na cama por muito tempo, pensando se deveria ligar para Faye ou se isso também de nada adiantaria. Estava começando a cochilar, numa exaustão irrequieta, quando o telefone tocou. Ela teve um sobressalto e levantou-se. Não queria atender. Mas provavelmente era Peter, querendo saber como ela estava e não tinha direito de deixá-lo ainda mais preocupado do que já o fizera naquela tarde. Lentamente, estendeu a mão para o telefone.

— Alô?

A palavra saiu trêmula de seus lábios.

— Srta. Adamson?

Oh, Deus, não era Peter! Era... Marie fechou os olhos para conter as lágrimas, enquanto um suspiro interminável sacudia todo o seu corpo.

— Pelo amor de Deus, Michael, deixe-me em paz!

Ela desligou. No outro lado da linha, Michael ficou olhando para o fone, na mais total confusão. O que estaria acontecendo? E por que ela o chamara de Michael?

Capítulo 27

Marie parecia cansada e tensa na manhã seguinte, ao entrar na galeria com Fred. Usava uma calça preta e uma suéter

verde, cores que lhe ficavam muito bem. Mas parecia extremamente pálida depois de uma longa noite sem dormir, durante a qual revivera, pelo menos dez mil vezes, o seu último dia com Michael e o acidente. Tinha a sensação de que jamais conseguiria escapar, nem que vivesse mil anos. E sentia-se pelo menos com cem anos de idade naquela manhã.

— Parece que andou trabalhando demais, meu amor.

Jacques sorriu-lhe de trás da escrivaninha em seu escritório. Ele estava usando o seu uniforme habitual: uma calça *jeans* francesa de corte impecável, justa no corpo, blusa preta de gola rolê e casaco de camurça St. Laurent. Nele, a combinação parecia perfeita.

— Ou será que ficou acordada até tarde com o nosso médico predileto?

Ele era um velho amigo de Peter e já gostava imensamente de Marie. Ela sorriu em resposta e tomou um gole do café que Jacques lhe servira. Era um café puro, bem forte, o único que ele tomava. Trazia-o da França, juntamente com outros artigos preciosos, sem os quais não podia sobreviver. Marie adorava caçoar dele por seu chauvinismo e pelos gostos dispendiosos. Como presente de aniversário, dera-lhe papel higiênico com o logotipo da Gucci impresso. E também uma pasta da Hermès, que era mais ao estilo de Jacques. Mas ele gostara também do presente de brincadeira.

— Não, não fui a lugar nenhum com Peter. Acho que passei tempo demais trancada no laboratório.

— Mas que garota mais doida! Uma mulher como você deveria estar sempre dançando.

— Mais tarde. Depois que eu trabalhar mais um pouco.

Marie começou a descrever sua nova idéia para uma série de fotografias sobre a vida nas ruas de São Francisco. Jacques assentiu em aprovação, visivelmente satisfeito.

— *Ça me plaite,* Marie. É uma excelente idéia. Deve começar assim que puder.

Ele estava prestes a entrar em detalhes quando bateram na porta da sala. Era a secretária, gesticulando discretamente.

— Provavelmente é uma das suas namoradas, Jacques.

Marie adorava caçoar dele por causa disso. Jacques deu de ombros, sorrindo, enquanto contornava a mesa para ir falar com a secretária, além da porta. Escutou as palavras que ela lhe sussurrou e depois concordou, parecendo extremamente satisfeito. Fez um gesto afirmativo e depois voltou para a sala e sentou-se, olhando para Marie como se estivesse prestes a conceder-lhe um presente maravilhoso.

— Tenho uma surpresa para você, Marie. — Nesse momento, soou outra batida na porta — Alguém muito importante está interessado em seu trabalho.

A porta abriu-se antes que Marie tivesse tempo de

compreender plenamente o significado daquelas palavras ou suas implicações. Subitamente, ela se descobriu virando a cabeça para deparar com Michael. Quase soltou um grito e sentiu a xícara de café fumegante tremer em sua mão. Ele estava muito bonito, num terno azul marinho, camisa branca, gravata escura; parecia em tudo o magnata que na realidade era.

Marie largou a xícara para apertar a mão estendida de Michael. Ele ficou impressionado ao constatar como ela parecia serena e controlada ali no escritório de Jacques. Não parecia absolutamente a mesma mulher que atendera ao telefone na noite anterior, com angústia na voz, suplicando que a deixasse em paz. Talvez ela tivesse outros problemas, provavelmente com homens. Talvez estivesse embriagada na ocasião. Com artistas, nunca se podia saber. Mas nenhum desses pensamentos transpareceu no rosto de Michael, assim como Marie não demonstrou o seu terrível constrangimento.

— Estou extremamente contente por finalmente encontrá-la. Exigiu-me muito trabalho, Srta. Adamson. Mas talentosa como é, imagino que tem esse direito.

Ele sorriu indulgentemente e Marie olhou para Jacques, que estava de pé atrás da mesa, estendendo a mão para Michael. Ele estava muito impressionado pelo interesse da Cotter-Hillyard no trabalho de Marie. Michael explicara claramente à secretária que seu interesse era profissional, não para a sua própria coleção

particular ou para seu gabinete. Queria o trabalho dela para um dos maiores projetos que sua firma já realizara e Jacques estava aturdido. Mal podia esperar pelo momento em que Marie saberia. Mesmo a fria reserva dela seria destruída por uma notícia tão espetacular. Mas só que Marie parecia agora tão impassível quanto antes, pelo menos naquele instante. Ela estava imóvel na cadeira, evitando o olhar de Michael e com um sorriso frio nos lábios.

— Posso ir direto ao ponto e explicar aos dois o que tenho em mente?

— Claro que pode!

Jacques acenou para que a secretária servisse café a Michael e depois recostou-se para escutar. Michael pôs-se a explicar em detalhes o que estava querendo fazer com o trabalho de Marie. Era um projeto pelo qual qualquer fotógrafo teria lutado arduamente. Mas no final da exposição, Marie ainda parecia indiferente. Sacudiu a cabeça ligeiramente e virou-se a fim de olhar para Michael.

— Sinto muito, mas minha resposta ainda é a mesma, Sr. Hillyard.

— Já conversaram sobre isso antes?

Jacques estava confuso e Michael apressou-se em explicar:

— Um dos meus companheiros, minha mãe e até mesmo eu já entramos em contato com Srta. Adamson, no apartamento

dela. Já lhe falamos do projeto, embora apenas de passagem, mas a resposta dela foi invariavelmente não. Eu tinha a esperança de fazê-la mudar de idéia.

Jacques olhou para Marie, aturdido. Ela estava sacudindo a cabeça.

— Lamento muito, mas não posso aceitar o trabalho.

— Mas por que não?

As palavras eram de Jacques. Ele estava quase frenético.

— Porque não quero.

— Pode pelo menos informar-nos seus motivos?

A voz de Michael era extremamente suave e tinha algo novo, o conhecimento de seu próprio poder. Marie ficou irritada ao descobrir que gostava desse aspecto da voz dele. Mas isso em nada contribuiu para fazê-la mudar de idéia.

— Pode chamar-me de uma artista temperamental, se quiser. De qualquer coisa. A resposta continua a ser não. E jamais deixará de ser não.

Marie largou a xícara em cima da mesa, olhou para os dois homens e levantou-se. Estendeu a mão para Michael e sacudiu novamente a cabeça, com expressão sombria.

— De qualquer forma, obrigada por seu interesse. Tenho certeza de que encontrará a pessoa certa para o seu projeto. Talvez Jacques possa recomendar alguém. Há muitos artistas e fotógrafos excepcionais ligados à galeria.

— Mas, infelizmente, queremos apenas você.

Michael parecia agora obstinado e Jacques estava quase apoplético. Mas Marie não ia perder aquela batalha, de jeito nenhum. Já perdera demais.

— É uma atitude irracional de sua parte, Sr. Hil1yard. E infantil. Vai ter de encontrar outra pessoa. Não vou trabalhar consigo. E ponto final.

— Estaria disposta a trabalhar com outra pessoa da firma? Marie tornou a sacudir a cabeça e encaminhou-se para a porta.

— Pode pelo menos considerar um pouco a proposta?

Ela estava de costas para Michael ao parar por um instante na porta, mas novamente sacudiu a cabeça. No instante seguinte, eles ouviram a palavra não, enquanto ela se retirava com o cachorro. Michael não perdeu um momento sequer com o aturdido dono da galeria, que continuou sentado atrás da mesa. Ele saiu correndo para a rua, atrás dela, gritando:

— Espere um instante!

Nem mesmo sabia por que estava fazendo aquilo, mas sentia que precisava. Alcançou-a enquanto ela se afastava apressadamente.

— Posso acompanhá-la por um momento?

— Se quiser. Mas não vai adiantar.

Marie olhava fixamente para frente, evitando os olhos de

Michael, que seguia a seu lado, obstinadamente.

— Por que está fazendo isso? Simplesmente não faz o menor sentido. É pessoal? Alguma coisa que sabe a respeito de nossa firma? Uma experiência desagradável por que passou? Algo relacionado comigo?

— Não faz a menor diferença.

— Mas claro que faz! — Michael deteve-a, segurando-lhe firmemente o braço. — Tenho o direto de saber.

— Tem mesmo? — Ambos pareceram ficar parados ali por uma eternidade, até que finalmente Marie atenuou sua atitude. — Está certo. É pessoal.

— Pelo menos sei agora que não é doida.

Marie riu e fitou-o com expressão divertida.

— Como pode ter certeza? Talvez eu seja.

— Infelizmente, não creio que seja. Tenho a impressão de que simplesmente odeia a Cotter-Hillyard. Ou a mim.

O que era um absurdo. Nem ele nem a firma jamais haviam tido qualquer publicidade desfavorável. Não estavam envolvidos em projetos controvertidos ou com governos suspeitos. Não havia motivo para que ela se comportasse daquela maneira. Mas talvez a moça tivesse tido um romance com algum empregado do escritório local da Cotter-Hillyard e isso provocara todo o seu ressentimento. Tinha de ser algo assim. Nada mais fazia sentido.

— Não o odeio, Sr. Hillyard.

Marie esperou por longo tempo para dizer isso, enquanto continuavam a andar.

— Não é essa a impressão que dá.

Michael sorriu e pela primeira vez parecia novamente um garotinho. Como o que costumava caçoar dela, quando estava em seu apartamento, junto com Ben. Aquele vislumbre do passado foi um impacto no coração de Marie, que tratou de desviar os olhos.

— Posso convidá-la para tomar uma xícara de café em algum lugar?

Marie ia recusar, mas mudou de idéia, achando que talvez assim fosse melhor, pois poderia acabar com aquilo de uma vez por todas. Talvez então ele a deixasse em paz.

— Está certo.

Ela sugeriu um lugar no outro lado da rua e atravessaram para lá, com Fred em seus calcanhares. Ambos pediram *espressos*. Sem pensar, Marie entregou-lhe o açúcar. Mas ele se limitou a agradecer, serviu-se e largou o açucareiro. Não lhe pareceu estranho que Marie soubesse que ele tomava café com açúcar.

— Não consigo explicar direito, mas acho que há algo estranho em seu trabalho. Algo que me deixa obcecado. Como se eu já o tivesse visto antes, como se já o conhecesse, como se compreendesse o que estava querendo mostrar e o que viu ao

tirar as fotografias. Faz algum sentido para você?

Faz, sim. E muito sentido. Michael sempre demonstrara uma compreensão maravilhosa dos quadros dela. Marie suspirou e assentiu.

— Acho que faz. Sempre espero que minhas fotos despertem essa impressão nas pessoas.

— Mas elas fazem algo mais comigo. Não consigo explicar direito. Como se eu já conhecesse... o seu trabalho, digamos assim. Não sei direito. Parece absurdo, quando falo nisso.

Mas será que não me reconhece? Não reconhece esses olhos? Marie descobriu-se a querer formular-lhe estas perguntas, enquanto tomavam café e conversavam sobre o trabalho dela.

— Tenho o pressentimento terrível de que não vai ceder. Não vai, não é mesmo? — Tristemente, Marie sacudiu a cabeça. — É por causa de dinheiro?

— Claro que não.

— Não pensei que fosse.

Michael nem mesmo mencionou o contrato fabuloso que tinha no bolso. Sabia que de nada serviria e talvez pudesse até agravar a situação.

— Eu gostaria de saber qual o motivo.

— Apenas minha excentricidade. Minha maneira de me vingar do passado.

Marie ficou chocada com a própria sinceridade, mas Michael parecia não ter reparado.

Estavam ambos tranqüilos agora, sentados no pequeno restaurante italiano. Havia também uma tristeza imensa naquele encontro, um laivo de amargura e ternura que Michael não conseguia compreender.

— Minha mãe ficou muito impressionada com o seu trabalho. E ela não é uma mulher fácil de se satisfazer.

Marie sorriu pela escolha das palavras dele.

— Sei que não é. Foi o que ouvi dizer. Ela sempre exige o máximo.

— Tem razão. Mas foi assim que ela levou a firma ao ponto em que se encontra hoje. É um prazer receber a firma das mãos dela. Como um barco perfeitamente comandado.

— O que é muita sorte sua.

A moça parecia novamente amargurada e outra vez Michael não entendeu. Num pequeno gesto nervoso, ele passou a mão por uma pequena cicatriz na têmpora. Abruptamente, Marie largou a xícara em cima da mesa e observou-o.

— O que é isso?

— Isso o quê?

— Essa cicatriz.

Ela não conseguia despregar os olhos da cicatriz. Sabia exatamente o que significava. Tinha de ser do...

— Não é nada. Já a tenho há algum tempo.

— Não parece muito antiga.

— Tenho há uns dois anos. — Michael parecia constrangido — Mas não foi nada importante. Um pequeno acidente, em companhia de alguns amigos.

Ele estava tentando descartar-se do assunto e Marie sentiu vontade de jogar o café em sua cara. Mas que desgraçado! Um pequeno acidente... Obrigada, meu caro. Sei agora tudo o que precisava saber. Ela pegou a bolsa, fitou-o friamente por um momento e depois estendeu-lhe a mão.

— Obrigada por um momento adorável, Sr. Hillyard. Espero que aprecie a sua estada em São Francisco.

— Já vai? Falei alguma coisa errada?

Oh, Deus, ela era mesmo impossível! Que diabo havia de errado com ela agora? O que ele teria dito para deixá-la assim? E no instante seguinte ele ficou chocado ao fitá-la nos olhos.

— Para ser franca, disse, sim. — Agora, era Marie quem estava chocada, ao ouvir suas próprias palavras. — Li a respeito do acidente que sofreu e não posso admitir que alguém o classifique como algo sem importância. As duas pessoas que estavam em sua companhia ficaram bastante machucadas, pelo que sei. Não se importa absolutamente com isso, Michael? Será que não se importa com mais nada além de sua maldita firma?

— Mas qual é o seu problema? Onde está querendo

chegar?

— Sou um ser humano e você não é. É por isso que o odeio.

— Você está doida.

— Não, meu caro, não estou mais.

Marie levantou-se bruscamente e afastou-se. Michael ficou a olhar para ela, aturdido. E depois, como se impelido por uma força invisível, descobriu-se de pé, a correr atrás dela. Deixou uma nota de cinco dólares na mesinha de mármore e foi no encalço de Marie Adamson. Tinha de contar para ela. Tinha de... Não, não fora um pequeno acidente. A mulher a quem ele amava morrera. Mas que direito aquela jovem tinha de saber alguma coisa? Michael não teve a oportunidade de contar, porque Marie acabara de entrar num táxi quando ele chegou à rua.

Capítulo 28

Marie tinha acabado de chegar à praia e estava armando o tripé quando avistou um vulto se aproximando. A atitude determinada do homem deixou-a perplexa, até que descobriu quem era. Michael. Ele desceu à praia e subiu a pequena duna, parando diante dela e bloqueando-lhe a vista.

— Tenho uma coisa para lhe dizer.

— Não quero ouvir.

— O problema é seu, pois vou dizer de qualquer maneira. Não tem o direito de se intrometer em minha vida particular e dizer-me que espécie de ser humano sou. Nem mesmo me conhece.

As palavras de Marie haviam-no atormentado durante a noite inteira. E ele descobrira, através do serviço de recados telefônicos de Marie, onde podia encontrá-la. Nem mesmo tinha certeza por que fora até ali, mas sabia que precisava fazê-lo.

— Que direito tem de fazer qualquer julgamento a meu respeito?

— Absolutamente nenhum. Mas não gosto do que vejo.

Marie parecia fria e distante, enquanto trocava a lente da câmara.

— E o que vê, exatamente?

— Uma casca vazia. Um homem que não se importa com coisa alguma, a não ser com o seu trabalho. Um homem que não se importa com ninguém, não ama nada, não dá nada, não é nada.

— O que você sabe sobre o que sou, sobre o que faço, como me sinto? O que a faz pensar que é toda-poderosa para saber de tudo? — Marie contornou-o e focalizou a câmara na duna seguinte. — Faça o favor de me escutar!

Michael estendeu a mão para a câmara e ela o empurrou, virando-se para ele, dominada por uma fúria intensa.

— Por que não sai de minha vida?

Como fez nos últimos dois anos, desgraçado!

— Não estou em sua vida! Estou apenas tentando comprar alguns trabalhos seus! É tudo o que quero! Não quero os seus julgamentos sobre a minha personalidade, minha vida ou qualquer outra coisa! Quero apenas comprar algumas de suas malditas fotografias!

Michael estava quase tremendo, de tão furioso. Mas Marie simplesmente passou por ele, e foi até o portfólio, que estava sobre uma manta na areia. Abriu-o, consultou uma ficha e depois pegou um negativo. Levantou-se e entregou-o a Michael.

— Aqui está. É seu. Faça o que bem quiser com essa foto. E agora me deixe em paz.

Sem dizer mais nada, Michael virou-se bruscamente e voltou para o carro que deixara estacionado à beira da estrada.

Marie não virou a cabeça para olhá-lo, concentrando-se em seu trabalho. Ficou na praia até que o crepúsculo chegou e não havia mais claridade suficiente para continuar a trabalhar. Voltou para o seu apartamento, preparou alguns ovos mexidos, esquentou um café e comeu. Depois, foi para o laboratório. Foi deitar às duas horas da madrugada e não atendeu quando o telefone tocou. Mesmo que fosse Peter, ela não se importava. Não queria falar com ninguém. E ia voltar para a praia às nove horas daquela manhã. Ligou o despertador para oito horas e

adormeceu no instante seguinte. Libertara-se de alguma coisa lá na praia. E tinha de ser franca consigo mesma: mesmo que o odiasse, pelo menos o vira. De uma maneira estranha, isso era um alívio.

Na manhã seguinte, ela tomou um banho de chuveiro e vestiu-se em menos de meia hora. Estava usando roupas de trabalho surradas. Tomou um café enquanto lia o jornal. Deixou o apartamento na hora que havia previsto, alguns minutos antes das nove horas. Já estava pensando no trabalho ao descer apressadamente a escada, acompanhada por Fred. Foi somente quando chegou lá embaixo que levantou os olhos e soltou uma exclamação de surpresa. No outro lado da rua havia um enorme cartaz, montado num caminhão, dirigido por Michael Hillyard. Ele estava sorrindo ao observá-la. Marie sentou-se no último degrau e começou a rir. Michael era mesmo doido. Pegara a fotografia que ela lhe dera, mandara ampliar e montara no caminhão, depois a levara até a porta dela. Ele estava sorrindo ao sair do caminhão e ao aproximar-se de Marie. E ela ainda estava rindo quando Michael sentou-se no degrau a seu lado.

— Está gostando?

— Acho que você é doido.

— É possível. Mas não ficou bom? Pense só como os seus outros trabalhos vão ficar, ampliados e montados nos prédios do centro médico. Não seria sensacional?

Michael é que era sensacional, mas Marie não podia dizer-lhe isso.

— Vamos tomar um café e aproveitaremos para conversar.

Naquela manhã, Michael não estava disposto a receber um não como resposta. Ele adiara todas as reuniões, reservando a manhã inteira para Marie Adamson. E ela achou a determinação dele comovente, ao mesmo tempo que divertida.

— Eu deveria dizer não. Mas não vou dizer isso.

— Assim é melhor. Posso dar-lhe uma carona?

— Naquilo?

Marie apontou para o caminhão e começou a rir novamente.

— Claro. Por que não?

E assim os dois entraram na cabina do caminhão e seguiram para o Cais dos Pescadores, a fim de tomarem o café da manhã. Os caminhões eram uma paisagem familiar ali e ninguém ia se impressionar com uma fotografia daquele tamanho.

Surpreendentemente, o café da manhã transcorreu de modo agradável. Ambos suspenderam a guerra, pelo menos até que o cafezinho final foi servido.

— E então, consegui persuadi-la?

Michael parecia muito seguro de si mesmo, enquanto a contemplava, sorridente, por cima da xícara.

— Não. Mas reconheço que foi um momento dos mais agradáveis.

— Imagino que eu deveria sentir-me grato por esses pequenos favores, mas não é o meu estilo.

— E qual é o seu estilo? Pode dizer, em suas próprias palavras.

— Está querendo dizer que me dá uma chance de explicar-me, ao invés de ficar dizendo o que sou?

Michael falava em tom jocoso, mas havia uma ponta de amargura em sua voz. Ela chegara perto demais do problema com alguns dos seus comentários no dia anterior.

— Está certo, vou lhe dizer. Sob certos aspectos, você tem razão. Vivo para o meu trabalho.

— Por quê? Não tem mais nada em sua vida?

— Não. A maioria das pessoas bem sucedidas provavelmente não tem. Não há lugar para isso.

— O que é uma estupidez. Não precisa trocar a sua vida pelo sucesso. Algumas pessoas têm as duas coisas.

— Você tem?

— Não inteiramente. Mas talvez algum dia eu possa ter. De qualquer forma, sei que é possível.

— Talvez seja. E talvez meu estímulo já não seja o que era antes.

Os olhos de Marie se abrandaram quando ela ouviu tais

palavras.

— Minha vida mudou consideravelmente nos últimos anos. Não realizei nenhuma das coisas que outrora planejei. Mas... tive algumas boas compensações.

Como tornar-se presidente da Cotter-Hillyard, só que Michael ficou constrangido de dizê-lo.

— Entendo. Presumo que não é casado.

— Não, não sou. Não tenho tempo. Nem interesse.

Essa era ótima! Portanto, no final das contas, provavelmente havia sido melhor que não tivessem mesmo casado.

— Dá a impressão de que nada o atrai.

— No momento, é isso mesmo o que acontece. E você?'

— Também não sou casada.

— Quer saber de uma coisa? Apesar de toda a sua condenação ao meu modo de vida, não é tão diferente assim. Está tão obcecada por seu trabalho quanto estou pelo meu, igualmente solitária, igualmente encerrada em seu pequeno mundo. Então por que é tão exigente comigo? Isso não é justo.

A voz de Michael era gentil, mas tinha um tom de censura

— Desculpe. Talvez você esteja certo.

Era muito difícil discutir aquele problema. E depois, enquanto Marie pensava no que ele acabara de dizer, sentiu a mão de Michael na sua. Foi como uma faca a penetrar em seu coração.

Ela puxou a mão, com uma expressão angustiada nos olhos. Michael parecia novamente infeliz.

— Você é uma mulher muito difícil de compreender

— Creio que tem razão. Há muita coisa que seria impossível explicar.

— Deve tentar algum dia. Não sou o monstro que parece imaginar.

— Tenho certeza de que não é.

Fitando-o, tudo o que Marie queria era chorar. Era como dizer adeus para Michael. Era saber, novamente, o que ela nunca poderia ter. Mas talvez ela compreendesse melhor agora. Talvez finalmente fosse capaz de largá-la. Com um pequeno suspiro, Marie olhou para o relógio.

— Tenho de ir trabalhar agora.

— Cheguei por acaso mais perto de um sim como resposta à nossa proposta?

— Infelizmente, não.

Michael detestava ter de admitir, mas seria forçado a desistir. Sabia agora que ela jamais mudaria de idéia. Todos os seus esforços haviam sido em vão. Ela era uma mulher obstinada. Mas ele gostava dela. E estava surpreso ao descobrir quanto, no momento em que ela baixava a guarda. Havia nela uma suavidade e uma ternura que o atraíam intensamente, como há anos não se sentia atraído por ninguém.

— Acha que eu poderia convencê-la a jantar comigo este noite, Marie? Não poderia ser uma espécie de prêmio de consolação, já que não consegui o que queria?

Marie riu baixinho ao ver a cara dele e afagou-lhe a mão.

— Bem que eu gostaria, mas neste momento não será possível. Infelizmente, terei de viajar.

Oh, diabo! pensou Michael. Estava realmente perdendo a luta, um *round* depois do outro.

— Para onde vai?

— Vou voltar ao leste. Para cuidar de alguns problemas pessoais.

Marie tomara a decisão na última meia hora. Mas sabia agora o que precisava fazer. Não era uma questão de enterrar o passado, mas sim de desenterrá-lo. E ela tinha certeza agora. Tinha de se curar do passado.

— Telefonarei para você da próxima vez que vier a São Francisco. Espero ter melhor sorte.

Talvez. E talvez também, a esta altura, eu já seja a Sra. Peter Gregson. Talvez eu já esteja curada. E não terá mais qualquer importância. Absolutamente nenhuma.

Voltaram em silêncio ao caminhão e Michael deixou-a no prédio em que ela morava. Marie quase não falou ao se despedirem. Agradeceu pelo café da manhã, sacudiu lentamente a cabeça e subiu para seu apartamento. Michael perdera. E

observando-a afastar-se, ele sentiu uma imensa tristeza. Era como se tivesse perdido algo muito especial. Não sabia muito bem o quê. Um negócio, uma mulher, uma amiga? Alguma coisa. Pela primeira vez em muito tempo, ele se sentiu insuportavelmente só. Dando a partida no caminhão, voltou para o hotel.

Assim que entrou no apartamento, Marie ligou para Peter Gregson.

— Esta noite? Ora, querida, tenho uma reunião.

Ele parecia desconcertado e estava com pressa, atendendo o telefone entre dois pacientes.

— Então venha depois da reunião. É importante. Vou viajar amanhã.

— Para onde? Por quanto tempo!

Peter estava agora preocupado.

— Eu lhe direi quando chegar aqui. Esta noite?

— Está bem, está bem. Por volta das onze horas. Mas isso é realmente absurdo, Marie. Será que não pode esperar?

— Não.

Esperara por dois anos e ela fora doida em deixar assim por todo esse tempo.

— Está certo. Eu a verei esta noite.

Peter desligou apressadamente. Marie telefonou para uma companhia aérea, a fim de reservar a passagem, depois foi ao veterinário para acertar a estada de Fred.

Capítulo 29

Marie teve sorte. Houve um cancelamento naquela tarde e por isso estava sentada agora na sala aconchegante e familiar que há meses não visitava. Recostou-se no sofá e estendeu as pernas na direção da lareira apagada, por puro hábito. Olhou distraidamente para os pés metidos em sandálias. Os pensamentos estavam tão longe dali que nem ouviu Faye entrar.

— Está meditando ou apenas começando a dormir?

Marie levantou os olhos com um sorriso, enquanto Faye sentava-se a sua frente.

— Apenas pensando. É muito bom voltar a vê-la.

Na verdade, Marie estava surpresa por se sentir tão bem em voltar. Só de estar ali experimentava uma sensação de voltar para casa, uma extrema serenidade por se ajustar novamente a um lugar feliz. Tivera bons momentos naquela sala, assim como outros difíceis.

— Devo dizer-lhe que está maravilhosa ou já se cansou de ouvir o comentário?

Faye fitava-a com uma expressão radiante e Marie não pôde deixar de rir.

— Nunca me canso de ouvir. — Somente com Faye ela

tinha coragem de ser franca. — Creio que está querendo saber por que vim até aqui.

O rosto dela tornou-se sóbrio, enquanto fitava Faye nos olhos.

— Não posso deixar de admitir que a pergunta me passou pela cabeça.

Elas trocaram um rápido sorriso e depois Marie pareceu ficar novamente imersa em seus pensamentos, por algum tempo, até murmurar:

— Tenho visto Michael.

— Ele a encontrou?

Faye estava aturdida e mais do que um pouco impressionada.

— Sim e não. Encontrou Marie Adamson. Isso é tudo o que ele sabe. Um dos empregados dele estava querendo me contratar. A Cotter-Hillyard está fazendo um centro médico aqui em São Francisco e querem fotografias minhas ampliadas para comporem a decoração.

— O que é extremamente lisonjeiro, Marie.

— E quem se importa com isso, Faye? O que pode importar-me o que ele acha do meu trabalho?

Mas isso também não era toda a verdade. Ela sempre apreciara os elogios de Michael e mesmo agora experimentava uma certa satisfação por saber que novamente atraíra a atenção

dele com seu trabalho.

— A mãe dele esteve aqui há algum tempo e eu disse a mesma coisa que já havia falado ao tal empregado. Não. Não estou interessada. Não vou vender nada para eles. Não quero trabalhar para eles. E ponto final.

— E eles insistiram?

— Demais até.

— O que deve ser ótimo. Algum deles sabe quem você é?

— Ben não percebeu. Mas a mãe de Michael descobriu. Acho que foi por isso que ela marcou um encontro comigo.

Nancy ficou calada, olhando para seus pés. Estava muito longe, de volta ao quarto de hotel, no dia em que se encontrara com Marion.

— Como se sentiu ao vê-la?

— Muito mal. Fez-me lembrar de tudo o que ela me havia feito. Eu a odeio.

Mas havia algo mais em sua voz e Faye percebeu-o.

— E...?

— Está bem. — Marie levantou os olhos, com um suspiro. — Fez com que tudo doesse novamente. Lembrou-me do quanto eu quis outrora que ela gostasse de mim, até mesmo me amasse, pelo menos me aceitasse como esposa de Michael.

— E ela ainda a rejeita?

— Não tenho certeza, mas creio que não. Agora ela é

uma mulher doente. Parece diferente. Quase como se estivesse arrependida do que fizera. Aposto que Michael não tem sido particularmente feliz nos últimos dois anos.

— E como você se sente em relação a isso?

— Alivada. — Ela deixou escapar um suspiro de cansaço. — E depois compreendi que não faz a menor diferença o que ele tem passado. Está tudo acabado para nós, Faye. Tudo aconteceu há anos. Éramos pessoas diferentes. E a verdade é que ele nunca veio me procurar. Provavelmente não estaria agora insistindo em contratar meus serviços se soubesse quem sou... quem eu era. Mas não sou mais Nancy McAllieter, Faye. E ele não é o Michael que conheci.

— Como sabe?

— Eu o vi. Está insensível, frio, impiedoso. Não sei, mas é possível que tudo isso seja uma conseqüência. Mas há também muita coisa nova.

— E o que me diz de dor? Sensação de perda? Desapontamento? Angústia?

— Não, Faye. Por que não falamos de traição, abandono, deserção, covardia? Não acha que são as verdadeiras questões?

— Não sei. Serão mesmo? É assim que se sente quando o vê?

— É, sim. — A voz dela estava novamente dura. — Eu o odeio.

— Neste caso, ainda deve importar-se muito com ele.

Marie fez menção de contestar, mas depois sacudiu a cabeça, enquanto as lágrimas afloravam a seus olhos. Ficou olhando em silêncio para Faye por longo tempo.

— Você ainda o ama, Nancy?

Faye havia usado o nome antigo deliberadamente. A jovem suspirou profundamente e deixou a cabeça descair contra o encosto do sofá, antes de responder. E quando o fez, estava olhando para o teto e a voz não tinha qualquer inflexão:

— Talvez Nancy ainda o ame, o pouco dela que restou. Mas Marie não o ama. Tenho agora uma vida nova. Não posso me permitir amá-lo.

Ela olhou para Faye com uma expressão de pesar.

— Por que não?

— Porque ele não me ama. Porque não é algo real. Tenho de me desligar de tudo agora. Totalmente. Sei disso. Não foi para isso que vim aqui hoje, a fim de chorar em seu ombro por estar ainda apaixonada por Michael. Precisava contar a alguém como me sinto. E não posso realmente falar com Peter a respeito. Iria deixá-lo transtornado. Mas eu precisava de qualquer maneira tirar isso do peito.

— Estou contente que tenha vindo procurar-me, Marie. Mas não tenho certeza se pode decidir livrar-se de tudo com essa simplicidade que está imaginando, deixar tudo para trás de um

momento para outro.

— Na verdade, tudo ficou para trás há dois anos. Eu é que não permiti que isso se consumasse, até agora. Disse a mim mesma que o tinha feito, mas não era verdade. Por isso... – Marie empertigou-se novamente no sofá e fitou Faye nos olhos. – Estou indo para Boston amanhã, a fim de resolver o problema de uma vez por todas.

— Como assim?

— O problema de deixar tudo para trás. — Marie sorriu, pela primeira vez em uma hora. — Há algumas coisas que ficaram inacabadas por lá, algumas coisas que Michael e eu partilhávamos. Deixei-as ficarem como um monumento a nós, porque sempre pensei que ele voltaria. Agora, tenho de ir a Boston para cuidar disso.

— Acha que está realmente preparada para tomar tal decisão?

— Estou, sim.

Marie parecia segura de si mesma, até para Faye.

— É o que realmente está querendo?

— É, sim.

— Não quer dizer a Michael quem... quem você era, para ver o que acontece?

Marie quase estremeceu.

— Nunca! Isso está acabado. Para sempre. Além do

mais... — Ela fez uma pausa, suspirando novamente e olhando para as mãos. — ... não seria justo com Peter.

— Deve pensar em ser justa com Marie.

— É por isso que vou partir para Boston amanhã. Continuo pensando que, depois disso, talvez eu esteja livre para assumir um compromisso de verdade com Peter. Ele é um homem maravilhoso, Faye. E tem feito muito por mim.

— Mas você não o ama.

Era assustador ouvir alguém mais dizer aquelas palavras e Marie imediatamente sacudiu a cabeça.

— Não! Não! Eu o amo!

— Então por que o problema de assumir um compromisso?

— Michael sempre se interpôs entre nós.

— Isso não é problema, Marie. Basta não deixar.

— Não sei... — Ela fez uma pausa prolongada. — Alguma coisa sempre me deteve. Há alguma coisa... que não está certa. Talvez eu não me tenha empenhado de verdade. Por um lado, fiquei esperando por Michael. Por outro... não sei, Faye, simplesmente tenho o pressentimento de que não está certo. Talvez a culpa seja minha.

— Porque sente que não parece certo?

— Não tenho certeza, mas às vezes fico com a impressão de que Peter não me conhece. Isto é, ele conhece a mim, Marie

Adamson, porque é a pessoa que ajudou a criar. Não conhece a pessoa que eu era ou as coisas que tinham importância para mim antes do acidente.

— Não poderia ensinar-lhe isso, Marie? .

— É possível. Mas não tenho certeza se ele quer saber. Peter me fez sentir amada, mas não por mim mesma.

— Não se esqueça de que há muito peixe no mar, Marie.

— Sei disso. Mas ele é um homem maravilhoso e não há razão para que não dê certo.

— Não, não há... a menos que você não o ame.

— Mas eu o amo

Marie estava começando a ficar nervosa, à medida que a conversa prosseguia.

— Pois então relaxe-se e deixe que esse problema se resolva por si próprio. Pode voltar para cá e discuti-lo comigo, se quiser. Mas primeiro vamos cuidar dos seus sentimentos em relação a Michael.

— Quero apenas fazer essa viagem ao leste. E depois estarei livre.

— Está certo. Faça a viagem, mas venha procurar-me assim que voltar. Está bem assim?

— Está bem.

De certa forma, Marie estava satisfeita por voltar. Era um alívio.

Faye olhou para o relógio com uma expressão pesarosa e levantou-se. Já haviam passado uma hora e meia que estavam conversando e ela tinha uma aula na universidade dentro de uma hora.

— Vai telefonar para marcar uma sessão assim que voltar?

— Imediatamente.

— Ótimo. E seja boa com você mesma enquanto estiver no leste. Não se atormente por causa do passado. E se tiver algum problema, trate de me telefonar.

Era um alívio saber que podia recorrer a isso. Ao se retirar, Marie sentia-se mais animada que em qualquer outro momento daquela tarde. A conversa iria tornar mais fácil explicar sua decisão a Peter.

Capítulo 30

-Boston? Mas por quê, Marie? Não estou compreendendo.

Peter parecia cansado e irritado, o que raramente acontecia. Mas fora um dia comprido e tivera uma reunião cansativa. Todas aquelas bobagens sobre o novo centro médico. E tivera de encontrar-se com os arquitetos pela manhã. Por que tinha de estar no comitê? Certamente tinha coisas melhores a

fazer com seu tempo.

— Acho que é uma loucura fazer essa viagem.

— Não é, não. Tenho de fazê-la. E estou preparada. O passado acabou para mim. Completamente.

— Tão completamente que outro dia, quando quase tivemos um acidente de carro, você ficou histérica por mais de uma hora. Não, Marie, não acabou.

— Confie em mim, querido. Vou fazer a única coisa que deixei inacabada e depois estarei livre. Voltarei depois de amanhã.

— Continuo a achar que é uma loucura.

— Não é, não.

A voz de Marie era tão serena e firme que Peter não mais insistiu, recostando-se no sofá, com um suspiro cansado. Talvez, no final das contas, ela soubesse o que estava fazendo.

— Está certo. Não entendo, mas tenho de esperar que você saiba o que está fazendo. Tem certeza de que estará tudo bem quando voltar para lá?

— Claro! Confie em mim.

— E eu confio, querida. Não se trata de desconfiança. É que... ora, não sei direito. Não quero que fique magoada. Posso fazer-lhe uma pergunta totalmente absurda?

Marie esperava que não fosse a pergunta que temia. Ainda não. Mas não era nisso que Peter estava pensando, enquanto a observava atentamente do sofá.

— Pode, sim.

Ela ficou esperando, como pela cirurgia.

— Já sabe que Michael Hillyard está em São Francisco?

— Já, sim.

Marie estava estranhamente calma.

— Você se encontrou com ele?

— Encontrei-me. Ele foi à galeria. Quer que eu faça um trabalho para o novo projeto que está realizando aqui. Recusei a proposta.

— Ele soube quem você era?

— Não.

— Por que não lhe disse?

Agora era o momento para Marie contar-lhe sobre o acordo que fizera com a mãe de Michael. Mas era tarde demais. Não tinha mais importância alguma.

— Isso não fazia qualquer diferença. O passado está encerrado.

— Tem certeza?

— Tenho. É por isso que estou indo para Boston.

— Neste caso, fico contente. — E no instante seguinte Peter ficou momentaneamente preocupado. — A viagem tem alguma relação com Hillyard?

Mas ele sabia que isso não era possível. Tinha uma reunião marcada pela manhã com Michael Hillyard. Marie sacudiu

firmemente a cabeça.

— Não. Não da maneira como está pensando. Tem relação com o meu passado, Peter. E tem a ver somente comigo. Não quero dizer mais nada além disso.

— Respeitarei a sua vontade.

— Obrigada.

Peter queria amá-la naquela noite, mas não o fez. Em vez disso, retirou-se logo depois, beijando-a gentilmente. Sentia que ela precisava ficar sozinha.

Foi uma noite tranqüila e Marie ainda se sentia assim quando deixou Fred no veterinário na manhã seguinte. Sabia exatamente o que estava fazendo e por que, sabia que era o certo.

Pegou o avião com toda calma e chegou a Boston às nove horas da noite. Pensou em pegar um carro e seguir para o local naquela mesma noite, mas seria pedir demais da sorte. Por isso, adiou o resto da viagem até a manhã seguinte. Já havia alugado o carro. Tudo o que precisava fazer agora era ir até lá e depois voltar. Poderia pegar o último avião de volta a São Francisco.

Sentia-se como uma mulher com uma missão sagrada, ao deitar-se naquela noite no quarto do motel. Não tinha o menor desejo de ver a cidade, de procurar quem quer que fosse, de ir a algum lugar. Não estava realmente ali. Era tudo como um sonho, um sonho de dois anos, que ela iria reviver pela última vez.

Capítulo 31

— Dr. Gregson?

— Pois não?

Ele ainda estava distraído quando sua secretária entrou na sala. Acabara de falar com Marie no aeroporto. Tinha um pressentimento desagradável em relação à viagem, mas não podia deixar de respeitar os sentimentos dela em algo tão pessoal. Mesmo assim, só iria sentir-se melhor quando ela voltasse, no dia seguinte. Ele levantou a cabeça e tentou prestar atenção em sua enfermeira, repetindo:

— Pois não?

— Um certo Sr. Hillyard está aqui, querendo falar-lhe. Disse que tem um encontro marcado. E veio junto com três outros homens.

— Mande-o entrar.

Oh, Deus, isso era o que mais estava precisando agora! Mas por que não? Pelo menos poderia conhecer o rapaz. Ele era na verdade jovem o bastante para ser seu filho. Mas que pensamento miserável! Peter se perguntou se Marie alguma vez já pensara nisso.

Os quatro homens entraram na sala e apertaram a mão do médico. A reunião foi iniciada imediatamente. Queriam recrutar o

apoio dele para que o novo centro médico fosse um sucesso total. Já contavam com quinze ou mais médicos ilustres em sua "equipe" e não restava a menor dúvida de que as prédios teriam uma localização ideal e instalações magníficas. Era uma opção fácil de fazer. Gregson concordou em instalar seu novo consultório no centro e declarou-se disposto a conversar a respeito com alguns colegas. Mas embora suas respostas fossem mecânicas, ele ficou observando Michael, fascinado, durante toda a reunião. Então aquele era Michael Hillyard. Não parecia um oponente tão formidável assim. Mas parecia jovem e atraente, bastante seguro e confiante. De uma maneira desconcertante, Peter começou a compreender como ele era parecido com Marie. Havia uma semelhança de energia, determinação, até mesmo de humor. A compreensão fez Peter calar-se subitamente, compreendendo tudo. Ficou sentado em silêncio por longo tempo, observando Michael. Nem mesmo estava mais prestando qualquer atenção à reunião. Estava apenas se ajustando à realidade que evitara por tanto tempo. E pensando também no motivo que levara Marie a viajar para o leste naquela manhã. Teria sido realmente para destruir os últimos vestígios do passado ou para prestar-lhes uma homenagem?

Pela primeira vez, Peter perguntou-se se teria o direito de interferir. Apenas de observar Michael, sentia que estava vendo o outro lado de Marie, um lado do qual não tinha o menor conheci-

mento. Aquele homem representava uma parte da vida de Marie que ele nem sequer compreendia, uma parte que jamais quisera conhecer. Ele sempre quisera que ela fosse Marie Adamson. Ela nunca fora Nancy para ele. Havia sido uma nova pessoa, uma pessoa que nascera de suas mãos. Mas agora reconhecia que havia alguém mais. Todas as peças do quebra-cabeças começavam a se ajustar e Peter experimentava uma sensação de resignação, assim como de perda. Estivera travando uma guerra que não podia vencer, tentando reconstituir o seu próprio passado. Marie era realmente uma nova pessoa, mas havia nela vislumbres da mulher que ele outrora amara, da mulher que morrera. Acalentara esses vislumbres de Lívia, assim como da jovem que trouxera para a vida. Talvez não tivesse o direito de fazer isso. Jamais tivera antes tanta liberdade com qualquer paciente, porque Marie não tinha ninguém em quem se apoiar. A não ser ele. Permitira-lhe que fosse tudo para ela... tudo, exceto o que ele queria ser agora. Observando Michael, podia compreender que seu próprio papel na vida de Marie fora muito parecido com o de um pai. Ela ainda não havia percebido isso, mas um dia compreenderia.

A reunião terminou e eles se levantaram, apertando-se as mãos. Os três companheiros de Michael já estavam na ante-sala, a sua espera, enquanto ele trocava as últimas amenidades com Gregson. Subitamente, tudo parou. Michael olhava fixamente para algo por cima do ombro do homem mais velho. Era o

quadro que ela estava pintando há dois anos, antes... iria ser o seu presente de casamento... fora roubado do apartamento depois que ela morrera, pelas duas enfermeiras. E agora estava no consultório daquele homem e terminado! Hipnotizado, Michael aproximou-se do quadro, antes que Gregson pudesse detê-lo. Mas nada poderia tê-lo detido. Ele ficou parado ali, olhando para a assinatura, como se já soubesse o que iria ver. No canto, em letras pequenas, estava o nome. Marie Adamson.

— Oh, Deus... Deus... Michael estava completamente aturdido, enquanto Gregson o observava.

— Mas como? Não é... oh, Deus... por que ninguém me falou? O que...

Mas ele compreendia agora. Haviam-lhe mentido. Ela estava viva. Diferente, mas viva. Não era de admirar que o tivesse odiado. Ele nem sequer desconfiara. Mas durante todo o tempo sentira-se atraído por alguma coisa nela, nas fotografias. Havia lágrimas em seus olhos quando se virou e fitou Gregson.

Peter contemplava-o tristemente, com receio do que estava para acontecer.

— Deixe-a em paz, Hillyard. Está tudo acabado para ela agora. Ela já sofreu demais.

Mas mesmo enquanto ele falava, as palavras careciam de convicção. Só de olhar para Michael naquela manhã, Peter ficara sem saber se ele deveria mesmo manter-se afastado de Marie. E

algo no fundo dele queria revelar onde ela estava.

Michael continuava a fitá-lo com uma expressão de espanto.

— Eles mentiram para mim, Gregson. Sabia disso? Mentiram para mim. Disseram que ela estava morta. — Os olhos dele transbordavam de lágrimas.— Passei dois anos como um morto, trabalhando como um robô, desejando ter morrido no lugar dela. E durante todo esse tempo...

Por um momento, ele não conseguiu continuar a falar. Gregson desviou os olhos.

— E quando a encontrei esta semana, não pude imaginar. Eu... isso deve ter sido uma morte para ela... não é de admirar que me odeie. Ela me odeia, não é mesmo?

Michael afundou numa poltrona, olhando para o quadro.

— Não, Hillyard, ela não o odeia. Apenas quer deixar o passado para trás. E ela tem esse direito.

E eu tenho o direito a ela. Peter queria dizer essas palavras, mas não conseguiu. Mas, subitamente, era como se Michael tivesse ouvido seus pensamentos. Michael acabara de lembrar-se do comentário que ouvira a respeito de Marie, que ela tinha um patrocinador, um cirurgião plástico. As palavras ressoaram de repente em seus ouvidos e também subitamente a ira e a angústia de dois anos invadiram-no. Ele se levantou de um pulo e agarrou Gregson pelas lapelas.

— Ei, espere um pouco! Que direito você tem de dizer que ela quer deixar o passado para trás? Como pode saber? Como pode sequer começar a entender o que tivemos juntos? Como pode imaginar o que tudo aquilo significou para ela ou para mim? Se eu sair da vida dela sem dizer nada, então você poderá ter o que quiser. Não é isso mesmo, Gregson? Não é justamente isso o que está querendo? Pois vá para o inferno! É com a minha vida que está jogando e acho que já houve pessoas suficientes manejando-a à vontade. A única pessoa que pode dizer-me que quer tudo acabado entre nós é Nancy.

— Ela já lhe disse para deixá-la em paz.

A voz de Peter era serena, enquanto ele fitava Michael nos olhos. Michael recuou, mas havia agora um brilho de esperança em seus olhos, misturado com a raiva e a confusão. Pela primeira vez em dois anos, havia um pouco de vida naqueles olhos.

— Não, Gregson. Marie Adamson me disse para deixá-la em paz. Nancy McAllister não me disse uma só palavra há dois anos. E ela vai ter muito o que explicar. Por que não me telefonou? Por que não me escreveu? Por que não me informou que estava viva? E por que me disseram que ela estava morta? Isso foi idéia dela ou... ou de alguma outra pessoa? E por falar nisso... — Michael hesitou por um instante, não querendo fazer a pergunta, porque já sabia qual seria a resposta. — ... quem pagou

a cirurgia?

Os olhos dele não se afastaram do rosto de Gregson por um instante sequer.

— Não conheço as respostas para algumas de suas perguntas, Sr. Hil1yard.

— E quais são as que conhece as respostas? .

— Não tenho permissão para...

— Não me diga isso!

Michael avançou novamente para cima dele e Peter levantou a mão.

— Sua mãe pagou todas as intervenções cirúrgicas e as despesas de estada dela desde o acidente. Foi um presente realmente extraordinário.

Era isso o que Michael temia, mas não chegou a se constituir um choque tão grande. Ajustava-se ao resto do quadro que podia perceber agora. Talvez, de alguma maneira insana, totalmente desvirtuada, a mãe pensasse que estava agindo assim pelo bem dele. Mas pelo menos ela o conduzira agora de volta a Nancy. Ele olhou novamente para Gregson e assentiu.

— E o que me diz de você? Qual é exatamente o seu relacionamento com Nancy?

Agora, Michael queria saber de tudo.

— Não vejo por que isso seja de sua conta.

— Escute aqui!

As mãos de Michael agarraram novamente o casaco de Peter, que levantou a mão numa admissão de derrota.

— Por que não paramos logo com isso? Todas as respostas estão com Marie. O que ela quer, quem ela quer. Afinal, ela pode até não querer nenhum dos dois. Por quaisquer que sejam os motivos, você não a procurou por dois anos. Quanto a mim, tenho quase o dobro da idade dela e, por tudo o que sei, estou sofrendo de um complexo de Pigmalião.

Peter sentou-se na cadeira trás de sua escrivaninha e sorriu tristemente.

— Estou começando a pensar que ela pode arrumar algo melhor que um de nós dois.

— É possível, só que desta vez quero ouvir isso pessoalmente dela. — Michael olhou para o relógio. — Vou até o apartamento dela imediatamente.

— Não vai adiantar. — Peter ficou olhando para o rapaz, a cofiar a barba. Quase desejava que Michael tivesse sorte. Quase.

— Ela me telefonou esta manhã do aeroporto, pouco antes de você chegar aqui.

Mais uma vez, Michael pareceu ficar chocado.

— Como assim? Para onde ela estava indo?

Por um longo momento. Peter Gregson hesitou. Não precisava dizer nada. Não tinha de...

— Ela foi para Boston.

Michael fitou-o em silêncio por algum tempo e depois um sorriso se insinuou em seus olhos, enquanto corria para a porta Parou ali, olhou para trás e saudou Peter com um sorriso exultante.

— Obrigado.

Capítulo 32

Marie acordou ao amanhecer. Desperta, viva. Sentia-se melhor que em qualquer outra ocasião há anos. Estava quase livre agora. Dentro de poucas horas, estaria inteiramente livre. Como se aquela promessa infantil a tivesse prendido por todo esse tempo. E somente porque ela própria permitira. Seu único poder era o que ela mesma lhe concedera.

Não se deu ao trabalho de comer alguma coisa. Limitou-se a tomar duas xícaras de café e entrou no carro alugado. Poderia chegar lá em duas horas. Ou seja, por volta das dez horas. Estaria de volta ao hotel em torno de meio-dia. Poderia pegar um avião para São Francisco e estar em casa ao final da tarde. Poderia até mesmo ir buscar Peter no consultório, fazer-lhe uma surpresa. O pobre Peter mostrara-se bastante paciente em relação àquela viagem.

Descobriu-se pensando em Peter enquanto dirigia,

desejando ter-lhe dado mais, desejando ter sido capaz de fazê-lo. Talvez, depois daquele dia, isso também mudasse. Ou será que... Marie não se permitiu terminar a indagação. É claro que ela o amava. Não era essa a questão.

Ela seguiu em frente pelos campos da Nova Inglaterra, mal notando qualquer coisa por onde passava. A paisagem ainda era cinzenta e escura, as folhas novas ainda não haviam surgido. Era como se os campos também tivessem ficado enterrados por dois anos. Já eram nove e meia quando ela passou pela Revere Beach, onde a feira fora realizada. Sentiu um pequeno aperto no coração ao reconhecer o lugar. Seguiu por uma estrada antiga, que ia serpenteando ao longo da costa, até que finalmente parou e saltou do carro. Estava tensa, mas não cansada. Estava exultante e nervosa. Tinha de fazer aquilo... tinha de fazer... já podia ver a árvore do lugar em que estava. Ficou parada a contemplá-la por um longo tempo, como se a árvore guardasse todos os segredos, conhecesse a fundo a sua história, estivesse esperando por seu retorno. Encaminhou-se lentamente para a árvore, como se fosse encontrar uma velha amiga. Mas não era mais uma amiga. Como tudo e todos que outrora amara, era uma estranha. Era apenas outra marca no túmulo de Nancy McAllister.

Ela parou ao alcançar a árvore, ficando ali por um momento, antes de atravessar a areia até a pedra. Ainda estava ali. Não se mexera. Nada saíra do lugar. Somente ela e Michael

haviam se movido, em direções opostas e para mundos diferentes. Ficou imóvel ali por muito tempo, como se procurasse reunir a força e a coragem para fazer o que precisava. E finalmente abaixou-se e começou a empurrar a pedra, que se moveu um pouco. Rapidamente, com um pedaço de pau, ela escavou a areia por baixo, em busca do que procurava. Mas não havia nada ali. Ela largou a pedra, ofegante. Depois de um momento, com vigor renovado, tornou a empurrar a pedra, até certificar-se de que não havia mais nada ali embaixo. Alguém levara as contas. Ela deixou a pedra voltar para o lugar e nesse momento ouviu a voz dele.

— Não pode tê-las. Elas pertencem a outra pessoa. A alguém que amei. A alguém que nunca esqueci.

Havia lágrimas nos olhos de Michael enquanto ele falava. Esperara metade da noite pela chegada dela. Fretara um jato para trazê-lo antes que ela chegasse ali. Mas teria voado com as próprias asas, se houvesse necessidade. Michael estendeu a mão e ela viu as contas, ainda com a areia grudada. Os olhos dela também se encheram de lágrimas ao vê-las.

— Prometi nunca dizer adeus. E nunca disse.

Os olhos de Michael não se despregavam dos olhos dela.

— Nunca tentou me encontrar.

— Disseram-me que estava morta.

— Prometi nunca mais tornar a vê-lo se... se me dessem

um novo rosto. Prometi porque sabia que você me encontraria. E depois... você não me encontrou.

— Teria encontrado, se soubesse. Lembra-se da promessa que me fez?

Ela fechou os olhos e falou solenemente, como uma criança. Pela primeira vez, em muito tempo, era a voz de Nancy McAllister, a voz que ele amara, não a voz nova e suave que ela aprendera.

— Prometo nunca esquecer o que está enterrado aqui. Nem o que representa.

— Havia esquecido?

As lágrimas estavam escorrendo lentamente dos olhos de Michael. Ele estava pensando em Gregson e nos dois anos que haviam passado. Mas ela sacudiu a cabeça.

— Não. Mas tentei esquecer.

— Está disposta a recordar agora? Nancy, está...

Mas ele não conseguiu continuar falando. Aproximou-se dela e abraçou-a, levando algum tempo para murmurar:

— Oh! Nancy, como eu a amo! Sempre amei. Pensei que ia morrer quando você... quando pensei que você tinha morrido. E, de certa forma, morri mesmo quando me disseram.

Ela estava chorando demais para falar, recordando os intermináveis dias, meses e anos de espera, até desistir de toda e qualquer esperança. Agarrou-se firmemente a Michael, como uma

criança a uma boneca, como se nunca mais pretendesse largá-lo. E finalmente recuperou o fôlego e sorriu.

— Querido, eu também o amo. Sempre pensei que me encontraria.

— Nancy... Marie... qualquer que seja o seu nome... — Ambos riram como crianças, entre as lágrimas. — Pode dar-me a honra de tornar-se minha esposa? Desta vez, como pessoa civilizadas, num casamento com convidados, música e...

Michael estava pensando no casamento da mãe, apenas algumas semanas antes. Era estranho como estava totalmente livre de qualquer sentimento de raiva. Deveria odiar a mãe pelo que ela fizera. Em vez disso, queria perdoar. Tinha Nancy de volta. E isso era tudo o que importava. Sorriu para Nancy, ainda em seus braços, pensando no casamento deles. Mas ela estava sacudindo a cabeça e Michael teve a sensação de que seu coração iria parar.

— Temos mesmo de esperar tanto tempo? Temos de aceitar toda essa história de convidados, música e...

— Está sugerindo...

Michael não se atreveu a concluir a frase, mas Nancy assentiu.

— Estou, sim. Por que não? Agora. Não quero esperar novamente. Não poderia suportar. A cada momento ficaria com medo de que alguma coisa pudesse acontecer. Talvez a você,

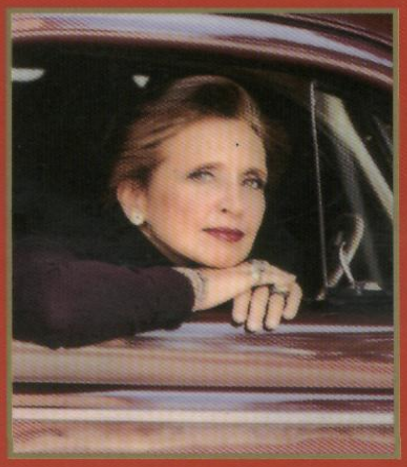
desta vez.

Michael concordou silenciosamente e apertou-a com mais força ainda, enquanto as ondas deslizavam pela praia e o sol pálido a leste espiava através das nuvens. Ele podia compreender.

Fim

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.
Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure:
http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros
http://groups.google.com/group/digitalsource



Michael Hillyard e Nancy McAllister são jovens, exuberantes e unidos por um amor profundo. Ele é o único herdeiro de uma das maiores firmas de arquitetura dos Estados Unidos. Ela é de família pobre, criada num orfanato. Desejam se casar, mas a mãe dele, uma viúva que dirige com mão-de-ferro o império deixado pelo marido, é contra, e quer impor a união de seu filho com uma jovem de família importante.

Michael insiste em tornar Nancy sua esposa. Mas o destino é cruel e implacável, e na noite da cerimônia o imprevisto acontece. Os anos passam, os dois seguem rumos diferentes, vivem em mundos separados, tornam-se desconhecidos um para o outro. Mas o símbolo de um vínculo eterno jamais foi esquecido.

O segredo de uma promessa é uma história de amor comovente, um livro que se tornou sucesso no mundo inteiro, inspirado no filme de mesmo nome, visto por milhões de pessoas.

ISBN 85-01-01564-4

9 788501 015648